

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH)  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**IMPrensa Espírita na Cidade do Rio de Janeiro:  
Propaganda, Doutrina e Jornalismo – (1880 – 1950).**

MARCO AURÉLIO GOMES DE OLIVEIRA

Niterói

2014

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

O48 Oliveira, Marco Aurélio Gomes de.  
Imprensa espírita na cidade do Rio de Janeiro: propaganda, doutrina e jornalismo – (1880-1950) / Marco Aurélio Gomes de Oliveira. – 2014.  
256 f.  
Orientador: Laura Antunes Maciel.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2014.  
Bibliografia: f. 244-256.

1. Imprensa. 2. Espiritismo; aspecto histórico. 3. Rio de Janeiro (RJ). I. Maciel, Laura Antunes. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 079.8153

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH)  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARCO AURÉLIO GOMES DE OLIVEIRA

**IMPrensa Espírita na Cidade do Rio de Janeiro:  
Propaganda, Doutrina e Jornalismo – (1880 – 1950).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Antunes Maciel

Niterói  
2014

MARCO AURÉLIO GOMES DE OLIVEIRA

**IMPrensa Espírita na Cidade do Rio de Janeiro:  
Propaganda, Doutrina e Jornalismo – (1880 – 1950).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História Social.

Banca Examinadora:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Antunes Maciel  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juniele Rabelo de Almeida  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Letícia Corrêa  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Heloisa de Faria Cruz  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (suplente)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magali Gouveia Engel  
Universidade Federal Fluminense  
(suplente)

Niterói  
2014

À minha filha Jovita.  
*“Solo sé que siempre serás mi linda wawita”.*

*Dar-se-ia maior desenvolvimento à Revista, quer aumentando-se-lhe o número de páginas, quer tornando-se-lhe mais frequente a publicação. Agregar-se-lhe-ia um redator remunerado.*

*Uma publicidade em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até às localidades mais distantes, o conhecimento das ideias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporá silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral.*

*Allan Kardec – Obras Póstumas*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e aos Bons Espíritos pela oportunidade de realizar esse trabalho. Sem o concurso do Alto, ele não seria realizável.

À professora Laura Antunes Maciel pela orientação cuidadosa, dedicada e competente, que sugeriu caminhos e acenou possibilidades que enriqueceram o trabalho.

À Magali Engel e à Juniele Rabêlo de Almeida pelo estímulo fraternal e as sugestões durante a Qualificação.

Ao Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro, na figura da senhora Maria Lucia, da secretaria da instituição, pelo envio, através de email, da relação de instituições espíritas da cidade do Rio de Janeiro. Agradeço, ainda uma vez, a oportunidade de ter pesquisado no acervo da instituição durante o ano de 2009, na época da Graduação em História pela UFF, quando reuni importante material que foi importante para a atual pesquisa.

À Federação Espírita Brasileira, pela permissão de pesquisar em seu acervo, na época localizado no bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro, o que foi fundamental para o presente trabalho. Agradeço, particularmente à Clara Betânia de Souza, do Setor de Documentos Patrimoniais do Livro desta entidade federativa, pela atenciosidade e disponibilidade em auxiliar-me, até, por email.

Aos seguranças, recepcionistas e servidores públicos da Biblioteca Nacional, pela atenção e boa disposição de auxiliar os pesquisadores, mesmo em períodos mais difíceis da instituição, como o compreendido entre Maio de 2012 e parte do segundo semestre de 2013 quando trabalhavam num calor terrível por causa do ar condicionado quebrado.

Aos amigos que me ajudaram com os bons pensamentos, palavras de estímulo e que se interessaram pelo andamento da pesquisa.

A todos os atores históricos que foram mencionados, neste trabalho, o meu respeito.

# **IMPrensa Espírita na cidade do Rio de Janeiro: Propaganda, Doutrina e Jornalismo – (1880 – 1950).**

## **RESUMO**

A dissertação investiga a atuação de espíritas na imprensa, através da criação e manutenção de periódicos, por meio da publicação de artigos em série ou via manutenção de colunas fixas nos grandes jornais diários na cidade do Rio de Janeiro, entre 1880 e 1950. A pesquisa evidencia o envolvimento de indivíduos, grupos e instituições espíritas em diferentes projetos editoriais criados por espíritas, a disputa travada pela preferência dos adeptos do Espiritismo, procurando avaliar seus objetivos, articulações e alianças, assim como as motivações para a atuação espírita na imprensa. Analisa, também, suas expectativas e concepções de imprensa, bem como procura desvendar as tensões em torno da ocupação de cargos em periódicos e entidades representativas. A partir da imprensa, reconstitui diferentes concepções sobre a Doutrina Espírita, defendidas e vividas pelos sujeitos sociais naquele momento histórico, recuperando embates e conflitos que marcaram a busca pela hegemonia de uma leitura do Espiritismo. Por fim, explora desdobramentos da atuação de espíritas no jornalismo, principalmente a tentativa de organização de seus jornalistas e a reorientação nos projetos editoriais e gráficos.

Palavras-chave: Imprensa. Espiritismo. História. Instituições Espíritas. Rio de Janeiro.



# **IMPrensa Espírita na Cidade do Rio de Janeiro: Propaganda, Doutrina e Jornalismo – (1880 – 1950).**

## **ABSTRACT**

The dissertation investigates the role of Spiritualists in the press, through the creation and maintenance of journals, through the publication of articles in series or via maintenance of fixed columns in the major daily newspapers in the city of Rio de Janeiro, between 1880 and 1950. The research shows the involvement of individuals, groups and institutions in different spiritualists editorial projects created by spiritualists, the dispute waged by supporters preference of Spiritualism, try to evaluate your goals, joints and alliances, as well as the motivations for the spiritual activity in the press. It also analyzes your expectations and conceptions of the press, and attempts to uncover the tensions surrounding the occupation of positions in journals and representative bodies. From the press, reconstitutes different conceptions of the Doctrine, advocated and practiced by the social subjects of that historical moment, recovering clashes and conflicts that marked the quest for hegemony from a reading of Spiritualism. Finally, the performance explores ramifications of Spiritualists in journalism, especially the attempt to organize and reorientation of its journalists in editorial and graphic designs.

Keywords: Press. Spiritualism. History. Spiritist Institutions. Rio de Janeiro.

## SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Imprensa Espírita para todos.....	28
1.1 – Centros Espíritos produzindo periódicos: propaganda e combate .....	32
1.2 – Em busca da “coesão espírita” por meio da imprensa.....	45
1.3 – Periódicos espíritos que se pretendiam “independentes” .....	69
1.4 – Formas de financiamento da imprensa espírita .....	87
1.5 – O D.I.P e o cerceamento da liberdade de expressão de espíritos .....	102
Capítulo 2 – Espíritos e Espiritismo na imprensa diária carioca .....	106
2.1 – Colunas e seções espíritos nos diários cariocas .....	106
2.2 – Ser jornalista espírita.....	125
2.3 – A FEB e os jornais diários.....	127
2.4 – Condições, termos e expectativas dos jornais diários.....	131
2.5 – Críticas de espíritos a imprensa diária.....	144
2.6 – Outras impressões sobre os espíritos na imprensa diária .....	167
Capítulo 3 – Da imprensa para o livro: novos horizontes para a divulgação doutrinária..	180
3.1 – O Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritos .....	180
3.2 – Da Livraria à “Cidade do Livro”: o projeto editorial da FEB .....	192
3.3 – Uma sociedade anônima e espírita: Gráfica Mundo Espírita S. A. ....	214
3.4 – Vestígios de outros projetos editoriais: a Editora Espírita Limitada e a SELK .....	235
Conclusão.....	238
Fontes.....	244

## Introdução

Interessei-me pelas atividades dos espíritas na imprensa a partir de minha pesquisa para a monografia de conclusão de curso<sup>1</sup>, quando tive acesso ao acervo de recortes de jornais mantidos pelo Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança, de Botafogo, e pelo Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ). A maioria destes recortes tratava dos episódios de perseguições a espíritas, comentava portarias policiais que impunham restrições às suas atividades e de como os adeptos do Espiritismo se posicionaram diante dessas realidades. Causou-me surpresa porque na condição de adepto do Espiritismo, desconhecia a atuação de espíritas na imprensa diária. Tinha conhecimento, apenas, da produção contemporânea de algumas revistas doutrinárias, das quais era leitor, uma vez que eram (e ainda são) comercializadas na sede da Federação Espírita Brasileira – caso do *Reformador* –, bem como em bancas de jornais, como a *Revista Cristã de Espiritismo* e *Visão Espírita*<sup>2</sup>. Assim, ocorreu-me que investigar a produção de jornais e revistas espíritas assim como a militância pela divulgação e propaganda da doutrina nos jornais diários poderia ser uma possibilidade de pesquisa futura.

Refletindo sobre minha aproximação com essa temática, verifico que ela se deu, fundamentalmente, em razão de minha militância espírita e tem a ver com minhas expectativas e visões sobre a imprensa. Ao tratar da imprensa, parto do entendimento de que esta é produzida por indivíduos e grupos com interesses específicos e heterogêneos que procuram intervir na realidade material através de sua produção intelectual, defendendo projetos, modos de vida e posicionando-se de maneira contrária a outros projetos existentes. Compreendo-a, assim, como

*linguagem constitutiva do social*, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.<sup>3</sup>

Situo o presente trabalho na perspectiva da História Social, de acordo com o entendimento de Vieira, Peixoto e Khoury, do qual compartilho, tentando superar as compartimentações teóricas que procuram classificar a experiência humana, rotulando-a de

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. *“Livres”, porém perseguidos: O cotidiano das relações entre espíritas e a Polícia na cidade do Rio de Janeiro (1930-1950)*. Rio de Janeiro, UFF, 2010.

<sup>2</sup> Esta eu não consegui apurar se continua em circulação.

<sup>3</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa.” *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo: Educ, 2007, p. 260. Grifos meus.

política, econômica ou cultural, como se alguém, numa bela manhã, despertasse resolvido a viver, naquele dia, apenas uma experiência política, isenta de contato com questões econômicas ou culturais. Lamentavelmente para os classificadores, isso não é possível. Concordo com E. P. Thompson quando afirma que “*o passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras, tal como os atores individuais se relacionavam de certas maneiras*”<sup>4</sup>. Ainda segundo Vieira, Peixoto e Khoury, defendo que se deva

Pensar a história como toda experiência humana entendida sempre como experiência de classe que é de luta, e valorizar a natureza política dessa luta, significa considerar então que a história real é constituída por homens reais, vivendo relações de dominação e subordinação em todas as dimensões do social, daí resultando processos de dominação e resistência.<sup>5</sup>

Compreendo, enfim, a História dentro desta totalidade de relações humanas. Interessam-me os rastros dos homens reais, de carne, osso (e Espírito), que viveram experiências reais, que tinham arroubos de coragem, mas que sentiram, também, grande medo. Que mudaram de opiniões diante de pressões ou que defenderam seus pontos de vista a todo custo, em situações de conflitos de valores ou interesses que, em última análise, são conflitos de classes, como nos diz E. P. Thompson<sup>6</sup>. Pessoas que choraram, que se preocuparam, que riram e que se sentiram felizes. Pessoas contraditórias, porque inacabadas, como dizia-nos Paulo Freire.<sup>7</sup> Como nós o somos.

O trabalho não seguiu nenhuma regra ortodoxa, nenhum modelo pronto de como se fazer pesquisa. Ele nasceu de uma investigação, de um fio que se puxa, buscando-se, à medida que se revelam indícios e evidências, procurar caminhos e alternativas que dessem conta das questões novas que foram surgindo. Não me lancei a campo com hipóteses pré-definidas. Fui com indagações, com questionamentos. Penso que as hipóteses engessam possibilidades e desdobramentos possíveis da pesquisa. Domesticam-na, segundo nossos critérios de avaliação e de visão de mundo, além do risco de fazer supor que os eventos passaram-se segundo nossos pontos de vista, fazendo uma história como gostaríamos que ela tivesse se dado. Concordo com E. P. Thompson quando diz que “*a história real revelar-se-á somente depois*

---

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 50.

<sup>5</sup> VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Maria Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Editora Ática, 2002, p. 17.

<sup>6</sup> “(...) toda contradição é um conflito de valor, tanto quanto um conflito de interesses; que em cada “necessidade” há um afeto, ou “vontade”, a caminho de se transformar num “dever” (e vice-versa); que toda luta de classes é ao mesmo tempo uma luta acerca de valores”. THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*, op. cit., p. 189 e 190.

<sup>7</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, p. 42. Disponível em: [http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia\\_do\\_Oprimido.pdf](http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf) Último acesso em 8 de Fevereiro de 2014.

de pesquisa árdua e não irá aparecer ao estalar de dedos esquemáticos.”<sup>8</sup> Compartilho com Carlo Ginzburg a “aguda consciência de que todas as fases que marcam a pesquisa são construídas, e não dadas”.<sup>9</sup>

A pesquisa sobre a atuação de espíritas através da imprensa requereu esforço e dedicação para reconhecer experiências sociais pouco visíveis e que deixaram registros materiais reduzidos e fragmentados. Busquei reconstituir a experiência estudada sem me prender em esquemas prévios que a condicionariam ou conceitos que funcionariam como “chaves universais” que servem para tudo, compartilhando a opinião de Adalberto Marson quando afirma que se deve “investigar como este objeto foi produzido, tentando reconstituir sua razão de ser ou aparecer a nós segundo sua própria natureza, ao invés de determiná-lo em classificações e compartimentos fragmentados...”<sup>10</sup>. Ou seja, analisar o objeto em seus próprios termos e não através de pressupostos do próprio pesquisador. Por fim, tentei recuperar e refletir também sobre projetos e visões de imprensa e do Espiritismo que não se tornaram hegemônicas, “porque nada nos garante que o que triunfou foi sempre o melhor, o que conduzia na direção do futuro desejável”<sup>11</sup>. Pensar sobre os projetos dos espíritas em disputa naquele momento pode oferecer materiais para reflexões aos adeptos da doutrina, nos dias de hoje, quanto às formas de atuação e intervenção no mundo, além de contribuir para a historiografia que se interessa pelo seu passado.

O Espiritismo é compreendido hoje como a doutrina que Allan Kardec organizou na França, no século XIX, a partir dos ensinamentos dados pelos Espíritos Superiores, presentes na sua produção literária<sup>12</sup>. Entretanto, no período analisado, alguns atores sociais atuantes em entidades espíritas compreendiam que a Umbanda era uma das formas de expressão do Espiritismo, assim como outros julgavam que o aspecto mais importante da doutrina fosse seus fundamentos religiosos, enquanto outros defendiam seu caráter científico. Essas diferentes visões foram analisadas no trabalho porque se apresentaram no cenário histórico e estavam disputando espaço naquele momento. Compreendo que a Doutrina Espírita tem sido

---

<sup>8</sup> THOMPSON, E. P. “Folclore, antropologia e história social”. In: E. P. Thompson. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 135.

<sup>9</sup> GINZBURG, Carlo. “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito”. In: *O Fio e os Rastros. Verdadeiro, Falso, Fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 275.

<sup>10</sup> MARSON, Adalberto. “Reflexões sobre o procedimento histórico”. In: SILVA, Marcos A. (org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero. 1984. pg. 49.

<sup>11</sup> FONTANA, Josef. *História, análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998, P. 266.

<sup>12</sup> “O Livro dos Espíritos” (1857), “O que é o Espiritismo” (1859), “O Livro dos Médiuns” (1861), “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864), “O Céu e o Inferno” (1865), “A Gênese” (1868) e as publicações da *Revista Espírita* (1858 a 1869). “Obras Póstumas” (1890), conjunto de escritos não publicados em vida, guardam informações interessantes acerca do início dos contatos de Allan Kardec com os fenômenos mediúnicos, bem como projetos e perspectivas para a doutrina.

vivida pela maior parte dos espíritas, presentemente, como religião. Allan Kardec, na *Revista Espírita* de Dezembro de 1868, aborda a questão, defendendo esse ponto de vista.

Se assim é, dir-se-á, o Espiritismo é, pois, uma religião? Pois bem, sim! Sem dúvida, senhores; *no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião*, e disto nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza. *Por que, pois, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão de que não há senão uma palavra para expressar duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; que ela desperta, exclusivamente, uma ideia de forma, e que o Espiritismo não a tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria nele senão uma nova edição, uma variante, querendo-se, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo, e dos abusos contra os quais a opinião é frequentemente levantada.*<sup>13</sup>

Acredito que a reserva que ele mantinha quanto à utilização do termo “religião” se devia ao fato de que a palavra já estava associada à ideia de rituais, cerimônias, sacerdotes, presentes nas religiões tradicionais. O Espiritismo seria, para Allan Kardec, a ideia de “religião em si”, porque daria fundamento à fraternidade humana a partir das leis da natureza, cujo entendimento foi ampliado pela Doutrina com a revelação a respeito da realidade da existência do Espírito e as consequências morais de nossas ações, enquanto encarnados, “no outro lado da vida”. Concordo com o escritor espírita Sérgio Aleixo quando diz que “*o espiritismo é ciência e filosofia e religião, e não ciência, filosofia e moral. Ora! Essa moral é a moral de Jesus e é uma moral tipicamente religiosa*”<sup>14</sup>. Não conheço, presentemente, na cidade do Rio de Janeiro, alguma instituição espírita que defenda uma compreensão diferente da doutrina. Porém, em fóruns de discussões nas redes sociais da internet é possível encontrar espíritas que não considerem o Espiritismo uma religião. O NEFCA (Núcleo Espírita de Filosofia e Ciência Aplicada), instituição de Juiz de Fora, Minas Gerais, compartilha dessa opinião<sup>15</sup>.

A pesquisa objetiva analisar as formas de atuação dos espíritas na imprensa. Quanto aos materiais utilizados no trabalho e caracterizados como “imprensa espírita”, propus reconhecer a produção periódica produzida e mantida por espíritas, individual ou coletivamente, seja aquela vinculada e/ou órgão oficial de Centros Espíritas para registrarem suas atividades, visões da doutrina e mensagens mediúnicas, seja aquela produzida pelas entidades federativas, bem como as iniciativas de diferentes sujeitos e instituições sem vínculos institucionais com o Espiritismo. Procurei não deixar de fora as iniciativas de menor

<sup>13</sup> KARDEC, Allan. “O Espiritismo é uma religião?”. *Revista Espírita*. Paris, Dezembro 1868, p. 5. Grifos meus.

<sup>14</sup> ALEIXO, Sérgio F. *O Espiritismo é, sim, uma religião e possui até um credo*. Disponível em: <http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2011/10/o-espiritismo-e-sim-uma-religiao.html> Último acesso em 8 de Fevereiro de 2014.

<sup>15</sup> NEFCA. *Perguntas mais frequentes*. Disponível em: <http://www.nefca.org.br/faq> Último acesso em 8 de Fevereiro de 2014. Clicar na pergunta nº. 17.

expressão e alcance social porque isso significaria privilegiar aquelas que venceram ou, mesmo, que duraram mais tempo e tiveram maior projeção social, por conta às vezes dos recursos financeiros de que dispunham. Além disso, seria ocultar o desejo daqueles que encabeçaram os projetos menos representativos para divulgar suas opiniões para um público que variava de tamanho, além de escamotear tensões e disputas em torno da participação espírita por meio da imprensa. Afinal, se a quantidade de jornais e colunas espíritas é significativa, é evidência de que vários daqueles que se colocaram como propagandistas da doutrina julgavam que algo faltava ser dito no cenário social.

A pesquisa teve início com a investigação das colunas espíritas existentes em jornais diários da cidade do Rio de Janeiro a partir dos “rastros” que identifiquei na pesquisa anterior sobre a repressão policial às atividades dos espíritas. Partindo daqueles recortes de jornais, bem como da leitura de alguns livros de Leopoldo Machado<sup>16</sup> e Amadeu Santos<sup>17</sup>, pertencentes ao acervo do Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor, de Benfca, comecei a mapear os jornais que mantiveram colunas espíritas. Procurava identificar os nomes de espíritas que se atiraram ao periodismo tanto o nascido dos vínculos institucionais espíritas quanto aquele que ganhou visibilidade nas páginas dos grandes jornais diários. Buscava entender o que levou alguns adeptos desta doutrina a utilizarem a imprensa, procurando saber quais as suas visões – positivas ou não – e suas expectativas com relação a ela e, também, ao Espiritismo. Entretanto, nas colunas espíritas em jornais diários, seus responsáveis refletiram pouco a respeito das visões de imprensa, o que fez com que os limites da pesquisa fossem ampliados para alcançar os jornais e revistas criados e mantidos por espíritas no Rio de Janeiro. Pretendia, no primeiro momento, apenas apurar como se organizou essa imprensa espírita na cidade, identificando seus periódicos, sua periodicidade, quem os produzia e de que maneira o que os espíritas escreviam e publicavam repercutia na imprensa diária.

O mergulho nos jornais e revistas feitos por espíritas mostrou maiores possibilidades para o entendimento de suas opiniões e expectativas a respeito da imprensa, além de revelar os modos de operação diferentes na imprensa diária e na doutrinária, já que muitas vezes evitaram conflitos e polêmicas nos grandes jornais leigos. Assim, a imprensa produzida por espíritas que, inicialmente, teria caráter secundário na investigação, passou a ser analisada

---

<sup>16</sup>FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Leopoldo Machado*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Leopoldo%20Machado.pdf> Último acesso em 9 de Setembro de 2013. Escritor e polemista espírita. Os livros são: *Sensacional Polêmica* (1938), *Pigmeus contra Gigantes* (1940), *Doutrina Inglória* (1941).

<sup>17</sup>Comerciário e industrial. SANTOS, Amadeu. *Doutrina e Crítica*. Rio de Janeiro. Confeccionado nas oficinas de Reformador, 1943, p. 7.

concomitante à produção das colunas nos jornais diários. Articular essas duas formas de atuação na e pela imprensa revelou, também, as questões e disputas que envolveram projetos editoriais de espíritas, como o da Federação Espírita Brasileira, da Gráfica Mundo Espírita S. A., da Editora Espírita Limitada e a SELK – Sociedade Editora (ou de Expansão) dos livros de Allan Kardec<sup>18</sup>.

Ao mapear a atuação de espíritas por meio da imprensa, observei que as primeiras iniciativas da militância doutrinária na imprensa diária surgiram com os artigos de Bezerra de Menezes em *O Paiz*, no ano de 1887, esforço que teve continuidade em outros dois jornais – *Jornal do Brasil* e *Gazeta de Notícias* – até 1897. Por sua vez, o jornal *Correio da Manhã* facultou suas páginas aos espíritas dois anos depois de fundado, em 1903. Além disso, no final do século XIX oito periódicos espíritas eram editados na cidade do Rio de Janeiro<sup>19</sup>, e um deles, o *Reformador*, da Federação Espírita Brasileira, manteve-se até os dias de hoje. Some-se a isso o fato de que, ao observar-se o movimento de criação de jornais e revistas espíritas, dentro das grandes limitações colocadas pelas fontes, pode-se notar que ele se dá concomitante ao processo de expansão das empresas jornalísticas e ao crescimento do número de espíritas pela cidade. Na década de 1910, o *Correio da Manhã* apontava o aumento no interesse do público leitor pelo Espiritismo em razão dos progressos alcançados pela doutrina. A mesma constatação, feita por outros jornais diários nas décadas de 1920 e 1930, justificou o crescimento do número de colunas espíritas em suas páginas.

A leitura da relação *Casas Espíritas do Rio de Janeiro*, organizada pelo Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (antiga Liga Espírita do Brasil), com os Centros Espíritas adesos, oferece pistas para dimensionarmos a expansão da Doutrina Espírita na cidade.<sup>20</sup> É certo que não contempla todos os Centros, muito menos aqueles que já encerraram suas atividades, uma vez que trata apenas daqueles que ainda funcionam. No entanto, pode servir-nos como amostragem dos Centros fundados no passado e que ainda existem em funcionamento: daqueles criados ao final do século XIX, sobrevivem quatro Centros Espíritas; dos Centros fundados na primeira década do século XX, sobrevivem outros quatro; das iniciativas da década seguinte (1910), mantiveram-se sete Centros Espíritas. Entre as

---

<sup>18</sup> Não há certeza quanto ao nome correto.

<sup>19</sup> *Revista Espírita* (1875), *O Espiritismo* (1881), *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* (1881), *O Renovador* (1882), *O Reformador* (1883), *A Nova Era* (1890), *O Regenerador* (1890) e *Religião Espírita* (1897). Destes apenas *A Nova Era* não está disponível na Biblioteca Nacional. Os demais estão microfilmados.

<sup>20</sup> CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Casas Espíritas do Rio de Janeiro*. Recebido por email em 13 de Janeiro de 2014. Essa relação consta no site do CEERJ. Clicar em “Instituições Espíritas”, escolher cidade e bairro. Disponível em: <http://www.ceerj.org.br/> Último acesso em 15 de Fevereiro de 2014.



décadas de 1920 e 1940, teriam sido fundados 97 Centros Espíritas, sendo que na década de 1920 foram abertos 30 e na de 1940 foram 41 Centros. Portanto, há um crescimento significativo no número de entidades criadas da década de 1910 para a de 1920. É importante ressaltar que estamos falando de um período (1920 a 1950) marcado por intensa repressão as atividades dos espíritas, que implicava em prisões de médiuns sob a acusação de exercício ilegal da medicina<sup>21</sup>, bem como o fechamento de instituições por ordens da Polícia<sup>22</sup>, como também em razão de Portarias Policiais que criavam sérios embaraços para o funcionamento de Centros Espíritas<sup>23</sup>. Apesar dessas dificuldades, que possivelmente devem ter desestimulado alguns, o movimento de fundação de Centros Espírita intensificou-se e se espalhou na cidade neste momento. Não por acaso, esse período de expansão do Espiritismo pela cidade coincide com a maior inserção de espíritas na imprensa diária. E o investimento que eles fazem na criação de periódicos doutrinários se dá concomitante à origem e desenvolvimento dos jornais diários que lhes ofereceram espaço.

Portanto, a cronologia inicial definida para a pesquisa, a partir dos anos 1880, procurou abranger um período de expansão e consolidação da Doutrina Espírita na cidade, bem como as formas diversas de praticá-la e divulgá-la, além de possibilitar acompanhar as disputas em torno da preferência dos espíritas na imprensa doutrinária. Quanto ao limite temporal da pesquisa, 1950, ele foi definido em função de várias questões. Em primeiro lugar, o definhamento de várias iniciativas do periodismo espírita assim como das colunas mantidas por espíritas no interior dos jornais diários, de que é exemplo a do *Correio da Manhã*, de todas a mais duradoura e que terminou com a morte de seu responsável, Frederico Fígner, em 1947. Por outro lado, o final da década de 1940 trouxe, também, mudanças significativas na composição e direção das gráficas espíritas, outra frente de atuação das entidades espírita investigadas neste trabalho. Estes movimentos, que indicam uma progressiva supressão ou silenciamento das divergências entre pontos de vistas doutrinários e das disputas pelo apoio financeiro entre os espíritas, foram intensificados a partir de 1949, com o acordo de unificação entre a Liga Espírita do Brasil e a Federação Espírita Brasileira, que redefiniu os papéis e abrangência territorial das federativas, passando a primeira ao âmbito do então

---

<sup>21</sup> Prisões do médium Inácio Bittencourt em 30 de Abril de 1937 e da médium Izabel Pimentel de Castro, em 5 de Julho de 1943. E estamos falando dos casos que repercutiram na imprensa. Quantos não tiveram essa projeção? OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. *“Livres”, porém perseguidos*, op. cit., p. 47 e 48. No capítulo 1 consta que Inácio Bittencourt também recebeu uma multa da Saúde Pública em 1921.

<sup>22</sup> Em Outubro de 1937 e Abril de 1941. Idem, p. 57 e 64.

<sup>23</sup> Em Abril de 1941, Setembro de 1942 e Outubro de 1943. Idem, p. 64, 71 e 79.

Distrito Federal e a segunda continuando de caráter nacional. Logo depois desse acordo, a revista da Liga Espírita do Brasil encerrou suas atividades em 1952.

Para a pesquisa, utilizei principalmente o acervo de Periódicos da Biblioteca Nacional, onde é possível encontrar vários títulos de jornais e revistas espíritas, bem como os jornais diários, muitos deles digitalizados e disponíveis na *internet* pelo portal da Hemeroteca Digital da instituição. Desse acervo de periódicos espíritas disponíveis para a pesquisa, foram consultados 13 títulos: *Aurora*, *Brasil Espírita*, *A Fraternidade*, *A Fraternisação*, *Mundo Espírita*, *Novo Horizonte*, *Revista Espírita do Brasil*, *O Sidereo*, *Tribuna Espírita*, *União Espírita* e *A Verdade*. Quanto aos periódicos espíritas digitalizados temos o *Reformador*, de 1883 até 1908 e o jornal *Humildade*. Dentre os jornais diários foram pesquisados *A Batalha*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *A Época*, *Gazeta de Notícias*, *O Imparcial*, *A Manhã*, *A Noite*, *O Paiz*, *A Nota* e *A Pátria*, os dois últimos não digitalizados. No acervo da Federação Espírita Brasileira, localizado no bairro de São Cristóvão, tive acesso ao *Reformador*, órgão desta entidade federativa onde publicavam anualmente os Relatórios de Atividades da instituição, bem como a seus estatutos de 1917, 1925, 1933, 1944 e 1950. Infelizmente, o acervo não está mais disponível para a pesquisa uma vez que foi transferido para a sede da FEB em Brasília, por causa da desativação do Parque Gráfico da federativa. *Reformador* encontra-se digitalizado, também, no *site* da FEB, a partir de 1955 até 2012.

Além desses periódicos, pesquisei também o *Diário Oficial da União* para ter acesso aos Estatutos da Gráfica Mundo Espírita S. A., bem como suas atas de constituição – com a relação de associados – e as de assembleias gerais, que permitiram acompanhar o início de sua trajetória. Consultei, ainda, o relatório *As forças religiosas no Brasil, do ponto de vista de suas influências políticas e econômicas*, do acervo Filinto Müller preservado no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, para identificar e quantificar as instituições vinculadas à Federação Espírita Brasileira.

No acervo do Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor pesquisei, ainda, os livros de atas de reuniões de diretoria de 1938 a 1953, assim como o *Relatório da Diretoria apresentado á Assembléia Geral, reunida em Sessão Solene no dia 1º de Setembro de 1939*. Do CEERJ, lancei mão do *Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil*, de 1942, a fim de identificar se os Centros Espíritas que fui localizando ao longo da pesquisa pertenciam ao seu quadro de instituições adesas. Além disso, foram úteis à pesquisa algumas Cartas de Agregação de Centros Espíritas à Liga Espírita do Brasil, uma vez que guardavam

os estatutos das instituições que possibilitaram analisar o investimento que faziam na divulgação da Doutrina Espírita. No Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança, de Botafogo, consultei a pasta de recortes de jornais e o livro de atas de reuniões de sua diretoria.

A internet constituiu-se uma fonte muito útil para esta pesquisa. Foram importantes os *sites* governamentais que traziam a legislação analisada no trabalho. Além disso, a grande quantidade de *sites* e blogs mantidos por espíritas ajudaram a identificar alguns personagens e instituições, além de ter acesso a livros espíritas digitalizados, como o do Centro Espírita Léon Denis, de Bento Ribeiro. Nos *sites* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas foi possível encontrar informações a respeito de quase todos os jornais diários utilizados na pesquisa.

Um problema enfrentado na pesquisa é a deterioração das coleções de periódicos existentes nas instituições. Apesar do Catálogo de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional fazer referência à existência do periódico *A Revelação*, com cinco fascículos, de 15 de Agosto até 15 de Dezembro de 1917, que seria órgão da União Espírita Suburbana, não foi possível ter acesso ao periódico, que consta como desaparecido. Quanto ao periódico *Aperfeiçoador* que, de acordo com o catálogo, seria órgão do Centro Spirita Luz, Caridade e Fé, contando com apenas um exemplar de 1910, informaram-me apenas que ele estaria fora de consulta. Desta coleção de periódicos raros, acessei apenas o jornal *União Espírita*. Não tentei acessar outros, portanto não sei declarar a situação em que se encontram.

A consulta aos jornais diários não foi menos acidentada. Não tive acesso ao jornal *Vanguarda*, que manteve em suas páginas uma coluna espírita, inicialmente porque o acervo encontrava-se no prédio anexo da Biblioteca Nacional, na Praça Mauá, indisponível para a pesquisa e, posteriormente porque o exemplar que desejava encontrava-se em mau estado de conservação. Como a Biblioteca Nacional impõe limitações ao número de fotografias que seus usuários podem realizar do acervo, resolvi, penalizado, deixar de pesquisar este periódico, pelas dificuldades que se impunham, bem como pelo reduzido tempo de uma pesquisa de Mestrado. A possibilidade do usuário fotografar o acervo de periódicos faria com que os pesquisadores ganhassem um tempo precioso, não precisando transcrever, manualmente, as informações que necessitassem. Penso que a administração da Fundação Biblioteca Nacional poderia rever o procedimento, uma vez que, disponibilizando centenas de periódicos digitalizados pela internet, permite aos usuários, copiarem as telas com as imagens

dos periódicos com a tecla “print screen” do teclado, o que, em última análise, funciona como fotografia do acervo.

A existência de coleções incompletas foi outro embaraço para a pesquisa. *Mundo Espírita*, fundado em 1932, está disponível na Biblioteca Nacional apenas a partir de 1945. A coleção de *Aurora*, fundado em 1912, inicia em 1919 e vai até 1933, sendo que provavelmente o jornal seguiu sendo publicado, pelo menos, até o final da década de 1940. Houve um momento em que os dois foram dirigidos pelo mesmo homem, num período conturbado para o primeiro jornal. Teria sido interessante acompanhar simultaneamente os desdobramentos das atividades de ambos, bem como os investimentos de esforços e recursos feitos em cada um deles. *Mundo Espírita* encontra-se digitalizado na sede da Federação Espírita do Paraná, porém, não está disponível na internet. *Reformador*, da Federação Espírita Brasileira, encontra-se digitalizado e online, mas só para o período de 1955 até 2012.

É possível que algumas instituições espíritas tenham, sob sua guarda, jornais ou revistas. O pesquisador espírita Clóvis Ramos, por exemplo, serviu-se do acervo de periódicos do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguaçu, para a escrita de seu livro sobre a imprensa espírita. Segundo ele, o acervo ia ser jogado fora “*se um desses “acazos” não nos tivessem levado àquele Centro para receber, como um prêmio, o estragado e ainda útil acervo, e enviá-lo a lugar seguro*”<sup>24</sup>, mas, infelizmente, ele não diz qual foi o destino. No Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro e no Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança, de Botafogo, havia pastas de recortes de jornais, o que também poderia ser encontrado em outras instituições espíritas, mas os limites de tempo inviabilizaram este longo caminho de pesquisa.

Nesta pesquisa, a imprensa serviu de fonte de informações históricas para a investigação da participação de espíritas na imprensa, seja a diária, seja a doutrinária, mas ela é também objeto de análise. Através da imprensa espírita, é possível refletir sobre as instituições espíritas não mais existentes, como a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, ou mesmo aquelas cujas atividades modificaram-se, como a Liga Espírita do Brasil, entidade de caráter federativo, concorrente da Federação Espírita Brasileira, hoje Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro, adeso à federativa com a qual disputara anteriormente. Disputas e polêmicas entre espíritas, assim como contra adversários externos à doutrina, também se fazem presentes nas páginas dos periódicos, leigos ou doutrinários. A realização de eventos,

---

<sup>24</sup>RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil 1869 – 1978*. Juiz de Fora: Instituto Maria, 1979, p. 10.

seja uma assembleia geral de um Centro Espírita, seja um Congresso, também ganhavam espaço nos periódicos e nas colunas espíritas dos jornais diários. Dessa forma, a imprensa pode ser fonte importante para a produção de conhecimento em História sobre os espíritas e suas atividades ao longo do tempo.

A historiografia sobre o Espiritismo é significativa. A temática interessou a vários ramos do conhecimento, tais como a História, a Antropologia, a Sociologia e a Ciência da Religião. No interior dessa produção, destaca-se pelo pioneirismo, o livro *Da Elite ao Povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*, da historiadora Sylvia F. Damazio, de 1994. Ela analisa como se deu a inserção do Espiritismo na sociedade, defendendo que se firmaram distintas correntes, uma de origem europeia, que procurava afastar-se dos sincretismos populares, baseada no estudo da doutrina e na prática da caridade, e um “Espiritismo popular”, que incorporaria as práticas dos curandeiros, além do catolicismo, no que diz respeito ao culto dos santos. Os debates travados na sociedade com médicos em função da prática da mediunidade receitista e os momentos em que alguns destes médiuns são criminalizados pelo exercício ilegal da medicina estão presentes em seu trabalho. Defende que se estes tiveram inserção importante na sociedade isto se deu em função das dificuldades de parcelas da população em conseguir atendimento público de saúde, além de manterem “vivas as tradições de tratamentos populares alternativos: das benzeduras à homeopatia, do curandeirismo aos passes”<sup>25</sup>.

O trabalho do cientista social Emerson Giumbelli, *O cuidado dos mortos – Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*, de 1997, originalmente sua dissertação de Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, objetiva analisar os diferentes discursos a respeito do Espiritismo entre 1890 e 1950. Para tanto, buscou cobrir as formulações de médicos, juristas, jornalistas, estatais, nos seus aparatos judiciais (policiais, procuradores, juízes) e assistenciais (saúde pública e assistência social). Exclui, de seu estudo, os discursos emitidos por agentes religiosos (católicos ou protestantes), uma vez que considera que os ataques e acusações ao Espiritismo feitos por outras designações religiosas foram reduzidos, se comparados com os produzidos em outros momentos. Segundo ele, os religiosos incorporavam argumentos de outros campos do saber, notadamente, do científico (médico e psicológico). Procura atentar, também, para a natureza das intervenções às quais estavam associados os discursos, sendo a mais concreta delas as ações repressivas, a partir da criminalização das práticas espíritas. Contempla, também, “a eficácia de determinadas

---

<sup>25</sup> DAMÁZIO, Sylvia F.. *Da Elite ao Povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1994. pg. 154.

*acusações, segundo o lugar do qual elas partem, os sujeitos a que se dirigem, os recursos que mobilizam e os termos em que se fazem”* <sup>26</sup>. Outro objetivo de seu trabalho é acompanhar a trajetória da Federação Espírita Brasileira entre sua origem e 1950, enfocando suas atividades e seus discursos.

Dentre as fontes utilizadas estão os processos crimes instaurados com base nos artigos 156, 157 e 158 do Código Penal de 1890, fazendo levantamento quantitativo e analisando também, através deles, os aparatos estatais envolvidos e os rituais do processo. Também busca os processos envolvendo pessoas ligadas à Federação Espírita Brasileira, além de utilizar reportagens e notícias de jornais diários, livros de juristas e médicos e o *Reformador*, órgão da Federação Espírita Brasileira. O autor chegou às informações dos jornais por vias indiretas, através de outras fontes que faziam referências a eles, mas não fez um levantamento específico sobre um ou mais periódicos. Seu trabalho, no entanto, apontou-me jornais onde os espíritas tinham colunas fixas como o *Correio da Manhã* e *A Vanguarda*, bem como outros que tinham postura bastante crítica com relação às suas atividades, casos de *A Noite* e *Diário da Noite*.

A tese de doutorado em História de Flamarion Laba Costa, defendida na Universidade Federal do Paraná, intitulada *Demônios e Anjos (o embate entre espíritas e católicos na República brasileira até a década de 60 do século XX)* <sup>27</sup>, de 2001, parte da análise dos discursos produzidos entre as partes no período, especificamente o embate entre os dirigentes e profítes de ambos os lados, objetivando espaço e poder na sociedade, mencionando os primeiros atritos entre eles desde a chegada do Espiritismo no Brasil, cuja trajetória que ele procura refazer. Para o autor, o acirramento do confronto teria acompanhado as transformações políticas e socioeconômicas ocorridas a partir do fim do século XIX. Justifica sua periodização mencionando que antes dessa época teria havido colaboração mútua entre Igreja Católica e o Estado, já que se tratava da religião oficial. Na década de 60 do século XX, com o Concílio Vaticano II, surgira uma nova maneira mais pacífica, através do ecumenismo. As fontes utilizadas por ele incluem as revistas católicas, pastorais, livros de autores católicos e espíritas, além de periódicos espíritas como *Mundo Espírita* e *Reformador*. Através do trabalho deste autor, tive acesso à parte do programa de *Mundo Espírita*, que ele menciona brevemente.

---

<sup>26</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1997, p. 39.

<sup>27</sup> COSTA, Flamarion Laba. *Demônios e Anjos (o embate entre espíritas e católicos na República brasileira até a década de 60 do século XX)*. Tese de Doutorado em História. Paraná: UFPR. 2001.

O trabalho de Angélica Aparecida Silva de Almeida, intitulado *Uma Fábrica de Loucos: Psiquiatria x Espiritismo no Brasil (1900 – 1950)*<sup>28</sup>, tese de doutorado em História defendida na UNICAMP, em 2007, trata dos debates gerados pelos conflitos entre psiquiatras e espíritas. Situa seu trabalho na História Cultural e propõe-se a investigar o processo de construção da representação da mediunidade enquanto loucura. Trabalha com a hipótese de que o discurso da Psiquiatria surgira como uma das estratégias pela busca de hegemonia na ciência ligada às questões mentais, disputando, assim, espaço no campo científico. Assume a intenção de não reconstituir a história da Psiquiatria ou do Espiritismo no Brasil, e sim resgatar a dimensão do conflito entre ambos.

Procura fornecer o contexto, descrevendo o processo inicial de busca de consolidação dos dois oponentes no Brasil. Para ela, a maior parte dos autores que tratam do Espiritismo detém-se no seu surgimento na França, na sua chegada ao Brasil e sua disseminação, além do conflito com os médicos, em função de suas práticas de cura serem tomadas como exercício ilegal da medicina. O conflito que analisa, no seu entender, teria recebido tratamento secundário por parte dos autores. Utilizou, como fontes, jornais diários, Estatutos da Liga Brasileira de Hygiene Mental e livros de psiquiatras e espíritas da época.

A dissertação de Mestrado em História de Sinuê Neckel Miguel, da Universidade Estadual de Campinas, intitulada *Movimento Espírita Universitário (MUE): Religião e política no Espiritismo brasileiro (1967 – 1974)*, de 2012, aborda a experiência de universitários que atuaram de forma política e intelectual visando à elaboração de uma agenda crítica e socialista no movimento espírita. Pretende “*compreender a emergência e o ocaso de uma tendência dentro do movimento religioso espírita que propunha uma forma de socialismo cristão, de revisão de aspectos doutrinários e de críticas às formas hierarquizadas de organização então vigentes*”<sup>29</sup>. Segundo ele, o Espiritismo sempre teve relação com a política, tanto pelas articulações estabelecidas com os poderes públicos quanto pela discussão de ideias relacionadas às questões sociais. Recorda a obra do filósofo espírita francês, León Denis, *Socialismo e Espiritismo*, que fora contemporâneo de Allan Kardec, bem como a existência de espíritas vinculados à esquerda política. Para o autor, poucos trabalhos aprofundaram o estudo sobre as relações entre espíritas e a política.

---

<sup>28</sup> ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva. *Uma Fábrica de Loucos: Psiquiatria x Espiritismo no Brasil (1900 – 1950)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: UNICAMP. 2007.

<sup>29</sup> MIGUEL, Sinuê Neckel. *Movimento Espírita Universitário (MUE): Religião e política no Espiritismo brasileiro (1967 – 1974)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp, 2012, p. 1.

O autor pretende verificar as influências que a cultura universitária dos anos 1960 e o contexto político-social mais amplo exerceram nos jovens que constituíram esse movimento. Deseja caracterizar esse movimento, sondando as possíveis diferenças entre seus constituintes. Está interessado, também, nas opiniões do movimento espírita sobre a atuação destes universitários. Coloca este movimento político em relação com outros movimentos religiosos que tiveram atuação política naquele momento. Por fim, pretende resgatar os impactos deste movimento no âmbito de atuação dos espíritas.

Usou como fontes alguns periódicos espíritas, tais como *A Fagulha*, *Presença*, *Espírito Universitário* (produzidos pelo MUE), além de outros. Trabalha, também, com fontes orais, realizando entrevistas temáticas, procurando saber o que os entrevistados têm a dizer a respeito do MUE e que os escolheu a partir da relevância que teria diagnosticado a partir da leitura de outras fontes, além das indicações recebidas por aqueles que participaram do movimento. Entrevistou, também, pessoas contrárias ao movimento que estuda.

Obras memorialísticas, produzidas por espíritas, também foram consultadas e foram fundamentais para a pesquisa. O livro “A imprensa espírita no Brasil: 1869 – 1978”, do pesquisador e escritor espírita Clóvis Ramos foi, sem dúvida, o de maior interesse para este trabalho. Foi lançado na abertura do VII Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, realizado no Rio de Janeiro entre 15 e 18 de Novembro de 1979, um evento organizado pela Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE)<sup>30</sup> e patrocinado pela Federação Espírita Brasileira. A obra não seria uma história da imprensa espírita nacional ou uma coletânea que reunisse artigos publicados em “*velhos jornais esquecidos, dados biográficos dos jornalistas espíritas que mais se evidenciaram no passado. É, ainda, um simples catálogo*”<sup>31</sup>. Nela, seu autor reúne dados sobre 640 periódicos espíritas publicados em todo o Brasil, desde boletins de Centros e Mocidades Espíritas, até jornais e revistas de iniciativas “independentes” – não vinculadas a nenhuma instituição – até periódicos de entidades federativas, editados ou não até o período da publicação do livro. Na introdução de seu livro, afirma que se fazia necessário um levantamento desse tipo, que funcionaria como um “*balanço para se ver a situação de lucro do Espiritismo (...) pelo que significa essa amostra da atividade intelectual de tantos votados a um jornalismo sadio, de renovação*”<sup>32</sup>. O trabalho de pesquisa reúne informações como: nome do periódico, cidade,

---

<sup>30</sup> Não encontrei informações sobre a ABRAJEE atualmente. No entanto, a ABRADE (Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo) diz guardar afinidade de propósitos com ela. ABRADE. “Abrade”. Disponível em: <http://www.abrade.com.br/site/index.php?pag=empresa> Último acesso em 3 de Março de 2014.

<sup>31</sup> RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil 1869 – 1978*, op. cit., p. 3 e 4.

<sup>32</sup> Idem, p. 4.



responsável pela publicação, periodicidade e ano. Entretanto, várias vezes estas informações estão incompletas e incorretas<sup>33</sup>, além de não mencionar se colheu os dados diretamente dos periódicos ou de outras publicações. O autor faz questão de registrar que o levantamento de jornais e revistas espíritas que fez é incompleto, não abarcando a totalidade deles. Além disso, ressalta o fato de não ter citado os

jornais mantidos por umbandistas, que se constituem num movimento próprio, respeitável, organizados em Federações e Confederações – religião que aceita o fenômeno espírita, a reencarnação, mas não se pode confundir com o Espiritismo difundido por Allan Kardec, de base científica e filosófica.<sup>34</sup>

Alguns dos periódicos que menciona teriam sido resgatados por ele do iminente descarte pelo Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguaçu. Outras informações a respeito dos periódicos foram levantadas a partir de artigos do *Reformador*. Menciona outras iniciativas de espíritas que fizeram levantamentos a respeito da imprensa espírita em outros periódicos e cidades, mas não dá a entender que os tenha utilizado para seu trabalho. Por fim, Clóvis Ramos deseja que seu trabalho “*seja útil aos pesquisadores de amanhã!*”<sup>35</sup>, assim como um estímulo àqueles que viam na imprensa espírita uma possibilidade de serviços pela causa da divulgação doutrinária. Seu livro tem valor, na medida em que cataloga as informações a respeito da imprensa produzida por espíritas, oferecendo pistas de pessoas, instituições e periódicos para o pesquisador espírita ou acadêmico.

O livro “Grandes Espíritas do Brasil”, do pesquisador espírita Zeus Wantuil, filho de um ex-presidente da Federação Espírita Brasileira, faz pequenas biografias de alguns dos espíritas que são considerados “grandes” por esta federativa. Escrito em 1969, trataria apenas daqueles que já estivessem “desencarnados”. Teria utilizado “*um sem número de biógrafos, alguns anônimos*”<sup>36</sup>, porém Zeus Wantuil solicitou à federativa não mencionar os colaboradores. Segundo ele, algumas biografias seriam a soma das contribuições de vários autores. Sugere-se, na introdução, que tenha se utilizado de periódicos para a execução do trabalho. Apesar de não declinar quais periódicos utilizou-se, é possível identificar nas biografias de Luiz Olímpio Guillon Ribeiro (ex-presidente da Federação Espírita Brasileira) e Frederico Fígner, que usou as publicações do *Reformador* na ocasião da morte de ambos, respectivamente em 1943 e 1947. Na introdução é dito, ainda, que outros espíritas poderiam

---

<sup>33</sup> Como é o caso quando aborda o jornal *Mundo Espírita*. Segundo ele, a Gráfica Mundo Espírita S. A. teria sido fundada em 1947, passando, já nesse ano, por sérias dificuldades financeiras. A gráfica é fundada no final de 1942 e, como teremos oportunidade de analisar no capítulo 3, tem problemas financeiros desde o início de suas atividades. Idem, p. 112.

<sup>34</sup> Idem, p. 9.

<sup>35</sup> Idem, p. 10.

<sup>36</sup> A EDITORA. In: WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 9.

figurar na obra, mas que não era possível aumentar o número de páginas. Por isso, projetavam outra coletânea que, até agora, não foi publicada. Numa biografia de “grandes homens”, seus feitos “menores” e suas fraquezas são minimizados.

O livro “Memórias pitorescas de meu pai”, escrito por Carlos de Brito Imbassahy, traz informações biográficas sobre Carlos Imbassahy, desde momentos de sua juventude, os primeiros passos na Doutrina Espírita e lances de sua militância doutrinária. No capítulo “Doutrina, desilusões, ingratidões e alegrias”, o autor dá conta da decepção de seu pai com a Federação Espírita Brasileira, mas é econômico nos detalhes. Segundo ele, “*o resto do que ocorreu, não escrevo aqui, pois sei que não agradaria à memória de meu pai*”<sup>37</sup>. O livro não aprofunda embates e polêmicas entre espíritas. À semelhança do livro de Zeus Wantuil, a obra pretende destacar a personalidade do biografado.

Reuni os materiais e questões da pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo, “**Imprensa de Espíritas para todos**”, analiso parte da imprensa produzida por espíritas na cidade do Rio de Janeiro, entre 1880 e 1950. Procuo identificar os indivíduos e grupos que se organizavam para a produção desses periódicos se eles possuíam vínculos com instituições espíritas ou se eram iniciativas independentes. Busquei verificar suas visões e expectativas quanto à utilização da imprensa como instrumento doutrinário, as formas de financiamento utilizadas para manter os jornais e revistas, procurando desvendar as relações sociais que permeavam os interesses e proximidades de anunciantes e responsáveis pelas publicações. Além disso, abordo os debates sobre a participação política de espíritas e, também, algumas concepções debatidas sobre a Doutrina Espírita como, também, as disputas no âmbito das duas entidades federativas existentes, a Federação Espírita Brasileira e a Liga Espírita do Brasil pela ocupação de cargos de direção nesta imprensa. Analiso as dificuldades criadas pelo D.I.P. - Departamento de Imprensa e Propaganda para o funcionamento e atuação dos periódicos espíritas, bem como a provável censura de conteúdo que podem ter sofrido.

No segundo capítulo, “**Espíritas e Espiritismo na imprensa diária carioca**”, abordo as colunas espíritas mantidas nos jornais diários cariocas. Procuo identificar os espíritas responsáveis por sua criação e manutenção seus vínculos institucionais com Centros Espíritas e/ou entidades federativas, bem como as atividades profissionais que alguns deles desempenharam na imprensa diária ou mesmo seus esforços para a fundação de jornais.

---

<sup>37</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito. *Memórias pitorescas de meu pai*. São Paulo: Casa Editora O Clarim, 1974, p. 171.

Analiso, também, as definições de alguns espíritas sobre o que era “ser jornalista”, bem como os limites e impedimentos de suas atividades na imprensa diária.

Outro conjunto de questões abordadas neste capítulo são as disputas entre os espíritas para ocuparem as páginas da grande imprensa e as críticas que elaboraram e difundiram contra os seus adversários. Acompanho as condições e expectativas dos jornais diários quanto à participação de espíritas em suas páginas, analiso visões da imprensa diária a favor e contra a Doutrina Espírita, assim como os esforços no interior dos diários para definir os conteúdos a serem abordados por espíritas em suas colunas e periódicos.

No terceiro capítulo, **“Da imprensa para o livro: novos horizontes para a divulgação doutrinária”** abordo experiências nascidas do periodismo espírita e que resultaram na promoção do Primeiro Congresso de Jornalistas Espíritas, realizado em 1939, analisando suas propostas e teses, quais seus objetivos, suas deliberações e eventuais desdobramentos. Também neste capítulo, acompanho a criação e reformulação de gráficas e editoras mantidas por grupos espíritas, analisando as justificativas, os esforços de seus diretores para a captação de recursos financeiros a fim de subsidiar os empreendimentos e as mudanças em suas direções.

## Capítulo 1 – Imprensa de Espíritas para todos

Neste capítulo, pretendo apresentar a criação e os caminhos de alguns periódicos mantidos por Centros Espíritas que pretendiam projetar sua produção na imprensa aos demais espíritas, por aqueles que possuíam objetivos menos audaciosos, limitando seu público alvo aos seus associados e pelas entidades federativas que funcionaram na cidade do Rio de Janeiro – a FEB e a Liga Espírita do Brasil – que investiram na imprensa a fim de estenderem o círculo de sua influência sobre os demais espíritas da Capital e do país. Iniciativas na imprensa doutrinária que se pretendiam independentes de Centros Espíritas ou federativas, ainda que invocassem o socorro material de terceiros ao seu empreendimento, também disputaram a preferência dos espíritas.

Entre os grupos editores desses periódicos analisados existiam, sem dúvida, diferentes expectativas com relação ao que se poderia alcançar através da militância na imprensa. Por isso, procuro acompanhar algumas estratégias adotadas por grupos de espíritas para criar e manter seus periódicos em circulação, bem como as mudanças de rumos ao longo dos anos – alterações de proprietários ou de objetivos –, além daquelas iniciativas que não chegaram a ser viabilizadas. Alguns destes periódicos ainda sobrevivem e circulam, modificados, no presente, enquanto outros – a maioria dos que foram analisados – ficaram pelo caminho, não resistindo por mais de uma década.

Os espíritas investiram na imprensa, seja por meio da organização e manutenção de jornais e revistas, seja através da participação em colunas sobre Espiritismo em jornais diários, porque tinham (e tem, presentemente) na leitura e na escrita instrumentos privilegiados para a divulgação doutrinária. Os Centros Espíritas, de maneira geral, traziam consignados em seus Estatutos que pautariam suas atividades de estudo e prática da Doutrina Espírita de acordo “*com a orientação contida nas obras codificadas por Allan Kardec*”<sup>1</sup>. Dos livros pretendiam retirar os seus temas de estudos e o roteiro de suas atividades doutrinárias. Procuravam, também, formar leitores e para tanto estimulavam o hábito da leitura como estratégia para formar bons espíritas. Em 1939, os diretores do Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor, então situado em Santa Teresa, mencionam, num relatório apresentado à Assembleia Geral, que

*aBiblioteca possui numerosas obras catalogadas e a remessa de livros tem aumentado consideravelmente, não só com a(s) ofertas feitas como também pelos adquiridos. Entretanto, perdêem-nos os senhores associados a franqueza em disêr (sic), que, lamentamos profundamente a pouca importância que da sua parte é dada a esta seção.* As consultas foram

---

<sup>1</sup> CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Estatutos do Grupo Espírita Antonio de Pádua*. Art. 1, letra “a”. Rio de Janeiro, 1942.

em número tão reduzido que não nos atrevemos a citá-lo. *Estamos vivamente empenhados na difusão dos conhecimentos da doutrina através do livro*, e, assim, muito satisfeitos ficaríamos se os nossos consócios procurassem, doravante, aumentar as suas luses, dedicando uma parte do seu tempo à leitura dos autores espíritas, o que muito lucro poderá trazer (sic).<sup>2</sup>

Analisando alguns estatutos de Centros Espíritas constatamos que o Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor não estava sozinho no investimento na formação de biblioteca espírita. O Centro Família Espírita (Fé) e o Novo Centro Espírita Antonio dos Pobres, ambos localizados no Centro do Rio de Janeiro no início da década de 1940, tinham, entre seus diretores, a figura do bibliotecário, que deveria “*ter a seu cargo todo o serviço de biblioteca e promover sua expansão por todos os meios ao seu alcance*”<sup>3</sup>. Os estatutos do Centro Espírita Caminhemos com Humildade, de Nilópolis, distrito de Nova Iguaçu, demonstram que essas bibliotecas não seriam compostas apenas por livros. Receberiam, também, “*revistas e jornais de instrução popular, relativos à Doutrina Espírita*”<sup>4</sup>. Os espíritas do Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor, demonstrando grandes expectativas quanto à utilização do acervo de sua biblioteca, postulavam que através da leitura – de livros, mas que poderia ser de periódicos espíritas também –, seus frequentadores ganhariam em discernimento, ou “luzes”, o que se converteria, para eles, em benefícios.

Os espíritas procuraram gozar, como quaisquer cidadãos, do direito à “livre a manifestação de pensamento pela imprensa” definido pela Constituição de 1891 e se lançaram, de múltiplas formas, ao exercício do jornalismo<sup>5</sup>. E parece-me que não foram poucas as instituições espíritas que puseram mãos à obra, produzindo seus próprios periódicos. Em 1º de Maio de 1925 a Federação Espírita Brasileira, daqui por diante FEB, apresentava, no seu órgão oficial, *Reformador*, o regulamento do Registro Geral das Sociedades Espíritas. Dentre as informações solicitadas, deveriam declarar

8.º *se mantém algum órgão de publicidade;*

9.º no caso afirmativo, qual o nome deste, sua tiragem, seu formato, se de jornal ou revista; se a sua publicação é semanal, quinzenal ou mensal; data em que começou a ser publicado;<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> GRUPO DE CARIDADE DEUS, LUZ E AMOR. *Relatório da Diretoria apresentado á Assembléia Geral, reunida em Sessão Solene no dia 1º de Setembro de 1939*. Rio de Janeiro, 1º de Setembro de 1939. Grifos meus.

<sup>3</sup> CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Estatutos do Novo Centro Espírita Antonio dos Pobres*, art. 11º. Rio de Janeiro, 1937 e CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Estatutos do Centro Família Espírita (Fé)*, art. 1º. Rio de Janeiro, 1940.

<sup>4</sup> CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Estatutos do Centro Espírita Caminhemos com Humildade*, art. 2º, item “c”. Nova Iguaçu, 1941.

<sup>5</sup> PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de Fevereiro de 1891*. Art. 72, Parágrafo 12. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm) Último acesso em 28 de Novembro de 2013.

<sup>6</sup> “Registro Geral das Sociedades Espíritas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1925, p. 210. Grifos meus.

Em 1947, 22 anos depois, no Regulamento de adesão das sociedades espíritas à FEB<sup>7</sup>, podemos ler o mesmo texto. A Liga Espírita do Brasil, em Outubro de 1940, pelo seu órgão oficial, a *Revista Espírita do Brasil*, lança um questionário aos Centros Espíritas, juridicamente constituídos ou não, para consultar se possuem periódicos, exatamente nos mesmos moldes da FEB. Se duas entidades de caráter federativo, nos seus esforços de aproximação com os Centros Espíritas, a fim de conhecê-los melhor, perguntam sobre a possibilidade de publicarem algum periódico, é porque a iniciativa não era incomum. Além disso, a manutenção desse item nos regulamentos constitui evidência de que mesmo aqueles que tinham maior projeção social no meio espírita, como os diretores das federativas que circulavam e mantinham contatos com vários espíritas na Capital e no país, não tinham conhecimento da totalidade dos periódicos espíritas então existentes. A renovação do questionamento quanto à manutenção de periódicos por Centros Espíritas, formulado pela FEB num período de mais de 20 anos, também demonstra que o interesse pela e a participação na imprensa eram difundidos no seio dos espíritas. Os dirigentes desta federativa contavam que, dentre aquelas instituições que a ela se vinculassem, algumas mantivessem periódicos. E não nos restringamos, apenas, àqueles Centros ligados às federativas, uma vez que o questionamento da Liga Espírita do Brasil é mais amplo, tentando abarcar, possivelmente, as demais instituições espíritas não vinculadas a ela, contando, mesmo, com o alcance de seu periódico para alcançá-las. Aliás, é bom frisar que na cidade do Rio de Janeiro, a Liga Espírita do Brasil contava com maior representatividade junto aos Centros, e que o número de instituições espíritas não vinculadas às duas federativas era muito maior do que a soma daquelas ligadas a elas.<sup>8</sup> E para além dos Centros Espíritas, havia ainda as iniciativas que se pretendiam independentes, porque não mantinham vínculos ou relação de dependência direta de nenhuma instituição espírita. As evidências documentais reunidas na pesquisa confirmam o valor atribuído à imprensa por grupos espíritas, formalmente constituídos ou não.

---

<sup>7</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Organização Federativa do Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1947, pg. 10.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. *“Livres”, porém perseguidos: O cotidiano das relações entre espíritas e a Polícia na cidade do Rio de Janeiro (1930-1950)*. 2010, 126f, Monografia, Rio de Janeiro, UFF, 2010, p. 23.

**Periódicos Espíritas na cidade do Rio de Janeiro**

<b>Periódico</b>	<b>Instituição</b>	<b>Responsável</b>	<b>Local</b>	<b>Formato</b>	<b>Nº. de páginas</b>	<b>Tiragem</b>	<b>Periodicidade</b>	<b>Duração</b>	<b>Preço</b>
<i>O Sidereo</i>	Centro Espírita José de Abreu	Pres.: Manoel Pereira da Silva; Secr.: Ignacio Miranda Filho.	Engenho de Dentro	Revista	8	400/1919	Mensal	12/1919 – 12/1922	Distribuição gratuita entre sócios.
<i>A Verdade</i>	Centro Espírita Bezerra de Menezes	Dir.: João J. Baptista; Secr.: Leão Horta; Redator: Emydio Graça.	Estácio	Revista	12	Mais de 5.000	Quinzenal. Mensal a partir de Abril de 1923	1918 – 8/1924	Assinatura anual: 10\$000; Avulso: \$500.
<i>Novo Horizonte</i>	Cabana de Lysis	Dir.: Barros Fournier; Ger.: Julio Gaertner; Redator: F. L. de Azevedo Silva.	Centro	Revista	26	Não consta	Mensal	1932 – 12/1991	Assinatura anual: 10\$000; Avulso: 1\$000.
<i>Humildade</i>	Grupo Espírita Humildade e Fé	Não consta.	Centro	Jornal	4	Não consta	Mensal	12/1906 – 6/1907	Assinatura anual: 2\$000. Mantido por sócios do Centro Espírita, que contribuía com 1\$000.
<i>Tribuna Espírita</i>	Não tinha vínculos com Centros Espíritas	Gustavo Macedo/Grupo de Espíritas Militantes; Ger. José Ferreira. Inácio Bittencourt.	Centro	Jornal	4	Não consta	Quinzenal	7/1907 – 7/1909 (?)	Gratuito até 09/1907; Avulso: \$100. Assinatura anual: 2\$000; Os assinantes de <i>Humildade</i> recebiam.
<i>A Fraternização</i>	Congresso Espírita Caridade e Instrução	Ernesto Mattoso	Todos os Santos	Jornal	4	Não consta	Mensal	5/1902 – 8/1902 (?)	Gratuito.
<i>Aurora</i>	Círculo Espírita Cáritas; Centro Espírita de Valença; União Espírita Suburbana; Associação Espírita Beneficente e Instructiva de Cachoeiro do Itapemerim; Federação Espírita do Estado do Rio. Até 09/1920.	Inácio Bittencourt	Botafogo	Jornal	4	4.000/1919; 40.000/1928.	Quinzenal	1912 – 1949 (?)	Assinatura anual: 5\$000/1919; 10\$000/1933
<i>Reformador</i>	Federação Espírita Brasileira (de 1884 em diante).	Augusto Elias da Silva (1883). Direção e redação sob responsabilidade do Presidente da FEB, que nomeava redator-secretário e redator-chefe.	Centro	Jornal (até 1902). Depois, Revista.	4 (até 1902). Depois, vai aumentando. 38 em 1929 (o máximo que encontrei). No final da década de 1940, 24.	Até 1902: 400; De 6/1949 a 7/1950: 20.000	Quinzenal (até 1938). Depois, mensal.	1883 até os dias atuais	Assinatura anual: 10\$000; Número avulso: 1\$000. (Em Março de 1939)
<i>Revista Espírita do Brasil</i>	Liga Espírita do Brasil	Ger.: João Torres; Redator: Jonathas Botelho; Secr.: João Carlos Moreira Guimarães	Centro	Revista	28 (Em 1929). 16 (Em 1952).	Não consta	Mensal	1929 – 12/1952	Assinatura anual: 10\$000 Assinatura por seis meses: 5\$000 Avulso: 1\$000 (Em Março de 1929)
<i>Mundo Espírita</i>	4º Momento: Federação Espírita do Paraná.	1º Momento: Henrique Andrade, João Torres, João de Souza e Benedicto de Souza; 2º Momento: Henrique Andrade e Secretário: Deolindo Amorim; 3º Momento: Lins de Vasconcellos;	Centro	Jornal	4	4.000/1942 12.000/1949	Semanal. Com Lins de Vasconcellos, quinzenal.	4/1932 até o presente	Assinatura anual: Cr\$: 20,00; Avulso: Cr\$: 0,50 / 1945
<i>União Espírita</i>	Não tinha vínculos com Centros Espíritas.	Domingos Machado e diversos redatores	Centro	Jornal	4	Não consta	Semanal	8/1905 – 8/1906 (?)	Assinatura anual: 9\$000; Assinatura 6 meses: 5\$000; Avulso: \$100
<i>Brasil Espírita</i>	Não tinha vínculos com Centros Espíritas.	Jarbas Ramos (Diretor proprietário)	São Cristóvão	Revista	30	Declara ter grande tiragem, mas não menciona qual	Mensal	1925 – 11/1930	Assinatura anual: 6\$000; Assinatura semestre: 4\$000; Avulso: \$500
<i>A Fraternidade</i>	Não tinha vínculos com Centros Espíritas.	Dir.: Emílio de Souza Lima; Secr. Arthur Marques da Silva	Madureira	Revista	8	Não consta	Mensal	6/1916 – 7/1916 (?)	Assinatura anual: 5\$000; Avulso: \$200

Fonte: Periódicos espíritas consultado.

## 1.1 – Centros Espíritas produzindo periódicos:propaganda e combate

Os Centros Espíritas da cidade colocaram mãos à obra e lançaram-se à imprensa, com empreendimentos que variaram de tamanho, objetivos e pretensões. No primeiro número da revista *O Sidereo*, de Dezembro de 1919, consta que com o surgimento dela “*Está assim cumprido o dispositivo do estatuto que determina a criação de um jornal.*”<sup>1</sup> Ainda segundo eles, “*Este facto, bastante simples na vida commum das associações, tem para nós uma significação especial.*”<sup>2</sup> A decisão de fazer circular um periódico entre os associados foi pensada coletivamente pelos mesmos e aprovada pela maioria, na reunião onde foi votado o estatuto. Chama ainda atenção para a avaliação de que seria comum, na vida das instituições, a existência de um periódico e de mantê-lo com recursos de seus associados. É possível supor que os estatutos de Centros Espíritas pudessem ser copiados de outras instituições, com acréscimos e pequenas adaptações, de acordo com as realidades institucionais específicas. Assim, não seria difícil imaginar que outros Centros manifestassem, neste documento, o desejo de criarem seus periódicos.

Ainda que presumissem que outros Centros pudessem ter seus órgãos oficiais, o Centro Espírita José de Abreu, localizado no Engenho de Dentro, “*põe as columnas desta revista á disposição das associações espíritas que não possuírem órgão, para a publicação das comunicações que receberem e entenderem ser divulgadas*”<sup>3</sup>. Interessa-se pelas mensagens mediúnicas obtidas em outros Centros e faculta espaço para a divulgação destas, mas o mesmo não acontece com o noticiário das instituições, quem sabe por receios de perderem frequentadores para elas.

Apresentando-se ao público de sua instituição, dizia que

*Não é o Sidereo um jornal de combate onde se venham anninhar discussões e luctas mas consentâneas com outras espheras de ação. É, antes, uma revista simples e modesta para divulgar entre os sócios do centro tudo quanto ahi se tem feito e se (ilegível) fazer. Dar publicidade a todos os actos da vida do Centro e identificar os seus associados com o já longo trabalho empreendido e realizado, e por assim dizer o programa desta revista. Indicar as fontes onde transparece a belleza da doutrina; despertar entre os associados o gosto pela leitura, com a reprodução de trechos escolhidos de várias obras; offerecer um campo onde possam modestamente ensaiar os que se preparam no estudo da doutrina, - eis um dos lados de sua tarefa. Mas, o que sobreleva da missão dessa revista, e que é sem dúvida a única causa de sua existência, é trazer aos nossos olhos ávidos de luz, a sublimidade que transparece e se irradia das muitas comunicações com que nos têm bondosamente cumulado os Irmãos do Além*<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> “O Sidereo”. *O Sidereo*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1919, p.1. *O Sidereo*, revista do Centro Espírita José de Abreu, tinha sua redação na sede do Centro, na Rua Dr. Bulhões nº. 140, no Engenho de Dentro. Era impresso na Oficina Gráfica d’ O Social, na Rua do Lavradio nº. 60, Centro. Tinha, como responsáveis, o Presidente Manoel Pereira da Silva e o Secretário Ignacio Miranda Filho. A revista foi publicada de Dezembro de 1919 a Dezembro de 1922.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> “Aos Grupos e Associações Espíritas”. *O Sidereo*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1919, p. 2.

<sup>4</sup> “O Sidereo”. *O Sidereo*, op. cit., p. 1. Grifos meus.



Além de divulgar as realizações e a vida institucional do Centro Espírita, buscavam também estimular a leitura de obras espíritas, oferecendo trechos de algumas, como a preparar seus leitores a voos mais altos nos estudos da Doutrina. Afirmavam fugir às polêmicas doutrinárias com espíritas ou não, porque o “combate” deveria ser reservado a outros espaços, quem sabe, periódicos com maior circulação que o deles. Por último, os espíritas de *O Sidereo* buscavam, através da imprensa, dar publicidade às comunicações mediúnicas que recebiam no Centro. Mandar publicar um livro de coletâneas de mensagens espirituais certamente seria mais oneroso para o Centro, além do que essa escolha implicaria em realizar uma seleção delas, a fim de que a obra não se tornasse por demais extensa. Divulgando-as mensalmente teriam condições de colocar maior número de mensagens em circulação, além de garantir-lhes a preservação.

*Tel-as comnosco, em nossa casa; lêl-as nos momentos de folga; estudal-as nas horas de meditação; ter registrada a causa dos acontecimentos que nos rodeiam, e a sua marcha; ter sob nossos olhos um remédio e um conselho em cada um dos momentos difíceis de nossa vida – era a nossa maior aspiração*<sup>5</sup>.

A revista permitiria aos leitores, em diferentes momentos de sua existência, reler as mensagens mediúnicas, consultá-las nos momentos de descanso entre as atividades cotidianas ou mesmo naqueles destinados à meditação. A publicação seria preservada no âmbito dos lares de seus associados e, também, na Biblioteca Nacional, para onde os integrantes do Centro Espírita José de Abreu tiveram o cuidado de remeter exemplares.

Em 1922, a revista *A Verdade*, do Centro Espírita Bezerra de Menezes, no Estácio, declarava contar com 5.000 assinantes<sup>6</sup>. Não localizei nenhuma instituição que contasse com número tão alto de associados ou frequentadores no período. É possível que espíritas, frequentadores de outros Centros, também assinassem o periódico. Este Centro Espírita contava, entre suas atividades, com o receituário mediúnico, prática muito disseminada naquele momento<sup>7</sup>. É possível que a instituição estimulasse as pessoas que buscavam seu

---

<sup>5</sup> “O Sidereo”. *O Sidereo*, op. cit., p. 1. Grifos meus.

<sup>6</sup> “Mais uma Etapa vencida pela “A Verdade”. Salve 7 de Setembro de 1922”. *A Verdade*. Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1922, p. 1. *A Verdade*, revista do Centro Espírita Bezerra de Menezes, tinha sua redação na Rua Colina n.º. 35, no Estácio, na própria sede do Centro Espírita. Era impressa na Tipografia Lincoln, na Rua General Câmara 292, Centro. Tinha, como diretor, João J. Baptista, Secretário Leão Horta e o Redator era Emydio Graça, fundador e presidente do Centro. A revista foi publicada de 1918 até Agosto de 1924. No *Diário Oficial da União* de 14 de Abril de 1912 encontrei uma referência a um capitão chamado Leão Horta Fernandes quando referia-se ao 1º Batalhão de Artilharia de Posição. Como não se trata de um nome comum, penso que pode ser o Secretário da revista. “Actos do Poder Executivo. Ministério da Justiça e Negócios Interiores”. *Diário Oficial da União*, 14 de Abril de 1912, p. 4780.

<sup>7</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos mortos*, op. cit., p. 295 e 296. Entre 1908 e 1923 o número de consultas ao receituário mediúnico é superior a 200 mil. Segundo o autor, o período de menor movimento na federativa foi o ano de 1902, com aproximadamente 20.500 receitas escritas. É possível que a alta procura pelo serviço ocorresse também no Centro Espírita Bezerra de Menezes, não sendo, necessariamente espíritas os que lançavam mão do recurso.

serviço de receituário mediúnico a assinar a revista, o que pode explicar o volume de assinaturas. Deveria ser comercializada nos dias de reuniões quando as pessoas procuravam este serviço e, talvez isso explique a opção de transformar, neste mesmo ano, “o órgão que até então era de caráter Noticioso Critico Literário, em Revista Espírita”<sup>8</sup>. Pelo visto, o órgão até então não possuía caráter espírita porque justificam a mudança alegando a

*necessidade de ser ampliada com maior intensidade, as causas, e ensinamentos que se prendem ao bem estar de nossos irmãos, e em virtude da crise porque passa o povo desprovido da verdadeira Fé e dos ensinamentos de Jesus, havendo, mesmo, correntes que se chocam nos sentimentos, embora altruístas, na defesa da Sciencia Espírita (...).*<sup>9</sup>

Para eles, a propaganda espírita que vinha sendo feita, até então, não estaria sendo suficiente para dar conta das necessidades do povo carente de ensinamentos cristãos, sendo necessário ampliá-la. Reconhecem, por outro lado, que naquele momento já existiriam correntes de opiniões conflitantes dentro do Espiritismo, apesar dos alegados sentimentos nobres que lhes mobilizariam na defesa doutrinária. A pluralidade de iniciativas na propaganda espírita pela imprensa e o número de periódicos espíritas criados no Rio de Janeiro constituem evidências dessas divergências. Pude perceber que os espíritas responsáveis por *A Verdade* se referiam ao Espiritismo preferencialmente como Ciência, sem que isso os levasse a combater a ideia de religião. Era comum na revista uma coluna intitulada “Ensinamentos e Instruções Philosophicas sobre a Sciencia Espírita pelo Espírito de Bezerra de Menezes”<sup>10</sup> onde, através de mensagens atribuídas a este espírito, eram tratados diferentes temas que não tinham relação direta com a ciência, como a questão do suicídio. Em 30 de Abril de 1923 transcrevem um artigo do filósofo espírita francês Léon Denis onde ele afirma que “por essa conciliação do sentimento e da razão o Espiritismo se torna a religião científica do futuro”<sup>11</sup>. Na mesma edição, em um artigo chamado “Dez razões que demonstram a completa verdade do Espiritismo”, é possível ler que o Espiritismo seria religião e o verdadeiro cristianismo, além de apoiar-se na ciência. “Possuindo o Espiritismo a verdade religiosa e a verdade científica, possui *“ipso facto”* a verdade moral”<sup>12</sup>. Acredito que a busca por apresentar o Espiritismo como uma ciência tenha a ver com o incômodo quanto à utilização que alguns espíritas pudessem fazer dos rituais ou práticas ligados ao

<sup>8</sup> GRAÇA, Emydio. “A Verdade”. *A Verdade*. Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1922, p. 1.

<sup>9</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>10</sup> “Ensinamentos e Instruções Philosophicas sobre a Sciencia Espírita pelo Espírito de Bezerra de Menezes”. *A Verdade*. Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1922, p. 11.

<sup>11</sup> DENIS, Léon. “O Psychismo, religião científica”. *A Verdade*. Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1923, p. 13. Não mencionam onde o artigo foi publicado originalmente, apenas que foi traduzido por Leopoldo Cirne, ex-presidente da FEB. Sobre Léon Denis, ver: O CONSOLADOR. *Leon Denis*. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/leondenis.html> Último acesso em 3 de Fevereiro de 2014.

<sup>12</sup> “Dez razões que demonstram a completa verdade do Espiritismo”. *A Verdade*. Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1923, p. 12.

Catolicismo. São frequentes as críticas a casamentos e batizados feitos por espíritas, bem como a utilização de nomes de santos católicos para os Centros Espíritas:

Uma das razões poderosas que militam contra a actuação efficiente das aggremações espíritas é o regimen de mysticismo religioso nellas estabelecido, contra o claro e insophismavel principio da doutrina. E mais grave ainda se torna esse regimen, com a adopção de preconceitos e credices da religião (r)omana de cujas taras, os indivíduos não se libertaram imprimindo as indelevelmente nas associações que fundam: “de um espiritismo católico romano”!<sup>13</sup>

Através de *A Verdade*, também, abriam espaço para “*assumptos outros que possam concorrer ou auxiliar a orientação dos nossos leitores e que publicados nas nossas columnas não tenham o propósito de contrariar a quem quer que seja (...)*”<sup>14</sup>. Estendia, um pouco mais, o leque de possibilidades de sua publicação, permitindo-se agregar outras contribuições externas ao Espiritismo, no entanto, sem a intenção explícita de polemizar, ainda que pelas suas páginas tratassem de assuntos políticos na coluna “Palestras Militares” assinada por “Cobre-mira”<sup>15</sup>. Nela é possível ler sobre a “continência” (o “cumprimento” dos militares), a disciplina e a questão do poder naval na América do Sul.

Os objetivos da revista *Novo Horizonte*, editada no Centro da cidade, foram apresentados pelo seu redator e eram parecidos com os de *O Sidereo*.

A publicação que hoje encetamos é uma *collectanea de opportunos e interessatissimos estudos philosophicos e scientificos, proferidos em palestras literárias por espíritos desencarnados*, alguns dos quaes ainda hontem habitantes deste mundo sublunar em que vivemos, e outros ha seculos e millenios dele emancipados, mas nem por isso extranhos á nossa vida hodierna (...). *Trata-se aqui apenas de diffundir em beneficio social a preleção inapreciavel dos nossos irmãos do espaço*, entidades soliticas ao appello de Lysus de Crótona, o anjo tutelar, protector e guia de nosso grupo espírita (...).<sup>16</sup>

Dessa forma, pretendiam divulgar as mensagens mediúnicas recebidas em sua instituição, uma vez que reconheciam nelas valor que poderiam trazer benefícios sociais à coletividade humana. Não por acaso, também tiveram a preocupação de remeter exemplares à Biblioteca Nacional. No entanto, diferente de *O Sidereo*, que evitava o combate, fazem questão de deixar claro que não ignorariam os ataques que eventualmente sofressem. “*Mas,*

---

<sup>13</sup> FACHUNCE. “Propaganda criteriosa”. *A Verdade*. Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1923, p. 5.

<sup>14</sup> “O nosso aniversario”. *A Verdade*. Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1922, p. 17.

<sup>15</sup> Não obtive informações a respeito do autor, mas pode tratar-se de um pseudônimo utilizado pelo Secretário da revista, Leão Horta, que seria capitão, o que explica a temática militar.

<sup>16</sup> SILVA, F. L. de Azevedo. “Nosso designio”. *Novo Horizonte*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1932, p. 1. Grifos meus. *Novo Horizonte* era uma revista da Cabana de Lysis, que funcionava no bairro do Rocha, na casa do Coronel Barros Fournier, que também era o Diretor do periódico. A revista tinha sua redação e administração na Rua do Ouvidor n.º. 160, 4º andar, no Centro. Tinha, como gerente, o Tenente-coronel Julio Gaertner e Redator F. L. de Azevedo Silva. Foi publicada inicialmente em 1932. Parece que a Biblioteca Nacional tem a coleção deste periódico incompleta. De 1933 a 1937, não consta no acervo. Na coleção de 1938, encontramos a revista no ano n.º. VII. A coleção de 1940 também não está no acervo. Em 1941, a revista aparece no ano n.º. X. Depois disso, estão disponíveis as de 1953 a 1959. Então, salta para 1967, estando disponível deste ano até 1991. Verifiquei as três primeiras coleções disponíveis (1932, 1938 e 1941). De acordo com o Catálogo da Biblioteca Nacional, até 1941 a publicação é mensal. Em 1953, quando passa a ser editada pelo Centro Espírita Canage, é trimestral. A partir de 1967, anual até 1991.

*porque não atentamos contra o credo alheio, não deixaremos sem reparo o gesto daquelle que nos atire a primeira pedra, certos estamos de que o exercício da caridade é um direito, não sendo a ninguém permitido turbal-o”*<sup>17</sup>. Afiançam que não tomariam a iniciativa da crítica aos outros credos, mas não silenciariam ante aos ataques que os adversários lançassem à Doutrina Espírita.

Um pequeno cartão verde, no meio do exemplar de *Novo Horizonte* de Fevereiro de 1932 preservado na Biblioteca Nacional dizia que a revista era vendida nos pontos de jornais, o que logo teria mudado, uma vez que em Julho do mesmo ano, uma nota avisava que seria vendida apenas na livraria da FEB<sup>18</sup>. Os responsáveis pela revista lançaram mão de uma tática, comum na imprensa comercial, para captar assinaturas que não localizei em outros periódicos espíritas.

*As pessoas a quem tivemos o prazer de enviar esta revista, no caso de aceitarem a assignatura da mesma, rogamos o obsequio de nos rametterem a sua importância por vale postal ou de qualquer modo, o que desde já agradecemos desvanecidamente. Aos que não a quiserem assignar, rogamos ao menos a gentileza de um simples cartão postal nos avisando disso, caso não prefiram devolver-nos a própria revista.*<sup>19</sup>

Enviavam as edições contando que os potenciais leitores, se gostassem do conteúdo, tivessem a possibilidade de assiná-la. Já é possível perceber que o meio preferencial de comercialização dela era este. Mas e quem não estivesse interessado pela assinatura? Como frear as atividades cotidianas para desembaraçar-se do recebimento da revista, sem a ter solicitado? O cartão postal poderia sinalizar o desinteresse, mas e a revista? O que fazer com ela? Devolver não poderia passar por deselegância entre os espíritas? Parece que o recurso utilizado por Barros Fournier acabava criando embaraços na devolução da revista, forçando sua assinatura. É provável que enviassem para instituições espíritas onde os dirigentes, se interessados, poderiam, até, divulga-la aos seus associados e frequentadores, potencializando as adesões.

Em Maio de 1907, os espíritas responsáveis pela publicação do jornal *Humildade*, órgão de propaganda do Espiritismo instalado no Centro da cidade, solicitam ajuda “*dos nossos irmãos em crença, que quando possam e segundo as suas forças, nos auxiliem quer com assignaturas, quer com qualquer quantia, para a sua manutenção*”<sup>20</sup>, uma vez que o Grupo Humildade e Fé, que o mantinha, teve seus trabalhos suspensos, o que afastou do

---

<sup>17</sup> Idem, p. 2.

<sup>18</sup> “Expediente – Assignaturas”. *Novo Horizonte*. Rio de Janeiro, Julho de 1932, p. 12.

<sup>19</sup> “Expediente – Assignaturas”. *Novo Horizonte*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1932, p. 9. Grifos meus.

<sup>20</sup> “Um apello”. *Humildade*. Rio de Janeiro, Maio de 1907, capa. O primeiro número disponível na Biblioteca Nacional é Dezembro de 1906. *Humildade* era o jornal do Grupo Humildade e Fé. Não constam os nomes dos responsáveis pela sua publicação. Sua redação funcionava na Rua Uruguaiana nº. 136, loja, Centro. O jornal circulou de Dezembro de 1906 a Junho de 1907.

jornal as receitas obtidas através das mensalidades dos sócios. O jornal se abre às doações e o apelo surte efeito. No mês seguinte, noticiam acriação de uma Caixa Mantenedora e o aumento do número de assinantes. Além disso, “a par dos que o tomaram por assinatura, veio um nosso confrade e também companheiro de trabalho, concorrer com a quantia de cinco mil réis mensais”<sup>21</sup>. Em Julho do mesmo ano, já aparece como *Tribuna Espírita*, jornal de combate e propaganda, tendo como gerente José Ferreira. Entusiasmaram-se com o atendimento ao apelo que fizeram no mês anterior, uma vez que modificam a periodicidade do jornal – passou a ser quinzenal e com pretensões ampliadas.

*Temos a intenção de distribuí-lo em larga escala e gratuitamente, entre os confrades, e, aos que não o sendo, tem comtudo, para com a nossa doutrina sentimentos de pronunciada sympathia. A sua publicação é devida a contribuição voluntária, de um grupo de espíritas militantes, que mensalmente se cotizam para garantir as despesas com as duas edições mensaes. Marcamos o preço de dois mil reis para as assignaturas, mas esta quantia por exígua, longe esta de ser importancia razoavel para a manutenção de uma folha quinzenal.*<sup>22</sup>

Os recursos que obtiveram, oriundos da cotização do grupo de espíritas militantes que lhes auxiliaram nas atividades de imprensa, fizeram com que tivessem a confiança em ampliar a periodicidade do jornal. Certamente aumentaram sua tiragem para atenderem ao desejo de distribuição gratuita do periódico em larga escala, tentando alcançar espíritas e simpatizantes. No primeiro aniversário do jornal ressaltam que ele contava “com vida própria e independente de qualquer Centro que mantivesse a sua publicação”<sup>23</sup>, e também informam que os assinantes de *Humildade* receberiam *Tribuna Espírita*. Na mesma edição, pode-se ler o seguinte aviso de seu gerente:

Por permissão do prezado confrade Leopoldo Cirne digno presidente da Federação Espírita Brasileira, faremos bimensalmente naquella benemérita sociedade, distribuição do nosso jornal, nas primeiras sextas-feiras depois dos dias 1 e 15 de cada mez. A distribuição será feita após a sessão pública.<sup>24</sup>

Mantiveram o preço anterior de assinaturas, fazendo notar que ele seria insuficiente para a manutenção de um jornal quinzenal. No entanto, a despeito da pretensão de ser distribuído gratuitamente, não dispensaram os valores que poderiam receber com a assinatura, por modestos que fossem. E conseguem autorização para distribuí-lo até na FEB no final de suas reuniões públicas, duas vezes ao mês, o que amplificaria a visibilidade e alcance do periódico. Entretanto, a pretensão não resistiu às dificuldades e a partir de 15 de Outubro de

<sup>21</sup> “Caixa mantenedora”. *Humildade*. Rio de Janeiro, Junho de 1907, capa.

<sup>22</sup> “O nosso papel”. *Tribuna Espírita*. Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1907, capa. Grifos meus. O jornal *Tribuna Espírita* não estava vinculado a nenhum Centro Espírita. Funcionou na Rua Uruguaiana n.º 136, loja, no mesmo endereço onde funcionou *Humildade*. Era dirigido por Gustavo Macedo e financiado por um grupo de espíritas militantes. Tinha como gerente José Ferreira. Começou a circular em Julho de 1907. Na Biblioteca Nacional estão disponíveis exemplares até Julho de 1909.

<sup>23</sup> “Nosso aniversário”. *Tribuna Espírita*. Rio de Janeiro, 1º de Julho de 1908, capa.

<sup>24</sup> “O nosso papel”. *Tribuna Espírita*, op. cit..

1907, passam a vendê-lo por 100 reis. O idealismo dos espíritas conseguiu suportar o custo da distribuição gratuita de *Tribuna Espírita* por apenas três meses.

No primeiro número com o novo nome, em 15 de Julho de 1907, *Tribuna Espírita* apresenta-se ao público dizendo que “*não é exclusivista: é um jornal de combate e propaganda, visando principalmente o ataque a superstição, ao fanatismo religioso, ao dogma e ao clientelismo dissolvente*”<sup>25</sup>. A referência ao dogma sugere-nos que poderia estar referindo-se aos católicos porque hegemônicos na sociedade daquele momento. Suas práticas religiosas eram consideradas, pelos espíritas, como supersticiosas. Zeus Wantuil, escritor e pesquisador espírita, diz que este jornal foi dirigido Inácio Bittencourt durante “*algum tempo*”<sup>26</sup>, tendo, igualmente, presidido o Centro Espírita que se responsabilizou pelo início da publicação enquanto chamava-se *Humildade*. Ele também já deveria ter boas relações com os espíritas da FEB, uma vez que entre 1915 e 1916 fora seu vice-presidente desta instituição e pode ter sido um dos responsáveis pela distribuição do jornal na porta da federativa. No entanto, em 1º de Março de 1908, declaram, nas páginas de *Tribuna Espírita*, que o jornal era dirigido por Gustavo Macedo<sup>27</sup>, que teria “*temperamento nimiamente combativo*”<sup>28</sup> e, por causa disso, orientava o jornal de acordo com suas ideias. Posteriormente assumido por seu gerente José Ferreira, teve sua orientação modificada, “*não mais atacando directamente individualidades nem religiões, crente que, a que fôr verdadeira se imporá por si mesma*”<sup>29</sup>. A partir de 1º de Fevereiro de 1908, *Tribuna Espírita* passou a intitular-se “jornal de estudo e propaganda”, não mais “jornal de combate e propaganda”. Dessa forma, Inácio Bittencourt pode ter dirigido o jornal depois da passagem de José Ferreira, uma vez que também colaborou com artigos e recursos financeiros para a Caixa Mantenedora. Aqueles que combatem despertam inimizades e são, por sua vez, combatidos pelos que não se identificam com seus pontos de vista, ainda que participantes das mesmas entidades. A crítica que pudessem direcionar ao Catolicismo no período em que o jornal era de combate pode ter provocado desconforto em alguns espíritas que não concordassem com a prática, como também àqueles que, se dizendo espíritas ou apenas simpatizantes da Doutrina, ainda olhassem com veneração e simpatia pelas práticas da religião romana e que se

---

<sup>25</sup> “O nosso papel”. *Tribuna Espírita*, op. cit..

<sup>26</sup> Wantuil, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 385.

<sup>27</sup> No Blog “Aron, um espírita” consta que Gustavo Macedo publicou uma série de artigos em *Reformador*, da FEB, que foi iniciada em 15 de Abril de 1905 com o título “Profissão de Fé”. No primeiro artigo, sugere que foi católico, vestindo o hábito franciscano, antes de tornar-se espírita. Não consta a data final da publicação. MACEDO, Gustavo. “01/41 ‘Profissão de Fé’ por Gustavo Macedo”. Disponível em: <http://aron-um-espirita.blogspot.com.br/2010/12/profissao-de-fe.html> Último acesso em 26 de Fevereiro de 2014.

<sup>28</sup> “Nova Orientação”. *Tribuna Espírita*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1908, capa.

<sup>29</sup> Idem.

escandalizassem com as críticas feitas a ela. Deixando de posicionar-se de forma combativa, poderiam atrair esse segmento de simpatizantes, ainda que tivessem que deixar de lado a crítica a essa credo, ao compará-lo com o Espiritismo.

Em 5 de Junho de 1902, o jornal *A Fraternalização*, localizado em Todos os Santos, apresenta-se como resultado e expressão de “*um grupo de espíritas cultivadores da doutrina espírita no que ella tem de mais bello e grandioso pelo lado puramente religioso (...)*”<sup>30</sup>. No início de suas atividades lançaram sua estratégia editorial. “*Se ella for bem acolhida, a gratidão nos aconselhará a dar maior desenvolvimento a este periódico, tanto na tiragem quanto na composição: ella começa por apparecer mensalmente no dia cinco de cada mez com a humildade própria de quem só aspira o bem pelo bem (...)*”<sup>31</sup>. Fazem um experimento, para sentirem a acolhida do público que pretendiam alcançar. Contavam com adesões, na forma de ajuda financeira para o empreendimento, caso obtivessem o sucesso que esperavam. Mas a possibilidade do fracasso estava em pauta também. “*(...) se pelo contrario as azas da fé que nos faz erguer vôo tão arrojado, nos patentear a fraqueza de que ainda nos achamos possuídos e tombarmos de tão assombrosa altura, nem por isso se julgará enfraquecida a nossa fé (...)*”<sup>32</sup>. Curiosamente, os espíritas ligados a este projeto, de antemão, assumem que se o empreendimento fracassasse seria culpa deles, como que isentando o potencial público e a Doutrina Espírita por eventual desinteresse que o periódico viesse a ter.

O jornal tinha duplo objetivo:

*Empreendendo o conagraçamento da família espírita, infelizmente tão dividida, não nos inspirou esse tentamen o desejo de tutelar quem quer que seja. (...) crentes das verdades sublimes que ella contem trazidas diariamente pelos mensageiros de Deus, reconhecendo a necessidade de methodisar as normas dos diferentes grupos que d'ella parecem tratar no exercício dessa doutrina, sem unidade de harmonia de concepções e prática de seus deveres (...)*<sup>33</sup>.

Os espíritas organizados em torno desse jornal atribuem a desunião dos espíritas à pluralidade de metodologias aplicadas às suas reuniões. E, implícita a essa necessidade de

---

<sup>30</sup> “Mais uma vez”. *A Fraternalização*. Rio de Janeiro, 5 de Maio de 1902, capa. *A Fraternalização* é um jornal. Apresentado como órgão do Congresso Espírita Caridade e Instrução, não é possível esclarecer se esta entidade era um Centro Espírita ou um encontro de espíritas reunidos em um Congresso. Segundo Clóvis Ramos, pesquisador e escritor espírita, o jornal teria sido fundado por Ernesto Mattoso, que seria responsável, também, pela criação do Grupo Agostinho e da Associação Cáritas. Os espíritas que aderem a esta iniciativa de imprensa poderiam ser destes Centros. As correspondências para o jornal deveriam ser remetidas para ele, à Rua Amélia nº. 40, em Todos os Santos, endereço que poderia ser da redação do jornal, de sua residência ou de alguma instituição espírita. O jornal era impresso na Tipografia Besnard Frères, na Rua do Hospício nº. 138. O impresso de *A Fraternalização* estava em precário estado de conservação e parecia misturado com outras partes do próprio jornal. O único microfilmado é de Maio de 1902. No catálogo da Biblioteca Nacional consta até Agosto de 1902. RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil*, op. cit., p. 75.

<sup>31</sup> “Mais uma vez”. *A Fraternalização*, op. cit..

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Idem. Grifos meus.

organização, reconheciam que ela poderia “enxugar” práticas que não tivessem relação com a concepção de Espiritismo que agasalhavam, uma vez que se refere a Centros que, segundo eles, parecem tratar da doutrina. O fato de ser gratuito, certamente, tem relação com seu objetivo, já que poderia facilitar o acesso às instituições e aos espíritas, a fim de que estes, padronizando seus trabalhos, se reconhecessem pelas semelhanças e, por consequência, houvesse maior unidade doutrinária entre todos.

Dentre os órgãos vinculados à Centros Espíritas, as pretensões de *O Sidereo* são mais modestas que as de *A Verdade*, *Humildade*, *A Fraternalização* e *Novo Horizonte*, uma vez que propunha-se a circular, apenas, entre os sócios do Centro Espírita José de Abreu, que o mantinha, além de ser o único que não tinha assinantes. *A Verdade*, do Centro Espírita Bezerra de Menezes, seria, a princípio, aquele com maior tiragem, uma vez que declaravam possuir 5.000 assinantes. Nos outros três, não foi possível encontrar informações que dessem conta da tiragem ou do número de assinantes.

Dos cinco periódicos mantidos por Centros Espíritas, dois modificam a orientação que imprimiam às suas atividades. *A Verdade* declara que deixou de ser um órgão noticioso e crítico literário para tornar-se revista espírita. Que tipo de noticiário deveria trazer antes? O institucional ou do movimento espírita da época? Ou se preocuparia com o noticiário geral que pudesse ter alguma relação com a Doutrina Espírita? A crítica literária poderia não restringir-se, especificamente, às obras espíritas, tratando, mesmo, das que, sem serem espíritas, pudessem contribuir com informações e esclarecimentos para estes<sup>34</sup>. *Humildade* começa com objetivos menos audaciosos. Inicialmente apenas como “órgão de propaganda” vinculado a um Centro Espírita e com tiragem mensal. Após o êxito dos apelos dirigidos aos leitores em busca de doadores para financiarem suas atividades, transforma-se em *Tribuna Espírita* e passa a circular duas vezes ao mês, com tiragem ampliada, além de atuar como “órgão de combate e propaganda”, de Julho de 1907 a Fevereiro de 1908, tornando-se, depois, “jornal de estudo e propaganda”.

No acervo de periódicos da Biblioteca Nacional, foi possível encontrar *Aurora*, um jornal espírita que se apresentava como órgão oficial de cinco instituições espíritas. Teria sido fundado em Valença. Como se trata do órgão oficial de um Centro Espírita da região, isso é

---

<sup>34</sup> Esse momento anterior de *A Verdade* não pode ser acessado na Biblioteca Nacional uma vez que os números disponíveis no acervo vão de Julho de 1922 até Agosto de 1924, sendo que a publicação teria começado em 1918.



bem provável<sup>35</sup>. Na edição de 1º de Maio de 1920 lemos que “*com o presente número, inicia o nosso modesto orgam de propaganda, o seu oitavo anno de existência no convívio da imprensa Espírita (...)*”<sup>36</sup>. *Aurora* autodefine a atuação de espíritas na produção de jornais e revistas como “*imprensa espírita*”. Ao referir-se ao jornal que dirigia, no aniversário de 1932, Inácio Bittencourt diz que

*estapartícula mínima da propaganda Espírita, dirigida embora por um ignorante, um iletrado, desconhecedor das sutilezas da Imprensa, e dos conhecimentos que a moderna intelectualidade exige para todos quantos ao seu meio ingressam, não foram obstáculos insuperáveis para a nossa ação nesse meio, nem pedras de escândalo para a Doutrina que ela representa. Como explicarão os profanos este mistério?*<sup>37</sup>

Apesar das limitações que reconhece ter pela falta de instrução, bem como pelo desconhecimento das peculiaridades da imprensa, tanto de sua organização material quanto de sua produção intelectual, o barbeiro Inácio Bittencourt atira-se à tarefa. Não deve ter sido diferente com alguns daqueles que se envolveram na produção de periódicos para seus Centros Espíritas. No entanto, apesar dos eventuais problemas que essas limitações coloquem, rememora as chamas do Pentecostes<sup>38</sup> que alcançaram os apóstolos de Jesus para dizer que o Cristo procurava os servos mais humildes para sua tarefa. Teria sido uma

(...) pequenina sentelha desse divino fogo que iluminou nosso batél, permitindo o Senhor haver atingido á etapa da sua maioridade que hoje se inicia. Sirva o fato de lição aos orgulhosos e de estímulo aos humildes. Foi no terreno dessa humildade que AURORA implantou o seu modo de proceder, agindo sempre nesse terreno, e não se arrependeu até hoje.<sup>39</sup>

---

<sup>35</sup> WEGUELIN, João Marcos. *Inácio Bittencourt, o apóstolo da caridade*. Disponível em: [http://bvespirita.com/In%C3%A1cio%20Bittencourt%20-%20O%20Ap%C3%B3stolo%20da%20Caridade%20\(CELD\).pdf](http://bvespirita.com/In%C3%A1cio%20Bittencourt%20-%20O%20Ap%C3%B3stolo%20da%20Caridade%20(CELD).pdf) Último acesso em 29 de Novembro de 2013.

<sup>36</sup> “Aniversário”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1920, capa. *Aurora* era um jornal que representava, até Setembro de 1920, cinco instituições espíritas: o Círculo Espírita Cáritas, o Centro Espírita de Valença, a União Espírita Suburbana, a Associação Espírita Beneficente e Instructiva de Cachoeiro do Itapemirim e a Federação Espírita do Estado do Rio. Sob a responsabilidade de Inácio Bittencourt, sua redação funcionava na Rua Voluntários da Pátria n.º 18, em Botafogo. O jornal começou a circular em 1912. Em Maio de 1949, encontro a última referência a respeito dele numa carta do médium mineiro Francisco Cândido Xavier à Antonio Wantuil de Freitas, então presidente da FEB, que comento no capítulo 3. Clóvis Ramos diz que depois da morte de Inácio Bittencourt, que ocorrera em Fevereiro de 1943, o jornal *Aurora* foi dirigido pelo advogado Henrique Andrade, fundador do jornal *Mundo Espírita*. Em 20 de Janeiro de 1948, num relatório dele aos acionistas da Gráfica Mundo Espírita S. A. publicado no *Diário Oficial*, lemos que nela imprimiam-se a própria *Revista Espírita do Brasil*, além de *Mundo Espírita* e *Aurora*. Sobre a direção de Henrique Andrade ver: RAMOS, Clóvis. *A Imprensa Espírita no Brasil*, op. cit., P. 25. Falaremos do jornal *Mundo Espírita* mais adiante e da Gráfica Mundo Espírita S. A. no capítulo 3. Sobre a impressão de *Aurora* na Gráfica Mundo Espírita S. A. ver: “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Relatório”. *Diário Oficial da União*, 23 de Janeiro de 1948, Seção 1, p. 1069. Na Biblioteca Nacional, a coleção de *Aurora* vai de Janeiro de 1919 até Dezembro de 1932.

<sup>37</sup> BITTENCOURT, Inácio. “Mais um ano!” *Aurora*. Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1932, capa. Grifos meus.

<sup>38</sup> “Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e se encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem”. Atos dos Apóstolos, 2, 1-4. BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 1391.

<sup>39</sup> BITTENCOURT, Inácio. “Mais um ano!” *Aurora*, op. cit..

Secundado pelos bons espíritos, que o teriam inspirado, Inácio Bittencourt afirma que fez seu jornal completar mais um ano de vida. Sinaliza uma crítica aos que considerava orgulhosos, provavelmente àqueles que se acreditavam mais preparados do que ele para a tarefa da imprensa espírita. Em 1919, *Aurora* funcionava na Rua Voluntário da Pátria n.º. 18, em Botafogo. Uma reportagem do *Correio da Manhã*, feita dois anos depois, aponta que no endereço eram realizadas outras atividades. A entrevista tratou da multa que Inácio Bittencourt recebeu do Departamento Nacional de Saúde Pública pelo exercício da “mediunidade receitista”<sup>40</sup>. Segundo o repórter

Durante muito tempo conversei conosco, sentado em frente a sua secretária, no gabinete de trabalho da casa que habita, à rua Voluntários da Pátria, n. 18. É naquele edifício que funciona o Círculo Espírita “Cárita”, associação de caridade, como indica o seu nome, fundado pelo nosso entrevistado.<sup>41</sup>

Assim, no mesmo endereço, funcionavam o Centro Espírita que fundara e possivelmente presidia, a redação do jornal e a sua residência. Vimos que *A Verdade* e *O Sidereo* também funcionavam em suas sedes e que a Cabana de Lysis funcionava na residência de Barros Fournier. Não era incomum que residências servissem ao funcionamento de Centros Espíritas, já que os núcleos familiares foram importantes para a propagação do Espiritismo no país<sup>42</sup>. Seria razoável supor, então, que outros periódicos espíritas pudessem ter sua redação na residência de seus redatores, muitas vezes fundadores de Centros Espíritas. É provável que Inácio Bittencourt fizesse seu jornal sozinho. *Aurora*, que representou instituições de lugares diferentes e distantes mesmo, a partir de 3 de Outubro de 1920, apresenta-se apenas como “*Orgam doutrinário de propaganda espírita*”<sup>43</sup>. Na edição de 1º de Maio de 1919, consta que, “*nascido em uma pequena cidade do interior, a lei da necessidade obrigou a sua transferência para o seio desta grande capital (...)*”<sup>44</sup>, o que pode ter acontecido em função da dificuldade na captação de recursos para manter o periódico no interior do Estado do Rio de Janeiro.

Pude notar que *Aurora* aumentou, significativamente, sua tiragem. Alcindo Terra, falando sobre a União Espírita Suburbana em Fevereiro de 1928, ao referir-se às atividades de

---

<sup>40</sup> “*Médiuns receitistas: têm a especialidade de servirem mais facilmente de interpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. Importa não os confundir com os médiuns curadores, visto que absolutamente não fazem mais do que transmitir o pensamento do Espírito, sem exercerem por si mesmos influência alguma. Muito comuns*”. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 239.

<sup>41</sup> “A ciência oficial e o espiritismo. “A primeira, que póde até matar, veda ao segundo curar”. Uma entrevista com o “médium” perseguido, Inácio Bittencourt”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de Março de 1921, p. 3. Grifos meus.

<sup>42</sup> DAMÁZIO, Sylvia. *Da Elite ao povo*, op. cit., p. 152.

<sup>43</sup> *Aurora*. Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1920, capa.

<sup>44</sup> “Aniversario”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1919, capa.

Inácio Bittencourt nas páginas de *Aurora*, diz que este periódico era “o quinzenário espírita de maior tiragem em toda essa vastidão sul-americana”<sup>45</sup>.

#### Tiragem de *Aurora*: 1919 a 1928

Período	Tiragem
Janeiro de 1919	4.000
Outubro de 1919	5.000
Fevereiro de 1920	10.000
Janeiro de 1921	20.000
Janeiro de 1928	40.000

Fonte: *Aurora* (1919 – 1928).

Num período de menos de dois anos – de Outubro de 1919 a Janeiro de 1921 – *Aurora* quadruplica sua tiragem. Sete anos depois dobra o número de exemplares impressos. Em cinco anos, de 1928 a 1933, o jornal estabilizara sua tiragem. No início de 1928, era impresso na tipografia do jornal *A Noite* e em Setembro do mesmo ano passa a ser feito nas Oficinas de Obras de *O Globo*. Pode ser que oficinas menores não suportassem a demanda de *Aurora*. Infelizmente, não foi possível acompanhar o crescimento de sua tiragem e do número de páginas após 1933 porque a coleção de exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional não cobre esse período.

*Aurora*, de Inácio Bittencourt, pretendia alcançar um público que não seria habituado a grandes voos filosóficos. Entendia que

*ao modesto e inculto operário não se lhe póde ofertar problemas de alta philosophia que elle não comprehende, mas se lhe deve facultar moral, clara e simples que elle possa assimilar: eis o desejo que nos anima, o nosso fim a colimar. Tel-o-emos conseguido? Que responda por nos os nossos leitores, que respondam por nós quantos, de toda a parte nos solicitam assignaturas, que responda por nós a tiragem sempre em aumento.*<sup>46</sup>

Assim, na opinião do responsável pelo jornal espírita que teria alcançado maior tiragem, deveriam existir periódicos espíritas que aprofundassem mais as questões filosóficas e que, ao fazê-lo, não contemplariam as pessoas mais simples, que não tiveram acesso à educação de qualidade o que, certamente, seria o caso da maior parte da população e também dos leitores que *Aurora* pretendia atingir. Para estes, seria necessário recorrer à linguagem

---

<sup>45</sup> TERRA, Alcindo. “Uma página de saudade”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 1º de Fevereiro de 1928, p. 2. Não localizei informações sobre o autor. Em 1919, de acordo com Zeus Wantuil, Inácio Bittencourt teria presidido a União Espírita Suburbana. Este Centro, que ao que parece localizava-se no Méier, possuía um órgão mensal chamado *A Revelação*. Encontrei-o no catálogo de periódicos raros da Biblioteca Nacional em cinco fascículos, de 15 de Agosto até 15 de Dezembro de 1917. Ainda segundo este catálogo, teria como Diretor Manoel Fernandes Figueira, que fora um dos fundadores da FEB, como Secretário Antonio Lima, que teria sido um dos tradutores dos livros de Kardec publicados também pela FEB e José de Almeida Fortuna como Gerente. A Redação funcionara na Rua Dias da Cruz nº. 177, no Méier. Infelizmente o periódico não estava disponível para consultas. WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 385. Sobre Manoel Fernandes Figueira, ver: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro: FEB, 1912, p. 8. Sobre Antonio Lima, ver: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Antonio Lima*. Disponível em: <http://www.febeditora.com.br/blog/sobre-autores/antonio-lima> Último acesso em 4 de Setembro de 2013.

<sup>46</sup> “Anniversario”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1920, capa.

simples e ideias morais fundamentalmente claras. Atribui também a isso a razão do sucesso do jornal, uma vez que dirigir-se aos mais simples estaria atraindo mais leitores. Para *Aurora*, “a grande ciência do Espiritismo não se encontra na demonstração dos fatos, mas no conhecimento e prática das verdades”<sup>47</sup>, sinalizando que relatos de fatos espíritas não seria o bastante, sendo necessário um conhecimento que fosse operacional para a prática cotidiana, o que poderia ser alcançado pela “moral clara e simples” que as gentes pudessem compreender. Essa preocupação em falar para os leitores menos instruídos, disseminando aí o Espiritismo, não era nova e se fez manifesta no jornal *Tribuna Espírita* uma década antes. “Elle destina-se a vulgarização da nossa doutrina pelas classes populares, tendo em vista sempre o ensino moral e religioso de accôrdo com os ensinamentos dados pelo nosso amado mestre Allan Kardec”<sup>48</sup>. Em cinco anos – entre esta publicação de *Tribuna Espírita* e o início de *Aurora* –, o Espiritismo, na concepção do responsável por *Aurora*, não penetrara, como desejava, o seio das classes populares, fazendo-se necessária nova carga de esforços. Ao colocar-se com esta tarefa, busca um público que, no seu ponto de vista, não teria sido acolhido pelas outras publicações do gênero.

*Aurora*, também, buscava colocar-se com autonomia no cenário espírita, isso apesar de seu responsável ter sido diretor da FEB. “Com o caráter de independência que nos caracteriza não aspiramos o agradar a estes ou aqueles, mas a dizer o que sentimos, a dirigirmo-nos como a nossa capacidade e compreensão imagina que está certo”<sup>49</sup>. Não é casual que Inácio Bittencourt tenha centrado esforços em seu periódico, ao invés do *Reformador*, órgão oficial da entidade federativa da qual foi diretor. Ao sentir a necessidade de expressar-se, doutrinariamente, de acordo com o seu entendimento do Espiritismo, o que incluía dirigir-se aos mais simples, não se sentiu representado pela revista mensal da FEB, criando, assim, seu próprio canal de comunicação através do qual pudessem convergir outros espíritas que lhe compartilhassem a opinião. Não se assume como a voz autorizada da doutrina e não define sua produção como “a opinião da Doutrina Espírita”, mas sim como a que sua capacidade e entendimento do assunto podem oferecer. Devia sofrer críticas “desses ou daqueles”, aos quais não pretendia agradar. De que natureza seriam essas críticas? Pode ter sido acusado de simplório, por exemplo, por espíritas “mais cultos”, já que Zeus Wantuil,

---

<sup>47</sup> “Mais um ano!” *Aurora*, op. cit..

<sup>48</sup> “O nosso papel”. *Tribuna Espírita*, op. cit..

<sup>49</sup> “Aniversário”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1919, capa.

biógrafo de espíritas da FEB, avaliou em 1969, cinquenta anos depois, que ele escrevia com simplicidade<sup>50</sup>.

Dos periódicos espíritas analisados, *Aurora* é o que conseguiu imprimir e distribuir maior tiragem. Acredito que o vocabulário mais simples dos artigos, expressando o desejo de atingir um público alvo menos instruído, além de centrar-se em questões morais, possa ter contribuído para o sucesso do jornal. O crescimento do jornal certamente está relacionado também ao fato de ter se tornado conhecido em diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro (Centro Espírita Cáritas, de Botafogo e União Espírita Suburbana, do Méier), no interior do Estado (Centro Espírita de Valença e a Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, de Niterói) e no Estado do Espírito Santo (Associação Espírita Beneficente e Instructiva de Cachoeiro do Itapemirim)<sup>51</sup>.

## 1.2 – Em busca da “coesão espírita” por meio da imprensa

As entidades espíritas de natureza federativa também possuíam seus periódicos. Em Janeiro de 1883, o fotógrafo Augusto Elias da Silva idealiza e funda *Reformador* com recursos pessoais e “*situando a redação e oficinas em seu atelier fotográfico à então rua da Carioca n.º. 120 (ex-São Francisco de Assis), segundo andar (...) onde também residia com sua família*”<sup>52</sup>. Em 1906 o jornal *União Espírita*, referindo-se ao fundador do periódico, diz que ele “*creou o Renovador, que foi, após alguns números, substituído pelo Reformador (...)*”<sup>53</sup>. Depois que a edição vinha da tipografia, “*era dobrada e subscrita pelo nosso rememorado irmão e pessoas de sua família*”<sup>54</sup>. Ou seja, *Reformador* era produzido na casa do seu fundador, que contava com seus familiares para ajudá-lo na tarefa<sup>55</sup>.

Os responsáveis pela publicação do jornal *União Espírita* talvez estivessem enganados quanto ao fato de Augusto Elias da Silva ter criado *O Renovador*. Entretanto, algumas pistas parecem indicar que ele mantinha alguma relação com o jornal. Por exemplo, em uma

---

<sup>50</sup> WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 385. A primeira edição desta obra é de 1969.

<sup>51</sup> INSTITUTO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES. *Histórico*. Disponível em: <http://iebm.org.br/?pg=historico> Último acesso em 31 de Maio de 2014.

<sup>52</sup> WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 174. *Reformador*, revista da FEB, é de responsabilidade de seu presidente, que nomeia o redator. Criado em 1883, circula até hoje.

<sup>53</sup> “Gratidão”. *União Espírita*. Rio de Janeiro, 3 de Fevereiro de 1906, capa.

<sup>54</sup> *Idem*.

<sup>55</sup> Foi a única referência que encontrei quanto a um possível outro nome, anterior a *Reformador*, do periódico que posteriormente seria órgão da FEB. Apenas o primeiro exemplar do jornal *O Renovador*, de 28 de Agosto de 1882, está disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Um de seus responsáveis seria Sá Lúz, de quem não obtive informações. O jornal possuía quatro páginas e era impresso na Typ. Cosmopolita de A. G. do Valle, situada na Rua Senhor dos Passos n.º. 40, no Centro. Não deixam clara a periodicidade da publicação. “*O Renovador, em quatro palavras, quer – o Bem da Pátria, a felicidade das Nações, a tranquilidade dos Povos e o amor reinando na Terra*”. “O Renovador”. *O Renovador*. Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1882, capa.

declaração publicada no *Reformador* de 1º de Março de 1883, Sá Lúz, assinando pela Redação do jornal *O Renovador*, comunica aos seus assinantes

que tendo aparecido na arena jornalística o *Reformador* e devendo convergir todas as forças para este jornal *fica suspensa a publicação daquelle órgão*, e rogamos aos que pagaram adiantadamente um semestre o favor de nos comunicar se querem ser reembolsados *ou que lhes seja enviado em substituição este novo propagandista*.<sup>56</sup>

Os assinantes deveriam remeter a resposta para a redação do *Reformador*. Dessa forma, os responsáveis pela publicação de *O Renovador* cerram fileiras em torno do jornal recém-criado por Augusto Elias da Silva, com o qual se identificaram a ponto de suspender as atividades do periódico que mantinham, muito provavelmente por enxergarem nele maiores possibilidades de sobrevivência em razão da maior disponibilidade de recursos – *Reformador* contava com anunciantes em sua última página, o que não havia em *O Renovador* –, bem como por identidade de visão doutrinária.

*Reformador*, enquanto esteve sob a responsabilidade de Augusto Elias da Silva, reservou um espaço chamado “Secção Eclectica” em suas páginas para artigos de “*corporações scientificas, philosophicas e litterarias, ás quaes se remetterá gratuitamente este jornal se communicarem que desejam possuil-o e colecional-o*”<sup>57</sup>. Os autores que enviassem textos à redação do periódico poderiam ser dispensados do valor cobrado para publicação, caso fossem reconhecidos, pelo *Reformador*, como de interesse geral. Circulando por estes ambientes, o periódico poderia despertar o interesse de novos leitores, o que teria chances de converter em novas assinaturas. Somem-se a isso as potenciais receitas que obteria pela cobrança de publicação de artigos cujo preço era calculado em torno de \$100 por linha. Além disso, Augusto Elias da Silva reservava a seção “Spiritismo” para “*as Sociedades e Grupos Spiritas que funccionam no Brasil, nas mesmas condicções da offerta feita ás outras corporações*”<sup>58</sup>. Desta forma, os espíritas do país que soubessem de sua existência e tivessem acesso ao periódico teriam espaço em suas páginas, remunerado ou não, para publicar seus artigos. Entretanto, ambas as seções não foram muito utilizadas pelos adeptos do Espiritismo ou pelas corporações<sup>59</sup>.

De acordo com Zeus Wantuil, em 23 de Dezembro de 1883, Augusto Elias da Silva, reunido em sua casa com seus colaboradores mais diretos, manifestaram o desejo de fundar

<sup>56</sup> “Declarações. Renovador”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1883, p. 4. Grifos meus.

<sup>57</sup> A REDACÇÃO. “Secção Eclectica”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1883, p. 3.

<sup>58</sup> A REDACÇÃO. “Spiritismo”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Fevereiro de 1883, p. 2.

<sup>59</sup> As “Secção Eclectica” e “Spiritismo” contaram com poucos artigos. A primeira publicou a respeito da transformação da ortografia, sobre debates doutrinários realizados com católicos e reflexões filosóficas. Por fim, pela segunda quinzena de Maio de 1883, passou a publicar trechos do livro “O que é o Espiritismo”, de Allan Kardec, o que já vinha sendo feito em outro espaço do periódico. A segunda seção aparece apenas duas vezes em 1883.

uma instituição espírita. O *Reformador* de 1º de Janeiro de 1884 teria anunciado que se achava em vias de organização a Federação Espírita Brasileira. No dia seguinte, teriam eleito a primeira diretoria da nova instituição, onde ele figura como tesoureiro. Uma semana depois, “*consignando-se em ata, por proposta de F. A. Xavier, um voto de agradecimento ao proprietário do “Reformador”, pela cessão desse periódico à Federação Espírita Brasileira (...)*”<sup>60</sup>. Os leitores de *Reformador* tomariam ciência do feito em 15 de Janeiro de 1884:

“Apresentando-se hoje uma Sociedade bem constituída, à frente do movimento propagador das sublimes doutrinas do Cristianismo verdadeiro, *entendemos do nosso dever entregar a direção da redação do “Reformador” a esses vigorosos trabalhadores que, dispendo de vastos recursos intelectuais e materiais, são um penhor de prosperidade para o modesto órgão que tão imperfeitamente temos dirigido.*”<sup>61</sup>.

O periódico que começara com recursos próprios de seu fundador, com o apoio de sua família em sua elaboração, é cedido à nascente FEB, que contava com maior número de pessoas e, por consequência, maior quantidade de recurso materiais para tocarem o empreendimento. “*Durante vinte anos, até dezembro de 1902, foi impresso na feição de jornal*”<sup>62</sup>. A partir de 1903, passa ao formato de revista e torna-se mensal no ano de 1938. Sua tiragem inicial era de 400 exemplares, sendo que destes, 100 eram remetidos a Lisboa, Portugal<sup>63</sup>. A mesma tiragem de *O Sidereo*, do Centro Espírita José de Abreu.

O *Reformador*, de acordo com a FEB, seria o mais antigo periódico espírita da imprensa brasileira em circulação presentemente, e isso de forma ininterrupta<sup>64</sup>. Em todo o mundo, tratar-se-ia do quinto mais antigo. No entanto, segundo o pesquisador Mauro Quintella, *Reformador* deixou de circular no último trimestre de 1893, em função de dificuldades internas (desuniões entre os espíritas, ao que parece) e externas (perseguições sofridas já em função da criminalização do Espiritismo pelo Código Penal de 1890)<sup>65</sup>. No livro publicado por sua diretoria em 1912, consta que o ambiente político durante o governo de Marechal Floriano seria agitado e carregado de ameaças, o que teria “contaminado” a própria FEB. O número de frequentadores reduziu-se, o que atribuem à diminuição pelo gosto dos estudos da Doutrina Espírita. Os estados de ânimo teriam se agitado ainda mais com a revolta na Marinha e os próprios espíritas estariam divididos pelas opiniões políticas em

<sup>60</sup> WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 180.

<sup>61</sup> SILVA, Augusto Elias. *Reformador*. Rio de Janeiro, 15 de Janeiro de 1884. Citado por Wantuil, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 180. Grifos meus.

<sup>62</sup> “Carimbo do Centenário”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1983, p. 29.

<sup>63</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira*, op. cit., p. 9 e 10.

<sup>64</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Revista Reformador*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/revista-reformador/> Último acesso em 29 de Agosto de 2013.

<sup>65</sup> QUINTELLA, Mauro. “As primeiras casas federativas”. In: *História do Espiritismo no Brasil*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/180103376/Mauro-Quintella-Historia-do-Espiritismo-no-Brasil> Último acesso em 30 de Novembro de 2013.

disputa naquele momento. “Foi então completa a deserção, de nada valendo a assiduidade de um ou dois directores que, unicamente por dever, conservavam abertas a séde e alli compareciam, mas nem sequer logravam a publicação do órgão, suspenso enquanto a borrasca não passou” <sup>66</sup>. A longevidade do periódico, sobrevivendo às dificuldades de manutenção e aos desafios à própria sobrevivência institucional da federativa, sugere aos atuais espíritas da FEB, num reordenamento da memória institucional, que a publicação sempre foi robusta e que ela não viveu momentos difíceis, o que não corresponde à pesquisa realizada.

### **Tiragem e distribuição do *Reformador* entre 1902 e 1950**

Mês/Ano	Tiragem	Assinantes	Gratuitos p/ Instituições espíritas	Bibliotecas, livrarias e redações	Sócios	Coleções
Até 1902	400	-	-	-	-	-
7/1933 6/1934	a -	1.643	5.000 no período (sem especificar para quem)	-	-	-
7/1934 6/1935	a 5.000	1.182	949	255	1.020	-
7/1935 6/1936	a 6.000	2.515	1.229	304	1.421	531
7/1938 6/1939	a 10.000	2.597	2.510	2.238	1.800	610
6/1945 7/1946	a 10.000	-	-	-	-	-
6/1949 7/1950	a 20.000	-	-	-	-	-

Fontes: “Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira” (1912), Relatório do gerente do *Reformador* (1934) e Relatórios da presidência da FEB (1936, 1939, 1946 e 1950).

*Reformador* se aproxima, aqui, daqueles periódicos de distribuição gratuita, quais sejam, *O Sidereo*, *A Fraternalização* e *Humildade/Tribuna Espírita*, sendo que tem mais semelhanças com este último que, mesmo gratuito, contaria com assinantes para subsidiar parcialmente sua elaboração. Assim, a maior parte das revistas da FEB era distribuída gratuitamente. Não se tratava de um erro de estratégia, pelo contrário, parecia ser um dos objetivos mesmo. Em Agosto de 1948, podemos ler no Relatório de atividades da FEB:

Se cada sócio se compromettesse a arranjar um ou mais assinantes para o nosso órgão, em pouco teríamos os recursos que nos possibilitariam a remessa gratuita da revista a maior número de pessoas, *preferentemente àquelas que ainda se encontram distanciadas dos princípios básicos da Doutrina.* <sup>67</sup>

<sup>66</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira*, op. cit., p. 13 e 14.

<sup>67</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1948, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e matéria, durante o ano social de 1 de Julho de 1947 a 30 de Junho de 1948”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1948, p. 194. Grifos meus.



Os responsáveis pelo *Reformador* desejavam fazer com que os pagamentos obtidos através dos assinantes bancassem a distribuição gratuita. A distribuição a bibliotecas, livrarias, redações objetivava alcançar aqueles que não eram espíritas com um duplo fim: divulgavam a Doutrina e o trabalho da FEB, com isso, captando associados. E o direcionamento às redações visava a reprodução de algum artigo da revista num periódico de maior circulação, potencializando sua visibilidade junto ao público leitor. Nota-se que no final da década de 1930 o investimento que a FEB fez para alcançar estes espaços públicos de leitura (bibliotecas e periódicos) se dá num momento onde os espíritas estão sendo assediados pela Polícia. Para Guillon Ribeiro, presidente da federativa, a ordem da Comissão Executiva do Estado de Guerra para o fechamento da FEB e dos demais Centros Espíritas da capital em Outubro de 1937 indicava que “o verdadeiro alvo era o Espiritismo”<sup>68</sup>. O mesmo período apresenta, também, expressivo aumento na distribuição do periódico para instituições espíritas. Quanto a isso, visava atrair Centros Espíritas para sua esfera de influência e oferecer seus préstimos quando estes fossem colocados em dificuldades. Não por acaso, em Outubro de 1938 a FEB noticia, pelo *Reformador*, a reorganização de sua Assistência Judiciária, destinada àqueles que, “carentes de meios materiais, solicitam da Federação que lhes sustente os direitos ou defenda a liberdade”<sup>69</sup>.

*Reformador* contava com agentes para sua distribuição em diversas regiões do país. Em 1923, os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Bahia possuíam representantes de *Reformador* em mais de dez cidades. Maranhão, Pernambuco, Espírito Santo, Mato Grosso tinham cinco ou mais. Amazonas, Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Paraná e Goiás contavam um ou dois<sup>70</sup>. Nestas regiões, com exceção de Goiás, Piauí e Amazonas, havia instituições filiadas a FEB em Janeiro de 1929<sup>71</sup>. Provavelmente, os representantes da revista seriam espíritas radicados nestas regiões.

---

<sup>68</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado, pelo seu presidente, à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1938, sobre os trabalhos da instituição e as contas da sua administração, durante o ano social de 1º de Julho de 1937 a 30 de Junho do ano seguinte”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Setembro de 1938, p. 298. A FEB foi fechada na noite de 27 de Outubro de 1937, sendo reaberta menos de 72 horas depois. Três dias depois, vários jornais da capital noticiaram a suspensão das atividades dos Centros Espíritas, com exceção da FEB e outras três ligadas a ela. “Em defesa da ordem”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1937, p. 4.

<sup>69</sup> “Assistência Judiciária da Federação”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Outubro de 1938, p. 345.

<sup>70</sup> “‘Reformador’: relação das localidades em que temos Agentes”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1923. Não foi possível precisar a página e o mês da publicação porque o volume de 1923, disponível na Biblioteca Nacional, traz os anúncios na parte final e sem numeração de página.

<sup>71</sup> “Relação das Sociedades directamente adhesas á Federação Espírita Brasileira até esta data”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Janeiro de 1929, p. 35.

O número de assinantes era sujeito a grandes flutuações. No período de um ano – 1933/1934 para 1934/1935 – há uma queda brusca, enquanto que no período seguinte – 1935/1936 – a quantidade de assinantes aumenta mais que o dobro do período anterior. No entanto, não era um número elevado, considerando-se a projeção social que a FEB já dispunha, no momento, bem como pela quantidade de representantes em outras regiões do país. Era um número modesto mesmo a nível regional (Distrito Federal). *Reformador* ficaria atrás de *A Verdade*, revista de um Centro Espírita que contaria com 5.000 assinantes, bem como de *Aurora* que como não era vendida avulso, deveria contar com aproximadamente 40.000 assinantes, número que apresentava como de sua tiragem.

Quanto à direção e redação de *Reformador*, o Estatuto de 1917, no seu artigo 55, define como competência do presidente:

§ 1º. O Presidente escolherá um redactor-secretário e poderá nomear um redactor-chefe, quando não possa se dedicar ao mister da redacção e auxiliares de redacção que julgar precisos.

§ 2º. O redactor-secretário terá a seu cargo, além das secções que o agradem, o exame dos escriptos a publicar e a sua distribuição, ouvindo previamente o Director, quando necessário, e *velando para que seja mantida no organ official a orientação doutrinaria da sociedade.*<sup>72</sup>

O redator-secretário zelaria, então, pela orientação doutrinária da FEB nas páginas de *Reformador*. Em 1925, a gerência do periódico já consta como cargo diretoria da FEB, cujas atividades não eram remuneradas. Ao gerente caberia cuidar das finanças da revista, de sua venda e expedição aos assinantes dentro do prazo, além da prestação de contas anual, apontando sugestões que considerasse necessárias para o bom funcionamento da publicação. Deveria, também, apresentar anualmente a demonstração de receitas e despesas da revista, “acompanhada dos esclarecimentos que julgue convenientes e da indicação das providências que entenda necessárias”<sup>73</sup>. O agora diretor-gerente poderia nomear, “com aprovação da Directoria, que também lhe marcará os respectivos vencimentos, um ou mais empregados remunerados, que ficarão imediatamente subordinados ao mesmo diretor”<sup>74</sup>. As atividades dos funcionários remunerados estariam a cargo do gerente da revista, que os utilizaria para auxiliarem-no em suas responsabilidades. Anteriormente, suas responsabilidades estavam confiadas ao Administrador da Livraria e oficinas<sup>75</sup>. Assim, o gerente de *Reformador* ficaria com as questões de trato material, burocráticas, enquanto que o presidente da FEB se

---

<sup>72</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1917, art. 55, parágrafos. 1 e 2, p. 24 e 25.

<sup>73</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1925, art. 47, parágrafos. 1 a 4, p. 22.

<sup>74</sup> Idem, art. 57, p. 23.

<sup>75</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1917, art. 48, parágrafo. 4, p. 23.

responsabilizaria pelos conteúdos da publicação. Até 1999, a direção de *Reformador* ainda faz parte das atribuições do presidente<sup>76</sup>.

Em 1º de Setembro de 1929, encontramos um apelo da gerência da revista aos leitores, a fim de que estes ajudem no aumento da circulação dela, “*angariando-lhe, quando nada, um assignante novo, e tereis juntado a essa obra grandiosa o vosso esforço eficiente e proporcionando ao vosso próprio Espírito as maiores e melhores alegrias íntimas, as que nos traz a prática do bem, pela disseminação da verdade (...)*”<sup>77</sup>. O gerente da revista, J. Vaz de Carvalho, em Relatório de 1931, reconhece suas limitações para a condução do empreendimento. Segundo ele,

*Para elevar a circulação do nosso jornal ao nível desejado por todos nós (...) deveria ter à sua frente, desempenhando o mistér a mim confiado, um irmão conhecedor de todo o seu manejo, perfeito no “metier” e com illustração bastante. A visita por esse irmão, aos Centros, onde se prega o Evangelho, organisando palestras e conferências, seria muito mais útil e de grande proveito á divulgação do “Reformador”, despertando o interesse, até agora, um tanto adormecido, e a necessidade imprescindível de augmentar a sua tiragem, para melhor cumprirmos o nosso dever de propagandistas e divulgadores dos ensinamentos da Nova Revelação.*<sup>78</sup>

Na opinião do então gerente, seria importante para a divulgação da revista que travassem contato, mais direto, com as instituições espíritas através de visitas a elas, o que demonstra que a revista não era conhecida por todos os espíritas. A visita funcionaria como uma espécie de “apresentação” do periódico, ocasião que poderia ser revestida de alguma solenidade, pela organização do evento que propôs, onde possivelmente o visitante seria o palestrante/conferencista. Reconheciam que a circulação da revista estava além do que consideravam o ideal. O aumento do interesse nela subsidiaria o aumento da tiragem. J. Vaz de Carvalho, à semelhança de Inácio Bittencourt, não se reconhece capacitado para a tarefa que tinha em mãos. Modéstia ou autojustificativa para os problemas que não conseguiam solucionar em suas publicações?

As mudanças de cargos na direção do *Reformador* nem sempre foram harmoniosas. Em 1º de Fevereiro de 1923<sup>79</sup>, o novo Secretário do periódico é o advogado Carlos Imbassahy, ocupando o cargo de Amaral Ornellas, que o iniciara no Espiritismo e que falecera em 5 de Janeiro daquele ano<sup>80</sup>. Carlos Imbassahy tinha experiência na imprensa, uma

---

<sup>76</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Brasília, 1999, art. 45, inciso I. p. 7.

<sup>77</sup> “Apello”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Setembro de 1929, p. 511.

<sup>78</sup> CARVALHO, J. Vaz. “Relatório do Gerente do ‘Reformador’”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1931, p. 156. Grifos meus.

<sup>79</sup> “Novo Secretário do ‘Reformador’”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Fevereiro de 1923, p. 53.

<sup>80</sup> Poeta, dramaturgo e jornalista. “Gustavo Adolfo do Amaral Ornellas”. Disponível em: <http://www.bvespirita.com/Biografia%20-%20Gustavo%20Adolfo%20do%20Amaral%20Ornellas.pdf> Último acesso em 9 de Setembro de 2013. Sobre as relações de Carlos Imbassahy com Amaral Ornellas, ver:

vez que foi redator da *Revista de Estrada de Ferro*<sup>81</sup>. Permanecera em *Reformador* até Dezembro de 1943, dois meses depois da morte de Luís Olímpio Guillon Ribeiro então presidente da FEB<sup>82</sup>. Em Janeiro de 1944, fora substituído por Indalício Mendes que teria sido um dos fundadores do *Diário de Notícias*<sup>83</sup>. Mas... O que teria motivado a saída de Carlos Imbassahy de *Reformador*? Carlos de Brito Imbassahy, seu filho, diz que na reunião que teria decidido o sucessor de Guillon Ribeiro, foi eleito “*um trabalhador mais jovem, rígido nos princípios, não abrindo mão da fidelidade aos dogmas “roustanguistas”os quais tinham que ser seguidos*”<sup>84</sup>. Carlos Imbassahy, que não aceitava esses “dogmas roustanguistas” “*foi afastado de todas as funções que exercia e, praticamente, banido do seu convívio*”<sup>85</sup>, o que teria acontecido também com outros espíritas, “*vultos tradicionais do movimento espírita brasileiro, como Manoel Quintão, Leopoldo Machado e muitos outros, foram afastados da F.E.B*”<sup>86</sup>.

O eleito é o farmacêutico Antonio Wantuil de Freitas<sup>87</sup>, que presidirá a FEB por vinte e sete anos, até 1970. Indalício Mendes, que assumiu a vaga de Carlos Imbassahy, é tido como estudioso da obra de Jean Baptiste Roustaing<sup>88</sup>. Depois do episódio, não encontrei mais artigos de Carlos Imbassahy em *Reformador*. Se saíram publicados, o foram em número muitíssimo menor que anteriormente, quando era bastante comum encontrar artigos seus, o mesmo ocorrendo com Leopoldo Machado<sup>89</sup>, que divergia de Antonio Wantuil de Freitas. Ao

---

IMBASSAHY, Carlos de Brito. *Memórias pitorescas de meu pai*. São Paulo: Casa Editora O Clarim, 1974, p. 70.

<sup>81</sup> Idem, p. 109.

<sup>82</sup> WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 373. Luís Olímpio Guillon Ribeiro foi presidente da FEB de 1920 a 1921 e de 1930 até o ano de sua morte, em 1943.

<sup>83</sup> Seria responsável, no *Diário de Notícias*, por uma coluna esportiva chamada “Para ler no bonde”. CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS DR. BEZERRA DE MENEZES. *Indalício Mendes*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/biografias/indalicio-mendes.html> Último acesso em 9 de Setembro de 2013. Em 24 de Dezembro de 1930, seu nome aparece na coluna “No lar e na sociedade” sendo descrito como “*caro companheiro de redacção*”. “No lar e na sociedade”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1930, 2ª edição, p. 3.

<sup>84</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito; ROCHA, Alberto de Souza. *Uma visita aos arquivos implacáveis de Imbassahy*. Rio de Janeiro: CELD, 2002, p. 153.

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> IMBASSAHY, Carlos de Brito. *Memórias pitorescas de meu pai*, op. cit., p. 172.

<sup>87</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Biografia de Antonio Wantuil de Freitas*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Biografia%20de%20Ant%C3%B4nio%20Wantuil%20de%20Freitas.pdf> Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

<sup>88</sup> CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS DR. BEZERRA DE MENEZES. *Indalício Mendes*, op. cit..

<sup>89</sup> Leopoldo Machado era jornalista, escritor, polemista, professor, poeta, compositor e orador. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Leopoldo Machado*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Leopoldo%20Machado.pdf> Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

referir-se à sua participação no Conselho Federativo Nacional<sup>90</sup>, órgão criado a partir do Pacto Áureo<sup>91</sup>, diz que esta se dera em função do determinismo, “talvez para aprendermos um pouco de tolerância e mansidão com Lins de Vasconcellos, e arrancarmos, de uma vez, e mais depressa, as farpas que andamos, por força de pontos de vista contrariados, espetando na sensibilidade de Vinícius e Wantuil”<sup>92</sup>. Falando, ainda, do Pacto Áureo, diz que

*Não morremos de amores por dirigentes da FEB. Nem eles, também, por nós, sem que haja – nem para eles, nem para nós – a menor quebra do que somos, do que valemos.(...)Sem confundirmos a Instituição com os dirigentes, e temos até divergido de diretores seus, sem prejuízo para nós e para eles, de vez que nós passamos e a Federação Espírita Brasileira não deve passar e não passará...Foi por isso, naturalmente, que, vivendo afastado, há tempos de seu programa e de sua ação, não deixamos de ser seu sócio, nem nunca consentimos que o Centro Espírita que dirigimos por muitos anos, lhe deixasse de ser filiado (...)*<sup>93</sup>.

O afastamento ocorrera e as mágoas permaneceram, ainda que não tenha havido uma ruptura total. As razões, Leopoldo Machado não alega claramente. Fala apenas, de maneira genérica, em “divergências” que o afastaram da instituição, que bem podem ser aquelas que teriam afastado Carlos Imbassahy. Sobre a questão da natureza do corpo de Jesus, proposta por Roustaing, Leopoldo Machado disse que “é um assunto que não me interessou, que continua sem interessar-me. Gosto de um Espiritismo construtivo e arregimentador. E a questão da corporeidade do Cristo é desarregimentadora e destrutiva”<sup>94</sup>. Se a aceitação da tese de Roustaing sobre a natureza do corpo de Jesus tornara-se, para aqueles homens que detinham responsabilidades de comando na FEB, condição necessária para a participação nos trabalhos institucionais, ela pode, sim, ter sido usada por eles para constranger e afastar alguns quadros da FEB que não compactuavam com ela<sup>95</sup>.

A FEB também pontuou suas expectativas com relação à imprensa. O *Reformador* deveria expressar e traduzir “o pensamento da Federação”, buscando “sempre conservar

---

<sup>90</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *O que é o CFN?*. Disponível em:

<http://www.febnet.org.br/blog/geral/movimento-espirita/o-que-e-o-cfn/> Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

<sup>91</sup> O Pacto Áureo foi o acordo feito entre espíritas da FEB e da Liga Espírita do Brasil que redefiniu os papéis das duas entidades federativas. Na ocasião, foi criado, em novas bases, o Conselho Federativo Nacional da FEB e a Liga Espírita do Brasil passou a chamar-se Liga Espírita do Distrito Federal, responsabilizando-se pelos Centros espíritas da cidade do Rio de Janeiro, enquanto à FEB caberia o papel de única federativa dos espíritas. Ver: QUINTELLA, Mauro. “A FEB e a Liga Espírita do Brasil”. In: *História do Espiritismo no Brasil*, op.cit.

<sup>92</sup> MACHADO, Leopoldo. In: RAMOS, Clóvis. *Leopoldo Machado – Ideias e ideais*. Rio de Janeiro: CELD, 1995, P. 57.

<sup>93</sup> Idem, p. 60.

<sup>94</sup> Idem, p. 43.

<sup>95</sup> Os espíritas envolvidos nos dois lados da polêmica da natureza do corpo de Jesus disputaram a adesão de Carlos Imbassahy. Segundo Luciano dos Anjos, articulista da FEB, ele seria “rustenista”. Segundo o escritor espírita Nazareno Tourinho, não seria. Ver: ANJOS, Luciano. “Carlos Imbassahy e Roustaing”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1972, p. 105, 106, 107 e 119. Disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1972/WebSearch/page.php?pagina=105> Último acesso em 9 de Setembro de 2013, e TOURINHO, Nazareno. *Carlos Imbassahy – o homem e a obra*. São Paulo: FEESP, 1994, P. 30.

*puras as tradições que constituem o cerne da Casa de Ismael (...)*”<sup>96</sup>. Ao associarem o periódico à “preservação das tradições”, a FEB alimenta a autoimagem de uma instituição segura e firme em seus propósitos, imune às flutuações e mudanças características de instituições dirigidas por seres humanos contraditórios e inseridos num meio social também em contínua transformação. A estabilidade anunciada pretende oferecer segurança àqueles que a procurassem (espíritas individualmente ou Centros Espíritas), estimulando que se vinculassem a ela. Aqueles que se expressassem pelas páginas do *Reformador* estariam amplificando as opiniões da FEB, ao passo que os espíritas que, eventualmente, deixassem de aí escrever, não mais a representariam. O “pensamento da Federação” poderia ser, muito bem, os de seus diretores em situação de poder, no momento.

*Reformador*, na medida de suas forças, propunha que os espíritas se abstivessem da política, o que não deixa de ser um posicionamento político. Assim, em 16 de Fevereiro de 1926, comentando a inclusão do espírita Alberto Silves<sup>97</sup> numa chapa pela disputa de uma vaga no Conselho Municipal, dizem que “*no estado actual do nosso mundo, de modo geral, e, particularmente, do meio social, essa função é difficil, senão impossivel de se conciliar com uma consciência evangélica*”<sup>98</sup>. Para os espíritas da FEB, não seria possível conciliar a condição de cristão-espírita com a eventual carreira política, isso por conta dos perigos da vida política, uma vez que são “*tão dissolutos e tão dissolventes os costumes da parceira política e tão precária a contingência humana, que preferíamos não ver no feito envolvido um servo do Christo, em espírito e verdade*”<sup>99</sup>. É como se presumissem uma queda em erro fatal daqueles espíritas que resolvessem ingressar na vida política, repetindo velhos erros e vícios dos maus políticos. Em Novembro de 1946, o articulista Roberto Macedo vinte anos depois das palavras do *Reformador*, reforça essa maneira de pensar. Segundo ele,

Se neutralidade de opinião não existe entre cristãos conscientes do seu direito de pensar, a neutralidade de ação talvez constitua no momento o mais saudável dever para o confrade propenso à política. Pode ele concorrer para a vitória de sua parcialidade – pelo voto, como arma cívica, - pela prece, como arma divina. A intervenção espontânea no campo da luta, fora dos muros da Doutrina, convém evitar, sempre que possível.<sup>100</sup>

Para o autor, falando pela FEB naquele momento, se não existem formas de se evitar a liberdade de pensamento entre seres conscientes, portadores de razão, estes mesmos seres

---

<sup>96</sup> “Duas efemérides”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1945, p. 23.

<sup>97</sup> Alberto Silves foi eleito numa eleição tumultuada, onde teria desaparecido com três carteiras eleitorais, o que o teria desfavorecido, inicialmente. Encontradas, confirmaram sua eleição. “Influências da Semana Santa... A Ressureição na política municipal – As sessões no Conselho deixarão de ser elétricas? – E os relógios que não funcionam? – O parecer Salles Filho e a Mesa do Conselho”. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1926, p. 2.

<sup>98</sup> “O Espiritismo e a política”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Fevereiro de 1926, p. 78.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> MACEDO, Roberto. “A nossa política”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Novembro de 1946, p. 256. Grifos meus. Não obtive informações sobre o autor.

deveriam abdicar do direito de agir. É como se devessem esforçar-se por não colocar, no campo da vida prática, no mundo de relações, aquilo que acreditassem, em matéria de política. Para ele, havia uma divisão entre aquilo que pensamos e a forma como agimos. Parece que o autor não concebia, como possível, que discurso moral e prática política fossem sincronizáveis e que os espíritas que tivessem envolvimento com o assunto fossem perder-se para o mal fatalmente. Assim, para se resguardarem moralmente, deveriam restringir sua participação política ao voto, uma “arma cívica”, segundo Roberto Macedo, porém longe de ser o único instrumento de luta política eficaz.

Apesar dos espíritas da FEB desestimularem a participação política, emitiram posicionamentos políticos frente a temas de seu interesse através do *Reformador*. Em 1931, apoiando os esforços da Coligação Nacional Pro Estado Leigo, em razão do Decreto nº. 19.941 de 30 de Abril de 1931 do ministro Francisco Campos<sup>101</sup> que instituiu o ensino religioso no país, consignaram, nas páginas de sua revista, que enviariam “*ao Chefe da Nação um apelo sobre a questão posta em foco por aquelle decreto*”<sup>102</sup>. No mesmo ano, noticiam por duas vezes a criação de comitês locais da coligação em diferentes regiões do país que somariam à luta contra o ensino religioso<sup>103</sup>. Quando a liberdade religiosa esteve em jogo e os espíritas da FEB a viram ameaçada, desceram à arena política para se posicionar em favor da liberdade de consciência. Em suma, a FEB estimulava a não participação política alegando que os adeptos do Espiritismo estariam expostos a perigos se assim o fizessem, mas por outro lado, atuou politicamente, desmobilizando os espíritas quando lhe convinha e, ao mesmo tempo, mobilizando-os quando julgou oportuno. Trata-se, na verdade do desejo de dirigir os espíritas e suas entidades na atuação na vida pública. O Regulamento de Adesão das Sociedades Espíritas à FEB, de 1947, prescrevia os deveres que os Centros Espíritas ligados a ela deveriam seguir:

*Ouvir sempre a Federação, antes de tomar a iniciativa de representar aos poderes públicos sobre qualquer assunto, ou a de promover representações coletivas sobre questões a que se possa atribuir caráter político, assim como sobre quaisquer outras de que possam resultar complicações ou vexames, que a bem do prestígio da Doutrina devam ser evitados.*<sup>104</sup>

A FEB, então, pretendia dar seu aval às iniciativas de natureza política das instituições que a ela estivessem ligadas, desde que elas cerrassem fileiras em torno das mesmas questões.

---

<sup>101</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto nº. 19.941 de 30 de Abril de 1931*. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 2 de Novembro de 2013.

<sup>102</sup> RIBEIRO, Guillon. “Pela liberdade de consciência”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1931, p. 275.

<sup>103</sup> “Pela liberdade de consciência”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Junho de 1931, p. 306 e 307 e “Pela liberdade de consciência”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Julho de 1931, p. 373.

<sup>104</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Organização Federativa do Espiritismo*, op. cit., p. 17. Grifos meus.

Estas deveriam submeter à federativa suas petições aos poderes públicos e suas ideias de representações coletivas em questões que poderiam ser consideradas políticas. Se por um lado semelhante medida pudesse resguardar a FEB de eventuais efeitos negativos derivados de iniciativas dos Centros Espíritos a ela adesos, por outro evidencia desconfiança na capacidade dos dirigentes destes Centros em assumir posicionamentos políticos públicos.

Em 16 de Outubro de 1926, publica-se no *Reformador* um suplemento com a resenha dos trabalhos da primeira reunião do seu Conselho Federativo, realizado naquele mesmo ano. Na terceira sessão deste, o representante do Centro Espírita Paz, Luz e Amor, de Cataguases, Minas Gerais, apresenta uma tese sobre a multiplicidade de jornais espíritas. De acordo com ela,

A multiplicidade de pequenos jornaes e revistas editados pelas Sociedades espíritas como órgão de propaganda, *jamaiz produzem o resultado almejado, pela estreiteza da sua circulação*. Por esse motivo, *pensamos convir que o Conselho faça sentir às Sociedades adhesas a conveniência de evitarem a publicação de novos periódicos e a supressão daquelles que a tiragem seja muito reduzida, conservando tão somente a dos mais antigos e importantes*. Desta forma, *poderemos congregar os nossos esforços em torno da Federação E. Brasileira, proporcionando-lhe os meios ao nosso alcance de ampliar o Reformador, ou lhe facilitando a publicação de um jornal espírita diário, quando ella julgar opportuno e viável esse empreendimento*. A publicação de um órgão official de maior amplitude, debaixo da direcção da F.E.B., sobre ser uma ideia de grande alcance para o Espiritismo no Brasil, terá ainda a vantagem, muito importante também, de *obstar a publicação de trabalhos medíocres que muitas vezes expõe a doutrina ao ridículo*.<sup>105</sup>

Os espíritas de Cataguases consideravam excessivo o número de periódicos espíritas. Para eles também era comum que as instituições da região tivessem o seu jornal ou sua revista específica, como órgão de propaganda. A circulação limitada destes, à semelhança de *O Sidereo*, provavelmente restrita a seus sócios e frequentadores, era encarada como um problema. Colocam, então, ao Conselho Federativo, a proposta de que as entidades vinculadas à FEB evitassem a publicação de novos periódicos, bem como o fim dos que tivessem tiragem reduzida. Sentir-se-iam, acaso, os espíritas que ficassem sem seus periódicos, representados pelos que então existiam? Não seria, mesmo, o fato de não se reconhecerem nos jornais e revistas então em circulação que faria com que fizessem o investimento na imprensa? Os periódicos espíritas já existentes, dentre os quais o *Reformador*, dariam o espaço que esses outros espíritas desejavam, a fim de divulgarem suas atividades doutrinárias ou suas opiniões a respeito da doutrina? E o que os autores da proposta entendiam como “circulação reduzida”? O autor pretendia, então, que fosse dado à FEB o direito de decidir pela vida ou morte dos periódicos das associações adesas? Seria razoável supor que, com a medida,

---

<sup>105</sup> “Conselho Federativo: Resenha dos trabalhos da sua primeira reunião em 1926”. Suplemento. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1926, p. 11. Grifos meus.



pudessem investir contra os jornais com os quais discordassem da opinião, recomendando-lhes a extinção sob o pretexto da baixa circulação que tivessem.

Por fim, o representante do Centro Espírita de Cataguases parece considerar que, dentre aquelas instituições que mantinham órgãos de imprensa e que seriam adesas à FEB, a qualidade doutrinária, de acordo com seus critérios, deixaria a desejar. O órgão oficial de maior amplitude, no seu entendimento, criaria impedimentos à publicações consideradas por ele como medíocres e que poderiam expor a doutrina ao ridículo público. De que maneira isso aconteceria? Por asfixia dos jornais ou revistas “menores”, que deixariam de circular em detrimento do periódico com potencialidade ampliada da FEB? Ou por se verem “desmascarados” ou “contraditos”, em seus posicionamentos doutrinários quando contrários aos da FEB e dos Centros que se organizariam em torno dela? Note-se, também, que a proposta formulada pelos espíritas de Cataguases pelo periódico de maior amplitude orientado pela FEB estava aberta: poderia ser o *Reformador*, com possibilidades ampliadas (maior tiragem e/ou menor periodicidade, tornando-se semanal, quem sabe?) ou mesmo a publicação de um jornal diário quando a federativa se organizasse para tanto.

O parecer da 3ª Comissão, da qual participava Arthur Rosenberg, Gerente do *Reformador* naquela ocasião, que avaliou a tese sobre os problemas em torno da multiplicidade de jornais, concorda com a proposta do Centro Espírita de Cataguases.

O Conselho Federativo chama a atenção das Sociedades adesas para a *conveniência que haveria não só em a não publicação de novos periódicos espíritas, como ainda em a cessação da dos que tenham tiragens muito reduzidas, afim de poderem ellas conjugar seus esforços no sentido de ampliar o tamanho e a circulação do Reformador, que lhes servirá então a todas de órgão, ou no de facilitar à F.E.B. a publicação de um diário espírita, cuja necessidade já se faz bastante sensível, sobretudo como meio de remediar-se aos máos efeitos de tantos artigos e publicações abstrusos que, sobre o Espiritismo, os jornais cotidianos inserem constantemente.*

106

A FEB, assim, abraça a ideia, ainda que não a definindo de maneira precisa, uma vez que também estavam, naquele momento, divididos entre a ampliação de *Reformador* ou o investimento num jornal diário. Parece, então, que esta seria a razão do afastamento da FEB do projeto “Nosso Jornal”<sup>107</sup>, já que a entidade federativa não teria o protagonismo da ação,

---

<sup>106</sup> Idem, p. 16. Grifos meus. A comissão era composta por Alfredo Felix da Silva, Manoel Bento Conde, Urbano Xavier, Arthur Rosenberg e Pedro Rodrigues Bastos. Urbano Xavier era dentista, médium e conferencista. Ver: FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Urbano de Assis Xavier*. Disponível em: [http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=272](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=272) Último acesso em 1º de Fevereiro de 2014. Sobre a diretoria da FEB eleita em Fevereiro de 1925, ver: FERREIRA, Luiz Barreto Alves. “Relatório do Presidente, apresentado à Assembléia Deliberativa na reunião ordinária de 1926, sobre os trabalhos da Sociedade e contas da Administração durante o anno de 1925”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1926, p. 105. Sobre a composição das comissões, ver: “Conselho Federativo: Resenha dos trabalhos da sua primeira reunião em 1926”. *Reformador*. Suplemento, op. cit., p. 4 e 5.

<sup>107</sup> Que veremos mais adiante.

como não teve, na ocasião, o da iniciativa. Teria sido a ideia (do jornal diário ou da ampliação do *Reformador*) discutida em reuniões de sua diretoria em alguns momentos?<sup>108</sup> Se os representantes do Centro Espírita de Cataguases falam a respeito de “trabalhos medíocres” que exporiam a doutrina ao ridículo, sugerindo tratar-se de periódicos espíritas, o parecer da Comissão que analisou sua proposta faz outro alvo: os artigos e publicações que surgiam nos jornais diários, muitos dos quais de qualidade duvidosa, no entendimento deles. No fim, um periódico com possibilidades ampliadas (o *Reformador* ou o jornal diário) orientado pela FEB teria duplo efeito. Esperava-se, com ele, captar os esforços dos espíritas em seu benefício material, mediante recursos para coloca-lo nas ruas. Ao convergirem recursos à iniciativa da FEB, jornais de menor fôlego financeiro e, quem sabe, com “problemas doutrinários” poderiam ver-se exangues. Por último, com muito mais vigor, lançar-se-iam a um público maior, dialogando e debatendo com ele, inclusive com a produção de outros espíritas em outros periódicos.

Mas a ideia não prosperou. Em 16 de Setembro de 1929, três anos depois da reunião do Conselho Federativo da FEB, num editorial do *Reformador*, provavelmente Manuel Quintão, então diretor da revista, faz um rápido balanço sobre as teses discutidas na ocasião. Muitas delas teriam sido implementadas com êxito. No entanto, “*outras, em que pesem as credenciaes de legitimidade que as recommendam, permanecem embryonárias e, talvez, menos sympáthicas ao gosto do proselitismo, ou, melhor falando: incomprehendidas em seu alcance superior*”<sup>109</sup>. Este seria o caso da tese do Centro Espírita de Cataguases a respeito da multiplicidade de jornais espíritas. Fora discutida numa reunião do Conselho Federativo, entre pares, era de se esperar que àquilo que foi estabelecido fosse cumprido. Parecia-lhe que “certa maneira de fazer proselitismo”, dos Centros Espíritas que se fizeram representar na reunião em 1926, estariam prejudicando medidas ali deliberadas, medidas estas com alcance superior, portanto mais abrangentes. O interesse específico estaria comprometendo o benefício mais geral. Ainda segundo ele, aquele parecer, que fora votado sem discussão, poderia figurar como um atentado a liberdade de expressão. Quem o percebesse assim, a seu ver, estaria incorrendo em erro, uma vez que não estaria analisando os problemas que a teriam originado. E quais seriam esses problemas? A que visaria a proposta?

O que se cogita é de *publicações ephemeris*, dessas que quando bem lançadas, produzem *dispersão de energias* e deixam, com o seu desaparecimento, a impressão de criaturas nati-

---

<sup>108</sup> É uma possibilidade que, no momento, não pude verificar, uma vez que as atas da presidência, no primeiro semestre de 2013, não estavam mais no parque gráfico da instituição, localizado no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro e sim na sede de Brasília.

<sup>109</sup> “Doutrina e publicismo”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1929, p. 533.

mortas, a darem ao mundo leigo a triste idea da nossa capacidade realizadora. Mais, ainda, cogita-se de *prevenir a formação de empreendimentos isolados, sem o critério dos programmas definidos* e, o que peor é: com o *descritério das exhibições pessoaes*, por sustentarem *pontos de vista singulares*, ou mesmo *vehiculando um ecletismo heteróclito e perigoso*. Heteróclito, sim, porque constituído de idéas mal assimiladas, sem tonalidades philosophicas definidas, *mixto de Occultismo, Magia, Catholicismo*, etc.; e *perigoso, porque filtrado em almas simples, abertas a todas as sugestões, desapercibidas, em summa, de senso crítico* para separar o joio do trigo.<sup>110</sup>

Dispersão de energias porque não convergentes com as expectativas dos espíritas vinculados à FEB. A despeito, aliás, de ter sido aprovada sem discussões, a tese não obteve acolhida, mesmo entre aqueles que participaram da reunião do Conselho Federativo, uma vez que este não deliberaria para Centros Espíritas que lhes não fossem vinculados. Em outras palavras: a proposta falhou em seu próprio ninho, onde se esperava que prosperasse. Os Centros participantes – até mesmo aqueles que pudessem, no intervalo de três anos terem aderido à FEB – se acataram as outras deliberações, recusaram-se a trabalhar por esta. Neste aspecto, a entidade federativa não conseguiu evitar, em seus próprios termos, a “dispersão de energias”. Se mantiveramperiódicos, não se preocuparam com a impressão que causariam ao público, leigo ou não, caso tivessem que lhes interromper atividades.

Ainda no entendimento da FEB, os ditos empreendimentos isolados, muitas vezes sem programas definidos, poderiam dar espaço a exhibições pessoais, de vaidosos, que pudessem, mesmo, formular uma leitura particular, específica, do Espiritismo, introduzindo nele práticas que fossem estranhas à doutrina. Assim, as pessoas mais simples – das classes menos favorecidas, quem sabe? – poderiam ser conquistadas para essa “leitura pessoal” e exótica do Espiritismo, já que elas, “desprovidas do senso crítico”, poderiam, possivelmente, enamorar-se por práticas religiosas mais “materiais”, ligadas à ritualística de outros segmentos religiosos, com as quais se identificassem, de fato. Afinal, a maior parte da população era, como hoje, católica, o que não lhes era impedimento para assimilarem para si e lançassem mão, quando julgassem necessário, da magia ou do ocultismo das benzedeiras, das curandeiras, como muitos populares devem ter recorrido ao Espiritismo diante de doenças sem terem aderido, necessariamente, a ele<sup>111</sup>. Os homens da FEB colocam-se, dessa forma, como “pastores” que tem a capacidade de conduzir ovelhas ingênuas. Senhores da verdade, pretendiam-se condutores das massas, selecionando os assuntos e interpretações com os quais elas devem ou não ter contato. “*E o melhor, e talvez único, meio de o conseguirmos é*

---

<sup>110</sup> Idem, p. 534. Grifos meus.

<sup>111</sup> A historiadora Sylvia F. Damazio afirma que a clientela dos médiuns receiptistas, aqueles que influenciados pelos Espíritos prescreviam medicamentos homeopáticos, era heterogênea, “*incluindo desde gente pobre, que costumava recorrer aos curandeiros, até pessoas de destaque na vida nacional*”. DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo*, op. cit., p. 90.

*prestigiarmos os órgãos de tradição firmada na fidelidade aos princípios, acima de todas e quaisquer circunstâncias emergentes e intercorrentes de ordem temporal*”<sup>112</sup>. A tradição consolida-se no tempo, de acordo com a repetição ou a regularidade. No caso da FEB, postulando-se fiel aos princípios espíritas, acima de qualquer coisa. Coloca-se, em última análise, como guardiã da verdade possível, alcançável pela doutrina. Pretendiam que a sua tradição lhes emprestasse credibilidade.

É provável que semelhante raciocínio, exposto neste artigo, possa ter figurado como antipático aos espíritas vinculados à Liga Espírita do Brasil, uma vez que neste mesmo ano – 1929 – inauguram a *Revista Espírita do Brasil*. Projetada durante o Congresso Constituinte Espírita Nacional<sup>113</sup> em 31 de Março de 1926, que deu origem à própria Liga Espírita do Brasil, a revista começou a circular apenas em Janeiro de 1929. Em Junho do mesmo ano, podemos ler um Relatório de João Torres, vice-presidente da entidade federativa em exercício no cargo de presidente, à Assembleia Espírita do Brasil, reunião onde se faziam presentes diretores e representantes de Centros Espíritas e da Liga Espírita do Brasil. Nele o autor informa que juntamente com dois representantes da Liga Espírita do Distrito Federal, constituíram uma “*Sociedade por cotas Revista Espírita do Brasil*”<sup>114</sup> a fim de tomarem um

---

<sup>112</sup> “Doutrina e publicismo”. *Reformador*, op. cit., p. 533.

<sup>113</sup> Em 1925, durante uma Reforma Constitucional do governo Arthur Bernardes, um deputado católico chamado Plínio Marques propôs as chamadas “emendas religiosas” que estabeleciam o ensino religioso e o Catolicismo como a religião oficial do país. Segmentos espíritas procuraram mobilizar pessoas contra essa medida. Notando o sucesso da mobilização, passaram a debater os problemas da unificação dos espíritas. A partir disto, organizaram um Congresso Constituinte Espírita Nacional onde desejavam criar uma nova entidade federativa de caráter nacional, o que deu origem à Liga Espírita do Brasil. Sobre as emendas, ver: BICA, Alessandro Carvalho; TAMBARA, Elomar. *O ensino religioso em Pelotas na perspectiva do jornal Estandarte Cristão (1925 – 1935)*. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/228.pdf> Último acesso em 4 de Dezembro de 2013. Sobre a Liga Espírita do Brasil, ver: QUINTELLA, Mauro. “A FEB e a Liga Espírita do Brasil”. In: *História do Espiritismo no Brasil*. Op. Cit.

<sup>114</sup> TORRES, João. “Relatório apresentado a Assembléia Espírita do Brasil em 1º de Maio de 1929”. In: “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Junho de 1929, p. 151. Além de João Torres, participaram José Martins Barcellos e Estevam Ferreira Magalhães, respectivamente vice-presidente e primeiro secretários da Liga Espírita do Distrito Federal. Não obtive informações a respeito de José Martins Barcellos. Sobre Estevam Ferreira Magalhães, teria fundado o Centro Espírita Paz, no Andaraí. Disponível em: <http://www.autoresespirtasclassicos.com/Biografias%20Espirtas/Letras/Biografias%20Esp%3%ADritas%20Gr%C3%A1tis----Letra%20E.htm> Último acesso em 26 de Fevereiro de 2014. A *Revista Espírita do Brasil*, órgão da Liga Espírita do Brasil, tinha sua redação e gerência na Rua do Mercado n°. 22, 3º andar, na própria sede da federativa, no Centro. Era impressa na Tipografia Benedicto de Souza, na Rua do Carmos n°. 43, Centro. Seu Diretor-gerente era o Comandante João Torres, o Secretário era João Carlos Moreira Guimarães, que trabalhou como auxiliar na Biblioteca Nacional. Entre o final de 1919 e o início de 1920, teria concluído o curso de Biblioteconomia, com perspectivas de, com isso, alcançar o cargo de chefe de seção. O Redator-chefe era Jonathas Botelho, que em 1914 teria dirigido a *Gazeta da Manhã*, de Niterói, além de ter sido redator do periódico espírita de Niterói chamado *O Farol* e pertencer à Academia Fluminense de Letras. Com início em 1929, a revista circulou até Dezembro de 1952. Sobre João Torres, ver: CORREIO ESPÍRITA. *Programas Espíritas Radiofônicos*. Disponível em: [http://www.correioespirta.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=879:programas-esp%3%ADritas-radiof%C3%B4nicos&catid=95&Itemid=831](http://www.correioespirta.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=879:programas-esp%3%ADritas-radiof%C3%B4nicos&catid=95&Itemid=831) Último acesso em 2 de Setembro de 2013. Sobre João Carlos Moreira Guimarães, ver: “O curso de Bibliotheconomia da Biblioteca Nacional”. *Correio da*

empréstimo de 4:500\$000 “para levar a efeito a publicação da Revista Espírita do Brasil, o que efectivamente conseguimos realizar”<sup>115</sup>. Esperavam que dentro de um ano pudessem transferir a propriedade da revista à entidade federativa, dissolvendo a sociedade. “Para esse fim, com a abertura de assignaturas, que iniciamos no mez de Março, começamos a resgatar as “cotas”, as recebendo em paga das assignaturas por um anno”<sup>116</sup>. A iniciativa teria sido autorizada pelos espíritas envolvidos com as atividades da entidade federativa. João Torres assinalou, ainda, que a revista foi bem aceita pelo público, “o que nos autoriza a declarar-vos garantida a sua vida”<sup>117</sup>. Em Junho de 1930, João Torres e Estevam Ferreira Magalhães transferem a propriedade da revista para a Liga Espírita do Brasil. Os demais cotistas deveriam procurar o Conselho Diretor da entidade federativa para resgatarem o investimento que fizeram através de indenização ou por assinaturas da revista<sup>118</sup>. A Liga Espírita do Brasil não detinha recursos suficientes para colocar em circulação seu periódico, o que só conseguiu realizar quase três anos depois de sua fundação através da captação de ajuda financeira externa, através da sociedade por cotas e de empréstimo.

A *Revista Espírita do Brasil* era comercializada em algumas instituições espíritas, provavelmente adesas à Liga, bem como em alguns pontos de venda de jornais da Avenida Rio Branco, no Largo de São Francisco, no Largo da Carioca, na Rua 1º de Março, na Estação da Central e na ponte das barcas em Niterói<sup>119</sup>.

No início de 1948, a *Revista Espírita do Brasil* estava sendo impressa na Gráfica Mundo Espírita S. A.. Em 1951, agora órgão da Liga Espírita do Distrito Federal (antiga Liga Espírita do Brasil), sua publicação está irregular. Começa a circular com atraso e com número de meses agrupados, ou seja, dois ou três meses na mesma publicação, sem que aumentassem o número de páginas, que nos últimos números disponíveis na Biblioteca Nacional – a de Outubro a Dezembro de 1952 –, era de dezesseis. Na revista referente aos meses de Setembro a Dezembro de 1951, que circulou apenas em Março de 1952, informam que deixaram de cobrar a assinatura de 1951-52 por conta da irregularidade do ano. Dizem que a última gráfica que imprimira a revista atrasou a entrega dela alegando acúmulo de serviços, apesar de terem

---

*Manhã*. Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1920, p. 2. Sobre Jonathas Botelho, ver: Nota sem título. “Assumi a direcção da “Gazeta da Manhã”, de Nictheroy, o nosso collega de imprensa Jonathas Botelho”. *A Época*. Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1914, p. 3, e “O Anniversario da Academia F. de Letras”. *O Imparcial*. Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1922, p. 2.

<sup>115</sup> TORRES, João. “Relatório apresentado a Assembléa Espírita do Brasil em 1º de Maio de 1929”. In: “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*, op. cit., p. 151.

<sup>116</sup> Idem, p. 152.

<sup>117</sup> Idem, p. 151.

<sup>118</sup> “Sociedade por quotas ‘Revista Espírita do Brasil’”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Junho de 1930, p. 167.

<sup>119</sup> *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Março de 1929, verso da contracapa.

pago a impressão com pontualidade. Por isso, teriam optado por trocar de oficina<sup>120</sup>. De Janeiro de 1951 a Setembro de 1952 trocaram de gráfica três vezes. A última a que se referiram foi a Empresa Jornalística “O Noticiário”, na Avenida Mem de Sá nº. 317, no Centro. Na última publicação disponível na Biblioteca Nacional, a de Outubro a Dezembro de 1952, não consta onde fora impressa.

A definição dos papéis a assumir na Liga Espírita do Brasil não foi harmoniosa. O jornal *A Manhã* acompanhou as disputas em torno da *Revista Espírita do Brasil*.

*Circularam hontem na Constituinte algumas chapas tendentes a afastar da Secretaria o Sr. Nóbrega da Cunha, para que lhe seja entregue a direcção da “Revista Espírita do Brasil”. Como orientação aos delegados que vão votar hoje, esclarecemos o seguinte: em combinações posteriores, ficou resolvido que o Sr. Leal de Souza será o director daquela revista. O Sr. Leal de Souza já aceitou o convite. A secretaria caberá, então, a Nobrega da Cunha e a chapa victoriosa é a seguinte: presidente, Farnese; 1º vice, Jarbas; 2º vice, Ourique; 1º secretário, Nobrega; 2º, Arthur Fonseca; 1º thesoureiro, Damasio, 2º, D. Guiomar Ramos.*<sup>121</sup>

O Conselho eleito realmente foi este mesmo, como se pode ler na *Revista Espírita do Brasil* de Janeiro de 1929, mas penso que já não dá para dizer que foi conjunta e calorosamente aclamado, como a publicação sugere<sup>122</sup>. A matéria de *A Manhã* indica que os congressistas pensaram em mais de uma alternativa para a composição do primeiro Conselho da Liga e a direção de sua revista oficial.

Segundo o psicólogo e educador Marcus Vinícius da Cunha, Carlos Alberto Nóbrega da Cunha foi “jornalista representante da Associação Brasileira de Imprensa e da Associação dos Artistas Brasileiros”<sup>123</sup>. Além disso, em artigos da *Revista Espírita do Brasil* e do *Diário Carioca* é apresentado, também, como professor<sup>124</sup>. Leal de Souza, no entanto, também era conhecido jornalista naquele momento. Participante do Congresso Constituinte Espírita, sua presença parece estimada por alguns. Em 21 de Fevereiro de 1926, em *A Manhã*, fazem questão de assinalar que “a Comissão Preparadora, ficou contente de ser delegações de Centros de diversas procedências, recaírem em confrades espíritas, de nomeada, que

---

<sup>120</sup> “Revista Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Setembro a Dezembro de 1951, p. 10.

<sup>121</sup> “Constituinte Espírita Nacional. Será eleito hoje o primeiro Conselho Espírita do Brasil”. *A Manhã*, 11 de Abril de 1926, p. 9.

<sup>122</sup> “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1929, p. 4.

<sup>123</sup> CUNHA, Marcus Vinícius. *O Manifesto dos pioneiros de 1932 e a cultura universitária brasileira*. Disponível em:

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo06/Coordenada%20por%20Jose%20Carlos%20Sousa%20Araujo/Marcus%20Vinicius%20da%20Cunha%20-%20Texto.pdf> Último acesso em 4 de Dezembro de 2013. Teria sido também um dos orientadores do jornal *Diário de Notícias*, fundado em 1930. FERREIRA, Marieta de Morais. *Diário de Notícias*. Disponível em:

<http://www.fgv.br/cpd/doc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

<sup>124</sup> “Aos Espíritas”. *Diário Carioca*, 10 de Julho de 1931, p. 11 e “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1929, p. 3. Em 13 de Abril de 1926, é apresentado por *A Manhã* como representante de *A Vanguarda* na recepção a Maurício de Lacerda. “Maurício de Lacerda no Estado do Rio”. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1926, p. 7.

gosam de alta estima na sociedade brasileira – assim no jornalismo, e em seus livros espíritas – Leal de Souza (...)”<sup>125</sup>. Segundo seu biógrafo Diamantino Fernandes Trindade, ele fora “poeta, ensaísta, crítico literário, conferencista, jornalista, tabelião e, sobretudo foi o primeiro escritor da Umbanda”<sup>126</sup>. Em 31 de Dezembro de 1923, publica nas páginas de *A Noite* um extenso inquérito intitulado “No Mundo dos Espíritos”, onde relata suas visitas a diversas instituições espíritas e espiritualistas na cidade do Rio de Janeiro. Ainda segundo seu biógrafo, em *A Noite* ele desempenhara as funções de repórter e secretário da redação<sup>127</sup>. No início da década de 1930 trabalhou no *Diário de Notícias* e ao final desta década estava em *A Nota*<sup>128</sup>. Leal de Souza pode ter sido um facilitador para a impressão de *Aurora* na tipografia de *A Noite*, no início de 1928.

Por que a intenção de afastar alguém que parecia tão qualificado para a direção de uma revista? Porque Leal de Souza estava vinculado à Umbanda e grupos contrários a qualquer representatividade de elementos desta nos quadros da Liga Espírita do Brasil criaram obstáculos à sua atividade. No entanto, Nóbrega da Cunha, que fora cogitado para ficar à frente da revista, teria participado do 1º Congresso Afro-Brasileiro em Novembro de 1934<sup>129</sup>. Poderia ser um indício de que tinha simpatia e interesse pelas práticas das religiões afro-brasileiras, uma vez que propôs ao Congresso “a fundação do Instituto de Estudos Afro-Brasileiros, com sede no Rio”<sup>130</sup>. Em 20 de Dezembro de 1932, Leal de Souza, em *Diário de Notícias*, responde a um artigo de João Torres, então presidente<sup>131</sup> do Conselho da Liga Espírita do Brasil, publicado em *Vanguarda*. João Torres teria declarado que a Tenda de N. S.

---

<sup>125</sup> “Constituinte Espírita”. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1926, p. 6.

<sup>126</sup> TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Antonio Eliezer Leal de Souza, o primeiro escritor da umbanda*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2009, p. 7.

<sup>127</sup> Idem, p. 42.

<sup>128</sup> Segundo seu biógrafo, Leal de Souza transferiu-se para o *Diário de Notícias* em Setembro de 1931. Ver: TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Antonio Eliezer Leal de Souza*, op. cit., p. 49. Entre Agosto e Setembro de 1939, está disputando judicialmente a propriedade de *A Nota* com o jornalista Geraldo Rocha. Em 1940, Leopoldo Machado, professor, jornalista, escritor e polemista espírita diz que *A Nota* já estaria fora de circulação. MACHADO, Leopoldo. *Pigmeus contra gigantes*. Rio de Janeiro, Imp. Of. “Reformador”, 1940, p. 6.

<sup>129</sup> LAMPADÁRIO ESPÍRITA. *O Preconceito em Ulisses Pernambucano*. Disponível em: [http://www.lampadarioespirita.com/noticias.asp?ID\\_Noticia=347&ID\\_AreaNoticia\\_Noticia=7](http://www.lampadarioespirita.com/noticias.asp?ID_Noticia=347&ID_AreaNoticia_Noticia=7) Último acesso em 2 de Setembro de 2013. De acordo com o historiador Arilson dos Santos Gomes, o 1º Congresso Afro-Brasileiro foi organizado e proposto por Gilberto Freyre. Realizado no Teatro Santa Isabel, “entre as suas atividades foram debatidos a história da importação e da escravidão africana, os problemas de aculturação do negro e as variações antropométricas raciais e discussões sobre o livro *Casa Grande e Senzala*”. GOMES, Arilson dos Santos. *Congressos em debates: Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado na cidade de Porto Alegre no ano de 1958: organização, programação, participantes e temas*. Disponível em: [http://eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1214577013\\_ARQUIVO\\_NOVO\\_ARILSON\\_anpuhrs\\_2008.pdf](http://eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1214577013_ARQUIVO_NOVO_ARILSON_anpuhrs_2008.pdf) Último acesso em 23 de Abril de 2014.

<sup>130</sup> “Congresso Afro-Brasileiro”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1934, p. 6.

<sup>131</sup> “Resumo Histórico da Liga Espírita do Brasil 1926 - 1945”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Maio de 1945, p. 5.

Conceição, instituição de que participava Leal de Souza, não pertenceria ao “*espiritismo cristão kardecista*”<sup>132</sup>. Leal de Souza, em seu artigo, diz que

Há muitos annos, os meus escriptos e as minhas conferências demonstram que *pertenço à Linha Branca de Umbanda, sem confundil-a com o partido de vossa propriedade*. Há dois mezes diariamente affirmo e reaffirmo isso, nas colunas do DIÁRIO DE NOTÍCIAS. (...) *Quando se fundou essa instituição, eu já pertencia á Linha Branca de Umbanda, e como seu representante no Congresso ou Constituinte Espírita, fui eleito relator do parecer que, aprovado, creou esse(sic) Liga. Ainda mais, fui designado, pelo mesmo Congresso, para ser o diretor da “Revista Espírita do Brasil”, não o tendo sido, por que o sr. João Torres houve por bem violar, em benefício de sua vaidade, o decreto da assembleia espírita. Ora, se para o Congresso que creou a Liga, um representante da Linha Branca de Umbanda tinha competência e autoridade para dirigir o órgão doutrinário dos centros unificados, era porque aquelle ramo do espiritismo não estava banido do programma da Liga.*<sup>133</sup>

Assim, a militância de Leal de Souza na Umbanda já era conhecida publicamente, não o impedindo, mesmo, de ocupar papel relevante na condução dos trabalhos do Congresso Constituinte Espírita que originou a Liga Espírita do Brasil. Ainda segundo ele, quando fala da constituição do primeiro Conselho de administração da entidade, ao referir-se a Nobrega da Cunha, seu 1º secretário, diz que se tratava de um representante do “*Espiritismo de linha*”<sup>134</sup>. Dessa forma, não me parece que o fato de ser umbandista tenha sido encarado pela maioria dos congressistas como impedimento para o jornalista Leal de Souza assumir a revista federativa em formação. Aliás, em sendo assim, se a alternativa apresentada àquele momento tivesse prosperado – a indicação de Nóbrega da Cunha –, teríamos de qualquer forma na condução dela alguém que tivesse simpatia pela religião afro-brasileira.

Leal de Souza tem sua versão para a mudança de postura de João Torres, que o teria levado a violar o decreto da assembleia que definiu os papéis na nascente Liga Espírita do Brasil. Segundo ele, Zélio Moraes, presidente do Centro que João Torres teria dito não ser “*espírita kardecista*”, informou-lhe que

Aquelle comandante lhe pedira para alcançar, de mim e dos outros chefes de nossas Tendas, *procurações, dando-lhe representação junto á futura Assembléa Constituinte da República, para defender a liberdade de consciência, em nome dos centros espíritas. Não concordei, não accedi, e desde então a minha Tenda, que o sr. João Torres queria representar junto aos poderes públicos, decahiu no conceito do mesmo sr. João Torres.*<sup>135</sup>

Assim, Leal de Souza acusa João Torres de retaliação pelo fato de não concordar que ele representasse sua Tenda junto aos poderes públicos. Insinua que, com a medida, João Torres captaria poder político, junto às esferas do poder público como, principalmente, junto

---

<sup>132</sup> SOUZA, Leal. “O Kardecismo da Liga Espírita”. *Diário de Notícias*, 20 de Dezembro de 1932, segunda secção, capa. Esse artigo é parte de uma série chamada “O Espiritismo, a Magia e as Sete linhas de Umbanda”, publicada por Leal de Souza quase que diariamente, de 10 de Novembro de 1932 a 10 de Janeiro de 1933, num total de 55 artigos. Tornou-se livro em 1933. Ver: TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Antonio Eliezer Leal de Souza*, op. cit., p. 53.

<sup>133</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>134</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>135</sup> Idem. Grifos meus.



às instituições espíritas e umbandistas. Deixa em aberto, também, que isso poderia ocorrer com outras instituições que lhe tivessem recusado a procuração para representá-los, o que até justificaria eventuais palavras mais duras, de condenação, de João Torres, às práticas dos umbandistas. Para supostamente representar os umbandistas, estaria pronto. Diante da recusa destes, a crítica pública, pela imprensa.

A revista só vem a público em 1929, quase três anos após a constituição da Liga Espírita do Brasil. E quem é seu diretor-gerente? Nem Leal de Souza, que em 1932 aparece ressentido com o que lhe ocorrera na entidade, nem Nobrega da Cunha, jornalista que possuía credenciais para tanto. Nenhum dos dois que teriam relações com a Umbanda assumem-na. É João Torres que, provavelmente articulara melhor com outros elementos que não simpatizassem muito com os adeptos das religiões afro-brasileiras, para conseguir o posto. Além disso, a condição de incorporador da sociedade por cotas que obteve o empréstimo necessário para colocar a *Revista Espírita do Brasil* em circulação facultava-lhe poderes para influenciar na linha editorial dela, colocando-a sob seu controle mais próximo por mais de um ano. Certamente isso facilitaria o afastamento de adversários dos seus pontos de vista. Os três elementos que compunham a direção do periódico no seu primeiro ano, ao que parece, não tinham vínculos estranhos ao Espiritismo. O Redator-Chefe, Jonathas Botelho, nos últimos meses do ano de 1934 era presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro<sup>136</sup>. J. C. Moreira Guimarães, Secretário da publicação, aparece vinculado anos mais tarde ao programa de Rádio “Hora Espírita Radiofônica” junto a espíritas da FEB<sup>137</sup>. Quanto a João Torres, podemos depreender seu posicionamento quanto às práticas da Umbanda através da ausência desta nas páginas da revista, bem como em artigos, ao que parece, assinados por ele como “J. T.”, onde procura apontar o que é e o que não é o Espiritismo<sup>138</sup>. Aliás, foi isso que motivou a resposta pública de Leal de Souza. A disputa em torno dos cargos da revista é reveladora da importância que revestiam para alguns espíritas e umbandistas vinculados à Liga Espírita do Brasil, uma vez que definiriam linha editorial e conteúdo de sua publicação.

A *Revista Espírita do Brasil*, à semelhança de *O Sidereo*, *A Verdade* e *Aurora*, manteve sua redação na sede da instituição que representava. E tratava-se da revista de uma entidade federativa que foi, pelo que parece, melhor estruturada que *Reformador*, da FEB, que surgiu na casa de seu fundador sendo, posteriormente, transferida para a federativa. A

---

<sup>136</sup> INSTITUTO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES. *Campanha Amigos da Creche do Instituto Dr. March*. Disponível em: <http://www.iebm.org.br/?pg=instituto-dr-march> Último acesso em 2 de Setembro de 2013.

<sup>137</sup> CORREIO ESPÍRITA. *Programas Espíritas Radiofônicos*, op. cit..

<sup>138</sup> Ver, por exemplo: T.,J. “Perguntas, respostas e conselhos”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Setembro de 1929, p. 245.

importância dos cargos diretivos das revistas das duas federativas provocou disputas e divisões entre os espíritas que militavam nelas, levando alguns destes – os que foram derrotados na disputa – a se afastarem destas instituições, de maneira radical e absoluta, como Leal de Souza, ou de forma mais moderada, como Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy. A maior projeção social das federativas também facilitou a recuperação destas tensões, uma vez que mereceram o trabalho memorialístico do filho de Carlos Imbassahy bem como o interesse dos jornais *A Manhã* – que acompanhou a organização da Liga Espírita do Brasil – e do jornal *Diário de Notícias*, abrindo espaço para Leal de Souza dar sua versão dos fatos.

Na *Revista Espírita do Brasil* não é possível verificar o número de assinantes, bem como avaliar as receitas obtidas com eles e com anúncios, diferente de *Reformador*, que trouxe, por algum tempo, estas informações. Não consta, também, que a revista da Liga Espírita do Brasil fosse distribuída gratuitamente por Centros Espíritas, bibliotecas e livrarias. No entanto, como a revista da FEB, devia ser encaminhada às redações de jornais, para ser comentada e, por consequência, divulgada. Em 1º de Janeiro de 1929, *A Manhã* acusa ter o primeiro número da revista, que segundo o jornal teria “*excellente feição material*”<sup>139</sup>.

A *Revista Espírita do Brasil* entendia de forma ampla o espectro de interesses do Espiritismo.

Nessa acção, objectivando, sobretudo, *dar uma certa uniformidade aos estudos da doutrina e prática do Espiritismo*, a Revista Espírita do Brasil, ao mesmo tempo espalhando os ensinamentos do Christo de Deus, apreciará e discutirá os factos de toda ordem da vida de relação, tanto político-administrativos, social-artísticos, como moral-religiosos, visto como, sendo, como é, o Espiritismo uma doutrina de aperfeiçoamento em toda a sua extensão, por certo, espalhando os seus ensinamentos, descrevendo ou assentando os seus moldes de estudo e de prática, *teremos indubitavelmente de intervir nos problemas vários da vida, apreciando todos os factos, todos os acontecimentos, onde quer que se verifiquem*.<sup>140</sup>

O órgão buscava influenciar na uniformização dos estudos e das práticas do Espiritismo, esforço que vinha sendo empregado, também, nas reuniões chamadas “semanaes” promovidas pela Liga Espírita do Brasil. Esse esforço pela normatização é semelhante ao de *A Fraternização*, como vimos acima. Ambos desejavam que as instituições espíritas se pautassem pelos métodos estabelecidos nas obras de Allan Kardec, uma vez que os espíritas ligados a esta federativa, em visitasões que realizavam a Centros Espíritas, viriam observando “*práticas em completo deturpamento da pureza da doutrina*”<sup>141</sup>. Para os dirigentes da Liga Espírita do Brasil, os espíritas destes Centros vinham incorporando às suas

<sup>139</sup> “Imprensa Carioca: Revista Espírita do Brasil”. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 1º de Janeiro de 1929, p. 9.

<sup>140</sup> “Nosso Programma”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1929, p. 1 e 2. Grifos meus.

<sup>141</sup> “Sessões Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Julho de 1929, p. 186.

práticas doutrinárias elementos rituais e doutrinários de outras religiões, daí o desconforto acusado, resultantes de outras leituras do Espiritismo que divergiam das de Allan Kardec.

Propunham-se, também, abarcar uma gama maior de assuntos, inclusive políticos, tentando enxerga-los através de sua maneira específica, de acordo com os ensinamentos da Doutrina Espírita. Se o Espiritismo objetivava, fundamentalmente, o aperfeiçoamento do ser humano, parecia natural, para eles, que se interessassem pela vida das instituições humanas, apreciando-lhes o modo de agir e as consequências de suas ações. Sem deixar de frisar que tomariam como um de seus referenciais os ensinamentos de Jesus Cristo, não se deteriam, apenas, nas questões doutrinárias. Os espíritas da Liga Espírita do Brasil enfatizam, também, que a revista

*Será também um órgão combativo, da mesma sorte que será doutrinário, sem contudo ser agressivo; deste modo a ação da política religiosa, qualquer que seja a sua fonte, será combatida por meios esclarecedores, notadamente quando houver ostensiva agressão ou ridículo que, a cada passo, os espíritas são vítimas.*<sup>142</sup>

O órgão mensal da entidade federativa posiciona-se em defesa dos espíritas, cujos interesses poderiam ser prejudicados em função da “ação política religiosa” que, a despeito de ter sido apresentada de forma genérica no seu programa de atuação, tratar-se-ia daquela que os católicos pudessem operar. Sempre que interpretassem como ofensiva às ações do grupo religioso hegemônico na sociedade naquele momento, tomariam as páginas da revista para combater, uma vez que entendiam que os ataques desferidos contra os espíritas e sua Doutrina seriam comuns e mereceriam contestações. A resposta à altura, atacando questões doutrinárias fundamentais dos católicos, colocando-as em relação à visão espírita sobre o assunto, visaria vencer, pelo argumento, o opositor, ou, pelo menos, desestimula-lo a novas investidas contra o Espiritismo e os espíritas<sup>143</sup>. Escrito no início do ano de 1929, o tema ainda estaria candente entre os espíritas, já que se tratava do órgão de uma entidade cujo nascimento é ligado, fundamentalmente, à defesa dos interesses dos espíritas que se sentiam ameaçados pelas “emendas religiosas” à Constituição de 1891 – que visariam instituir o ensino religioso –, propostas pelo deputado católico Plínio Marques em 1925<sup>144</sup>. Estes observavam como ameaçadoras as movimentações dos interessados na implementação da mudança, que ocorreu, oficialmente, com o Decreto nº. 19.941 de 30 de Abril de 1931<sup>145</sup>.

<sup>142</sup> “Nosso Programma”. *Revista Espírita do Brasil*, op. cit., grifos meus.

<sup>143</sup> O que poderia ser feito, por exemplo, confrontando-se a crença na ressurreição da carne, católica, parte do credo católico, com a da reencarnação, defendida pelos espíritas como mais de acordo com a justiça de Deus.

<sup>144</sup> QUINTELLA, Mauro. “A FEB e a Liga Espírita do Brasil”. In: *História do Espiritismo no Brasil*, op. cit..

<sup>145</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto nº. 19.941 de 30 de Abril de 1931*. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 2 de Novembro de 2013.

Os espíritas da Liga Espírita do Brasil engajaram-se em iniciativas políticas contra o ensino religioso, a principal delas a Coligação Pró Estado Leigo, cedendo, inclusive, sua sede para o funcionamento desta e noticiando seu funcionamento e atividades em seu órgão mensal. Segundo Eusígnio Lavigne, na *Revista Espírita do Brasil* de Junho de 1947,

*Ninguém, sem contradizer-se, pode ser apolítico, porque o homem é sociável e, pois, deve interessar-se pela Ordem Social, cuja segurança muito depende dos processos da Política. A neutralidade, como sintoma de comodismo, não agrada à doutrina espírita, que nos obriga a trabalhar pelo progresso humano, uma vez que a existência humana é uma estação necessária da imortalidade do espírito.*<sup>146</sup>

O autor postula que a neutralidade é sintoma de comodismo, o que não seria condizente com os ensinamentos da Doutrina Espírita, que propunha que as pessoas trabalhem para o progresso humano, esforço necessário para a evolução espiritual. Os espíritas, a seu ver, deveriam interessar-se pela Política na medida em que a ordem social dependia dela para manter-se com segurança. Seus esforços de participação política ajudariam a manter as instituições em funcionamento. Escreve isso pouco mais de dois anos depois do final da ditadura de Getúlio Vargas, tempos de restrições às liberdades. E estes espíritas levaram isso muito a sério. *Mundo Espírita* de 7 de Dezembro de 1946 num artigo intitulado “Movimentam-se os espíritas”, demonstra a articulação de espíritas da Liga Espírita do Brasil com a Coligação Pró Estado Leigo com vistas às eleições para vereadores que se avizinhavam. Esta entidade, em que Lins de Vasconcellos foi eleito presidente em Agosto de 1946<sup>147</sup>, teria recomendado a votação nas chapas de partidos em cujos programas constasse a defesa do Estado Laico. Dentre eles, ressaltavam o Partido Republicano Democrático, que apresentaria em breve seus candidatos, sendo que dentre eles “*se destacam alguns espíritas de incontestável merecimento, grandes simpatias e capazes de bem desempenharem o mandato que lhes for confiado, se eleitos*”<sup>148</sup>. O então presidente do Conselho da Liga Espírita do Brasil, Aurino Barbosa Souto recomenda, pelas páginas do mesmo jornal, em 14 de Dezembro de 1946, que os espíritas prestigiem os esforços da Coligação Pró Estado Leigo, “*votando e aconselhando votar nos partidos cujos programas estejam em harmonia com os princípios defendidos pela Coligação, e que reúnam em suas chapas, maior número de*

---

<sup>146</sup> LAVIGNE, Eusígnio. “Espiritismo e Política”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Junho de 1947, p. 3. Grifos meus. Sobre o autor, ver: PEREIRA NETO, Carlos. *Eusígnio Lavigne, um ilheusense*. Disponível em: <http://ilheuscomamor.wordpress.com/2011/06/09/eusinio-lavigne-um-ilheusense/> Último acesso em 31 de Janeiro de 2014.

<sup>147</sup> “Reinicia suas atividades a Coligação Nacional Pró Estado Leigo”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1946, p. 3.

<sup>148</sup> “Movimentam-se os espíritas”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 7 de Dezembro de 1946, capa.

*candidatos espiritistas*”<sup>149</sup>. E quais foram os candidatos espíritas? Concorreram para o cargo de vereador Henrique Andrade (do *Mundo Espírita* e ex-presidente da Liga Espírita do Brasil), Mário Costa (Centro Espírita Christóphilos e responsável pela coluna “Vida Espiritual” na *Gazeta de Notícias*), o próprio Lins de Vasconcellos (FEB, Liga Espírita do Brasil e, posteriormente, responsável por *Mundo Espírita*)<sup>150</sup>, o médico Cadmo Brandão<sup>151</sup> e Olívio Novaes, que seria um homem de imprensa e um dos fundadores da Rádio Piratininga, de São Paulo, uma “emissora espírita”<sup>152</sup>. Nenhum deles foi eleito, no entanto, acreditaram na atuação político-partidária como forma de intervenção social e investiram nisso. E dos cinco candidatos, quatro desempenhavam atividades na imprensa, sendo que Henrique Andrade, Mário Costa e Lins de Vasconcellos no jornalismo espírita.

### 1.3 – Periódicos espíritas que se pretendiam “independentes”

Além dos periódicos diretamente vinculados a Centros Espíritas ou federativas, existiram outras iniciativas que não se apresentavam como órgãos de instituições espíritas, ainda que solicitassem a participação dos demais espíritas nestes empreendimentos. Em 25 de Junho de 1931, na coluna “No Mundo Espírita” do *Diário Carioca* pode-se ler uma nota interessante. Intitulada “Nosso Jornal”<sup>153</sup>, informava que até o dia 15 de Julho haveria uma reunião de espíritas que estariam aderindo, de boa vontade, ao desejo de criar-se um jornal comum, dos espíritas, por isso, o nome da nota. Em 4 de Julho decidem a data definitiva: a reunião seria realizada num domingo, dia 12 de Julho daquele ano, no salão da União Espírita Trabalhadores de Jesus<sup>154</sup>, na Rua do Riachuelo nº. 119, no Centro, gentilmente cedido pela diretoria da instituição<sup>155</sup>. Aproveitam a ocasião e abrem o convite a todos os interessados, espíritas ou não, que desejassem associar-se ao empreendimento. Mas... Quem seriam esses espíritas? Quem cedeu o espaço aderiu de alguma maneira à causa. Este Centro espírita não

<sup>149</sup> SOUTO, Aurino Barbosa. “A Liga Espírita do Brasil e as próximas eleições para Vereador”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 14 de Dezembro de 1946, p. 4.

<sup>150</sup> “O resultado”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 8 de Fevereiro de 1947, capa.

<sup>151</sup> Durante as exigências da Portaria Policial nº 8363 por atestados médicos dos médiuns participantes em reuniões mediúnicas, ele colaborou com o Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança, de Botafogo, o que lhe rendeu o título de sócio honorário da instituição. Ver: OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “*Livres*”, porém *perseguidos*, op. cit., p. 74. Sobre vida e a candidatura de Brandão da Rocha, ver: “Dr. Cadmo de Moura Brandão”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1946, p. 2.

<sup>152</sup> Foi o único que não pertencia ao Partido Republicano Democrático e sim ao Partido Social Progressista. “*Ele não é um desconhecido. Labuta há muitos anos no comércio, na imprensa, aqui e em São Paulo. Foi um dos grandes trabalhadores e propagandistas da Rádio Piratininga – a Emissora dos Espíritas. Ele pode não ser conhecido nas altas camadas sociais, mas o é – do povo*”. VALENTE, Aurélio. “Apresentando um candidato”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1946, p. 2.

<sup>153</sup> “Nosso Jornal”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1931, p. 7.

<sup>154</sup> Trata-se de um Centro Espírita.

<sup>155</sup> “Reunião Pro-Nosso Jornal”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1931, p. 8.

consta no Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil<sup>156</sup>, não sendo, portanto, adeso a esta entidade federativa. Também não o era à Federação Espírita Brasileira<sup>157</sup>. Em Março de 1929, era presidido pelo advogado Henrique Andrade que, anos mais tarde, presidiria a Liga Espírita do Brasil. É possível, então, presumir que ele já tivesse relações com esta entidade federativa em 1931, ainda que o Centro Espírita que presidia não tivesse adeso a ela<sup>158</sup>.

Dois dias antes da reunião marcada, ou seja, 10 de Julho de 1931, pela coluna espírita de *Diário Carioca*, lemos que o objetivo daqueles espíritas era a fundação de um jornal diário. No chamamento à reunião, a história de um fracasso anterior.

*Depois de fracassadas diversas iniciativas a esse respeito, por falta absoluta de união dos espíritas, depois que o illustre confrade professor Nóbrega da Cunha, viu em pouco tempo ruir todo o seu grande trabalho, obrigando-se a uma retirada das lidas espíritas, pelo desaparecimento do seu jornal “O Mundo Espírita”. Compete-nos, agora, ajudarmos ao querido confrade Antonio Compans a quem está confiada esta missão por demais laboriosa, porém mais do que nobilitante, amparando-o com a nossa presença, com o nosso sincero apoio, sustentando-o nesse trabalho formidável, despertando todas as energias latentes, para que assim se torne realidade uma das nossas velhas aspirações: - Um jornal espírita diário (...)”<sup>159</sup>.*

O desejo de manter um jornal diário já passara, naquela época, pela mente de alguns espíritas, que teriam fracassado em suas tentativas em virtude da desunião, muito provavelmente porque não aderiram, como seria de desejar, aos projetos derrotados. Nóbrega da Cunha, agora tomado como espírita pelos que se propunham a concretizar este projeto, como vimos, fora cotado por alguns participantes do Congresso Constituinte Espírita que originou a Liga Espírita do Brasil para assumir a *Revista Espírita do Brasil*, o que não ocorreria. Será que seu desejo pela criação de um jornal tem haver com o fato de não assumir a revista da federativa, buscando espaço, quem sabe, para dar representatividade a um espectro mais amplo de Centros, nem sempre tão “espíritas” para o gosto da turma da Liga Espírita do Brasil? É uma possibilidade. Sobre Antonio Compans, não obtive muitas informações, a não ser que fora o responsável pela coluna “No Mundo Espírita” de *Diário Carioca* em algum momento entre Março de 1934 até Abril de 1936<sup>160</sup>. Parece que fora o idealizador do projeto

---

<sup>156</sup> CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, 1942.

<sup>157</sup> CPDOC-FGV. Arquivo pessoal Filinto Müller. Serviço de Inquéritos Políticos e Sociais. *As forças religiosas no Brasil, do ponto de vista de suas influências políticas e econômicas*. Relação dos Centros Espíritas filiados à FEB. Rio de Janeiro, 1938.

<sup>158</sup> Na edição de Março de 1929 da *Revista Espírita do Brasil*, encontramos o anúncio da abertura das aulas da Escola Vianna de Carvalho, fundada em Dezembro do ano anterior por este Centro que, à época, era presidido pelo advogado Henrique Andrade. “Escola Vianna de Carvalho”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Março de 1929, p. 71.

<sup>159</sup> “Aos Espíritas”. *Diário Carioca*, op. cit., grifos meus.

<sup>160</sup> CHRISTOVÃO, Daniel. “Duas palavras”. *Diário Carioca*, 18 de Abril de 1936, p. 15.

que ganhou adesões, provavelmente, a partir de conversas informais com outros espíritas, bem como através da repercussão nas páginas do *Diário Carioca*.

Em 15 de Julho de 1931, ainda no *Diário Carioca*, podemos encontrar um resumo da reunião anunciada. Fizeram-se presentes representantes de algumas instituições espíritas, a saber: o Centro Estudantes do Evangelho, o Centro Amor e Luz, a Tenda de Caridade, o Centro Jesus Maria José, o C. Caridade Ismael, o C. Fé e Caridade. Compareceram também o Capitão Aristóteles de Farias Castro e Souza Moraes representando o *Anuário Espírita do Brasil*<sup>161</sup>. Não foi citado ninguém representando as entidades federativas. Nenhum dos Centros ali presentes era adeso a FEB. No entanto, os dois últimos que mencionei eram adesos à Liga Espírita do Brasil. O C. Fé e Caridade era considerado no seu livro de registro de instituições adesas um fundador. Consta nele, como seu presidente, João Pinto de Souza<sup>162</sup>, presente a esta reunião também. Na reunião, formaram três comissões, duas divididas por regiões. Uma do que chamaram “zona suburbana”, com cinco integrantes e a outra da “zona urbana” com sete, dentre os quais Henrique Andrade. A terceira teria a responsabilidade de organizar a sociedade anônima do jornal<sup>163</sup>.

Em 26 de Julho de 1931, 11 dias depois, tornam a reunir-se, agora na sede do Centro Fernandes Figueira, no Méier. Na oportunidade, deliberaram que “*na impossibilidade de fundação imediata da Sociedade Anonyma de Crédito Limitado, por falta da porcentagem de 40%, como capital inicial para o seu funcionamento, de acordo com os preceitos da lei, funda-se uma sociedade com a denominação Pró-“Nosso Jornal”*”<sup>164</sup>. Apesar de chamarem atenção para a presença de grande número de pessoas à reunião, os recursos necessários ao empreendimento faltaram ao encontro, não sendo possível a criação da sociedade anônima. Aproveitam, no entanto, a ocasião e elegem uma primeira diretoria: Presidente, Francisco Nogueira, presidente também do Centro Espírita Luiz Gonzaga e vice-presidente do Centro Espírita Estudantes da Verdade; Vice-presidente, Augusto Santos, apresentado como “*velho propagandista da doutrina espírita*”<sup>165</sup>; Secretário, Tenente Souza Moraes, redator do *Anuário Espírita do Brasil*; Tesoureiro, João de Carvalho Pedrosa, presidente da Tenda

---

<sup>161</sup> O Capitão Aristóteles de Farias Castro foi eleito bibliotecário da Liga Espírita do Brasil em Março de 1931. “Registro Espírita. Conselho da Liga Espírita do Brasil”. *A Batalha*. Rio de Janeiro, 3 de Março de 1931, p. 5.

<sup>162</sup> CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil*, op. cit., p. 6. Existem duas instituições com o nome “Jesus Maria José” neste livro. Uma do Engenho Novo, o Grupo Espírita Jesus Maria José (p. 11) e a outra da Mangueira, a Associação Espírita Jesus Maria José (p. 73). Algum destes dois poderia ser o que tivera representante presente à reunião?

<sup>163</sup> “Nosso Jornal”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1931, p. 9.

<sup>164</sup> “Sociedade Espírita pró ‘Nosso Jornal’”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1931, p. 11.

<sup>165</sup> Idem.

Espírita de Caridade; Comissão de Finanças composta por Mauro de Oliveira, Mario Fonseca e Joaquim Collares Rocha. Escolheram, por fim, cinco pessoas para entrarem em entendimentos com os diretores dos Centros Espíritas da capital, acredito que para captar recursos, dentre os quais Souza Moraes e João Pinto de Souza. A ideia de criação de uma sociedade para captar recursos para o jornal deve ter sido inspirada na experiência da Liga Espírita do Brasil para concretizar a *Revista Espírita do Brasil*.

Apesar de no dia 10 de Julho de 1931 lermos, nas páginas do *Diário Carioca*, que o responsável pela coluna espírita atribuiu a iniciativa de “Nosso Jornal” a Antonio Compans, ele não figura em parte alguma com responsabilidades, nem é mais mencionado. Desistira do empreendimento? Chama a atenção, também, para as adesões que a ideia vai recebendo. A segunda reunião fora realizada numa instituição vinculada à FEB<sup>166</sup>. O presidente da nova sociedade, que pretendia fundar o jornal diário, também presidia um Centro filiado à FEB. Como é possível começar a perceber, o projeto captou a atenção de espíritas cujas instituições tinham vínculos com a FEB e com a Liga Espírita do Brasil. Os homens envolvidos na imprensa espírita trabalham em diversas frentes, seja nas suas próprias instituições, seja na própria imprensa. Neste momento, aliás, é Souza Moraes, redator do *Anuário Espírita do Brasil*, quem está recebendo toda correspondência e adesões ao projeto, na Rua Pedro Domingues nº. 97, na Piedade.

Em 1º de Agosto de 1931 informam, através da coluna “No Mundo Espírita” do *Diário Carioca* que pretendem colocar em circulação o jornal diário, com doze páginas, no mês de Outubro daquele ano<sup>167</sup>. Não queriam nascer pequenos. O jornal diário que lhes oferecia espaço para divulgarem o empreendimento oscilava entre oito e doze páginas. No dia 11 do mesmo mês, em nova reunião que fizeram, agora no Centro Espírita Antonio de Pádua, adeso à FEB, na Rua Senador Pompeu nº. 160, no Centro, informam que já estão com tudo preparado para a fundação da sociedade anônima, nos termos da lei. Poucos dias depois, no dia 19 de Agosto de 1931, relata-se que estão recebendo grande número de adesões. No entanto, ainda guardavam maiores expectativas.

Esperamos, ainda, que os dirigentes de todas as associações espíritas da capital e dos Estados concorram também com o seu contingente de boa vontade moral e material. Assim, chamamos a atenção com especial consideração á Federação Espírita Brasileira e á Liga Espírita do Brasil, para que se dirijam ao secretário, dizendo algo, a respeito.<sup>168</sup>

---

<sup>166</sup> CPDOC-FGV. Arquivo pessoal Filinto Müller. Serviço de Inquéritos Políticos e Sociais. *As forças religiosas no Brasil, do ponto de vista de suas influências políticas e econômicas*. Relação dos Centros Espíritas filiados à FEB. Rio de Janeiro, 1938.

<sup>167</sup> “Nosso Jornal”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 1º de Agosto de 1931, p. 11.

<sup>168</sup> “Nosso Jornal”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1931, p. 10. Grifos meus.



Apesar das adesões, sentem necessidade de maior ajuda por parte dos espíritas. Reclamam apoio moral e material. Lembre-se que o jornal não surgira antes por falta de recursos. Os responsáveis pelo empreendimento chamam as entidades federativas a se manifestarem, uma vez que até aquele momento, mantiveram silêncio. Espíritas de instituições vinculadas às duas entidades representativas estavam aderindo. Por que não a FEB e a Liga Espírita do Brasil? Por que já tinham seus órgãos oficiais? Receio de perderem o protagonismo da ação? Afinal, os espíritas de Cataguases propuseram, na reunião do Conselho Federativo da FEB em 1926, que os espíritas cerrassem fileiras em torno da ampliação do *Reformador* ou na criação de um jornal diário para esta federativa, no que ela prontamente concordou. Anos depois, em 1929, a FEB cobrou dos espíritas através de seu presidente Manoel Quintão a não adesão ao projeto de imprensa em torno dela. Esta foi a última referência que encontrei com relação a *Nosso Jornal*. Depois disso, o que teria ocorrido? Saíra do papel?

Acredito que a gestação de *Nosso Jornal* resultara em outro filho. Praticamente seis meses depois da última referência a ele, no dia 18 de Fevereiro de 1932 lemos no *Diário Carioca*:

*Uma empresa jornalística, fundada pelos srs. Comandante João Torres, dr. Henrique de Andrade, tenente João de Souza e o industrial sr. Benedicto de Souza, proprietário das oficinas gráficas da rua do Carmo n. 43 vae reiniciar a publicação do semanário "Mundo Espírita", jornal fundado e publicado em 1926, pelo jornalista Nóbrega da Cunha.*<sup>169</sup>

O tenente João de Souza é o redator de *Anuário Espírita do Brasil*, acima chamado de Souza Moraes<sup>170</sup> e que estivera à frente, nos últimos tempos, do projeto de criação do *Nosso Jornal*. Henrique de Andrade aderira ao movimento na primeira hora, provavelmente quando a diretoria da instituição que presidia oferece sua sede para a primeira reunião envolvendo os interessados na criação do jornal espírita diário. João Torres, naquele momento, era o presidente da Liga Espírita do Brasil. E não deve ser casual que a empresa jornalística tenha a participação do industrial Benedicto de Souza, proprietário da gráfica onde era impressa, na época, a *Revista Espírita do Brasil*, órgão da entidade federativa presidida por João Torres. O apelo de seis meses antes surtira efeito. E novamente remetem ao projeto frustrado de Nóbrega da Cunha, porém, agora para revivê-lo. Parece razoável supor que o nome da coluna

---

<sup>169</sup> "Mundo Espírita". *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 18 de Fevereiro de 1932, p. 7. Grifos meus. O jornal *Mundo Espírita*, fundado por João Torres, Henrique de Andrade, João de Souza e Benedicto de Souza inicia suas atividades em Abril de 1932 na Rua do Ouvidor n°. 15, 4° andar. Deve ter sido impressa, inicialmente, na Tipografia de Benedicto de Souza. O jornal circula até o presente sob a responsabilidade da Federação Espírita do Paraná no formato impresso e na internet. FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Mundo Espírita*. Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/> Último acesso em 6 de Setembro de 2013.

<sup>170</sup> "Junta Comercial – Sessão de 5 de Maio de 1932. Contratos". *Correio da Manhã*, 7 de Maio de 1932, p. 12.

espírita publicada no *Diário Carioca* – “No Mundo Espírita” – faça referência a esse projeto que, em 1926 não vingara por, dentre outras razões que os contemporâneos não apontaram claramente, “*falta absoluta de união dos espíritas*”<sup>171</sup>. Em 5 de Maio de 1932, registram o contrato na Junta Comercial como Empresa Jornalística Mundo Espírita Limitada. Situava-se à Rua do Ouvidor nº. 15, 2º andar. Tinha, como capital, 6:400\$000<sup>172</sup>.

Surgiram dificuldades financeiras e de relacionamento e elas foram rememoradas por Lins de Vasconcellos<sup>173</sup>, em 21 de Fevereiro de 1948, ao assumir o jornal e sua gráfica, comparando a iniciativa de Henrique Andrade, João Torres, João de Souza e Benedicto de Souza em fundar *Mundo Espírita* ao fracasso do projeto de Nóbrega da Cunha em 1926. Parece que a experiência deixou marcas nos que se interessavam pelos trabalhos da imprensa espírita, afinal, 26 anos depois, ainda preservaram a memória de sua iniciativa na disputa da preferência dos espíritas na imprensa. Mas este fracasso não frearia o desejo dos iniciadores de *Mundo Espírita*.

A lição do insucesso não intimidou aqueles companheiros. Infelizmente, logo depois, Torres e Moraes saíram da direção tríplice, ficando Andrade à frente do semanário, *numa luta aspérrima de todos os dias, disputando a preferência do meio espírita em que já estavam radicados o “Reformador”, “Aurora” e a “Revista Espírita do Brasil”*. Manifestei, então, minha opinião, *tentando evitar dispersividade, dano e malogro* com o seu inevitável cortejo de desilusões. Andrade, porém, insistiu e persistiu durante anos, sustentando uma batalha difícil, pontilhada de amarguras e temeridades, sem querer jamais modificar a saída do jornal, de semanal para quinzenal ou mensal (...).<sup>174</sup>

A leitura que Lins de Vasconcellos faz do início de *Mundo Espírita* é a de que o jornal desce a campo para disputar a preferência do meio espírita, num universo de periódicos já estabelecidos. Não estaria, ali, para agregar, somar valor às outras iniciativas. Outro jornal onde já existiam três periódicos espíritas seria, em sua opinião, um desperdício de forças, de Henrique Andrade e dos que aderissem a seu projeto, que poderiam estar sendo convergidas para algum dos periódicos então existentes. Estaria preocupado, também, com a imagem de desunião que os espíritas poderiam passar para o restante da sociedade por conta das múltiplas iniciativas na imprensa? É possível, ainda que isso não solucionasse os conflitos que faziam com que os espíritas tivessem duas entidades federativas, que boa parte dos Centros Espíritas não estivessem adesos a elas, que preferissem investir nos periódicos específicos de seus próprios Centros e iniciativas na imprensa mais independentes.

---

<sup>171</sup> “Aos Espíritas”. *Diário Carioca*, op. cit..

<sup>172</sup> “Junta Comercial – Sessão de 5 de Maio de 1932. Contratos”. *Correio da Manhã*, op. cit..

<sup>173</sup> Sobre o empresário Lins de Vasconcellos, ver: LOBO, Ney. *Lins de Vasconcellos: o diplomata da unificação e o paladino do estado leigo*. Curitiba: Edição Federação Espírita do Paraná, 1997.

<sup>174</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Início de nova etapa”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1948, capa.

Lins de Vasconcellos, que dizia ter assumido a “*responsabilidade de dirigir temporariamente*”<sup>175</sup> o *Mundo Espírita*, dá a entender que, pouco tempo depois, João Torres e Souza Moraes afastam-se do empreendimento, que continuou apenas com Henrique Andrade. O que teria motivado o afastamento? Em 17 de Abril de 1951, Nelson Kerensky, escrevendo sobre o aniversário de *Mundo Espírita* elabora sua versão. Segundo ele, “*em 1934, em virtude de discordância quanto à orientação doutrinária até então seguida por Henrique Andrade, dissolveu-se a sociedade, assumindo ele todo o ativo e passivo*”<sup>176</sup>. A sociedade entre os três manteve-se, então, por dois anos. De que natureza seriam essas divergências doutrinárias? É difícil apurar a orientação doutrinária seguida pelo jornal sem consultá-lo. Na Biblioteca Nacional, não estão disponíveis os exemplares de 1932 a 1944<sup>177</sup>. Tenho um palpite de um fato que, se não foi determinante, pode ter contribuído para o afastamento entre as partes. Henrique Andrade não aderiu à obra de Roustaing onde estavam consignadas as polêmicas teses a respeito da natureza fluídica do corpo de Jesus. Segundo ele, essa obra teria causado, pelas discussões que provocou, muitos rompimentos de amizades. Assim,

ciente de tudo isso, e não desejando concorrer para uma possível revivescência da luta, jamais consenti que pelas colunas de “*Mundo Espírita*”, semanário de minha exclusiva orientação doutrinária, se discutisse a questão do “*corpo fluídico de Jesus*”, ou se ventilasse a questão Roustaing.<sup>178</sup>

Se ele inicialmente fechou as portas para a discussão desta obra, deve ter sido demandado por aqueles que gostariam de debatê-la ou, ao menos, tentar colocar panos quentes sobre o assunto. Posteriormente, em Fevereiro de 1943, ele mergulha na polêmica. João Torres seria favorável? Em 6 de Fevereiro de 1930, na coluna “*Vários Cultos*” de *Gazeta de Notícias*, no espaço dedicado ao Espiritismo, ele não ataca a questão de frente. Acha que a discussão deveria ser adiada, a fim de que os interessados no assunto tivessem tempo de aprofundar suas pesquisas em torno da questão. Diz possuir sua visão particular a respeito

---

<sup>175</sup> Idem.

<sup>176</sup> KERENSKY, Nelson. “Aniversário”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 17 de Abril de 1951, p. 4.

<sup>177</sup> A pesquisa nestes é possível apenas na Federação Espírita do Paraná no acervo digitalizado da instituição, a não ser que exista alguma instituição espírita, no Rio de Janeiro ou não, que porventura tenha preservado alguns exemplares. Alameda Cabral, 300, Centro. Curitiba – Paraná.

<sup>178</sup> ANDRADE, Henrique. “Explicação necessária”. *A Bem da Verdade*. Rio de Janeiro: Edição Própria. Composta e impressa na Gráfica Mundo Espírita S. A., 1946, p. XIII. O livro é uma crítica à obra de Roustaing, surgido a partir de uma série de artigos publicados em *Mundo Espírita*. Segundo seu autor, o programa Hora Espírita Radiofônica, que vinha mantendo-se neutro, passou a veicular propaganda dessa obra, por iniciativa de Ismael Gomes Braga, da FEB e que escrevia no órgão da Liga Espírita do Brasil, o que fez com que Henrique Andrade se posicionasse contra pelas páginas de seu jornal em Fevereiro de 1943. Frederico Fígener entra na polêmica com uma carta aberta publicada no jornal *Vanguarda*. Em resposta a ele, Henrique Andrade escreve os artigos.

dotema, mas estaria fechado à discussão do problema<sup>179</sup>. Parecia, no entanto, simpático à tese nas páginas do órgão da Liga Espírita do Brasil. Na *Revista Espírita do Brasil* de Junho de 1929, órgão que gerenciava na ocasião em que presidia aquela federativa, num texto assinado “J. T.” que bem podemos presumir ser de autoria de João Torres, lemos que ele considerava que aspectos dessa obra pudessem ser aproveitados.

A obra de Roustaing – nem a aceitando em substituição á de Kardec (como também acreditamos que ninguém o fez ainda) nem a combatendo, *temol-a, como a de todos os auctores espíritas, como elemento subsidiário á obra do mestre invicto codificador do Espiritismo. Aceitamos Roustaing, pois, naquillo que, na qualidade de um dos nossos apóstolos, nos offerta de bom e útil*; quanto ao mais, não condemnamos nem discutimos.<sup>180</sup>

Quanto à polêmica questão da natureza do corpo de Jesus, ele inclina-se a “*crer que a sua condição physica, o seu corpo, teria sido matéria outra, não grosseira como a da nossa espécie, facilmente se permitindo desassociar vibratoriamente por sua vontade própria*”<sup>181</sup>. Ou seja, o corpo de Jesus seria capaz de “desmanchar-se”, tornar-se “invisível”, de acordo com sua vontade. A atitude pública da Liga Espírita do Brasil, então presidida por João Torres, frente à obra, oscila entre a conciliação entre as partes divergentes com vistas a posteriores desenvolvimentos da reflexão e a simpatia, que aparece mais discreta. Reforça o aproveitamento de partes dela, ainda que não explicita quais e não se proponha a combater aquilo que eventualmente discorde. A opção de Henrique Andrade teria sido, de fato, pelo silêncio total nas páginas de *Mundo Espírita*, frente à obra de Roustaing? João Torres teria desejado mostrar, nas páginas de *Mundo Espírita*, esta simpatia, que não é declaradamente aberta em *Gazeta de Notícias*, mas o é na *Revista Espírita do Brasil*? E qual seria a opinião do terceiro sócio, João de Souza Moraes? Henrique Andrade comenta o assunto doze anos depois do rompimento com seus sócios. Teria “reorganizado” sua memória ao escrever que não permitia a discussão da obra ou já naquele momento posicionou-se, publicamente, contrário a ela?

No início de suas atividades, *Mundo Espírita*, como a maior parte dos periódicos espíritas, raramente usava fotos<sup>182</sup>. Em Janeiro de 1945 contava, como Secretário, Deolindo Amorim que, em Junho do mesmo ano, era Secretário da Liga Espírita do Brasil<sup>183</sup>. É possível

---

<sup>179</sup> TORRES, João. “A natureza do corpo de Christo”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1930, p. 4.

<sup>180</sup> “Allan Kardec e Roustaing”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Junho de 1929, p. 170. Grifos meus.

<sup>181</sup> TORRES, João. “Conselhos, perguntas e respostas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Março de 1929, p. 85.

<sup>182</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. “Mundo Espírita chega aos 80 anos”. *Mundo Espírita*. Curitiba, Abril 2012. Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-chega-aos-80-anos> Último acesso em 6 de Setembro de 2013. A partir de 1945 – disponíveis na Biblioteca Nacional – notei que *Mundo Espírita* usava fotos. A *Revista Espírita do Brasil* e o *Reformador* também.

<sup>183</sup> “Liga Espírita do Brasil”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Junho 1945, p. 143.

perceber a relação mais próxima com esta entidade federativa que com a FEB. *Mundo Espírita*, também à semelhança do *Reformador*, contava com representantes em vários Estados, a saber: São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Bahia, Alagoas e Espírito Santo.

Em Abril de 1949, na gestão de Lins de Vasconcellos, aumentam a tiragem para 12.000 exemplares sem que o número de assinantes tenha aumentado tanto, “*pela conveniência de tornar o Espiritismo sistematicamente conhecido em todos os distritos judiciários, sedes de municípios, agências de correios, etc. de todo o território nacional*”<sup>184</sup>. Contariam, neste momento, com esforços maiores dos seus representantes nos Estados? A tiragem estabiliza-se neste número pelo menos até Junho de 1950.

O jornal *Mundo Espírita*, resultado dos esforços envolvidos no projeto do jornal espírita diário chamado *Nosso Jornal*, contou com a participação de espíritas cujos Centros tinham ligação com as entidades federativas existentes. Dirigido, na maior parte do período, por um ex-presidente da Liga Espírita do Brasil, contou ainda, no seu secretariado com Deolindo Amorim, que exercia a mesma função nesta federativa. Lins de Vasconcellos é um caso mais emblemático, porque desempenhou funções nas duas federativas, o que pode ter ocorrido até quando assumiu a direção do jornal, em Fevereiro de 1948. Em Novembro de 1946 lemos no *Mundo Espírita* que ele seria vice-presidente da Liga Espírita do Brasil e na FEB seria membro do Conselho Fiscal<sup>185</sup>.

Apesar de militar nas duas federativas, Lins de Vasconcellos não escondia sua preferência pela FEB, em detrimento da Liga Espírita do Brasil. Escrevendo sobre a realização de congressos e a união das entidades federativas numa sequência de artigos publicados no *Mundo Espírita*, resolve fazer uma análise delas. A FEB, para ele, era a “Casa Mãe do Espiritismo no Brasil”, que desenvolveria “ação cuidadosa” na assistência social, além de “consagrar-se” na difusão do Espiritismo, “*pela tribuna, pela imprensa e pelo livro, principalmente pelo livro em que conseguiu ultrapassar tudo quanto foi feito no resto do mundo (...)*”<sup>186</sup>. Nela, teriam militado homens que são considerados uma “*plêiade gloriosa de obreiros do Senhor que, sem alarde, embasou o edifício indestrutível que aí se encontra,*

---

<sup>184</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Maio um ano”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1949, capa. Grifos meus.

<sup>185</sup> “O caso da projetada fusão entre a Liga Espírita do Brasil e a Federação Espírita Brasileira”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 2 de Novembro de 1946, p. 4.

<sup>186</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Unidade – Unificação – União! III”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 5 de Junho de 1948, capa.

*dispensa elogios*”<sup>187</sup>. Segundo ele, vice-presidente da Liga Espírita do Brasil, “*se a F.E.B. não uniu os espíritas, como pensamos que o fez, os que vierem dificilmente o farão*”<sup>188</sup>. Assim, a FEB teria, a seu ver, uma atuação destacada, contando em seus quadros com homens que eram verdadeiros emissários dos Espíritos Superiores, o que faria com que a obra que a federativa realizasse fosse indestrutível, portanto, não contaminada por erros e paixões humanas. Para ele, somente a FEB poderia unir os espíritas, nenhuma outra instituição teria capacidade para tanto.

Quando Lins de Vasconcellos se refere à Liga Espírita do Brasil os termos são outros. Os seus componentes seriam bem mais humanizados. A instituição teria uma vida ativa, ainda que pontuada por dificuldades, muitas das quais criadas por pessoas com sentimentos pouco claros e “*impulsos violentos. É da terra. Somos humanos*”<sup>189</sup>. Apesar disso, teria feito boa obra de propaganda. À Liga Espírita do Brasil estariam ligados homens comuns, de paixões, não os “emissários do céu” que Lins de Vasconcellos parece enxergar nos homens da FEB.

Em 1948, como jornal não diretamente vinculado a nenhuma instituição espírita, *Mundo Espírita* tem tiragem semelhante à que teve a revista *A Verdade*, do Centro Espírita Bezerra de Menezes, sendo que contava com representantes nos demais estados da Federação. Os seus 12.000 exemplares em 1949 o tornam o terceiro jornal espírita do Rio de Janeiro com maior tiragem, daqueles que pude identificar, ficando atrás de *Aurora* com seus 40.000 exemplares no início da década de 1930 e do *Reformador*, que alcançou 20.000 entre o primeiro semestre de 1949 e o segundo semestre de 1950.

No início da década de 1930, *Mundo Espírita*, de Henrique Andrade, também se posicionava de maneira combativa na defesa do Espiritismo, sem constituir-se, segundo a apresentação de seu programa, em força política partidária. O jornal acompanharia

Cautelosamente a vida político-social da Nação, *pugnando pela representação ostensiva da família espírita* – que já hoje se eleva a cerca de 6 milhões de almas, no Congresso Nacional, a fim de evitar que a absorvente política religiosa jesuítica que já se organiza embora veladamente, em força política partidária, possa anular a nossa maior conquista nos fastos da nossa história política: a liberdade de pensamento e a liberdade de cultos consubstanciados no art. 72 e seus §§ da Constituição Republicana de 1891.<sup>190</sup>

Henrique Andrade, que tentou a vida político-partidária, acreditava na necessidade de fiscalizar a atuação política dos congressistas, buscando evitar que nela se intrometessem

---

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> Idem.

<sup>189</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Unidade – Unificação – União! IV”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 12 de Junho de 1948, capa.

<sup>190</sup> “Nosso Programa”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1932, p. 1. Citado por COSTA, Flamarion Laba. *Demônios e Anjos (o embate entre espíritas e católicos na República brasileira até a década de 60 do século XX)*. Tese de Doutorado em História. Paraná: UFPR, 2001, p. 117 e 118. Grifos meus.

interesses do Catolicismo que colidissem com os das forças religiosas minoritárias. Entendia que a organização político-eleitoral de interesses religiosos hegemônicos poderia colocar em risco a liberdade de pensamento e a de cultos. Tentativas, por parte dos católicos, de implementar o ensino religioso no Brasil já fora objeto de críticas dos espíritas em outros momentos, como no contexto da fundação da Liga Espírita do Brasil, em 1926. Como *Tribuna Espírita* fizera anos antes, tinha em foco, também, a atuação dos católicos, somente que também no campo político. A apresentação de *Mundo Espírita* feita nas páginas de *Aurora* faz lembrar o programa da revista da Liga Espírita do Brasil.

É um matutino semanário de *propaganda e defesa do Espiritismo*, que se entregará concomitantemente aos estudos científico-philosophico, moral-religiosos e psicologico-sociaes; igualmente estudará dentro dos princípios são doutrinários, os problemas político-administrativos e econômico-financeiros.<sup>191</sup>

Muito provável que os termos utilizados na nota do jornal de Inácio Bittencourt fossem dos responsáveis por *Mundo Espírita*. Comparado ao programa do órgão da entidade federativa, ainda acrescentam um elemento de interesse, ausente na *Revista Espírita do Brasil*: as questões econômico-financeiras. Dois periódicos espíritas contemporâneos, contando, em seu início, com uma pessoa com vida institucional nos dois – João Torres – além de Henrique Andrade que, se não participava, especificamente, da revista, estava inserido na federativa que, em 1933, presidiria.

Os idealizadores do jornal diário espírita chamado “Nosso Jornal” também formularam suas expectativas quanto ao papel que ele desempenharia socialmente. Segundo eles,

Com a leitura constante do nosso jornal, podemos facilmente *avaliar o grande erro das práticas obscurantistas da santa inquisição, dos tetricos actos de fé, commemorados com fogueiras humanas; podemos facilmente desvencilharmo-nos dos rigores da intolerância catholica, compreendendo bem o nosso papel de espíritas sensatos, estudiosos, impávidos e cohesos (...)*.<sup>192</sup>

Identificavam, também, nos ensinamentos católicos, o inimigo a combater. Pretendiam instrumentalizar os leitores a fim de que estes pudessem avaliar a conduta da Igreja Católica nos momentos onde sua História tingiu-se de sangue humano. Buscariam fazer com que os espíritas compreendessem o papel que desempenhavam no mundo, com sensatez, vinculados ao estudo doutrinário que lhes ofereceriam as ferramentas necessárias para livrarem-se dos argumentos contrários à Doutrina Espírita, formulados pelos adeptos do Catolicismo. Agora, pretendiam, também, que o conhecimento espírita soldasse as relações que os praticantes da doutrina deveriam estabelecer entre si, o que não deixa de ser um diagnóstico do momento de

<sup>191</sup> “Mundo Espírita”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 1º de Abril de 1932, p. 3.

<sup>192</sup> “Aos Espíritas”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1931, p. 11. Grifos meus.

desunião em que viviam. O foco na atuação dos católicos é parecido com aquele que os espíritas que se organizaram em torno de *Mundo Espírita* mantiveram, sendo que Henrique Andrade participou da gestação fracassada de “Nosso Jornal”.

*União Espírita*, localizado no Centro da cidade, foi outro periódico espírita de circulação semanal que não era formalmente vinculado a nenhuma instituição espírita. Contava com acionistas e tinha em Joaquim Alves Fontes Martins a pessoa autorizada a receber as “*entradas das acções, como também dos annuncios e assignaturas*”<sup>193</sup>. Apresentava-se como “*folha semanal, artística, litterária e commercial, advogando principalmente os interesses da doutrina que professa (...)*”<sup>194</sup>.

Os responsáveis pela publicação entusiasmaram-se com o início de suas atividades:

Foi recebido o nosso jornal tanto pelos confrades como também por avultado número de descrentes. Felizmente a tiragem da 1ª edição está quasi esgotada, pois só nos resta cem exemplares; e note-se, *não corremos todos os centros; primeiro porque faltou-nos o tempo, segundo porque uma andorinha só não faz verão; (...)*<sup>195</sup>

*União Espírita* teria atingido espíritas e leigos. Pode-se perceber que, para divulgar o periódico, alguém – seu gerente, quem sabe? – percorreu instituições espíritas, não alcançando todas no espaço de uma semana, entre uma publicação e outra. A despeito de contar com acionistas, ou seja, com pessoas que aderem ao projeto, apenas uma pessoa teria se lançado à tarefa das visitas aos Centros Espíritas. E se lhe faltou tempo para fazê-lo é que o responsável pela tarefa tinha outros assuntos a tratar, dentre os quais uma vida pessoal com todas as suas demandas materiais de subsistência. Além disso, em se tratando de um jornal semanal, gastaria tempo na elaboração do mesmo, bem como na captação de recursos via anunciantes. A visita a outras instituições, para divulgação de seus jornais, também foi feita, como vimos acima, pelos espíritas responsáveis por *Tribuna Espírita*, que o distribuíam na porta da FEB.

Em sua apresentação, *União Espírita* explicita suas intenções e identifica um adversário, fazendo questão de apontá-lo.

(...) advogando principalmente os interesses da doutrina que professa e *procurando trabalhar com o máximo afinho não só para a disseminação do Espiritismo no Brazil, como ainda para o vinculamento da grande família espírita tão veementemente ultrajada pelo jornalismo adverso todas as vezes que della se ocupa ou a ella se refere*. Assim, pois, não é de extranhar a

---

<sup>193</sup> “Expediente”. *União Espírita*. Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1905, capa. *União Espírita* era um jornal, sob a responsabilidade de Domingos Machado e outros redatores não identificados. Sua redação provisória era na Av. Passos nº. 24, Centro e era impresso na Tipografia Franco, na mesma avenida, no nº. 49. O primeiro número saiu em Agosto de 1905. O último disponível na Biblioteca Nacional é de Agosto de 1906. Encontrado numa miscelânea de jornais que faziam parte do acervo paralelo de Plínio Doyle.

<sup>194</sup> “Apresentação”. *União Espírita*. Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1905, capa.

<sup>195</sup> Idem. Grifos meus.



aparição da “União Espírita” traduzindo, se bem que palidamente, os intuitos desta doutrina e procurando ser um de seus baluartes contra os ataques de seus adversários.<sup>196</sup>

Espíritas, então, assumiam tarefas na imprensa objetivando defender o Espiritismo, também, dos ataques desferidos pela imprensa considerada adversária – porque existia a favorável – quando se ocupava de tratar dos espíritas ou do Espiritismo. Ao colocarem-se essa tarefa, julgavam que os ataques que a doutrina sofria, naquele momento, tinham relativa intensidade, causavam prejuízos, requerendo defesa por parte dos espíritas. Escrevendo aos acionistas do periódico, afirmam que a criação de *União Espírita* se deu “*não porque tenhamos a precisa competência para intento tão altaneiro, mas porque acreditamos que fazia-se mister uma resistência, mínima que fosse, aos constantes ataques e diatribes dos nossos adversários*”<sup>197</sup>. Os espíritas envolvidos na criação e manutenção deste jornal identificam um hiato na defesa da doutrina frente aos ataques que ela sofria de seus adversários pela imprensa e, diante disso, organizam *União Espírita* para preencher essa lacuna. Como Inácio Bittencourt em *Aurora* e como o gerente do *Reformador* J. Vaz de Carvalho em 1931, os responsáveis por *União Espírita* admitem que não reuniam competência para a condução do periódico. O esforço por unir a “família espírita” também é indicado, à semelhança de *A Fraternização*. Os espíritas do início do século XX consideravam as diferenças nas visões de doutrina e práticas dos seguidores problemas a serem superados. Postula que trabalhará pela disseminação da Doutrina Espírita, bem como advogaria seus interesses, o que, em última análise, pode representar aquilo que esse grupo de espíritas considerava bom ou não para ela.

Outra iniciativa que não se declara vinculada especificamente a alguma instituição espírita foi a revista *Brasil Espírita*, de São Cristóvão, sob a responsabilidade de Jarbas Ramos. O nome do responsável pela publicação nos é familiar. O primeiro Conselho eleito da Liga Espírita do Brasil, que mencionei acima, tinha como seu primeiro vice-presidente um Jarbas. E era o mesmo. Em Janeiro de 1929, na Revista Espírita do Brasil pode-se ler que “*Jarbas Ramos e Arthur Fonseca, respectivamente 1º vice-presidente e 2º secretário, divergindo de início dos termos do “7º princípio” constitucional, resignaram os respectivos cargos, sem mesmo terem tomado posse*”<sup>198</sup>. Pode-se ler, ainda, que ele fizera parte do grupo que preparara a realização do Congresso Constituinte Espírita Nacional. Não consegui apurar qual teria sido este “7º princípio”. Bom, mas esta foi a versão dos homens da Liga Espírita do Brasil, através de seu órgão mensal.

---

<sup>196</sup> “Apresentação”. *União Espírita*, op. cit., grifos meus.

<sup>197</sup> “Aos nossos acionistas”. *União Espírita*. Rio de Janeiro, 26 de Agosto de 1905, capa.

<sup>198</sup> “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1929, p. 3.

Leal de Souza, que participara, também, do evento, tem sua versão para o afastamento de Jarbas Ramos da Liga Espírita do Brasil. Em *Diário de Notícias*, no dia 20 de Dezembro de 1932, respondendo publicamente ao presidente desta instituição, João Torres, dá a sua leitura dos fatos.

Chegamos, agora, ao primeiro capítulo triste da Liga Espírita. *Por ocasião da eleição de sua primeira directoria, indivíduos que cobiçavam o posto indicado, pela justiça e pela necessidade, ao sr. Jarbas Ramos, saíram a cabalar pelos hotéis onde se hospedavam os representantes dos centros estaduais, aguardavam os outros nas proximidades do local onde se reuniria o congresso, deslisavam pelos corredores, espalhando que o candidato a vice-presidência era um kardecista intolerante capaz de inutilizar a obra da constituinte, afastando da liga os centros do espiritismo de linha.* Sob esse pretexto, embora o sr. Jarbas, caso quisesse lutar, dispusesse da maioria absoluta dos votos, não só se substituiu, atropeladamente à última hora, a sua pela candidatura do sr. João Torres, como até se evitou que a illustre victima dessa cavilação fizesse o elogio de Allan Kardec! Afastado o sr. Jarbas Ramos, erguido em seu lugar o sr. João Torres, a intolerância kardecista deixou de ser um perigo e desapareceu a necessidade de manter, na Liga, o espiritismo de linha.<sup>199</sup>

A vice-presidência da Liga em constituição estaria sendo disputada. Articulações estariam sendo feitas. Pesaria sobre Jarbas Ramos a acusação de intolerante, com relação aos Centros que hoje conhecemos como de Umbanda, chamados então de “espiritismo de linha”. Ao que parece, segundo Leal de Souza, incomodado com a articulação, afastara-se da direção para a qual seria eleito, segundo os acordos estabelecidos. João Torres assumiria seu lugar, formalmente, apenas na primeira Assembleia Espírita do Brasil, realizada em 1º de Maio de 1927<sup>200</sup>. Ainda segundo ele, Jarbas Ramos havia sido escolhido por “*possuir os conhecimentos indispensáveis para harmonizar os centros das várias modalidades espíritas*”<sup>201</sup>. Não teria o perfil de alguém intolerante. É possível entender, também, a suposta facilidade na desistência de Jarbas Ramos pelo cargo de vice-presidente por outro lado. Na reunião de 8 de Abril de 1926 no Instituto Nacional de Música, que recebia os participantes do Congresso Constituinte, Jarbas Ramos, terminando um pronunciamento sobre as formas de sustento material da instituição que se pretendia criar, teria declarado que “*irrevogavelmente não aceitará nenhum cargo na futura Liga Espírita do Brasil*”<sup>202</sup>. A versão de Leal de Souza pode ser uma tentativa de explicar, de dar sentido, à recusa de Jarbas Ramos. Talvez ele não estivesse tão interessado, assim, em participar do conselho diretor.

Mas... Por que sua passagem pela Liga Espírita do Brasil me chamou atenção, ao mencionar o *Brasil Espírita*? É que o periódico é contemporâneo da fundação desta entidade. Se em Maio de 1930 o periódico estava em seu quinto ano de existência, teria surgido, pela

<sup>199</sup> SOUZA, Leal. “O Kardecismo da Liga Espírita”. *Diário de Notícias*, op. cit., grifos meus. O Espiritismo de linha, para Leal de Souza, seria a Umbanda.

<sup>200</sup> “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1929, p. 4.

<sup>201</sup> SOUZA, Leal. “O Kardecismo da Liga Espírita”. *Diário de Notícias*, op. cit..

<sup>202</sup> “Discutindo uma constituinte espírita para o Brasil”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1926, p. 3.

primeira vez, em Maio de 1925. A Constituinte Espírita vinha sendo discutida já neste ano. Em Novembro deste ano seus organizadores convidam, para tomar parte nela, a FEB<sup>203</sup>. Teria o seu fundador repercutido os trabalhos preparatórios da entidade federativa que ajudara a criar? Jarbas Ramos não está ligado, apenas, à Liga Espírita do Brasil. Na capa de *Reformador*, órgão da FEB, do dia 1º de Outubro de 1914<sup>204</sup> lemosseu nome como Gerente desta publicação, naquele momento. Seria responsável pela administração material do periódico. Se participou da elaboração da Liga Espírita do Brasil, que teria carácter semelhante ao da FEB, é porque não deveria mais reconhecer, nesta, a capacidade de desempenhar a tarefa de unir os espíritas.

Seu periódico, agora no formato de revista, estaria retomando suas atividades. “*Com este número, o “Brasil Espírita” tem a sua publicação reiniciada, depois de uma interrupção que, a nosso pesar, se prolongou, talvez demasiadamente, mercê de inevitáveis óbices*”<sup>205</sup>. Quanto tempo ficara parado? O que teria causado sua interrupção? Avaliando o quinto ano de existência, assinando “Redacção”, possivelmente Jarbas Ramos aponta que

Luctando contra um sem número de *factores adversos, de ordem material e moral; contando com a indiferença egoística dos commodistas*, tendo, ainda, de supportar com estoicismo, uma *gratuita animosidade dos “soi disants” mestres, pontífices do espiritismo no Brasil*, o nosso jornal pobre de valor material, mas rico de sinceridade, vae, felizmente, trilhando o caminho prefixado, áspero, íngreme, mas que nos levará ao fim collimado. *As vezes, nessa caminhada, faltam as forças materiais.*<sup>206</sup>

Os recursos materiais não eram fartos e a falta deles fez com que o periódico interrompesse sua circulação. É possível que ao referir-se aos “comodistas” esteja pensando naqueles que não tenham aderido à sua causa, seja mediante auxílio material, seja mesmo pela compra ou assinatura de sua revista. Critica, também, aqueles que se comportariam como “vozes autorizadas” do Espiritismo, a quem chama de “pontífices”. Sua crítica poderia ser direcionada à FEB, entidade que já contara com seu esforço e de onde, provavelmente se desligara para cerrar fileiras em torno da Constituinte Espírita de 1926, ou mesmo à própria Liga Espírita do Brasil.

---

<sup>203</sup> “Constituinte Espírita Nacional”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Dezembro de 1925, p. 496.

<sup>204</sup> *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Outubro de 1914, capa.

<sup>205</sup> “Para a frente”. *Brasil Espírita*. Rio de Janeiro, 31 de Março de 1930, p. 1. A revista *Brasil Espírita*, de propriedade de Jarbas Ramos, funcionava na Rua Gottemburgo nº. 24, em São Cristóvão, no mesmo endereço da Aliança Kardecista, também presidida por ele. Era impresso na Graphica Moderna, situada na Av. Mem de Sá nº. 252, Centro. Teria começado a circular em 1925, sendo que na Biblioteca Nacional estão disponíveis os volumes de Abril de 1930 (dois no mesmo mês, um deles trazendo três números, provavelmente os correspondentes aos meses de Janeiro a Março daquele ano) até Novembro de 1930 (junto com o mês de Outubro). “Aliança Kardecista. Extracto dos Estatutos”. *Diário Oficial da União*, 12 de Fevereiro de 1925, p. 4182.

<sup>206</sup> REDACÇÃO. “Mais uma etapa...” *Brasil Espírita*. Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1930, p. 5. Grifos meus.

Diferente de *A Fraternização*, que vimos acima mais ligado ao aspecto religioso do Espiritismo, *Brasil Espírita* mostrava-se

contrário ao misticismo improductivo: á religiosidade inexpressiva e rotineira, cujas raízes mergulham, fundo, no commodismo; aos preconceitos de qualquer natureza, por consideral-os factores preponderantes de hypocrisia, de insinceridade, - não satisfaz a todos os paladares. Não importa!<sup>207</sup>

Percebe-se que seu foco não é a questão religiosa, que considera negativa, capaz de congelar possibilidades, uma vez que poderia levar à acomodação do religioso pelo simples atendimento ao protocolo formal de rituais e práticas. Aqui se trata de um incômodo bem próximo àquele manifesto pela revista *A Verdade* quanto à questão da religiosidade que poderia gerar o misticismo que, por fim, levaria a práticas estranhas à doutrina. E a quais preconceitos referia-se? Jarbas Ramos estava ciente que sua visão da doutrina, possivelmente compartilhada por alguns que não temos condições de precisar ou quantificar, naquele momento, não era de aceitação fácil. Via problemas na vivência da doutrina enquanto religião, poispara ele,

ao envez de essencialmente religioso, *o Espiritismo é essencialmente científico*. Este, o nosso ponto de vista. Esta, a opinião dos espíritas estudiosos de todo o mundo (...). *O Espiritismo não é cristão*. E o afirmamos, maoo grado a celeuma que essa afirmação possa gerar.<sup>208</sup>

Assim, sugere que os que tomavam a Doutrina Espírita como religião estariam equivocados por conta da ignorância, da falta de estudos doutrinários. Em 31 de Agosto de 1930 transcrevem uma carta publicada em *Verdade e Luz*, de São Paulo, porque “*na mesma está defendido o nosso ponto de vista contrário ao espiritismo religião*”<sup>209</sup>. O autor desta carta, não identificado, diz ainda que o Espiritismo não seria cristão porque possuía caráter cosmopolita e universalista. Como se propunha a investigar a verdade, deveria afastar-se dos prejuízos (que não menciona quais) das ciências e religiões oficiais, iluminando-as com suas luzes.

Creemos, pois, que se a religião A fôr preferida pelo Espiritismo em detrimento da religião B, será sempre amesquinhar, deprimir, humilhar e apoucar essa grande doutrina philosophica, moralista e regeneradora que se chama Espiritismo. Por isso dizeis bem: - “O Espiritismo não tem credo religioso”. O Espiritismo, sendo Universalista, Cosmopolita, só assim poderá ser o verdadeiro ESPIRITISMO.<sup>210</sup>

Assim, se os espíritas fizessem do Espiritismo uma religião, estariam criando uma fronteira que o separaria de todas as demais religiões e rivalizaria com elas. Não se assumindo enquanto tal, poderia influencia-las, ao invés de copiar delas suas práticas e rituais que não eram bem vistos pelos espíritas que não apreciavam as aproximações com o Catolicismo e as

<sup>207</sup> “Para a frente”. *Brasil Espírita*, op. cit..

<sup>208</sup> “Um erro”. *Brasil Espírita*. Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1930, p. 4. Grifos meus.

<sup>209</sup> “O Espiritismo não é religião”. *Brasil Espírita*. Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1930, p. 8.

<sup>210</sup> DE UM CONSTANTE LEITOR DE “VERDADE E LUZ”. “O Espiritismo não é religião”. *Brasil Espírita*, op. cit., p. 9.

demais religiões. “*Dentro do Espiritismo, em época talvez não muito remota, caberão todas as religiões. Em nenhuma dellas elle caberia*”<sup>211</sup>. Para eles, o Espiritismo seria então, essencialmente científico e ao mesmo tempo uma doutrina filosófica e moralista que não poderia ser reduzido a uma religião.

Um artigo sobre a Liga Espírita do Brasil publicado em Janeiro de 1929 na *Revista Espírita do Brasil*, órgão oficial desta federativa, diz que o Conselho diretor da instituição, em reuniões com dirigentes de Centros Espíritas chamadas “semanaes”, que objetivavam a unidade de estudos e práticas espíritas, “*vae cautelosamente mostrando as necessidades e utilidades dos estudos e da prática integral do Espiritismo no seu tríplice aspecto científico-philosophico-religioso, segundo as capacidades intellectuaes e conhecimentos de cada um*”<sup>212</sup>. No *Reformador* de 1º de Julho de 1936, órgão da FEB, lemos que se a ideia de religião fosse associada a ritualismos e cerimoniais, o Espiritismo não seria religião. Mas se

religião é o laço que une a creatura ao seu Creador; se religião é um conjunto de conhecimentos dados pelos Enviados de Deus ao homem para que por elles se encaminhe, se melhore, dest’arte se aproximando do Sêr Supremo, *então o Espiritismo é religião e a maior de todas.*<sup>213</sup>

As duas federativas consideravam a Doutrina Espírita como religião. Esta provavelmente é uma das razões do afastamento de Jarbas Ramos das duas federativas, uma vez que ele divergia de ambas nesta questão. Dos periódicos que analisei, foi o único que defendeu o rompimento entre o Espiritismo e a ideia de religião. Dessa forma, não devia ser uma visão preponderante ou que contasse com amplo apoio entre seus contemporâneos. Por isso, a autonomia buscada e a consciência de que não agradaria a muitos.

*Brasil Espírita*, de Jarbas Ramos, também tentava pautar-se pela independência.

E, assim, collocando acima de tudo o interesse de encontrar a Verdade, onde quer que ella se encontre, seguimos, sem hesitações, o nosso caminho, *sem nos preocuparmos com a indiferença de uns, a hypocrisia de alguns e a inexpressiva ironia de outros*, amparados, tão somente, pelas vibrações de harmonia dos nosso Guias Espirituaes (...) e pela solidariedade dos bem intencionados, daquelles que, como nós, se norteiam pelos magníficos ensinamentos da Doutrina Espírita, codificada pelo grande Mestre Allan Kardec.<sup>214</sup>

E temos aqui um homem que pertencera aos quadros da FEB que, por divergências de opiniões, de pontos de vista doutrinários, afastara-se desta instituição e aderira ao projeto da Liga Espírita do Brasil, onde também não permaneceu. *Brasil Espírita* afirma não se importar se suas opiniões incomodam – e pelo visto sabiam que incomodava – bastando, aos espíritas ligados à revista de Jarbas Ramos, as boas vibrações dos seus guias espirituais e a

<sup>211</sup> “Um erro”. *Brasil Espírita*, op. cit..

<sup>212</sup> “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1929, p. 4.

<sup>213</sup> CARVALHO JUNIOR, Manoel M. “A acção clericalista”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Julho de 1936, p. 241. Grifos meus.

<sup>214</sup> REDACÇÃO. “Mais uma etapa...” *Brasil Espírita*. Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1930, p. 5. Grifos meus.

solidariedade dos que consideram bem intencionados, que seriam aqueles que compartiam seus pontos de vista a respeito da Doutrina Espírita. Buscariam “a verdade” de forma autônoma, independente de quem quer que fosse e onde ela estivesse, além de desejarem expressar, pela revista, os caminhos e conquistas dessa busca. Não por acaso declaram que “*o nosso programma pode ser resumido em uma palavra: estudo. O nosso objectivo é um: o aperfeiçoamento*”<sup>215</sup>. *Aurora*, como vimos, também não se mostrou interessado em agradar com suas opiniões. Vale mencionar que tanto *Aurora* quanto *Brasil Espíritatinham*, em seus responsáveis, pessoas que haviam passado pela FEB e encontravam-se em iniciativas de imprensa espírita independentes dela.

A *Fraternidade*, editada em Madureira, é outra revista espírita independente, apresentada como órgão de propaganda espírita não vinculada a instituições e que descia à arena, mas afirmava colocar-se em posição de defesa.

Ao nos apresentar ao respeitável público, temos a dizer: que *a nossa modesta penna só será traçada para a defeza dos nossos ideaes e convicções que julgamos inabaláveis*. Defender a Ciência Espírita dentro da verdade; defender com convicção, mas *dentro das normas do respeito e da sinceridade que nos merecem os nossos poucos adversários da crença*.<sup>216</sup>

Defende-se quem é atacado. Ou usava o argumento de defesa como retórica para atacar. Pela imprensa, não foram poucas vezes em que espíritas polemizaram com médicos e católicos na defesa de seus ideais, isso quando não tinham problemas com a Polícia, que também não foram poucos. E porque não dizer que alguns destes médicos ou policiais seriam católicos? Não seria por acaso que “*alguns dos psiquiatras mais críticos do Espiritismo e teóricos da “loucura espírita” foram exatamente os que defendiam os benefícios do catolicismo*”?<sup>217</sup> Os espíritas vinculados a esta revista pretendiam defender seus pontos de vista sem descerem ao terreno do desrespeito, provavelmente não personalizando o debate. À semelhança de *Brasil Espírita*, entende o Espiritismo como ciência. No entanto, difere da revista de Jarbas Ramos porque acredita que seja possível conciliar a ideia de que a Doutrina Espírita era, ao mesmo tempo, ciência e religião. Em 1º de Junho de 1916 citam as palavras do abade Thers, em uma das Sessões da Sociedade Espírita Experimental da França, “*que não nos furtamos ao prazer de registrar: “o Espiritismo também pode ser praticado como religião.” É a luz que se vem fazendo, graças a misericórdia de Jesus*”<sup>218</sup>.

---

<sup>215</sup> Idem.

<sup>216</sup> “A Fraternidade”. A *Fraternidade*. Rio de Janeiro, 1º de Junho de 1916, p. 1. Grifos meus. A *Fraternidade* é uma revista dirigida por Emílio de Souza Lima, tinha como Secretário Arthur Marques. Sua redação provisória situava-se na Travessa Portella nº. 28, na Estação de Madureira. Vindo a público em 1º de Junho de 1916, na Biblioteca Nacional encontram-se disponíveis apenas dois números, este e o do mês de Julho de 1916.

<sup>217</sup> ALMEIDA, Angélica Aparecida da Silva. “Uma fábrica de loucos”, op. cit., p. 114.

<sup>218</sup> “Noticiário”. A *Fraternidade*. Rio de Janeiro, 1º de Junho de 1916, p. 6.

Como foi possível perceber, estes periódicos não eram tão independentes assim uma vez que, para subsistirem, contavam com os recursos materiais de entidades e grupos espíritas, seja através de doações, seja como acionistas, alguns dos quais poderiam influenciar nos rumos da publicação em função da quantidade de ações adquiridas. “Nosso Jornal”, o embrião de *Mundo Espírita*, que se pretendia diário, reuniu Centros Espíritas e indivíduos em torno de seu projeto, que não prosperou como esperavam. Entretanto, apesar da dependência de auxílio externo, o fato de virem à público e lutarem pela sobrevivência de seu periódico é sintomático do desejo de se expressar e de buscar canais onde pudessem divulgar suas leituras da Doutrina Espírita, provavelmente porque muitos deles não encontrariam espaço em outros periódicos. Quanto aos integrantes da Liga Espírita do Brasil que participam de *Mundo Espírita* – Henrique Andrade, João Torres e Benedicto de Souza – talvez a explicação seja a busca por um veículo de comunicações diferente daquele da federativa (um jornal) com periodicidade menor (semanal) que a *Revista Espírita do Brasil* (revista e mensal), onde poderiam se posicionar com mais liberdade, a respeito de temas que inibidos ou desvalorizados pela revista da federativa. Jarbas Ramos, da revista *Brasil Espírita*, é outro que assinala o desejo de expressar sua visão do Espiritismo, uma vez que não ao não considerar a Doutrina enquanto religião divergia das federativas. Logo, manter um periódico criava oportunidade para propagar sua opinião que poderia encontrar eco entre outros espíritas. Por fim, *União Espírita* justifica sua existência alegando a necessidade de criar uma resistência mínima aos ataques que o Espiritismo sofria pela imprensa, como a dizer que essa defesa estaria sendo negligenciada ou mal conduzida pelos periódicos então existentes.

#### **1.4 – Formas de financiamento da imprensa espírita**

Dos periódicos espíritas mencionados, *Humilde*, órgão do Grupo Humildade e Fé e *A Fraternalização*, do Congresso Espírita Caridade e Instrução são os únicos periódicos que não apresentam anúncios em suas páginas. Até Março de 1908, *Tribuna Espírita*, que fazia propaganda apenas da Livraria da FEB, abre suas páginas a outros anunciantes.

Todos os periódicos contavam, entre seus anunciantes, com farmácias homeopáticas, sendo que *Brasil Espírita* anunciava, apenas, a farmácia de Jarbas Ramos, responsável por sua publicação. É compreensível, uma vez que os medicamentos prescritos na atividade do receituário mediúnico são da Homeopatia. Certo dia, no primeiro semestre de 2013, passava de ônibus na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo. Lembrei-me que Inácio Bittencourt desenvolvera suas atividades doutrinárias naquela rua. Recordava-me do segundo endereço (o

n.º 20 da rua). Quando passei em frente, eis que me deparo com uma farmácia chamada “Pharmácia Nobrega”, que teria sido fundada em 1910. Fundada não quer dizer que estivesse sempre ali. Poderia, muito bem, ter funcionado em outro endereço. Entre os anúncios de *Aurora*, jornal sob a responsabilidade de Inácio Bittencourt, encontro, com enorme regularidade em 1919, sempre na última página (n.º. 4) um do Laboratório Homeopático Araujo Nóbrega & Companhia. Endereço? O mesmo da farmácia que vi, quando passava de ônibus. O jornal fazia propaganda, também, do Laboratório Wantuil, com a primeira publicação em 16 de Janeiro de 1933<sup>219</sup>. Seus medicamentos eram anunciados há mais tempo aí, uma vez que em 2 de Fevereiro de 1932 já é possível encontrar referências sobre eles<sup>220</sup>. O nome do laboratório é familiar? Sim, em 18 de Dezembro de 1939, era majoritariamente de Antonio Wantuil de Freitas que, em 1943 tornara-se presidente da FEB<sup>221</sup>. Dos periódicos espíritas, *Aurora* era o que possuía maior tiragem. Seus anunciantes devem ter levado isso em conta, certamente. Além disso, Antonio Wantuil de Freitas, já vinculado à entidade que presidiria anos depois, anuncia num jornal de um ex-diretor da instituição, Inácio Bittencourt.

No verso da capa de *Brasil Espírita*, de Jarbas Ramos, podemos encontrar anúncios do medicamento “Bryonilla”, que serviria para doenças do trato respiratório, bem como de alguns outros. Consta, como fabricante deles, Jarbas Ramos & Cia, laboratório situado à Rua Figueira de Mello n.º. 372, em São Cristóvão, que funcionava, também, como farmácia. Era o mesmo bairro da redação e administração de seu periódico. Quem sabe, até, de sua residência, como já vimos em outros casos.

Emydio Graça, editor de *A Verdade*, órgão do Centro Espírita Bezerra de Menezes, que também presidia, preparava um medicamento chamado “Japuassú” que serviria para doenças de pele e que teria sido aprovado pela Saúde Pública, sendo vendido em todas as farmácias. E parece que preparava outros. Em 16 de Julho de 1925, na seção livre de *Correio da Manhã*, encontramos um artigo de José Rodrigues da Silva acusando-o de charlatanismo. “*Há tempos, tive conhecimento que no aludido Centro havia sido posto à venda, mais um producto denominado “Vinho Indiano”, além de muitos que por lá existem fabricados pelo senhor Emydio Graça (...)*”<sup>222</sup>. O acusador apresentava-se como espírita convicto e pretendia

---

<sup>219</sup> “Laboratório Wantuil”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 1933, p. 4.

<sup>220</sup> “Drágeas Wantuil”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 1º de Fevereiro de 1932, p. 4.

<sup>221</sup> “Ata da Assembleia Geral de Constituição e Instalação, realizada em 18 de Dezembro de 1939”. *Diário Oficial da União*, 2 de Maio de 1940, Seção I, p. 7918. Segundo sua biografia, ele teria começado seus estudos espíritas em 1932, tornando-se sócio remido desta entidade federativa no mesmo ano. Sobre Antonio Wantuil de Freitas, ver: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Biografia de Antonio Wantuil de Freitas*, op. cit..

<sup>222</sup> SILVA, José Rodrigues. “Explorando o Espiritismo. Um charlatão prejudicando a população”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1925, p. 8.



levar a público uma série de fatos desabonadores que ocorreriam na instituição presidida pelo redator de *A Verdade*. Além de prepará-los, comercializaria seus medicamentos, prescritos, estes, por ele mesmo ou por algum outro médium da instituição no receituário mediúnico. Seria verdade? É possível. E pode ser que outras instituições espíritas tivessem semelhante prática<sup>223</sup>.

Além de farmácias e laboratórios homeopáticos, é possível encontrar, nas páginas dos diversos periódicos espíritas da cidade que abriam suas páginas para anunciantes, propagandas de Sapateiros, Lojas de ferragens, Armarinhos, Lojas de Tecidos, Perfumarias, Dentistas, Restaurantes, Cafés, Papelaria, Livraria da FEB, Advogados, Médicos, Professor de piano, Padarias, Açougues, Cinemas, Fábrica de conservas alimentícias (goiabada, marmelada, etc.), Fábrica de materiais de couro, de venda de uniformes do Exército e Material Cirúrgico. Isso demonstra que com exceção dos espíritas ligados à *Humildade* e à *Fratenisação*, todos os demais periódicos utilizaram-se do recurso da imprensa empresarial para financiarem parcialmente suas atividades na imprensa e que os comerciantes que anunciavam aí não tinham receios de vincularem seus produtos/marcas e serviços ao Espiritismo.

Além de *Tribuna Espírita*, o jornal *União Espírita*, iniciativa independente, não vinculada formalmente a nenhum Centro Espírita e a revista *Novo Horizonte*, editada pela Cabana de Lysis, receberam anúncios da Livraria da FEB. Barros Fournier, o diretor da revista, escreveu algumas vezes para *Reformador* entre 1929 e 1932<sup>224</sup>. Em *União Espírita* haveria alguém com algum tipo de vínculo com a entidade federativa? É uma possibilidade, mas não é uma garantia. Em *Aurora*, de Inácio Bittencourt, ex-diretor da FEB, não encontrei anúncios da livraria dela.

Os espíritas responsáveis pela publicação de *União Espírita*, ao que parece, não tinham restrições quanto ao Carnaval, como vários outros espíritas, inclusive os da FEB, que

---

<sup>223</sup> Durante minha pesquisa sobre a repressão policial às atividades dos espíritas e que resultou em minha monografia de final de curso, visitei o Centro Espírita Bezerra de Menezes, que fora presidido por Emydio Graça. Perguntei à sua então presidente se poderia ter acesso aos livros de Atas das reuniões da diretoria e de Assembleias Gerais. Ela negou. Disse-me que eu poderia ler algumas informações (não falou quais) que fizessem com que eu acreditasse que os fatos tivessem se passado num determinado sentido (não disse qual) enquanto que eles, da instituição, sabiam que eles encaminharam-se para outros. Os intérpretes autorizados do passado do Centro Espírita eram eles. Como se pode deduzir, não pesquisei na instituição. Será que era esse passado que pretendiam esconder? A instituição, atualmente, tem profundo respeito por seu fundador, como se pode ver pelo seu site. Algo que pudesse desabonar, de alguma forma, sua conduta, ou pelo menos coloca-la sob suspeita, poderia ser lido naqueles livros de Atas?

<sup>224</sup> Conforme é possível verificar na pesquisa ao acervo parcialmente digitalizado de *Reformador* em: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Acervo digital*. Disponível em: [http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/index.php/reformador/pesquisa\\_submit](http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/index.php/reformador/pesquisa_submit) Último acesso em 7 de Dezembro de 2013.

consideravam a festa repleta de consequências espirituais negativas para seus participantes. Nas páginas deste jornal, é possível encontrar anúncio de pintura de estandartes e confecções carnavalescas. A *Fraternidade* anunciava, anos depois, a cerveja Fidalga como “a melhor”. A melhor da cidade, do país ou para os espíritas? Em Janeiro de 1938 é possível encontrar anúncio da fábrica de cerveja “Leão” e em Outubro do mesmo ano o da cerveja Nova Aliança nas páginas da *Revista Espírita do Brasil*.

Os anúncios eram parte importante na captação de receitas para os periódicos espíritas. Podemos ler em *União Espírita* de Agosto de 1905 um apelo por eles. “*Os nossos confrades negociantes que nos auxiliem com alguns annuncios afim de facilitar a parte econômica que é a vitalidade de um jornal*”<sup>225</sup>. Este jornal reservava sua última página exclusivamente para os anunciantes. Buscavam sensibilizar os espíritas que tivessem negócios, a participarem, também, como anúncios, que consideravam fundamentais para o funcionamento do periódico. *Mundo Espírita*, quase 42 anos depois, também está inquieto por captar anunciantes.

O novo orientador de MUNDO ESPÍRITA na sua secção comercial está estudando todas as possibilidades de não aumentar o preço da anuidade vigente, o que só não se dará se tiver ele *uma boa acolhida por parte dos confrades que se utilizam da imprensa para anunciar os produtos com que negociam*. Não desejando, em absoluto, criar qualquer dificuldade ao nosso novo amigo que nos vai ajudar comercialmente a fim de que os seus esforços não sejam anulados, avisamos aos nossos confrades e leitores que doravante *somente mediante remuneração previamente estipulada publicamos reportagens especiais ou noticiário destacado*.<sup>226</sup>

*Mundo Espírita*, então, já tinha em vista até cobrar por reportagens especiais ou noticiário destacado, o que não vi em outros periódicos espíritas, porém constituía-se em prática comum no jornalismo empresarial. Nos números deste jornal que consultei, até Abril de 1951, encontrei pouquíssimos anúncios, mesmo no período de maior tiragem. Na *Revista Espírita do Brasil* notei, também, uma quantidade pequena de anunciantes. O apelo aos negociantes espíritas não era infundado. Além do comerciante Frederico Fígner e do farmacêutico Antonio Wantuil de Freitas, que anunciaram seus produtos e serviços na imprensa espírita, outros devem ter feito. Quantos dos que anunciaram seriam espíritas? E outra: já tive oportunidade de apontar que não eram poucos, ao menos no Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor, então situado na Praça XV, a quantidade de médiuns descritos como “‘comerciários’, ‘comerciantes’ ou, simplesmente, ‘comércio’”<sup>227</sup>. Isso para falarmos dos mais engajados na causa, que já tomavam parte nos trabalhos das instituições. Se pudessemos contar com os simpatizantes da doutrina ou mesmo com pessoas que eram apenas

<sup>225</sup> “O nosso jornal”. *União Espírita*, op. cit..

<sup>226</sup> “Aos nossos leitores e assinantes”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1947, capa. Grifos meus.

<sup>227</sup> OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “*Livres*”, *porém perseguidos*, op. cit., p. 20.

frequentadores, declaradamente espíritas, a quantidade poderia ser aumentada. É claro que se deve levar em conta que a instituição situava-se na região central da cidade, onde as atividades econômicas eram em maior número que nas demais regiões. O Centro da cidade, aliás, entre 1930 e 1950, era o local onde havia a maior quantidade de Centros Espíritas vinculados à Liga Espírita do Brasil<sup>228</sup>, nove, no total. Ora, sabendo-se que a quantidade de Centros adesos às instituições federativas era inferior a quantidade de Centros existentes na cidade, presume-se que o número de Centros Espíritas, de fato, no Centro da cidade fosse superior.

Levando-se em conta a baixa arrecadação com *Reformador*, a FEB pensou alternativas. No seu Estatuto de 1933, os associados da entidade federativa fizeram constar que

Art. 58. Constará a receita do *Reformador*: de uma percentagem sobre as mensalidades dos sócios, percentagem que a Directoria fixará quando der cumprimento ao art. 38 § 5.º; do que renderem as assignaturas, os annuncios, a venda avulsa e a das coleções annuaes; dos donativos que lhe forem feitos; e de uma contribuição mensal, que a Livraria fará, da importância que, de accordo com os lucros por ella obtidos, também for fixada pela Directoria.

Paragrapho único: A percentagem de que trata o artigo precedente será supprimida, desde que, para cobrirem as despesas da revista, bastem a sua receita própria e a contribuição da Livraria.  
<sup>229</sup>

*Reformador*, que não seria autossuficiente, contaria com recursos financeiros de outras fontes da FEB. De acordo com o 5º parágrafo do Art. 38, mencionado acima, a Diretoria da FEB deveria fixar a porcentagem destinada ao seu periódico atentando para a organização do movimento de despesas e receitas do ano anterior. Esperava-se que fosse um valor flutuante, de acordo com a necessidade apresentada no momento. Além disso, contavam com doações destinadas exclusivamente a isso. Essas disposições já estavam presentes no Estatuto de 1925<sup>230</sup>, porém não no de 1917. É possível que tenha havido um movimento espontâneo de doações financeiras da parte de associados da FEB, semelhante ao que vimos no caso do Grupo Espírita Humildade e Fé com o jornal *Humildade*, que o Estatuto normatizou, para efeitos legais e de prestações de contas. Pode-se notar, também, que não seria incomum a Livraria oferecer lucros que pudessem ter partes direcionadas à revista. No Relatório de

---

<sup>228</sup> Idem, p. 24.

<sup>229</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1933, art. 58, p. 25.

<sup>230</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1925, art. 58, p. 24.

atividades da FEB apresentado em 1950, consta que *Reformador* seria deficitário desde sua fundação<sup>231</sup>.

#### Financiamento do *Reformador*

Ano	Assinaturas	Agentes	Subvenções	Anunciantes	Vendas avulsas/de coleções
1929	7:206\$700	7:488\$000	12:000\$000	10:674\$000	382\$600
7/1936 6/1937	a 8:287\$000	14:692\$000	9:600\$000 (Livraria) e 7:200\$000 (FEB). 16:800\$000 no total.	10:442\$000	1:354\$300

Fonte: Relatórios dos gerentes do *Reformador* (1930 e 1937).

Pode-se perceber que o *Reformador* arrecadou um pouco mais com assinantes, conseguiu quase dobrar os valores recebidos através dos Agentes, mas com anúncios arrecadaram menos. É possível perceber um importante crescimento nas vendas avulsas e de coleções, que aumentaram quase quatro vezes mais. A ajuda “externa” à revista cresceu significativamente no período. Apesar disso, os aumentos verificados na receita não fizeram frente ao crescimento das despesas, fazendo-se necessário uma correção de 50% no valor das subvenções recebidas pelo periódico oriundas da Livraria e dos cofres da FEB.

*Mundo Espírita* recebia donativos e registrava os recebimentos em suas páginas em uma coluna intitulada “Amigos de Mundo Espírita”.

Satisfazendo o desejo de “Uma espírita”, manifestado em carta que nos dirigiu, tornamos permanente esta coluna, para nela registrarmos os donativos que os amigos de MUNDO ESPÍRITA nos enviarem e que serão destinados, exclusivamente, à aquisição de papel para que MUNDO ESPÍRITA continue a circular SEMANALMENTE (...)”<sup>232</sup>.

As doações recebidas em Agosto de 1946 vão sendo revertidas para a manutenção da tiragem semanal do jornal.

#### Financiamento de *Mundo Espírita*

Ano	Assinatura	Vendas avulsas	Donativos	Anúncios
1944	Cr\$: 23.810,00	Cr\$: 28.797,20	Cr\$: 2.942,00	-
1947	Cr\$: 26.583,30	Cr\$: 21.855,20	Cr\$: 6.520,00	Cr\$: 4.003,20

Fonte: *Diário Oficial da União* (1946 e 1948).

*Mundo Espírita* arrecadou mais com as vendas avulsas em 1944, num período que não podia contar com as receitas de anunciantes porque, assim como todos os periódicos espíritas, foi registrado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, como folheto de propaganda religiosa. No entanto, durante este período de asfixia financeira, recebe menos donativos que em 1947, quando já podia contar com essa receita. Para que tenhamos algum parâmetro para avaliação, ainda que limitado, tomemos o salário mínimo de Dezembro de 1943, Cr\$:

<sup>231</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1950, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e matéria, durante o ano-social de 1 de Julho de 1949 a 30 de Junho de 1950”. *Reformador*, op. cit.

<sup>232</sup> “Amigos de ‘Mundo Espírita’”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1946, p. 2.

360,00<sup>233</sup>. Em donativos, *Mundo Espírita* recebeu pouco mais de 8 salários mínimos e, nas vendas avulsas, quase obteve o valor de 80 salários mínimos. Por outro lado, em 1947, o volume arrecado com assinaturas é superior ao de 1944, assim como os valores obtidos através de donativos que superaram a arrecadação em anúncios.

A carência de recursos financeiros era rotineira para aqueles que detinham responsabilidades com periódicos e gráficas espíritas. *A Verdade*, órgão do Centro Espírita Bezerra de Menezes, em 31 de Julho de 1922, chama a atenção para a brevidade da vida de alguns jornais espíritas em função desse problema.

*Ninguém ignora o quanto tem luctado os jornaes espíritas para se livrarem do mal das sete semanas devido a abstenção dos proprios confrades; o que não se dá nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra onde existem revistas espíritas lidas por uma população de mais de 3/12 milhões de leitores, no que muito se orgulham aquelles nossos coirmãos. Quantos não luctaram em nosso meio os jornaes “União Espírita”, “Tribuna Espírita”, “Verdade e Luz” (de S. Paulo) e outros para se livrarem deste mal que produzido pela indolência dos adeptos do espiritismo, desola e entristece as mais fortes iniciativas.*<sup>234</sup>

O “mal das setes semanas” seria decorrente da falta de iniciativa dos espíritas em apoiar financeiramente os jornais doutrinários nascentes, o que faria com que apresentassem problemas logo no começo de suas atividades. *Tribuna Espírita* e *União Espírita* teriam perecido em função da indolência dos espíritas, que não os socorreram com seus recursos. Esse mal não ocorreria em outros países que possuíam publicações espíritas, o que seria motivo de satisfação para os adeptos da Doutrina aí residentes. Henrique Andrade, nascido em 1889 e militante da imprensa espírita, pode acompanhar o surgimento e o ocaso de vários jornais espíritas, bem como as transformações ocorridas neles<sup>235</sup>. Num artigo sobre o aniversário de *Mundo Espírita* em 4 de Abril de 1947 afirmou que “*nêsses 15 anos surgiram e desapareceram vários periódicos de feição doutrinária, outros se acham reduzidos no seu tamanho, outros ainda, se transformaram em revistas de circulação mensal*”<sup>236</sup>. Dos periódicos que analisamos, alguns deles, inclusive o *Reformador*, da FEB, alteraram sua periodicidade e formato. Em 1º de Dezembro de 1907, *Tribuna Espírita* reclama que “*têm falhado os soccorros para a caixa mantenedora*”<sup>237</sup>. Os espíritas agiriam, neste caso, com apatia. “*As emprezas jornalísticas fracassam constantemente. Raro é o jornal que consegue*

---

<sup>233</sup> MOREIRA, Elmo Nélio. *Valores do Salário Mínimo desde sua instituição até os dias de hoje*. Disponível em: [http://www.gazetadeitauna.com.br/valores\\_do\\_salario\\_minimo\\_desde\\_.htm](http://www.gazetadeitauna.com.br/valores_do_salario_minimo_desde_.htm) Último acesso em 6 de Setembro de 2013.

<sup>234</sup> “Espíritas Á Postos. A Verdade ‘Revista Espírita’”. *A Verdade*. Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1922, p. 5 e 6. Grifos meus.

<sup>235</sup> O FRANCO PALADINO. *Tributo a Henrique Andrade*. Disponível em: <http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat212.htm> Último acesso em 30 de Janeiro de 2014.

<sup>236</sup> ANDRADE, Henrique. “15 anos”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1947, capa.

<sup>237</sup> “Para não morrermos”. *Tribuna Espírita*. Rio de Janeiro, 1º de Dezembro de 1907, capa.

*completar um anno de vida. Os exemplos são ás dúzias*”<sup>238</sup>. Referia-se, aos jornais, de maneira geral, ou especificamente, aos periódicos espíritas? Em todo caso, eram eles que reclamavam ajuda, naquele momento. A iniciativa de um deles – *Tribuna Espírita* – foi lembrada em 1922 pelos espíritas de *A Verdade* como exemplo de um jornal que pereceu por causa da falta de recursos materiais.

Em 16 de Julho de 1949, quase 27 anos depois do artigo publicado em *A Verdade*, Lins de Vasconcellos, escrevendo em *Mundo Espírita*, arrisca algumas explicações para o recorrente insucesso dos periódicos espíritas. Primeiro transcreve uma carta de um colaborador que não se identifica e depois a comenta. Segundo o autor anônimo, “*é opinião unânime entre os confrades que a imprensa espírita, embora seus assinaláveis progressos, vive ainda em sua primeira infância no Brasil; mas convenhamos, já vai durando muito tempo essa infância*”<sup>239</sup>. Apesar dos progressos alcançados e de muita gente já ter desenvolvido atividades na imprensa, o trabalho realizado não seria suficiente. Era de se estranhar semelhante estado, uma vez que “*os espíritas contam com percentagem mínima de analfabetos e que hão de compreender o valor da imprensa como instrumento de cultura, de divulgação e de propaganda*”<sup>240</sup>. Somado a isso, o fato da doutrina basear-se no “*debate e no livre exame*”<sup>241</sup> seria incompatível com a imprensa espírita nos moldes em que ela se desenvolvia naquele momento.

E como exigir de uma *imprensa abandonada pelos crentes, crivadas de dívidas e dificuldades*, o papel relevante que lhe cabe no setor educacional da obra espírita? São, justamente, as *dificuldades materiais o obstáculo que atrasa, desanima e anemia a nossa imprensa como instrumento de cultura*.<sup>242</sup>

A carência de recursos castraria as possibilidades da imprensa espírita. A atividade desses periódicos doutrinários seria cercada de dissabores provocados por dívidas e dos problemas que dela decorrem. Mas por que semelhante postura dos espíritas? Segundo Lins de Vasconcellos,

o que há é uma *inconcebível displicência e descaso pela circulação do jornal*, de qualquer jornal profano ou doutrinário. Cada centro poderia fazer muito, mas *as preocupações com o mediunismo e assistência social, o amparo aos pobres, absorvem tudo, levando muitos a não tratarem com a devida atenção a propaganda sistemática da Doutrina. Desvio de rumo. Talvez. E daí a propagação do baixo espiritismo*, dando margem ao charlatanismo e à exploração por parte de pessoas inescrupulosas. Cuidamos dos corpos e abandonamos os espíritos encarnados aos pais da ignorância, o que é um erro de lamentáveis consequências.<sup>243</sup>

---

<sup>238</sup> Idem.

<sup>239</sup> ANÔNIMO. Citador por LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Imprensa Espírita”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1949, capa.

<sup>240</sup> Idem.

<sup>241</sup> Idem.

<sup>242</sup> Idem.

<sup>243</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Imprensa Espírita”. *Mundo Espírita*, op. cit.. Grifos meus.

Os espíritas não teriam atentado, ainda, para a importância das atividades da imprensa e para a propaganda doutrinária. Enxergariam nela uma atividade possível, dentre outras, a serem realizadas, tais como as de assistência social e as da prática mediúnica. Essas outras atividades captariam os recursos financeiros que seriam imprescindíveis para os trabalhos de divulgação da imprensa espírita. Para o autor, a falta de propaganda doutrinária eficiente geraria ignorância a respeito do que seria o Espiritismo e faria com que o dito “baixo espiritismo” se propagasse, oferecendo margens à exploração financeira da mediunidade. Em outras palavras: se os espíritas lessem os periódicos, ferramentas da propaganda doutrinária como os livros espíritas, se instrumentariam, fazendo com que soubessem discernir o que seria ou não a Doutrina Espírita – ou saberiam separar o joio do trigo, como preferiram os dirigentes das entidades federativas – para que não adotassem práticas estranhas ao Espiritismo. Afinal, caso isso ocorresse, o nome da doutrina ficaria exposto às críticas por parte de seus adversários, em função dessas práticas consideradas equivocadas. Henrique Andrade, poucos anos antes, diz que isso se dava por causa da “*incompreensão da maioria dos espíritas, que ainda ignoram o que seja um jornal; o que representa a imprensa espírita no desenvolvimento e expansão do pensamento humano*”<sup>244</sup>. Indiferença e falta de compreensão que causavam sérias dificuldades materiais às atividades de imprensa dos espíritas, era o diagnóstico daqueles que laboravam neste trabalho. Lins de Vasconcellos falava que os adeptos do Espiritismo deveriam compreender “*o sacrifício heroico que fazem os que estão à frente de dezenas de revistas e jornais espíritas que circulam no Brasil, lutando para levar o pensamento esclarecedor a todos os que estão subjugados pela ignorância*”<sup>245</sup>. No caso dele, o sacrifício teria custado uma boa quantia de seu próprio bolso. Antonio Wantuil de Freitas, ao comentar os esforços que os espíritas da FEB empreendiam para baratear o preço dos livros, bem como a necessidade de doações para a expansão do trabalho, afirma que “*a maioria dos nossos confrades só compreende a caridade-dinheiro, alimento, pão material, desconhecendo a caridade maior, a que leva o pão espiritual, a que transforma as criaturas (...)*”<sup>246</sup>.

Não estou seguro de que entre os espíritas a percentagem de analfabetos fosse mínima, como disse o anônimo colaborador de *Mundo Espírita* que teve espaço através de Lins de

---

<sup>244</sup> ANDRADE, Henrique. “15 anos”. *Mundo Espírita*, op. cit..

<sup>245</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “16º aniversário de ‘Mundo Espírita’”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1948, capa.

<sup>246</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1949, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano-social de 1º de Julho de 1948 a 30 de Junho de 1949”. *Reformador*, Setembro de 1949, p. 214.

Vasconcellos. Entre os médiuns do Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor, então localizado na Praça XV e os do Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança, de Botafogo, consta que a maioria das mulheres seria de trabalhadoras domésticas. “*Costureiras, motoristas, lavadeiras, pintores, serventes e até lavradores também participaram como médiuns nestes Centros Espíritas*”<sup>247</sup>. Penso que nem todos estes fossem alfabetizados, uma vez que eram pobres e o acesso à Educação deve ter sido dificultado em função das lutas materiais pela sobrevivência. Entretanto, como demonstrou a historiadora Laura Antunes Maciel, o hábito da leitura estava presente “*entre parcelas da sociedade até então distantes da cultura letrada, a medida que edições baratas tornaram os livros – e também os jornais e revistas – produtos cada vez mais acessíveis*”<sup>248</sup>.

Despesas envolvendo os custos de impressão dos periódicos também se constituíram obstáculos à militância dos espíritas na imprensa. Em 3 de Outubro de 1920, *Aurora* avisava aos seus anunciantes que aumentaria o valor de sua assinatura, “*obrigados pela necessidade premente consequência fatal deste momento histórico em que tudo quanto é artigo de typographia se elevou a preços fabulosos e nunca imaginados*”<sup>249</sup>. Pouco tempo depois, em 31 de Julho de 1922, *A Verdade* também notifica seus assinantes. “*Em virtude do elevado preço do papel e impressão, somos obrigados a elevar o preço das assignaturas*”<sup>250</sup>. No Relatório de atividades da FEB apresentado em 1931, Guillon Ribeiro diz que não foi possível aumentar a tiragem do *Reformador*, como pretendiam. Dentre as causas, teria contribuído

a circunstancia de ter o órgão da Federação o formato de revista, o que encarece grandemente o trabalho typographico; de ser impresso em papel superior que, embora importado em condições favoráveis, sae por preço bastante elevado; de exigir capa, que determina uma despesa especial, etc..<sup>251</sup>

Entre o segundo semestre de 1937 e o primeiro de 1938, o preço do papel provocou mudanças na FEB. Guillon Ribeiro informa que diante da “*brusca e violenta elevação do preço do papel que importamos*”<sup>252</sup> a periodicidade do *Reformador* seria alterada: de quinzenal passaria a mensal. Esperavam normalizar a periodicidade da revista tão logo as condições de preço do papel importado melhorassem. Entretanto, mantiveram-na até os dias

---

<sup>247</sup> OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “*Livres*”, porém perseguidos, op. cit., p. 20.

<sup>248</sup> MACIEL, Laura Antunes. “Cultura letrada, intelectuais e memórias populares”. In: ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia e SANTOS, Ricardo (Orgs.). *Os intelectuais e a cidade: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2012, p.54.

<sup>249</sup> “Aos nossos assignantes”. *Aurora*. Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1920, p. 3.

<sup>250</sup> GRAÇA, Emydio. “A Verdade”. *A Verdade*, op. cit..

<sup>251</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório do Presidente, apresentado á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1931, sobre os trabalhos da Sociedade e contas da Administração durante o anno de 1930”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1931, p. 138.

<sup>252</sup> RIBEIRO, Guillon. “Relatório apresentado, pelo seu presidente, á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1938, sobre os trabalhos da instituição e as contas da sua administração, durante o ano social de 1º de Julho de 1937 a 30 de Junho do ano seguinte”. *Reformador*, op. cit., p. 292.



presentes. Ainda segundo o presidente da federativa, “*ainda mais violenta foi a elevação do preço do papel nacional, cuja aquisição, sem embargo de ser inferior áquele em qualidade, tornaria muito mais onerosa as edições da revista*”<sup>253</sup>. Imaginem o impacto dessas altas de preço em periódicos mantidos por espíritas com menos recursos materiais! Nem todos poderiam importar papel mais barato e os que não o fizeram tiveram que submeter-se aos altos preços nacionais. O preço do papel é objeto de apreciação numa Assembleia Deliberativa da FEB em 1944.

Inúmeras são as dificuldades materiais que se têm apresentado à publicação do *Reformador*. O papel de que atualmente usamos, adquirível a 80 centavos o quilo, antes da guerra, custa-nos hoje seis e meio cruzeiros; a tinta e todos os demais materiais da indústria gráfica subiram vertiginosamente;<sup>254</sup>

Em 4 de Abril de 1945, *Mundo Espírita* queixa-se de que durante o período da ditadura de Getúlio Vargas havia restrições e controle estatal sobre o papel utilizado na confecção dos periódicos. “*Privado por imposição governamental de usar papel próprio para imprensa, de custo modicíssimo, dada a isenção fiscal; privado, ainda, de publicar anúncios ou qualquer matéria paga, maior se tornou a luta, pela sua manutenção*”<sup>255</sup>. Teria sido privado da utilização desse tipo de papel porque foi considerado “folheto de propaganda religiosa” pelo D.I.P. entre o final de 1940 e o início de 1941? Em todo caso, o que implicaria para um periódico espírita ser registrado dessa forma? O que a nova lei de imprensa disporia sobre isso?

O Decreto-Lei 2.232, de 20 de Junho de 1940, que autorizava o Departamento de Imprensa e Propaganda a ratificar convênios de editores, consta, em seu artigo 4º que o

D. I. P., ouvido o Conselho Nacional de Imprensa, *fará a classificação dos órgãos de publicação, em diários, periódicos, revistas, boletins e folhetos de propaganda, com a especificação de seus respectivos característicos e conforme suas finalidades, propriedades e atividades no sentido dos interesses nacionais, associativos ou de objetivos comerciais.*<sup>256</sup>

Interesses “nacionais” que causaram embaraços aos periódicos espíritas. Em 22 de Março de 1941, *Gazeta de Notícias* trouxe uma notícia reveladora do alcance da medida e o peso que ela teria nas publicações mantidas pelos espíritas. Sob o revelador título “Sómente as empresas jornalísticas podem ter publicidade remunerada”, que cita, dentre outros, o *Reformador*, da FEB, explica a medida do governo federal.

---

<sup>253</sup> Idem.

<sup>254</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléa Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1944, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1943 a 30 de Junho de 1944”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1944, p. 193.

<sup>255</sup> “Treze anos vencidos!”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1945, capa.

<sup>256</sup> SENADO FEDERAL. *Decreto-Lei n.º. 2.232, de 20 de Junho de 1940*. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=21097&norma=36265> Último acesso em 17 de Janeiro de 2014. Grifos meus.

(...) estão registrados no DIP, como boletins, as publicações adiante designadas, *as quaes, não sendo de empresas jornalísticas, mas sim órgãos de associações, civis e de classe, grêmios, sindicatos, clubs, etc., não poderão fazer exploração de publicidade remunerada.* Sobre esses boletins, consagrados às associações ou instituições de que são órgãos, officiou o Sr. Director Geral do D.I.P. ao Sr. Director Geral dos Correios e Telegraphos pedindo providências *no sentido de evitar sejam distribuídos, sempre que infringirem áquella classificação legal. A actividade commercial é assegurada apenas aos legítimos órgãos da Imprensa, que exercem função de character público e pertençam a empresas jornalísticas.*<sup>257</sup>

Os periódicos espíritas passaram a receber a classificação de folheto de propaganda religiosa, apesar da referência a “boletins”. Os anúncios, prática da imprensa comercial que ajudou a manter jornais e revistas espíritas, lhes foram vetados pelo governo federal. Afinal, se só empresas jornalísticas podiam ter propaganda remunerada, é possível supor que a utilização de papel para a imprensa também ficasse restrita a elas. Chama atenção, também, o investimento do DIP em notificar o serviço de Correios, que acabaria virando um braço desse departamento, exercendo fiscalização em cima das publicações. De fato, o Decreto-Lei nº. 2.016, de 14 de Fevereiro de 1940 tratava da fiscalização do papel destinado à imprensa. De acordo com seu artigo 2º,

As sociedades, firmas ou indivíduos *responsáveis pela exploração da indústria do jornal ou de revistas, de natureza exclusivamente publicitária, nela não se incluindo os órgãos de classe ou de propaganda de laboratórios, sociedades comerciais, industriais ou agrícolas, companhias de seguros de terrenos, etc., para que possam funcionar no País e gozar dos favores da restituição dos direitos e demais taxas aduaneiras depositados pelo papel que empregarem (...).*<sup>258</sup>

Ou seja, *Mundo Espírita*, e provavelmente os demais periódicos espíritas da cidade, não poderiam contar com as isenções fiscais oferecidas àqueles que utilizassem o papel “próprio para a imprensa” porque, na condição de Folheto de Propaganda Religiosa, não estavam, dentro do entendimento do D.I.P., inseridos no universo da exploração da imprensa de natureza publicitária. Não eram considerados “empresas jornalísticas”. Por isso, estavam submetidos à carga de impostos e tarifas pela aquisição do papel que utilizavam na confecção de seus periódicos. A medida do governo federal pesou, sem dúvidas, não somente para os periódicos espíritas, mas para todos os órgãos de classe, de sociedades comerciais e industriais. Nelson Kerensky, em 17 de Abril de 1952, entendia que a medida do governo federal “*era a forma indireta de fazer calar a voz da imprensa spiritista para a satisfação dos desejos do clero, que via crescer dia a dia o valor do Espiritismo, graças à propaganda vinculada por ‘Mundo Espírita’*”<sup>259</sup>. Os espíritas, mais de dez anos depois, atribuem ao clero

<sup>257</sup> “Sómente as empresas jornalísticas podem ter publicidade remunerada”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de Março de 1941, p. 14. Grifos meus.

<sup>258</sup> SENADO FEDERAL. “Decreto-Lei nº. 2.016, de 14 de Fevereiro de 1940”. Disponível em: [http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=2016&tipo\\_norma=DEL&data=19400214&link=s](http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=2016&tipo_norma=DEL&data=19400214&link=s) Último acesso em 17 de Março de 2014. Grifos meus.

<sup>259</sup> KERENSKY, Nelson. “Aniversário de Mundo Espírita”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 17 de Abril de 1951, p. 4.

católico as medidas adotadas pela Ditadura de Getúlio Vargas que afetaram os periódicos espíritas. E, de fato, foi um duro golpe para eles, porque os asfixiou financeiramente, cortando-lhes as receitas que obtinham via anunciantes.

A *Revista Espírita do Brasil*, em Outubro de 1940, avisa que teria que “restringir, tanto quanto possível a matéria de colaboração e o noticiário, limitando-nos á publicação de artigos ou notícias menos extensas e que tratem de temas rigorosamente espíritas”<sup>260</sup>. Em Fevereiro de 1941, os responsáveis pela revista da Liga Espírita do Brasil reforçam que não podiam publicar anúncios e nem comercializar a publicação em bancas de jornais. “Estamos, como logo se deduz, em sérias dificuldades para mantermos a publicação regular deste órgão (...). A medida tomada pelo DIP prejudicou sensivelmente a vida desta Revista, causando-nos grande embaraços financeiros”<sup>261</sup>. O *Reformador* notifica seus leitores em Fevereiro de 1941 que não pode mais “fazer venda avulsa de números das suas edições, nem inserir em suas páginas publicações remuneradas, nem tampouco ter assinantes”<sup>262</sup>. E essas medidas restritivas impostas pelo governo federal ocorreram “precisamente quando o preço do papel nacional, já bastante elevado, entrara a elevar-se ainda mais, por efeito da guerra”<sup>263</sup>. A FEB que, no final da década de 1930 importava o papel que utilizava na publicação do *Reformador*, faz a opção – ou se vê forçada a fazer – pelo papel nacional, que também não era barato. Impossibilitados de terem anunciantes e de venderem suas edições, a asfixia financeira fez com que os espíritas encolhessem seus periódicos, selecionando o que publicariam ou não. Em Agosto de 1942, os espíritas da FEB destacam que o órgão oficial contava artigos de qualidade para serem publicados, porém, não conseguiam dar vasão a eles.

Obstam a isso duas circunstâncias capitais: de um lado, *a de só circular uma vez por mês a revista de que falamos, determinando esse facto que a colaboração que lhe é enviada se acumule no intervalo das suas edições*; de outro lado, *a impossibilidade de se lhe aumentar o número de páginas, em virtude da escassez do papel e do preço elevadíssimo por que é obtido.*<sup>264</sup>

A periodicidade da revista, que foi reduzida em 1938 em função do preço do papel que naquela ocasião já era considerado alto pelos espíritas da FEB, é apontada por eles como uma

---

<sup>260</sup> “O registro desse órgão no C.N.I.”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Outubro de 1940, p. 16. Não entendo muito de papel, mas enquanto pesquisava o acervo desta revista na Biblioteca Nacional, notei que de 1940 para 1941 o papel utilizado nela piorou muito. Antes, era liso, como estamos acostumados com as revistas dos dias de hoje. A partir de 1941, tornou-se áspero e dava a impressão de ser mais frágil.

<sup>261</sup> “Aos nossos amigos e confrades”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1941, p. 27.

<sup>262</sup> “Aviso”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1941, p. 35.

<sup>263</sup> RIBEIRO, Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1941, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1940 a 30 de Junho de 1941”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Setembro de 1941, p. 244.

<sup>264</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1942, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1941 a 30 de Junho de 1942”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1942, p. 193. Grifos meus.

das razões para a eventual demora na publicação de artigos que recebiam. Além dela, mais uma vez, a questão do custo do papel se impõe como uma das razões pelas mudanças verificadas no periódico. Os artigos demoravam a ser publicados e algumas seções do *Reformador* eram suprimidas, uma vez que “*interessavam senão a limitadíssimo número de sócios*”<sup>265</sup>. Em 1945 assinalam que estas seções que deixaram de ser publicadas eram “*puramente sociais*”<sup>266</sup>, o que deve ter prejudicado o noticiário de eventos promovidos por espíritas. Os efeitos, que como se percebe, foram semelhantes na *Revista Espírita do Brasil* e no *Reformador*, podem ser estendidos aos demais periódicos espíritas existentes naquele momento.

Os espíritas não se detiveram e frente ao cerceamento colocado pelo D.I.P., criaram estratégias para contornarem-nos, esforços que parecem valer-se de brechas e senões do dispositivo legal. Na edição de Fevereiro de 1941, os espíritas da FEB apresentam sua “Caixa de Propaganda”. O sistema era simples.

Bastará para isso *que mantenham as contribuições com que auxiliavam a propaganda do Espiritismo-cristão, através do Reformador, enviando-as, porém, não mais em pagamento de assinaturas, visto que (...) elas se acham canceladas, e sim a título de contribuição para a Caixa de Propaganda*, que a Diretoria da Federação acaba de criar, afim de servir especialmente á publicação do mesmo **Reformador** e dos folhetos de distribuição gratuita.<sup>267</sup>

Bastava continuarem a pagar o valor destinado às assinaturas para a Caixa de Propaganda, mudando apenas a rubrica do valor recebido. Aqueles que assim o fizessem seriam “*equiparados aos sócios inscritos da Federação para gozarem dos direitos que estes gozam (...) dentre os quais se destaca o de receberem todos os números do Boletim Mensal ‘Reformador’*”<sup>268</sup>. E a medida adotada para contornar o problema da impossibilidade de comercialização surtiu efeito maior que o esperado, gerando otimismo entre os espíritas da FEB. Antonio Wantuil de Freitas, naquele momento gerente do *Reformador*, informava em seu relatório que, comparando-se os valores obtidos através de assinaturas no ano social anterior – 1º de Julho de 1939 a 30 de Junho de 1940 – com o que ele apresentava em 1941, com os valores alcançados pela Caixa de Propaganda, obteve-se um aumento de 5\$217:800, “*que certamente se elevará a muito mais, no exercício que se está iniciando. É esta uma previsão que legitimamente se funda na confortadora aceitação que vai tendo a Caixa de*

<sup>265</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1946, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e matéria, durante o ano social de 1º de Julho de 1945 a 30 de Junho de 1946”. *Reformador*, op. cit., p. 195.

<sup>266</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1945, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1944 a 30 de Junho de 1945”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1945, p. 195.

<sup>267</sup> “Caixa de Propaganda”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1941, p. 35. Grifos meus em itálico.

<sup>268</sup> Anúncio de pé de página do *Reformador*. *Reformador*. Fevereiro de 1941, p. 36.

*Propaganda (...)*<sup>269</sup>. O momento crítico fez com que os espíritas simpáticos à federativa ajudassem-na em seus esforços de manutenção de seu periódico. A Liga Espírita do Brasil adotou medida semelhante para manter a *Revista Espírita do Brasil*. Os espíritas simpáticos à esta federativa poderiam inscrever-se como cooperadores da revista ou cooperadores da Liga. Quem o fizesse receberia “*uma assinatura gratuita*”<sup>270</sup> do órgão mensal.

Em Agosto de 1946 o *Reformador* volta a apresentar preço de capa e de assinaturas. Durante o período, anuncia, apenas, as obras que editava e comercializava em sua Livraria. Em Janeiro de 1947, a *Revista Espírita do Brasil*, que não trazia informações de preço em sua capa, noticia o aumento do seu preço avulso e das assinaturas<sup>271</sup>. Seus anúncios voltam a ser publicados em Novembro de 1946. *Mundo Espírita*, em 1944, era vendido, tinha assinantes, mas não publicava anúncios. O que Henrique Andrade teria feito, uma vez que seu jornal também era tomado como Folheto de Propaganda Religiosa e, em tese, não poderia ser comercializado? Será que o fato de ser um jornal de propriedade de uma gráfica possibilitou essa abertura? Algo pode ter mudado entre o início de 1941 e 1944 permitindo que *Mundo Espírita* e eventualmente outros periódicos pudessem contar com estas fontes de renda.

*Reformador*, a *Revista Espírita do Brasil* e possivelmente outros periódicos espíritas então existentes, em última análise, continuaram contando com os recursos de seus assinantes, considerados agora como “cooperadores” ou “contribuintes” de Caixas de Propaganda. A medida, pelo visto, foi tolerada pelas autoridades estatais que regulavam as atividades de imprensa na cidade. Essa possibilidade deixada pelo governo federal pode ter sido proposital ou negociada pelos responsáveis pelas publicações que não eram enquadradas pelo D.I.P. como empresas jornalísticas com fins comerciais. Entretanto, as restrições ao papel utilizado costumeiramente pela imprensa; a impossibilidade de serem vendidos de forma avulsa, em pontos de venda que poderiam ser, no caso dos periódicos espíritas, livrarias, bancas de jornais ou sedes de instituições espíritas, e a proibição de publicarem anúncios em suas páginas, sem dúvida foram duros golpes para os espíritas que mantinham publicações de periódicos.

## **1.5 – O D.I.P e o cerceamento da liberdade de expressão de espíritas**

---

<sup>269</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório do Gerente do Reformador”. *Reformador*, Rio de Janeiro, Setembro de 1941, p. 267.

<sup>270</sup> “Aos nossos amigos e confrades”. *Revista Espírita do Brasil*, op. cit..

<sup>271</sup> A nota informa que há 10 anos mantinham os mesmos preços de número avulso e assinatura. Como não existia, ao menos formalmente, a comercialização da revista, os valores apurados deviam ser oriundo dos “cooperadores da Liga” ou “cooperadores da revista”. “Aumento inevitável – Aviso”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1947, p. 16.

Os espíritas não vivenciaram, apenas, dificuldades materiais para manterem seus periódicos. Antonio Wantuil de Freitas, usando um de seus pseudônimos, rememora outra limitação colocada pela ditadura de Getúlio Vargas aos espíritas. “*O período da ditadura getulesca, então aliado da Igreja, se notabilizou por fechar Centros Espíritas e por proibir que os nossos jornais gozassem da mesma liberdade crítica concedida à imprensa católica*”<sup>272</sup>. O então presidente da FEB queixava-se que, aos espíritas, não era concedida a mesma liberdade que aos adeptos da religião hegemônica no momento. Parece-me que mesmo os espíritas que participavam da imprensa diária eram inibidos ou sentiam-se intimidados a enfrentarem determinados temas naquele período. Frederico Fígner, na coluna “Chronica Espírita” do *Correio da Manhã*, em 1921, criticando os cientistas e intelectuais que eram contrários ao Espiritismo, usou de ironia para falar a respeito de Carlos Chagas, que àquela época era responsável pelo Departamento Nacional de Saúde Pública. Naquele ano, esse departamento multou a Federação Espírita Brasileira e o médium Inácio Bittencourt, em função de suas práticas do receituário mediúnico<sup>273</sup>.

Destas mesmas columnas já propuz ao dr. Carlos Chagas, único que de alguma forma tem o direito ao título de cientista – *ainda que a moléstia proveniente da picada do barbeiro fosse conhecida antes delle nascer* – mas, como ia dizendo, propuz daqui mesmo que fosse nomeada uma comissão neutra, para acompanhar o tratamento espírita em doentes que fossem por nós apresentados, mas *ele ficou na moita. Se é um cientista, por que não acceitou?*<sup>274</sup>

O Diretor do Departamento de Saúde Pública é desqualificado. Sua inovação não seria tão nova assim... Além disso, faltar-lhe-ia espírito científico, uma vez que recusou – ou se omitiu – diante do desafio colocado por Frederico Fígner. A Federação Espírita Brasileira, em sua própria coluna, no mesmo jornal, também debateu a perseguição da Saúde Pública. Destaco que o *Correio da Manhã* ficou ao lado dos espíritas nesta questão. O dispositivo legal que enquadrou a federativa e o médium era considerado pelo periódico como o “*famigerado regulamento da Saúde Pública*”<sup>275</sup>. Entretanto, em 1937, quando Inácio Bittencourt é, novamente, enquadrado pelo mesmo motivo, os escritos da FEB e de Frederico Fígner silenciaram. Durante o período ditatorial de Getúlio Vargas, o fechamento de Centros Espíritas e o enquadramento de médiuns pela Polícia eram tratadas de forma discreta pelos espíritas da FEB e da Liga Espírita do Brasil. O *Reformador* trazia informações a respeito da

---

<sup>272</sup> FREITAS, Antonio Wantuil (I. Pequeno). “O Código Penal”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Novembro de 1948, p. 267.

<sup>273</sup> Sobre a multa aplicada à FEB, ver: “A perseguição ao espiritismo”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1921, p. 5. Sobre a multa aplicada à Inácio Bittencourt, ver: A ciência oficial e o espiritismo. “A primeira, que póde até matar, veda ao segundo curar”. Uma entrevista com o “médium” perseguido, Inácio Bittencourt”. *Correio da Manhã*, op. cit..

<sup>274</sup> FÍGNER, Frederico. “Chronica Espírita”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1921, p. 4. Grifos meus.

<sup>275</sup> “A perseguição ao espiritismo”. *Correio da Manhã*, op. cit..

repressão nos relatórios de atividades da federativa, em reflexões críticas sobre o Código Penal, em artigos onde comentavam brevemente o fechamento de instituições por causa das Portarias Policiais. A *Revista Espírita do Brasil* procurava, em suas páginas, traçar orientações aos espíritas de como proceder diante das exigências formuladas pelas autoridades. Em Dezembro de 1942, no calor das medidas impostas pela Portaria Policial 8.363 que colocava inumeráveis exigências para o funcionamento de Centros Espíritas na Capital, o *Reformador* transcreve um artigo de Frederico Fígner, publicado em sua coluna no *Correio da Manhã*. Comparando os médiuns espíritas aos apóstolos de Jesus, que realizavam curas, assim conclui:

Não sei com que intuito se tem procurado, e procura-se cercear a prática dessa caridade cristã que a tantas criaturas tem felicitado em todo o território brasileiro. *O Sr. presidente da República que tão sábias providências tem sabido tomar para favorecer os desprotegidos da sorte, os necessitados do socorro, a classe que trabalha, que luta para criar a sua prole, certamente não teve ainda ocasião de se inteirar do que se passa com referência á religião espírita e ás dificuldades que se antepõem á sua livre prática.* Apelamos, pois, para S. Excia., para que nos seja dada a mesma liberdade de que gozam todas as outras religiões no nosso país. Que nos seja concedida a liberdade de “dar de graça o que de graça e por acréscimo, Nosso Senhor Jesus Cristo nos outorga”.<sup>276</sup>

Note-se que o tom utilizado no artigo dirigido à autoridade máxima difere daquele que lançou mão para referir-se ao Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública em 1921. Aqui, dirigia-se a um ditador, num regime de exceção onde existe, apenas, um verniz de legalidade. Tentando isentar Getúlio Vargas de responsabilidades – os espíritas estariam sendo impedidos de exercerem suas atividades sem que o presidente soubesse – apela para a ligação que o presidente tentava estabelecer com os pobres. A queixa formulada é discreta e vem suavizada. Para uma entidade como a FEB que desestimulava a participação política, seus artigos, ainda que brandos, neste momento mais crítico por causa de uma ditadura, são um esforço de intervenção política no cenário social. Ou seja, nos assuntos onde tinha interesse, posicionava-se politicamente.

Em resumo, atuaram por meio da imprensa da cidade do Rio de Janeiro entidades espíritas federativas (*Reformador* e *Revista Espírita do Brasil*); Centros Espíritas, individualmente com seus jornais de circulação interna (*O Sidereo*) ou mesmo com pretensões a alcançar um público maior (*Humildade/Tribuna Espírita*, *Novo Horizonte*, *A Verdade* e *A Fraternização*); grupos de Centros Espíritas representados por um único jornal (*Aurora*) e grupos de indivíduos espíritas em iniciativas independentes, não vinculados a qualquer instituição (*União Espírita*, *Mundo Espírita* e *A Fraternidade*). *Brasil Espírita* não se

---

<sup>276</sup> FÍGNER, Frederico. “Será crime a caridade?”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1942, p. 200. Grifos meus. Sobre a Portaria Policial 8.363, ver: OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “Livres”, porém perseguido, op. cit., p. 71.

declarava ligado a nenhuma instituição espírita, ainda que sua redação funcionasse na sede da Aliança Kardecista.

As tiragens variaram conforme os públicos que se pretendia atingir. O fato de ser órgão oficial de alguma instituição espírita poderia influir no tamanho da tiragem. De 400 exemplares de *O Sidereo*, de distribuição gratuita para os sócios do Centro Espírita José de Abreu, que visava divulgar mensagens mediúnicas através de suas páginas, até os 40.000 exemplares alcançados por *Aurora* até Dezembro de 1933, jornal que representou quatro Centros Espíritas e a Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro até 1920 e que se apresentava como órgão de propaganda. Um jornal que temos notícias de sua publicação até Maio de 1949. Teria aumentado?

A maioria deles contava, dentre as fontes de renda, com assinaturas e anúncios, possivelmente vários destes de espíritas que possuíam negócios. Um deles (*Humildade/Tribuna Espírita*), também possuía uma Caixa Mantenedora. *Mundo Espírita*, *Reformador* e *Revista Espírita do Brasil* lançaram mão deste recurso num momento delicado de suas trajetórias. *União Espírita* contou, para constituir-se, com recursos dos seus acionistas. Apenas *O Sidereo* e *A Fraternalização* eram de distribuição gratuita.

Quanto ao preço de venda dos exemplares, as revistas mais caras – *Novo Horizonte*, *Reformador*, *Revista Espírita do Brasil* (entre 1929 e 1932) – custavam 1\$000 e a mais barata, *A Fraternalidade* (em 1916) custava \$200, sendo que possuía, apenas, oito páginas. A revista *Brasil Espírita* de Jarbas Ramos, por sua vez, possuía 30 páginas (atrás apenas do *Reformador* que chegou a 38 páginas) e custava \$500 em 1930. Dentre os jornais, *Tribuna Espírita* e *União Espírita*, ambos com quatro páginas, custavam \$100 na década de 1900, valores que coincidem com os dos jornais feitos por trabalhadores entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX<sup>277</sup>. Entretanto, quando comparamos o preço de suas assinaturas anuais, verificamos que *União Espírita* (9\$000) custava 4,5 vezes a mais que *Tribuna Espírita* (2\$000), que contava com uma Caixa Mantenedora para subsidiar sua publicação e diminuiria o preço final. Além disso, outras razões para esses contrastes no preço são as diferentes periodicidades.

A maioria dos periódicos era mensal. *Reformador*, *Aurora* e *Tribuna Espírita* eram quinzenais. *Mundo Espírita* e *União Espírita* eram semanais. Mas a periodicidade mudava. *Reformador* da sua fundação em Janeiro de 1883 até 1937 era quinzenal. A partir do ano

---

<sup>277</sup> MACIEL, Laura Antunes. “Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores?”. *História & Perspectivas*. Uberlândia, Julho a Dezembro de 2008, p. 131.



seguinte, torna-se mensal. *Mundo Espírita* começa semanal em 1932. Passa a quinzenal em Fevereiro de 1948 e, em 1951, mensal. Jornal diário? Não tiveram. Passou pelas mentes, mas não ganhou concretude no mundo real.

Os jornais espíritas trocavam de mãos. *Reformador*, que começara com Augusto Elias da Silva quem sabe como *Renovador*, cede-o à recém-criada FEB. *Aurora*, de Inácio Bittencourt, pode ter surgido em outra região do Estado do Rio de Janeiro, tendo interrompido suas atividades que foram reiniciadas por ele. Quando morre, em 1943, é assumido por Henrique Andrade. Este, por sua vez, detinha *Mundo Espírita*, que teria sido um projeto fracassado de Nóbrega da Cunha. Em Fevereiro de 1948, Lins de Vasconcellos assume o jornal que, depois de sua morte, fica sob a responsabilidade da Federação Espírita do Paraná. Quando não trocam de mãos, trocam de nomes, como é o caso de *Humildade* que se tornou *Tribuna Espírita*.

Os periódicos analisados não representam a totalidade da imprensa espírita em circulação na cidade do Rio de Janeiro durante o período abarcado pela pesquisa. O interesse demonstrado pela Liga Espírita do Brasil e pela FEB em saber se os Centros Espíritas possuíam periódicos na década de 1920 é indicativo de que o número dos jornais e revistas que sobreviveram, na atualidade, preservados na Biblioteca Nacional, é muito inferior àquele que circulava durante o período. Apesar disso, aqueles que tivemos em mãos permitem-nos perceber que a maioria destes periódicos era produzida na região Central da cidade, assim como vários jornais da “imprensa miúda”, feita por diferentes segmentos de trabalhadores<sup>278</sup>. Apenas um jornal – *Aurora* – era de um bairro da Zona Sul enquanto três periódicos – *O Sidereo*, *A Fraternalização* e *A Fraternidade* – eram produzidos em diferentes bairros da Zona Norte. Analisando o Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil, de 1942, verificamos que a maior parte dos Centros Espíritas da cidade do Rio de Janeiro localizava-se na Zona Norte. Porém, especificamente o bairro que contava com a maioria deles era o Centro da cidade<sup>279</sup>. Não causa surpresa, uma vez que vários periódicos tinham suas redações funcionando em Centros Espíritas, até a revista *Brasil Espírita*, que se pretendia independente.

---

<sup>278</sup> MACIEL, Laura Antunes. “Imprensa, História e Memória: da unidade do passado às outras histórias”. Revista *Patrimônio e Memória*. Assis, Cedap, Dezembro de 2009, p. 70.

<sup>279</sup> OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “Livres”, porém perseguidos, op. cit., p. 24.

## Capítulo 2 – Espíritas e Espiritismo na imprensa diária carioca

### 2.1 - Colunas e seções espíritas nos diários cariocas

Os espíritas abriram espaço nos jornais diários da cidade do Rio de Janeiro desde o final do século XIX com uma série de artigos de Bezerra de Menezes. Segundo Zeus Wantuil, com o pseudônimo de Max, ele escreveu “de 23 de Outubro de 1887 a 24 de Dezembro de 1894”<sup>1</sup> em *O Paiz*. Continuou sua série no *Jornal do Brasil* de 7 de Janeiro a 25 de Novembro de 1895, terminando-a na *Gazeta de Notícias* de 1º de Dezembro de 1895 a 15 de Outubro de 1897<sup>2</sup>. Em seu artigo inaugural em *O Paiz*, Max afirma que naquela secção pretendia continuar “a obra começada de exporem-se ao público a theoria spirita e as provas experimentaes de sua verdade”<sup>3</sup>. Segundo Emerson Giumbelli, em 1881 havia uma instituição chamada União Espírita do Brasil que objetivava “formar agremiações pelas diversas províncias, além de oferecer serviços de assinatura de periódicos estrangeiros”<sup>4</sup>. Além disso, buscava reunir pessoas dispostas a “custear a publicação semanal de artigos doutriniais em um jornal de grande circulação”<sup>5</sup>, o que se concretizou através dos artigos de Bezerra de Menezes. Assim, durante 10 anos, um grupo de espíritas pagou pela publicação de artigos em três jornais diários da capital federal. Em 1938, Antonio Wantuil de Freitas assinando como “Mínimus”, então gerente de *Reformador*, assim se referiu à atuação destes na imprensa.

---

<sup>1</sup> WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 237.

<sup>2</sup> O *Jornal do Brasil* foi fundado em 9 de Abril de 1891 por Rodolfo de Souza Dantas e Joaquim Nabuco e, desde 31 de Agosto de 2010, passou a existir apenas na internet. Teria sido criado por “um grupo de monarquistas insatisfeitos com a situação política do Brasil recém-republicano” e, em seus primeiros meses, teria feito oposição moderada ao novo regime político. Mudou de mãos algumas vezes. Em 15 de Novembro de 1894, sob a responsabilidade da firma Mendes & Cia, tornou-se situacionista, local e tentou mostrar-se mais popular. Quando Bezerra de Menezes inicia sua coluna o jornal não reservava espaço para outras religiões e, apenas em 1910, criou uma seção religiosa destinada ao Catolicismo. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Brasil*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/jornal-do-brasil> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

<sup>3</sup> CAVALCANTI, Adolfo Bezerra de Menezes (Max). “Secção livre. O spiritismo”. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1887, p. 4. *O Paiz*, propriedade de João José dos Reis Júnior, o conde de São Salvador de Matozinhos, circulou de 1º de Outubro de 1884 a 18 de Novembro de 1934. Teve, como primeiro redator-chefe Rui Barbosa, posteriormente substituído por Quintino Bocaiúva e alcançou tiragem de 60 mil exemplares. De orientação republicana e situacionista teve sua sede destruída durante o golpe de 1930, teve suas atividades interrompidas até 22 de Novembro de 1933, encerrando suas atividades no ano seguinte. Quando Bezerra de Menezes começa a escrever em suas páginas *O Paiz* não contava com coluna ou seção destinada a religiões. Na sua penúltima edição (17 de Novembro de 1934) trazia uma seção intitulada “Religião” com espaço para temas católicos. Hemeroteca Digital Brasileira. *O Paiz*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/o-paiz> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

<sup>4</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos*, op. cit., p. 64.

<sup>5</sup> Idem.

Há no Brasil seguramente uns 80 jornais espíritas e *uma infinidade de outros que mantêm em suas colunas secções de Espiritismo*. Entre estes últimos, *deparam-se-nos grandes diários que publicam, gratuitamente, o noticiário do movimento espírita do Brasil*<sup>6</sup>.

Aqui já encontramos uma mudança. Muitos jornais espíritas circulando pelo país e vários outros, que o então gerente do *Reformador* não quantifica, abrindo suas páginas para secções de Espiritismo, e isso gratuitamente, diferente do que ocorreu no final do século XIX com o grupo de espíritas do qual participava Bezerra de Menezes.

O *Correio da Manhã* foi, dos jornais diários da cidade do Rio de Janeiro, aquele que ofereceu maior espaço para os espíritas, tanto em duração quanto em número de colunas<sup>7</sup>. Em 16 de Novembro de 1903, com pouco mais de dois anos do início de atividades do jornal, encontramos um artigo intitulado “Espiritismo”, assinado por Olegário Tavares. A única informação que consegui apurar dele foi que anos depois, em Setembro de 1911, era presidente do Centro Espírita Antonio de Pádua<sup>8</sup>, um nome bastante comum para instituições espíritas. Estendeu-se o artigo como uma série, numerado em algarismos romanos (Espiritismo I, II, III, etc.). Entre o final de Fevereiro e o início de Março de 1904, deixou de sair por falta de espaço no jornal que, naquela época possuía apenas seis páginas, das quais a metade era de anúncios. Até Abril de 1905, artigos com este título são assinados por ele. Posteriormente, Frederico Fígner, Antonio Lima, Vianna de Carvalho, José Tosta e Oscar D’Argonnel começam a escrever a respeito do assunto, mas de maneira não sistematizada ou formalizada em uma coluna específica, o que se estende até Outubro de 1916. Entretanto, de 1º de Maio a 12 de Julho de 1914, Antonio Lima foi responsável por uma seção que era para ser diária, mas foi publicada de forma intermitente, que se chamava “Espiritismo – Theoria e Factos”. Nela, publicou relatos de fatos mediúnicos, noticiário de Centros Espíritas e mensagens mediúnicas.

---

<sup>6</sup> FREITAS, Antonio Wantuil (Mínimus). *Ciência, Religião e Fanatismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1938, p. 139.

<sup>7</sup> O *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, foi fundado em 15 de Junho de 1901 e circulou até 8 de Julho de 1974. É considerado um jornal “combativo e de opinião” que se declarava defensor dos direitos do povo e encampava campanhas contra o aumento dos preços das passagens dos bondes, contra os jogos de azar, denunciava funcionários públicos. Embora admitindo colaboradores de variadas tendências políticas, inclusive Evaristo de Moraes, que escrevia sobre questões trabalhistas e em apoio às causas dos mais pobres, o *Correio da Manhã* não era considerado um jornal neutro. LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014. Em 25 de Junho de 1917, quando tem início a coluna “Chronica Espírita”, o jornal mantinha também uma seção destinada ao Catolicismo intitulada “Notas Religiosas”. O CPDOC da Fundação Getúlio Vargas disponibiliza verbetes sobre vários jornais. O usuário deve cadastrar-se no site para ter acesso gratuito. Agradeço à historiadora Juniele Rabêlo de Almeida, da Universidade Federal Fluminense, pela informação.

<sup>8</sup> “Últimas notícias e telegramas”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1911, p. 6.

Frederico Fígner e Antonio Lima tinham vínculos com a FEB. Oscar D' Argonnel escreveu em *Reformador*. José Tosta<sup>9</sup>, que fora do Centro Espírita Fraternidade, do bairro de Marechal Hermes, militou na imprensa espírita como representante de *O Clarim* e da *Revista Internacional de Espiritismo*, escrevendo neles, ambos órgãos de Cairbar Schutel<sup>10</sup> publicados na cidade de Matão, em São Paulo. Além disso, publicara colunas espíritas na *Gazeta de Notícias* (que veremos adiante) e *O Jornal* (que não consegui pesquisar) e teria lecionado Esperanto na FEB<sup>11</sup>. Vianna de Carvalho<sup>12</sup> era um militar que se notabilizara pela oratória espírita. Segundo Zeus Wantuil, frequentara várias instituições espíritas, dentre as quais a própria FEB, onde fazia conferências e publicava em *Reformador*. Quando viajava em serviço, escrevia sobre o Espiritismo para jornais locais. De 24 de Novembro de 1912 até 7 de Janeiro de 1914, por exemplo, o *Correio da Manhã* facultou-lhe uma coluna chamada “Questões espíritas”. Não era muito regular. Durante 1913, havia no jornal apenas suas colunas sobre o tema.

Em 26 de Junho de 1917 começa, nas páginas de *Correio da Manhã*, “Chronica Espírita”. A primeira delas é assinada por Caírbar Schutel. Vários nomes ligados à FEB e alguns à imprensa espírita escrevem nela: Inácio Bittencourt, novamente Vianna de Carvalho, Manoel Quintão, Ewerton Quadros, Carlos Imbassahy e Frederico Fígner, assinando seu primeiro nome abreviado, “Fred Fígner”. Este último assume a responsabilidade da coluna, onde a esmagadora maioria dos artigos são dele. As colaborações dos demais se dão nos momentos iniciais. Frederico Fígner leva a coluna até sua morte, no dia 19 de Janeiro de 1947, quando sai publicada a última. Quase trinta anos ininterruptos de militância pelas páginas desse jornal diário.

Segundo Amadeu Santos, comerciante e industrial, Frederico Fígner, era

Comerciante, jornalista, escritor. Conhecedor de vários idiomas, possui vasta cultura espiritualista. *Devido a simpatia que usufrue e ao conceito em que é tido nos meios jornalísticos conseguiu manter num grande órgão de publicidade, o Correio da Manhã, uma secção constante de Espiritismo, que vem dirigindo há muitos anos. Tem tido, assim, o Espiritismo, um jornal diário, e graças á sua pena, um respiradouro por onde se é propagada a doutrina evangélica e as verdades codificadas por Allan Kardec.*<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> NÚCLEO ESPÍRITA VERBO DE LUZ. *José Tosta*. Disponível em: <http://nucleoespiritaverbodeliz.blogspot.com.br/2010/04/jose-machado-tosta.html> Último acesso em 15 de Setembro de 2013.

<sup>10</sup> Sobre Caírbar Schutel ver: Wantuil, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 254.

<sup>11</sup> BÍBLIA DO CAMINHO – TESTAMENTO XAVIERIANO. *Nótulas da Editora*. Disponível em: <http://ocaminho.com.br/ocaminho/TXavieriano/Livros/Vlt/VltAnexo.htm> Último acesso em 28 de Setembro de 2013.

<sup>12</sup> Wantuil, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 595.

<sup>13</sup> ANÔNIMO. “Frederico Fígner”. In: SANTOS, Amadeu. *Doutrina e Crítica*. Rio de Janeiro: Confeccionado nas oficinas do *Reformador*, 1943, p. 123. Grifos meus. O livro reúne alguns artigos em torno de uma polêmica que o autor travou com um religioso católico. Convidou, na ocasião, alguns espíritas para opinarem sobre a questão.

O cronista anônimo atribui, então, às relações de Frederico Fígner possivelmente com os diretores de *Correio da Manhã* o espaço que conseguira desde 1917. Anos depois, em Junho de 1949, pelas páginas de *Reformador* lemos o anúncio da publicação de “Crônicas Espíritas”, seleção de escritos dele pelas páginas deste jornal. “*Amigo do Dr. Edmundo Bittencourt, saudoso diretor do Correio da Manhã, nesse jornal eram publicadas semanalmente as crônicas do velho Fígner (...)*”<sup>14</sup>. As colunas de Frederico Fígner não tinham periodicidade definida. Nos seus últimos anos saíram, mesmo, quinzenais. Isso deve ter relação com a idade avançada do seu autor na década de 1940, uma vez que morreu com 80 anos em 1947. Quanto ao relacionamento com Edmundo Bittencourt, ele deve ter sido facilitado pela condição social abastada de Frederico Fígner, proprietário da Casa Edison<sup>15</sup>, que comercializava equipamentos de som, máquinas de escrever e discos. Em 7 de Julho de 1901, na página seis do diário de Edmundo Bittencourt que funcionava há menos de um mês, existe um anúncio enorme de sua empresa<sup>16</sup>. No primeiro ano de funcionamento, os anúncios eram sempre grandes, com bom destaque na página, sempre na parte superior. Não quero determinar, categoricamente, que Frederico Fígner ou os outros espíritas que escreviam neste jornal conseguiram o espaço por causa de seus anúncios da Casa Edison. Mas é lícito supor que as relações comerciais entre anunciantes e jornais podem ter feito nascer outros laços também. Podem ter favorecido, facilitado mesmo, uma vez que eram da mesma classe social.

Em 28 de Novembro de 1917 encontramos no *Correio da Manhã* um artigo intitulado “Federação Espírita Brasileira”.

O *Correio da Manhã* visitou, “sponte sua”, a Federação Espírita Brasileira, em sua sede á Avenida Passos. Informou-se dos serviços que presta á humanidade a mais antiga Associação espírita do Brasil, especialmente os da secção denominada “Assistência aos Necessitados”, que socorre, diariamente, centenas de pessoas sem retribuição de espécie alguma, sem distincção de crenças religiosas, de nacionalidades e posição social. (...) Há alguns annos o ex-redator desta folha, o sr. A. Amaral, então seu correspondente em Londres, dizia: “... Já é uma verdade conquistada e que se impõe a todos que examinam os factos, sem preconceitos e sem restrições sectárias, a absoluta inanidade da philosophia material e a certeza da supremacia do Espírito sobre a Matéria.” De longa data vem o *Correio da Manhã* franqueando as suas columnas, com largo espírito de tolerância, a publicações referentes aos factos e teorias do Espiritismo. Depois da visita a que aludimos, o *Correio*, de accôrdo com as suas tradições, pôz, generosamente, ao dispor da Federação uma columna neste grande diário.<sup>17</sup>

A partir de então, o *Correio da Manhã* passa a publicar a coluna “Federação Espírita Brasileira”. De acordo com o Estatuto da FEB de 3 de Dezembro de 1917, o mais antigo que

---

A apresentação de cada autor, dentre os quais Frederico Fígner, teria sido feita por alguém que solicitou anonimato.

<sup>14</sup> “Crônicas Espíritas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Junho de 1949, p. 138.

<sup>15</sup> DICIONÁRIO MPB. *Casa Edison*. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/casa-edison/dados-artisticos> Último acesso em 14 de Setembro de 2013.

<sup>16</sup> “Casa Edison”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 de Junho de 1901, p. 6.

<sup>17</sup> “Federação Espírita Brasileira”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 1917, p. 4.

posso, a Assistência aos Necessitados contaria com doze membros, além de alguns auxiliares. Seria responsável pelo serviço do receituário mediúnico, bem como da farmácia homeopática que doaria os remédios prescritos às pessoas. Distribuía, também, alimentos e roupas aos necessitados. Possuíam, também, um serviço de assistência moral e espiritual que pretendia levar ensinamentos morais e conforto a quem necessitasse<sup>18</sup>. Os estatutos analisados apenas fazem referência à manutenção do *Reformador* como órgão oficial quando mencionam a propaganda pela palavra escrita. Não explicitam a vontade de participar de outros periódicos, mesmo os diários.

O ex-redator a que se referem deixara o cargo, ocupado até 18 de novembro de 1917, há pouco tempo. Pelo que se pode notar, deveria ter alguma simpatia pelas ideias espíritas, o que não deixa de ser, para os espíritas que ocupavam estas páginas, mais um aliado. E em função da visita, os espíritas da FEB conseguem uma coluna num jornal diário. Zeus Wantuil diz que essa visita fora realizada pelo próprio Edmundo Bittencourt acompanhado de Aristides Spínola, presidente da FEB. Entusiasmado com o que viu, ofereceu o espaço<sup>19</sup>. Ainda segundo o autor, Spínola foi político, jornalista, advogado e um dos fundadores do *Jornal do Brasil* em 1891<sup>20</sup>, o que pode ter facilitado o acesso dos espíritas da União Espírita do Brasil em suas páginas em 1895. Era, portanto, um homem de imprensa também. Os rostos conhecidos, dos homens de imprensa que se reconhecem, que podem ter mantido contatos profissionais e estabelecido relações de amizade, devem ter favorecido, também, a obtenção da coluna.

Os textos publicados na coluna, em geral, não eram assinados, não sendo possível identificar seu responsável. Parece, mesmo, que não havia. A segunda coluna do artigo acima está apagado no microfilme da Biblioteca Nacional, o mesmo ocorrendo com a versão digitalizada. No entanto, dá para arriscar algumas deduções. Segundo o autor, a FEB

Reconhece as dificuldades (da) tarefa. Espera poder vem(ce) *mediante o concurso de com(frades) dedicados que, seguindo a (ilegível) orientação doutrinária da Fe(dera)ção, virão colaborar nesta (co)llumna. A forma será vária, con(forme) as aptidões e o estylo dos (in)teressados colaboradores, mas (os) artigos serão publicados sob (a res)ponsabilidade da Federação (Espí)rita Brasileira.*<sup>21</sup>

Esperavam o concurso de espíritas interessados em participar. Imagino que, pensando nos espíritas da própria FEB que desenvolviam atividades na imprensa espírita e atuavam,

---

<sup>18</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1917, artigos 69 a 82, p. 27 a 32.

<sup>19</sup> WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 167.

<sup>20</sup> Idem, p. 166.

<sup>21</sup> “Federação Espírita Brasileira”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 1917, p. 4. Grifos meus.

doutrinariamente, na leiga, tentassem deixar as margens abertas, não precisando, exatamente, o conteúdo que desejavam na coluna. Isso, evidentemente, passando pelos filtros da entidade, que decidiria o que seria ou não publicado. Poderia ser o do próprio Aristides Spíndola que, naquele momento a presidia, reproduzindo, dessa forma, a lógica de operação do *Reformador*, “cuja direcção e redacção competem ao Presidente”<sup>22</sup>. Encontrei artigos de Leopoldo Cirne, que presidira a entidade, de Vianna de Carvalho e alguns assinados com abreviaturas, W. P., que não consigo identificar e M. Q., que pode ser Manoel Quintão. A coluna estende-se, de maneira irregular, até 30 de Novembro de 1923, quando publicam a última.

Outra coluna espírita presente nas páginas de *Correio da Manhã* chamava-se “Notas Espíritas”, assinada por Hermes Jurema. Começou em 21 de Novembro de 1921 e terminou em 1º de Outubro de 1923 com quatorze publicações no total. Sobre o responsável pela coluna, apenas consegui apurar que foi sócio da FEB, já que através da coluna da federativa no *Correio da Manhã* do dia 19 de Maio de 1922 é noticiado o seu ingresso no quadro associativo da instituição<sup>23</sup>. A última delas foi assinada por Guiomar A. F. Ramos que, como vimos acima, em Abril de 1926, viria a ser eleita 2ª tesoureira da Liga Espírita do Brasil.

O *Correio da Manhã* contou, ainda, com a coluna “‘Correio’ Espírita”. A coluna começa em 10 de Junho de 1936. Segundo o *Reformador* de 1º de Julho de 1936,

Saltam-nos da penna estas observações a propósito do facto, que nos cumpria noticiar e com summo prazer noticiamos, de haver o “*Correio da Manhã*”, um dos nossos periódicos de maior circulação e prestígio, não obstante já ter de há muito as suas páginas frequentemente abrilhantadas pelas “*Chronicas Espíritas*”, do nosso estimado e incansável companheiro Frederico Fígner, aberto, por iniciativa espontânea de sua direcção, uma secção espírita diária, de carácter sobretudo noticioso, para registro cotidiano do movimento espírita nesta capital e, tanto quanto possível, de todos os pontos do paiz. Offerecida, de início, por intermédio daquelle companheiro, a um dos dirigentes da Federação, como nenhum destes, no momento, pudesse aceitar o encargo, principalmente por se tratar de uma secção diária, foi lembrado e indicado o nome do nosso distincto confrade Luiz Autuori, a quem sobram inteligência e critério doutrinário, para se desobrigar da incumbência, como o vae fazendo, com brilho e consciência da sua responsabilidade.<sup>24</sup>

A iniciativa teria sido espontânea do jornal. Mantiveram, assim, durante o período de sua existência, duas colunas espíritas simultâneas, ambas de pessoas ligadas à FEB, uma de carácter doutrinário, mais antiga, e a nova que se ocuparia do noticiário do movimento espírita. Frederico Fígner foi o intermediário, já que possuía trânsito entre os diretores do periódico. Diante da recusa dos membros da diretoria da instituição, em função da carga de serviços que a manutenção da coluna – que se pretendia diária – implicaria, declinam o convite, mas indicam alguém de confiança, que segundo eles teria inteligência e critério doutrinário para

<sup>22</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1917, p. 24, artigo 55.

<sup>23</sup> “Federação Espírita Brasileira”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 19 de Maio de 1922, p. 4.

<sup>24</sup> “O Espiritismo na imprensa”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Julho de 1936, p. 243. Grifos meus.

tanto. Luiz Autuori, no ano anterior ao que assumiu a coluna (1935), publicou um livro intitulado “Kardec ou Roustaing?”<sup>25</sup>. Favorável às teses de Roustaing?

Escrevem nela Manoel Quintão, Leopoldo Machado, Antonio Lima e Ismael Gomes Braga, articulista da *Revista Espírita do Brasil*, todos os quatro, vinculados à FEB. Henrique Andrade, de *Mundo Espírita*, também se fez presente. Ser favorável às teses de Roustaing não devia ser critério pré-estabelecido para escrever na coluna, porque além de Henrique Andrade, Mário José da Costa que, em Novembro de 1935 comentou o livro de Luiz Autuori, também participou. Avaliando o livro do responsável pela nova coluna espírita, diz que o autor não se posicionou. Teria afirmado, apenas, que Allan Kardec não escrevera mentiras. Diante disso, reproduz trecho de “A Gênese”, última obra deste autor francês, onde ele afirmava que Jesus tivera corpo de carne e não fluídico, como pretendiam os defensores de Roustaing<sup>26</sup>. A coluna é assumida pelo advogado, historiador, escritor, jornalista, tradutor, conferencista que escrevia para o *Reformador* e secretário da *Revista Espírita do Brasil* em 1935, Francisco Klörs Werneck, em 31 de Dezembro de 1937 e estende-se apenas até 26 de Janeiro de 1938<sup>27</sup>. O pesquisador espírita Clóvis Ramos relata que em 1º de Janeiro de 1937 foi fundado por Luiz Autuori e Jayme Cisneiro, no Rio de Janeiro, um periódico chamado *Correio Espírita*. Será que as atividades no novo jornal o afastaram da coluna de mesmo nome no *Correio da Manhã*?<sup>28</sup>

Quando nos referimos ao projeto “Nosso Jornal” falamos um pouco da participação de espíritas no *Diário Carioca*, que se deu entre 22 de Fevereiro de 1930 e 14 de Agosto de 1937<sup>29</sup>. Ela não durou sete anos e alguns meses, ininterruptamente. Teve dois períodos, o primeiro, indo de seu início até 10 de Março de 1936, praticamente diária em alguns períodos, como o compreendido entre Março de 1930 até Agosto de 1932. Depois desse período, aparecia as vezes muito irregular. Começa dentro de uma seção chamada “Religiões e

---

<sup>25</sup> “Kardec ou Roustaing?”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1935, p. 8.

<sup>26</sup> “Kardec e Roustaing”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 1935, p. 7. O trecho que reproduz, referindo-se a Jesus, é o seguinte: “Como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível”. KARDEC, Allan. *A Gênese*, op. cit., p. 310.

<sup>27</sup> Em Janeiro de 1938, Francisco Klörs Werneck é o Secretário da *Revista Espírita do Brasil*.

<sup>28</sup> RAMOS, Clóvis. *A Imprensa Espírita no Brasil*, op. cit., p. 49.

<sup>29</sup> O *Diário Carioca* surgiu em 17 de Julho de 1928, fundado por José Eduardo de Macedo Soares e encerrou suas atividades em 31 de Dezembro de 1965. Teria nascido com a finalidade de fazer oposição ao governo de Washington Luiz. Seu fundador era egresso da Marinha, tendo passado pela política antes de dedicar-se ao periodismo e já havia fundado, em 1912, *O Imparcial*. Em Dezembro de 1930 teria rompido com esse projeto político, retomando o apoio em 1934. Quando os espíritas começam a escrever em suas páginas o jornal contava, também, com uma coluna Católica, que trazia o noticiário de paróquias. LEAL, Carlos Eduardo. *Diário Carioca*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em: 22 de Abril de 2014.



Crenças” com o subtítulo “Espiritismo”. J. Collares Rocha é quem recebia as correspondências para a coluna. Pouco tempo depois, ele fizera parte da Comissão de Finanças do projeto do jornal espírita diário que resultou em *Mundo Espírita*. Não consegui levantar informações sobre ele. Em Abril do mesmo ano, passa a chamar-se “No Mundo Espírita”. Em 25 de Novembro de 1930 a coluna muda de mãos. “*Esta secção entra agora numa nova phase. Acha-se a testa della conhecido confrade, grande conhecedor da doutrina e dos assumptos evangélicos, de cujos conhecimentos muito irão lucrar os nossos leitores*”<sup>30</sup>. Mas... Quem seria? Por que não declinar o nome? O que se pode depreender do que se lê é que pode ter sido comandada por pessoa interessada no movimento de unificação dos espíritas em torno das entidades federativas, porque eram bem comuns os artigos de pessoas ligadas à FEB, tais como Carlos Imbassahy, Manoel Quintão<sup>31</sup>, Antonio Lima e Frederico Fígner. Os representantes da Liga Espírita do Brasil também não faltavam. João Torres, Jonathas Botelho e João Pinto de Souza<sup>32</sup> fizeram-se presentes nestas páginas. Barros Fournier, da revista *Novo Horizonte*, órgão da Cabana de Lysis, também colaborou com a coluna, assim como Souza Moraes, do *Anuário Espírita do Brasil* e um dos fundadores de *Mundo Espírita*.

Parece-me, no entanto, que Antonio Compans<sup>33</sup>, que teria idealizado o projeto “Nosso Jornal”, era uma peça importante no contato com os homens da imprensa diária. Em 18 de Abril de 1936, que era uma data importante para os espíritas<sup>34</sup>, é retomada a participação de deles no *Diário Carioca*, agora sob a responsabilidade de Daniel Christóvão. Anteriormente, o espaço estava sob os cuidados de Antonio Compans. Ao referir-se ao antigo responsável, diz que

Agora, porém, eis que *um encontro feliz em nossa terra, com esse companheiro de ideias, nos proporcionou a apresentação aos mui distintos directores do DIÁRIO CARIOCA*. Dessa feliz apresentação e da agradável palestra que mantivemos com esses ilustrados cavalheiros, guardamos as mais gratas impressões, visto tratarem-se de figuras cultas, de elevados predicados moraes e intellectuaes e a cuja esclarecida orientação jornalística, devemos o reinício desta secção.<sup>35</sup>

---

<sup>30</sup> “Nota da Redacção”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1930, p. 10.

<sup>31</sup> Foi presidente da FEB em 1915, 1918, 1919 e 1929. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Manoel Justiniano de Freitas Quintão*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Manuel%20Justiniano%20de%20Freitas%20Quint%C3%A3o.pdf> Último acesso em 15 de Setembro de 2013.

<sup>32</sup> Em Janeiro de 1938 João Pinto de Souza aparece como 1º Secretário do Conselho da Liga Espírita do Brasil. Ver: “Hora Espírita”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro 1938, p. 20. Em Abril de 1938, seu nome figura na gerência da *Revista Espírita do Brasil*.

<sup>33</sup> Em 23 de Agosto de 1936, a coluna “Correio Espírita” do *Correio da Manhã* noticia que ele assumira a presidência da Tenda Espírita de Caridade. “Correio Espírita”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 de Agosto de 1936, p. 14.

<sup>34</sup> *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, foi publicado em 18 de Abril de 1857 e os espíritas, até hoje, relembram e celebram a data.

<sup>35</sup> CHRISTÓVÃO, Daniel. “Duas palavras”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 18 de Abril de 1936, p. 15.

Antonio Compans, então, era o que detinha relações com os diretores do *Diário Carioca*, a ponto de conseguir, juntamente com Daniel Christóvão, o reinício da coluna espírita. Apesar de reiniciada por ele, a coluna segue com publicação muito irregular até seu final em 14 de Agosto de 1937, quando publicam a última. O responsável por ela fora militar que, anos mais tarde, participara da Segunda Guerra Mundial<sup>36</sup>. Será que suas atividades profissionais criaram embaraços para sua militância na imprensa? É uma possibilidade.

A *Gazeta de Notícias* também abriu suas páginas aos espíritas, a primeira vez com a série de artigos de Bezerra de Menezes entre 1895 e 1897. Em 8 de Março de 1920 encontramos a coluna, “Gazeta Psychica”, assinada por Cairbar Schutel, de *O Clarim* e da *Revista Internacional de Espiritismo*, de São Paulo. Teve breve duração e em 18 de Outubro do mesmo ano publica sua última. Quase cinco anos depois, em 11 de Setembro de 1925, dentro de uma seção chamada “Diversos Cultos”, que abria espaço também para os protestantes e os teosofistas, aparece “Espiritismo” que começa quase que diária. Em 16 de Janeiro de 1926, encontramos algumas recomendações aos articulistas espíritas que desejavam colaborar. Seu autor parece ser o responsável pelo espaço, ou pelo menos faz uma intervenção digna de alguém que detenha este encargo. Assinava “J. T.”. Vi-me diante de duas possibilidades: ou seria João Torres, que viria a ser Diretor-gerente da *Revista Espírita do Brasil* em 1929 e presidente da Liga Espírita do Brasil, ou José Tosta, ligado a Cairbar Schutel na condição de representante (e articulista) de seus periódicos. Parece-me mais razoável supor que o responsável pelo espaço seja o último. Provavelmente a indicação para o cargo partira de Cairbar Schutel, à semelhança do que ocorreu no *Diário Carioca* com Antonio Compans e Daniel Christóvão e Frederico Fígner com Luiz Autuori em *Correio da Manhã*. Além de tudo, é que mais participa da coluna com artigos.

A coluna estende-se até 24 de Outubro de 1930, na última edição deste jornal naquele ano. O movimento golpista que derrubou Washington Luís empastelou, dentre outros, o *Gazeta de Notícias*<sup>37</sup>. Apenas em 2 de Novembro de 1934 o espaço para os espíritas nas páginas do jornal retorna, chamando-se agora “Vida Espiritual”, sob a responsabilidade de Mário Costa, que integrava o Centro Espírita Christóphilos, agregado à Liga Espírita do Brasil<sup>38</sup>. Em 15 de Abril de 1938 publicam a última deste ano, que já vinha irregular, diferente do que ocorrera entre 1935 e 1937 que era quase diária, com poucas interrupções. Em 8 de

---

<sup>36</sup> O FRANCO PALADINO. *Quem foi Daniel Cristóvão*. Disponível em:

<http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat437.htm> Último acesso em 15 de Setembro de 2013.

<sup>37</sup> LUCA, Tania Regina. *A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX*. Disponível em: [http://www.brasa.org/Documents/BRASA\\_IX/Tania-Luca.pdf](http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Tania-Luca.pdf) Último acesso em 18 de Setembro de 2013.

<sup>38</sup> “Espiritismo”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1930, p.8.

Junho de 1939, reaparece “*depois de um período de férias forçadas*”<sup>39</sup> em apenas uma publicação. Depois dessa data, não mais. Escreveram nela “M. Q.” (Manoel Quintão, da FEB, suponho), Ignácio Bittencourt (*Tribuna Espírita* e *Aurora*) e Carlos Imbassahy, estes da FEB. João Torres e João Pinto de Souza (ambos da Liga Espírita do Brasil) também estiveram presentes.

Os espíritas puderam contar, também, com as páginas de *A Batalha*. Com início em 26 de Agosto de 1930, a coluna “Registro Espírita” não traz o nome do seu responsável. No entanto, alguns indícios sugerem que ela podia estar sob a responsabilidade de alguém da Liga Espírita do Brasil, particularmente João Torres. Em primeiro lugar, há muito noticiário a respeito desta instituição federativa e seu órgão mensal, a *Revista Espírita do Brasil*. Em 31 de Dezembro de 1930, diante da falta de espaço para divulgarem a relação dos Centros Espíritas que realizavam sessões no dia, recomendam a consulta “*do Indicador Espírita da Revista Espírita do Brasil onde encontrarão informações completas dos trabalhos regulamentares de grande número de associações, tanto do centro como dos subúrbios da capital*”<sup>40</sup>. Imagino que, para fazerem essa sugestão, contavam que os Centros que anunciavam suas atividades aí fossem, em sua maioria, adesos à Liga Espírita do Brasil, uma vez que a programação de atividades das instituições adesas a esta federativa era divulgada nas páginas de seu órgão.

---

<sup>39</sup> “Vida Espiritual”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de Junho de 1939, p. 6. O jornal *Gazeta de Notícias*, fundado por José Ferreira de Souza Araujo em 2 de Agosto de 1875. Inicialmente, além de seu fundador, dirigiam-no Henrique Chaves e Emanuel Carneiro. Sua direção trocou de mãos diversas vezes no período e sua linha editorial e posições políticas também. Se ao surgir, defendia a abolição da escravatura e a proclamação da República, após o início do novo regime político, assumiu posição antimonarquista e defensor das elites agrárias. Seu caráter governista teria reflexos “*em sua estrutura econômica e no alto nível de sofisticação de sua aparelhagem técnica*”, sendo considerado um dos mais bem equipados do mundo. Além dos espíritas, o jornal abriu suas páginas para católicos, protestantes, teosofistas. LEAL, Carlos Eduardo. *Gazeta de Notícias*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

<sup>40</sup> “Aviso”. *A Batalha*. Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1930, p. 7. O jornal *A Batalha* foi fundado por Pedro Mota Lima em 20 de Dezembro de 1929 e, de acordo com Marieta de Moraes Ferreira, teria deixado de circular em 1940. Entretanto, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional existe exemplar digitalizado disponível até 19 de Fevereiro de 1941. Teria sido fundado com o objetivo de apoiar a Aliança Liberal. Porém, citando o jornalista Barreto Leite Filho, a autora do verbete diz que o jornal seria, também, ligado a um grupo do Partido Comunista do Brasil “*que defendia a união do operariado com outros setores da sociedade dentro do movimento aliancista*”. Ainda de acordo com o jornalista, o periódico teria contado com recursos financeiros de João Pallut, um dos banqueiros do jogo do bicho no Rio de Janeiro, que teria ligações com Arthur Bernardes, que desejaria divulgar suas propostas políticas. No decorrer de 1930, o jornal foi comprado por João Pallut. Teria passado “*a mover campanhas difamatórias e intimidatórias contra aqueles que combatiam o jogo do bicho, denunciando o esquema repressivo da polícia contra os bicheiros*”. Adquirido por Júlio Barata, depois de Outubro de 1934, tornou-se situacionista. Durante o período em que manteve coluna espírita, não encontrei coluna ou seção destinada ao Catolicismo ou demais religiões. FERREIRA, Marieta Moraes. *A Batalha*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

Outro indício que aponta para a responsabilidade da Liga Espírita do Brasil, na figura de seu presidente João Torres é o noticiário, na coluna, de uma entrevista de Ismael Gomes Braga a *O Nordeste Mineiro*, de Teófilo Otoni, sobre o Espiritismo. Em 29 de Agosto de 1930, lemos João Torres dizer que “Concluimos hoje a publicação da excelente entrevista (...)”<sup>41</sup>, sugerindo, assim, ser o responsável pela transcrição desta nas páginas de *A Batalha*.

Em 24 de Junho de 1931, passa a chamar-se “Notas Espíritas”. Segue praticamente diária, como em seu início. Já no ano de 1933, está muito irregular até que, em 3 de Setembro de 1933, intitulada “Espiritismo”, *A Batalha* inicia uma nova coluna, agora a cargo de Lincoln Godinho. Não consegui identificar em seu responsável qualquer ligação com instituições espíritas, apenas que foi Taquígrafo Revisor<sup>42</sup>. Até o final deste ano e no decorrer de 1934, está encolhida, trazendo, muitas vezes, apenas uma nota, de alguma atividade de determinado Centro Espírita. O ano de 1935 não está disponível na Hemeroteca Digital. Em 1º de Julho de 1936, o primeiro número disponível para o ano, consta a coluna “Pelo Culto Espírita”. Na maior parte das vezes segue a lógica da anterior, ou seja, anuncia atividades institucionais. No entanto, por três vezes (na primeira, terceira e quarta coluna) dirige-se, de maneira específica, aos espíritas da cidade de Niterói a fim de que prestigiem os candidatos espíritas da Frente Única Popular, candidatos à Câmara Municipal e a Federal<sup>43</sup>. Assina Mario de Almeida. Seria o fundador da Cruzada Espírita Suburbana?<sup>44</sup> Pelo menos, é o mesmo nome, ainda que pudesse ser à época (como hoje) bem comum. A última saiu em 5 de Fevereiro de 1938. Em seu final, ainda me pareceu muito ligada à Liga Espírita do Brasil, uma vez que boa parte dos Centros que anunciavam atividades aí eram adesos a esta federativa<sup>45</sup>.

O jornal *A Manhã*, de Mário Rodrigues<sup>46</sup>, em seu quarto número, abre espaço para os espíritas em suas páginas, ainda que brevemente. O primeiro momento da coluna chamada

---

<sup>41</sup> “Que é o Espiritismo (Conclusão)”. *A Batalha*. Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1930, p. 4.

<sup>42</sup> PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Lei nº. 40, de 10 de Abril de 1935*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1930-1949/L0040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1930-1949/L0040.htm) Último acesso em 21 de Setembro de 2013.

<sup>43</sup> ALMEIDA, Mario. “Aos espíritas de Nictheroy”. *A Batalha*. Rio de Janeiro, 1º de Julho de 1936, p. 6 e a última: “Aos espíritas de Nictheroy”. *A Batalha*. Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1936, p. 4.

<sup>44</sup> “Cruzada Espírita Suburbana”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1925, p. 5 e “Cruzada Espírita Suburbana – Tinguá – Nova Iguaçu”. Disponível em: <http://luzqueesclareceanossavida-casaesp.blogspot.com.br/2010/10/cruzada-espirita-suburbana-tingua-nova.html> Último acesso em 21 de Setembro de 2013.

<sup>45</sup> Dos dezesseis Centros espíritas que anunciaram atividades no dia 27 de Janeiro de 1938, seis eram adesos à Liga Espírita do Brasil, a saber, o Amparo Thereza Christina, o Centro Espírita Filhos da Vinha Celeste, o Centro Espírita Discípulos de Samuel, a Tenda Espírita Trabalhadores da Seara, o Centro Espírita Israel Barcellos e o Centro Espírita Estrela da Luz. Ver: CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil*, op. cit., p. 3 verso, 4, 5 verso, 10, 23 e 39, respectivamente.

<sup>46</sup> O jornal *A Manhã* começou a circular em 29 de Dezembro de 1925, funcionando até 17 de Dezembro de 1929. “Crítico aguerrido, usava linguagem mordaz, panfletária, demagógica, além de bem-humorada e

“Espiritismo” foi de 1º de Janeiro até 2 de Abril de 1926 dentro do “Noticiário Religioso”. As muitas referências à Constituinte Espírita me fazem crer que o responsável pelo espaço pudesse ter relações com o projeto em lançamento dos constituintes espíritas. Segundo o artigo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Mário Rodrigues, proprietário do jornal, teria vindo do *Correio da Manhã*, onde romperia com Edmundo Bittencourt<sup>47</sup>. Neste último, os espíritas que ocupavam as páginas eram, hegemonicamente, da FEB. Seria, então, apenas coincidência, que os espíritas de *A Manhã* estivessem ligados ao projeto que originou a Liga Espírita do Brasil? Pode não ser casual.

A coluna não é diária e a maior parte delas neste primeiro momento não é assinada. Encontrei apenas uma, de Aimé Luiz, a quem não consegui identificar vínculos com instituições espíritas. O segundo período da coluna, que preservou o nome, foi um pouco mais extenso. Iniciou-se em 6 de Dezembro de 1928 e terminou em 28 de Novembro de 1929, ou seja, menos de um ano. O noticiário da Liga Espírita do Brasil continua intenso, bem como anúncios de seu órgão mensal, a *Revista Espírita do Brasil*, o que faz com que eu continue arriscando dizer que alguém vinculado a ela dirigia a coluna. Além disso, encontrei dois artigos assinados. Dois de João Torres e um de Ormindia Bastos, advogada, jornalista, professora, militante feminista e espírita<sup>48</sup>, da *Revista Espírita do Brasil*. Entre Maio e o início de Novembro de 1929 está praticamente diária. Depois fica irregular.

*A Pátria*, jornal criado por João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho, mais conhecido como João do Rio [morre em 1922], também abriu suas páginas aos espíritas. A coluna “Luz e Verdade” estava, ao que parece, sob a responsabilidade do poeta, jornalista, educador, ex-deputado estadual pelo Paraná e ex-deputado federal Leôncio Correia<sup>49</sup>. Ao menos era quem recebia a correspondência dedicada à coluna<sup>50</sup>. Posteriormente, ele também seria vinculado à Liga Espírita do Brasil, uma vez que foi eleito seu presidente para o triênio

---

acessível. Confrontava o autoritarismo, as oligarquias e a estrutura política da República Velha, buscando comprometimento com causas populares”. Teria feito oposição ao governo de Washington Luiz. Mesmo com a saída de Mário Rodrigues, no segundo semestre de 1928, o jornal continua fazendo oposição agressiva contra os governos federal e municipal. “O jornal, em não poucos momentos, sustentava ideias comunistas ou assim consideradas, aumentando mais ainda a insatisfação do governo”. O “Noticiário Religioso” do jornal abria espaço para o Catolicismo, o Protestantismo e o Positivismo. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *A Manhã*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/manh%C3%A3-1> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> ÁLVARES, Maria Luiza Miranda. *Versões do feminismo na Amazônia brasileira: Ormindia e Eneida nos contextos nacional e internacional*. Disponível em: [http://triplov.com/Venda\\_das\\_Raparigas/Luzia\\_Alvarés/sufragismo.htm](http://triplov.com/Venda_das_Raparigas/Luzia_Alvarés/sufragismo.htm) Último acesso em 25 de Setembro de 2013.

<sup>49</sup> WANTUIL, Zeus. *Grandes espíritas do Brasil*, op. cit., p. 462.

<sup>50</sup> “Luz e Verdade”. *A Pátria*. Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1934, p. 5.

de 1939 a 1942 que não levou até o final, substituído por Aurino Souto<sup>51</sup>. Teria sido colaborador do *Correio da Manhã* desde a sua fundação<sup>52</sup>. Na *Revista Espírita do Brasil* de Setembro de 1943 consta que João Pinto de Souza teria dirigido uma seção chamada “Movimento Espírita” neste jornal, sem precisar o período<sup>53</sup>. Assim, *A Pátria* deve ter tido ao menos duas colunas espíritas em momentos distintos.

Em 2 de Janeiro de 1934 Leôncio Correa está recebendo manifestações de apreço pelo espaço, publicando carta da Tenda Espírita de Caridade. Teria começado no final de 1933? É possível. A coluna estende-se até 13 de Novembro de 1935. Em Junho de 1932 Leôncio Correia já ocupa as páginas do jornal, sem tratar de temas espíritas. Além dele, escreveram na coluna Leopoldo Machado, Manoel Quintão (ambos da FEB), Lins de Vasconcelos (FEB e Liga Espírita do Brasil), Henrique Andrade (*Mundo Espírita* e Liga Espírita do Brasil)<sup>54</sup>.

João do Rio, fundador do jornal *A Pátria*, interessara-se pelo Espiritismo. Em 1904 escreveu uma série de reportagens para *Gazeta de Notícias*<sup>55</sup> sobre a diversidade das religiões no Rio de Janeiro onde falou respeitosamente sobre uma reunião de estudos que teria participado na FEB. Intitulou o encontro como “O Espiritismo entre os sinceros”<sup>56</sup>. Com relação ao “Baixo Espiritismo”, que em sua obra vem logo a seguir ao relato sobre os “sinceros”, não foi muito piedoso. São tratados como “Exploradores”, classificação que intitula o artigo. Os que escreveram sobre o Espiritismo nas páginas do jornal fundado por

---

<sup>51</sup> “Presidentes da Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Maio de 1945, p. 3.

<sup>52</sup> “Faleceu Leôncio Correia”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1950, p. 3.

<sup>53</sup> “João Pinto de Souza”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Setembro de 1943, p. 3.

<sup>54</sup> O jornal *A Pátria* foi fundado em 14 de Setembro de 1920 por João do Rio, após desentendimentos com a direção do jornal *Gazeta de Notícias*, no qual era repórter, com apoio financeiro da colônia portuguesa na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente, teria se dedicado mais ao noticiário em torno da Literatura. Depois da morte de seu fundador, passou às mãos de Francisco Valadares, ligado a Arthur Bernardes, chegando a ser nomeado Chefe de Polícia da Capital, “o que significou um estreito envolvimento de seu jornal com o governo”. Adquirido no decorrer de 1931 por Antenor Novais, teria modificado sua orientação, facultando espaço a seus movimentos e reivindicações populares e, também, criticando o governo de Getúlio Vargas. Além disso, propunha-se defender a liberdade de expressão “de todos os credos e ideologias”. A partir de 1937, passou a apoiar o governo federal, priorizando o noticiário policial e esportivo em detrimento do político. Marieta de Moraes Ferreira diz que *A Pátria* fechou suas portas em 1940. De acordo com o que apurei na Biblioteca Nacional, o jornal não está digitalizado e não tem todos os números disponíveis. Além disso, nem toda a coleção está disponível para a pesquisa e há uma lacuna de 13 anos (julho de 1940- agosto1953). Dessa forma, não foi fácil mapear o início da coluna espírita, que não era diária, e nem quando o jornal encerra suas atividades. No seu primeiro ano traz uma seção chamada “Religião”, destinada ao Catolicismo. Em 1925, a Teosofia também ocupa suas páginas. Em 1930, o espaço dedicado aos católicos chama-se “Catholicismo”. Em 1935, localizei uma coluna israelita. FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Pátria*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

<sup>55</sup> BIBLIOTECA NACIONAL. *As religiões no Rio*. Disponível em: <http://www.bn.br/site/pages/visitavirtual/exposicoes/decadentismo/joadorio01.htm> Último acesso em 26 de Setembro de 2013.

<sup>56</sup> RIO, João. *Religiões no Rio*. Editora Nova Aguilar, 1976. Disponível em: <http://www.apoioescolar24horas.com.br/files/biblioteca/arquivos/dompub/274.%20As%20Religi%F5es%20no%20Rio%20-Jo%E3o%20do%20Rio.pdf> Último acesso em 26 de Setembro de 2013. P. 71.

eleeram ligados às duas entidades federativas atuantes naquele momento e também não viam com bons olhos a atuação daqueles que misturavam práticas espíritas com as de outros credos religiosos, além de associarem estes à exploração com vistas a benefícios materiais.

Arriscaria dizer que a participação espírita nas páginas de *A Pátria* está relacionada, também, às discussões em torno da questão do ensino religioso. “Luz e Verdade” surge no período da Assembleia Nacional Constituinte, que funcionou entre Novembro de 1933 e Julho de 1934<sup>57</sup>, quando jornal já estava sob a responsabilidade de Antenor Novais. Em outros espaços do jornal, espíritas ou não estão falando sobre o Estado laico e educação. É possível encontrar até em artigo a respeito do tema, transcritos de periódicos espíritas, como *Mundo Espírita*. Alguns espíritas organizaram-se em torno da Coligação Pró Estado Leigo, entidade que congregou, também, elementos de outras religiões, contra as pressões da Igreja Católica pelo ensino religioso. *A Pátria* encampou a luta pela liberdade de consciência e, provavelmente por isso, também, abriu espaço para os espíritas engajados na questão em suas páginas. A Liga Espírita do Brasil, da qual participavam João Pinto de Souza e Leôncio Correia, estava envolvidíssima no movimento, a ponto de ceder sua sede ao Comitê Central Pró Estado Leigo, na Rua do Ouvidor nº. 15, 2º andar, no Centro da cidade<sup>58</sup>.

O *Diário de Notícias* também abriu espaço para os espíritas em suas páginas. Em 23 de Janeiro de 1932 é publicada a primeira coluna chamada “Tribuna Espiritista”. Seis dias depois, muda de nome a pedido de outros espíritas. Passa a chamar-se simplesmente “Espiritismo”. Seu responsável é Souza do Prado, que escreveu para *Reformador*, além de ter escrito, juntamente com Eusínio Lavigne, que foi prefeito de Ilhéus-BA<sup>59</sup>, a obra “Os espíritas e as questões sociais”. Ambos seriam marxistas<sup>60</sup>. A coluna é quase diária até o fim de Abril do mesmo ano. Em 14 de Maio, passa a ser publicada dentro da seção “Cultos e Crenças”. Muito irregular, arrasta-se durante este ano, apenas publicando uma ou duas notas sobre atividades de instituições. Em 23 de Novembro de 1932, sob o título “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, Leal de Souza passa a escrever artigos com grande destaque, na primeira página da segunda seção. A coluna “Espiritismo” desaparece. Segundo Diamantino Trindade, Leal de Souza transferira-se de *A Noite* para o *Diário de Notícias* em

---

<sup>57</sup> CPDOC. *Constituição de 1934*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/Constituicao1934> Último acesso em 26 de Setembro de 2013.

<sup>58</sup> “Foi fundado o Comitê Central Pró Estado Leigo”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 de Maio de 1931, p. 3.

<sup>59</sup> MIGUEL, Sinuê Neckel. *Movimento Espírita Universitário (MUE): Religião e política no Espiritismo brasileiro (1967 – 1974)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp, 2012, p. 2.

<sup>60</sup> O FRANCO PALADINO. *Os espíritas e as questões sociais*. Disponível em: <http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat475.htm> Último acesso em 26 de Setembro de 2013.

Setembro de 1931<sup>61</sup>. Em 22 de Dezembro de 1932, Leal de Souza publica um artigo elogioso à atuação da FEB. Segundo ele, “*A Federação Espírita Brasileira é a instituição mais importante, e sem dúvida, a de mais autoridade, do espiritismo no Brasil*”<sup>62</sup>. Nesta instituição “*fulgiram e ainda brilham tantas poderosas inteligências*”<sup>63</sup>. No espaço orientado por Souza do Prado escreveram, dentre outros, Manuel Quintão, Guillon Ribeiro, Frederico Fígner, Carlos Imbassahy (os quatro da FEB) e Ismael Gomes Braga (FEB e *Revista Espírita do Brasil*). Vários integrantes da entidade federativa elogiada por Leal de Souza. Acredito, então, que ele tenha algum tipo de responsabilidade na obtenção do espaço para os espíritas nas páginas do *Diário de Notícias*. Vale lembrar, também, que Indalácio Mendes<sup>64</sup>, da FEB, foi um dos fundadores do jornal, mantendo, nele, uma coluna sobre futebol. Além dele, Nóbrega da Cunha, militante na imprensa espírita, era um dos orientadores do jornal. Ambos devem ter influenciado, também, na abertura das páginas do periódico aos espíritas.

Ainda no *Diário de Notícias*, em 4 de Outubro de 1936 surge a coluna “Assumptos Psíquicos”, sob a responsabilidade de Sylvio Roberto. Não é, propriamente, uma coluna espírita, mas nela escreveram espíritas da FEB, como o próprio Indalácio Mendes e Ismael Gomes Braga (FEB e *Revista Espírita do Brasil*). Em 14 de Novembro de 1937, transcreve um artigo do órgão mensal da Tenda Espírita Mirim chamado *O Caminho*, segundo o responsável pela coluna “*um dos órgãos mais brilhantes da imprensa espírita desta capital*”<sup>65</sup>. A última coluna é publicada em 16 de Abril de 1939<sup>66</sup>.

---

<sup>61</sup> TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Antonio Eliezer Leal de Souza*, op. cit., p. 49.

<sup>62</sup> SOUZA, Leal. “A Federação Espírita Brasileira e a Linha Branca de Umbanda”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de Dezembro de 1932, segunda seção, capa. O *Diário de Notícias* foi fundado por Orlando Ribeiro em 12 de Junho de 1930 e circulou até 1974. Contou inicialmente também com a orientação de Nóbrega da Cunha e Figueiredo Pimentel, saídos de *O Jornal*. No início de suas atividades, autoproclamava-se porta voz de um “espírito revolucionário” que, em realidade, não pretendia modificar profundamente a sociedade, e sim reformá-la com vistas a superar métodos antiliberais vigentes. Além disso, “*o jornal mostrava-se favorável à elaboração de uma legislação trabalhista que melhorasse a situação dos operários, garantindo-lhes salário mínimo, jornada de horas, legislação sobre os acidentes de trabalho e aposentadoria. Entretanto, o Diário de Notícias sempre fez questão de separar a solução desses problemas sociais do bolchevismo, que combatia violentamente e acusava ser um regime em que a liberdade era suprimida*”. Opôs-se ao governo de Getúlio Vargas e procurou resistir à intervenção do D.I.P., não abordando os assuntos que sugeriam. Em 1939 chegou a ocupar o primeiro lugar em circulação entre os matutinos. Quando os espíritas começaram a ocupar suas páginas em Janeiro de 1932, o jornal divulgava missas em sua coluna social. FERREIRA, Marieta de Moraes. *Diário de Notícias*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014. Sobre os outros dois jornais com o mesmo nome, ver: HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Diário de Notícias*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/di%C3%A1rio-de-not%C3%ADcias> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

<sup>63</sup> SOUZA, Leal. “A Federação Espírita Brasileira e a Linha Branca de Umbanda”. *Diário de Notícias*, op. cit..

<sup>64</sup> CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS DR. BEZERRA DE MENEZES. *Indalácio Mendes*, op. cit..

<sup>65</sup> “A tragédia da Rua Voluntários”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1937, 2ª seção, p. 4.

<sup>66</sup> A Tenda Espírita Mirim é umbandista. Em seu site, fala sobre a Umbanda e diz que esta se diversificou. Dentre os ramos surgidos, existiria a do caboclo mirim, fundada pelo próprio (espírito) através de seu médium



O jornal *A Nota* que, a tomar pelo acervo da Biblioteca Nacional, não deve ter tido vida muito longa, circulando entre Setembro de 1935 e Novembro de 1939, também ofereceu suas páginas aos espíritas. Carlos Drummond de Andrade, falando de Leal de Souza, diz que ele foi redator deste jornal<sup>67</sup>. No entanto, em 27 de Agosto de 1939, num memorial escrito a Getúlio Vargas, Leal de Souza diz que o nome de Geraldo Rocha aparecia como o de fundador do jornal por concessão sua<sup>68</sup>. Dias antes, no início do mês, ao referir-se a apreensão do maquinário de *A Nota* por decisão judicial numa disputa com Geraldo Rocha, Leal de Souza diz que

Há um juiz que entende que as machinas adquiridas para “A NOTA” *entradas no país para o meu jornal, introduzidas nesta capital e em meu nome, mediante uma concessão do Presidente da República a mim nominalmente feita*, são de Geraldo Rocha, e manda que lh’as entregue. O meu dever é acatar a sua decisão, mas o meu direito é demonstrar ao povo, em ressalva da minha honestidade, que *taes machinas são realmente do meu jornal*.<sup>69</sup>

Em que pese à disputa, Leal de Souza tinha influência no jornal, como dono e/ou redator. E em alguns momentos de sua breve existência, os espíritas escreveram nele. Consegui identificar dois momentos, apesar de não ter conseguido acessar, por questões de tempo, aos primeiros números do ano de 1935. Às vezes é o próprio Leal de Souza quem o faz, referindo-se a outros espíritas, como ocorreu em Maio de 1937, quando teve ocasião de falar de Leopoldo Machado, que lançava um livro chamado “Julga, leitor, por ti mesmo”, onde este polemizara, publicamente, com um sacerdote católico em Nova Iguaçu, o que mereceu cobertura de alguns jornais diários<sup>70</sup> e sobre Inácio Bittencourt, que foi preso pela

---

Benjamin Gonçalves Figueiredo em 13 de Março de 1920 na cidade do Rio de Janeiro com a fundação da Tenda Espírita Mirim. Ver: TENDA ESPÍRITA MIRIM. *Home*. Disponível em: <http://www.tendaespiritamirim.com.br/index.asp> Último acesso em 27 de Setembro de 2013. Qual a relação de Sylvio Roberto com a Tenda Espírita Mirim? Segundo Ney Lobo, biógrafo de Lins de Vasconcellos, Sylvio Roberto seria presidente desta instituição. LOBO, Ney. *Lins de Vasconcellos*, op. cit., p. 234.

<sup>67</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*, p. 82. Citado por: TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Antonio Eliezer Leal de Souza*, op. cit., p. 34.

<sup>68</sup> SOUZA, Leal. “Memorial ao Chefe da Nação”. *A Nota*. Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1939, p. 2. De acordo com Marieta de Moraes Ferreira, *A Nota* foi fundada por Geraldo Rocha e teria funcionado, de fato, entre Setembro de 1935 e 1939 (Novembro, provavelmente). Em função de sua oposição ao Golpe de 1930, seu fundador exilara-se, fundando o jornal em seu retorno. Inicialmente não teria uma linha política definida, priorizando “*um noticiário popular, com ênfase nos casos policiais e acontecimentos esportivos*”. No decorrer de 1936, passou a apoiar abertamente Getúlio Vargas. De acordo com a autora, Leal de Souza era representante do fundador do jornal e conseguiu eliminar a participação de Geraldo no jornal com a ajuda do governo. Isso teria ocorrido porque Geraldo Rocha “*foi acusado de envolvimento com grupos nazistas*”. No seu período final, marcado por uma longa disputa judicial entre ele e Leal de Souza, o jornal já estaria em periclitante situação financeira. O litígio judicial se resolveu favoravelmente a Geraldo Rocha quando o jornal já não existia mais. Não localizei em *A Nota* colunas de outros segmentos religiosos. FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Nota*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

<sup>69</sup> SOUZA, Leal. “Firmes e dispostos”. *A Nota*. Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1939, p. 2. Grifos meus.

<sup>70</sup> SOUZA, Leal. “Leopoldo Machado”. *A Nota*. Rio de Janeiro, 8 de Maio de 1937, p. 3.

Polícia acusado de exercício ilegal da medicina por conta do receituário mediúnico em 30 de Abril de 1937<sup>71</sup>.

No ano de 1937, encontrei artigos esparsos de Carlos Imbassahy, espírita vinculado à FEB, bem como uma série de Leopoldo Machado sobre o controle de natalidade. A irregularidade de suas publicações é explicada pelo próprio.

A *A Nota*, entretanto, convinhem os artigos, á margem de qualquer polemica, sobre o assunto. Por isso que nos foram, nela, franqueadas duas colunas, na sua última edição, para estudarmos o assunto, sob todos os pontos de vista. *É o que estamos fazendo, em dias incertos, por morarmos longe do centro*, na satisfação de um compromisso assumido perante a nossa consciência mesma e para a satisfação de um veemente desejo da parte de muitíssimo confrades, que estavam interessadíssimos na discussão...<sup>72</sup>

A distância do Centro da cidade causava a intermitência das publicações, uma vez que não lhe devia ser fácil deslocar-se para entregar os artigos. Em 7 de Abril de 1939 tem início “A semana espírita”. Apenas em 22 de Junho daquele ano a coluna finalmente “vinga”, dentro das discussões com os médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro que eram contra o programa espírita de rádio “Hora Espírita Radiofônica”. Neste momento, escrevem nela Alexandre Dias (*Reformador*), Leopoldo Machado, Chrysanto de Brito, Carlos Fernandes, Antonio Flores<sup>73</sup> (presidente do Centro Espírita Amor e Caridade, de Belo Horizonte, Minas Gerais) e Alípio Souza Pereira<sup>74</sup> (que seria “chefe” do Centro Espírita São Jorge, acho que uma instituição umbandista). A coluna não dura muito. Em 20 de Agosto de 1939, publica-se a última.

Além destes, outros jornais diários ofereceram suas páginas aos espíritas. O jornal *A Tarde*, disponível impresso na Biblioteca Nacional, abriu uma coluna que foi noticiada pela *Revista Espírita do Brasil* e o *Reformador*. A primeira, aliás, publica uma comunicação de Leão Padilha e Brandão da Rocha que oferece pistas da relação entre as colunas e as entidades federativas. O segundo, aliás, teria participado de programas espíritas pelo rádio em 1933<sup>75</sup>. Apresentando o novo jornal, dizem que

A leitura desse novo órgão de imprensa carioca interessa em particular a colectividade espírita, pois elle dedicará um largo espaço ao noticiário dos centros, ligas e associações espíritas,

<sup>71</sup> SOUZA, Leal. “Ignácio Bittencourt”. *A Nota*. Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1937, p. 6. Sobre a prisão do médium, ver: “O médium Inácio Bittencourt autuado em flagrante por exercer a mediunidade.” *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 8 de Maio de 1937. Pasta de recortes localizado no Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança.

<sup>72</sup> MACHADO, Leopoldo. *Doutrina Inglória*. Rio de Janeiro, Imp. Of. “Reformador”, 1941, p. 11.

<sup>73</sup> FRATERNIDADE ESPÍRITA IRMÃO GLAUCUS. *Irmão flores*. Disponível em: <http://www.feig.org.br/index.php/nstituicao/nossos-mentores/124-irmao-flores> Último acesso em 27 de Setembro de 2013.

<sup>74</sup> ACERVO TAMBOR. *Os mais belos cânticos – 1961*. Disponível em: <http://acervotambor.blogspot.com.br/2008/08/os-mais-belos-canticos-de-umbanda-1961.html> Último acesso em 27 de Setembro de 2013.

<sup>75</sup> MONTEIRO. Eduardo Carvalho. *Subsídios para a História da Radiodifusão Espírita*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/ednilsom-comunicacao/subsidios-historia-radio-espirita.html> Último acesso em 27 de Setembro de 2013.

publicando também reportagens, comentários e inquéritos sobre questões que dizem respeito à doutrina e aos factos espíritas. Esta secção nos está entregue e, *para leval-a ao bom termo, vimos solicitar a colaboração do nosso estimado irmão, rogando-lhe que nos envie nota e informações destinadas à publicidade, assim como avisos sobre as solemnidades mais importantes a realizar-se nesse centro.* Pedimos igualmente do digno confrade que dê a maior divulgação a essa nossa comunicação, lendo-a, se possível, em sessões públicas, para que todos os nossos irmãos saibam que existe uma nova columna de jornal destinada exclusivamente aos assumptos espíritas.<sup>76</sup>

É possível supor que os demais responsáveis pelas colunas espíritas dos jornais diários da cidade, diretamente vinculados a entidades federativas ou não, fizessem movimento semelhante, no sentido de captarem notas e informações sobre o funcionamento de instituições ou eventos, para publicarem em suas colunas. Aqueles jornais cujas colunas espíritas tivessem maior número de referências a atividades da FEB ou da Liga Espírita do Brasil poderiam ter canais de comunicação mais estreitados com estas, por questões mesmo de afinidade doutrinária ou engajamento institucional. De quebra, ainda tinham divulgados, nas páginas dos periódicos espíritas, os jornais onde se publicavam estas colunas, o que não deixa de ser uma propaganda, ainda que direcionada para um público mais restrito, além de, quase sempre, num periódico doutrinário de menor tiragem que o diário leigo. *A Tarde*, ao que parece, não teve vida longa. Na Biblioteca Nacional estão disponíveis os números entre o dia 27 de Janeiro de 1938 até 1º de Março de 1941.

Em geral, a maior parte das colunas espíritas nos jornais diários não teve longa duração. A mais longa delas, “Chronica Espírita” de Frederico Fígner, no *Correio da Manhã*, estendeu-se durante 29 anos e 7 meses. Este jornal, aliás, foi o que teve maior número de colunas espíritas na primeira metade do século XX. Ainda no mesmo jornal, a coluna da FEB (com seu próprio nome) durou 5 anos, tempo só alcançado pela coluna “Espiritismo” no *Gazeta de Notícias*. No *Diário Carioca*, a coluna oscila momentos onde é publicada com grande regularidade, quase diariamente, com outros de grande irregularidade, com intervalos de vários dias entre uma e outra. Se levarmos em conta seu tempo total de funcionamento seriam 7 anos e 6 meses. Em *A Nota*, *Diário de Notícias* e *A Manhã*, não chegou a 1 ano de vida, ainda que o primeiro oferecesse espaço para artigos esparsos para os espíritas em 1937.

Muitos espíritas ligados à FEB e a Liga Espírita do Brasil participaram das colunas espíritas nos jornais diários da cidade. A primeira chegou, mesmo, a ter uma coluna exclusivamente para si no *Correio da Manhã*. Neste jornal, aliás, bem como em *A Nota* e *Diário de Notícias* e *Gazeta de Notícias* os espíritas que detinham a responsabilidade da coluna eram simpáticos à FEB. Não consegui identificar se Mário Costa, do Centro Espírita Christóphilos, agregado à Liga Espírita do Brasil e que esteve à frente de “Vida Espiritual” no

---

<sup>76</sup> “A Tarde”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Março de 1938, p. 68. Grifos meus.

jornal *Gazeta de Notícias* tinha vínculo com alguma das entidades federativas. Em 1947, quando se lançou candidato a vereador, esteve acompanhado de Henrique Andrade, que também o fez<sup>77</sup>. Este fora presidente da Liga Espírita do Brasil entre 1933 e 1936<sup>78</sup>, além de responsável por *Mundo Espírita*. Ele poderia ter relações com a Liga Espírita do Brasil também. Espíritas da FEB e da Liga Espírita do Brasil estiveram presentes, também, nas páginas do *Diário Carioca*. Por fim, a Liga Espírita do Brasil se fez mais presente nas páginas de *A Manhã*, *A Batalha* e *A Pátria*.

Ligações de espíritas com proprietários de jornais ou mesmo jornalistas facilitaram o acesso deles às páginas dos diários. Os contatos de Frederico Fígner no *Correio da Manhã* foram importantes para aqueles que tinham vínculos com a FEB ocuparem colunas aí. Seus anúncios comerciais da Casa Edison poderiam ter facilitado suas relações com os diretores do jornal. Antonio Compans, através de seus contatos com os diretores do *Diário Carioca*, também criou facilidades para Daniel Christóvão assumir a colaboração espírita neste periódico. Nóbrega da Cunha, militante da imprensa espírita e Indalício Mendes (FEB), respectivamente orientador e um dos fundadores (além de articulista) do *Diário de Notícias*, podem ter colaborado para que os espíritas escrevessem no jornal.

Leal de Souza, vinculado à Umbanda e que seria o responsável pela *Revista Espírita do Brasil*, também pode ter facilitado para os espíritas o acesso tanto ao *Diário de Notícias*, para o qual trabalhava durante o período da coluna espírita (“Tribuna Espírita”, depois “Espiritismo”), quanto em *A Nota*, jornal em que teria sido redator ou, mesmo, proprietário. Não por acaso, nestes dois, os que mais escreveram foram espíritas ligados à FEB, entidade federativa que contava com o respeito e admiração dele, o que não sentia pela Liga Espírita do Brasil que, apesar de ter ajudado a fundar, não lhe trazia boas recordações, tanto pelo episódio da revista mensal da entidade, quanto pela crítica pública que sua instituição recebera do então presidente da Liga Espírita do Brasil, João Torres.

Dos jornais analisados, *A Pátria* pode ter oferecido espaço aos espíritas por motivações políticas, entre 1934 e 1935, a partir do engajamento de alguns destes na luta contra a questão do ensino religioso, organizada em torno da Coligação Pró Estado Leigo.

---

<sup>77</sup> “O resultado”. *Mundo Espírita*, op. cit..

<sup>78</sup> “Presidentes da Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*, op. cit..

## 2.2 – Ser jornalista espírita

Os espíritas que se lançavam à tarefa da imprensa deviam ter outras responsabilidades, profissionais e pessoais, que se constituíam impedimentos à dedicação plena ao jornalismo espírita. Leopoldo Machado, na introdução de seu livro “Pigmeus contra gigantes”, dá pistas disso. Ao apresenta-lo ao público, diz que

O livro, que se vai lêr, é obra de puro jornalismo. É *jornalismo de “amador”*, ainda por cima! É obra de quem faz jornalismo por amor à Arte e de quem faz espiritismo por amor à Verdade. De quem faz uma e outra coisa, *sem nenhuma recompensa material, à margem de sua profissão*, que a toma feita um sacerdócio: o magistério primário e secundário. Sobre ser obra de jornalismo, sem pretensões científicas e culturais, *foi escrito nas poucas folgas de uma existência laboriosíssima*. Seus capítulos são os artigos, que *foram elaborados nos intervalos de aulas*, para refutação das inverdades e injustiças assacadas, sem nenhuma ciência e consciência, contra a Doutrina Espírita.<sup>79</sup>

“Jornalismo de amador”! Assim define Leopoldo Machado sua prática jornalística. Não o faz por remuneração, até porque a considerava atrelada à sua atividade doutrinária, tendo em vista o “Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes” que dá título a um capítulo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec<sup>80</sup>. Sua atividade profissional é outra: é professor primário e secundário e diz aproveitar as brechas de tempo que dispunha no seu cotidiano para aventurar-se no periodismo com a produção de seus artigos. Arnaldo S. Thiago<sup>81</sup>, que traduziu livros do astrônomo francês e espírita Camille Flammarion para a FEB, assim se apresenta:

Nasci jornalista e não errei a profissão que exerço há 35 anos *com absoluto desinteresse de remuneração*. “Jornalista amador”, *como se diz hoje oficialmente, mas nem por isso menos profissional*, no verdadeiro sentido etimológico do termo. Ora, para o jornalista, o maior prazer consiste em dar à publicidade tudo que lhe chega ao conhecimento. O sestro profissional, no jornalismo de indústria, produz males terríveis na sociedade, com o tornar conhecido tudo o que a alma humana tem de abominável e de abjeto. Desse grave delito jornalístico jamais tive nem terei de me penitenciar, porquanto *nunca me ocupei em dissecar as monstruosidades, as aberrações teratológicas do espírito humano. Procurei sempre, para tornar público, o que tem ele de melhor, mais nobre, mais luminoso – porque pude ver sempre no jornalismo um veículo poderoso das boas normas educativas* e não essa cloaca abominável em que não raro se tem ele convertido, para receber os mais desprezíveis detritos da sociedade, em suas manifestações contrárias ao sentido ascendente da vida.<sup>82</sup>

Leopoldo Machado e Arnaldo São Thiago nos dão a tônica de como alguns espíritas – ao menos os vinculados à FEB – compreendiam a prática jornalística espírita. Se não eram remunerados, nem por isso consideravam-se menos sérios e dedicados no que faziam. E usaram a imprensa para defender a Doutrina Espírita dos ataques que recebiam de seus adversários, além de divulgarem-na. Arnaldo São Thiago aponta, através do periódico da

<sup>79</sup> MACHADO, Leopoldo. *Pigmeus contra gigantes*, op. cit., p. 5. Grifos meus.

<sup>80</sup> KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 435.

<sup>81</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Camille Flammarion*. Disponível em: [http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=50](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=50) Último acesso em 5 de Novembro de 2013.

<sup>82</sup> SÃO THIAGO, Arnaldo. “Reportagens espíritas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1941, p. 194. Grifos meus.

federativa, uma concepção de imprensa. Para ele, seria um veículo de boas normas educativas, teria função social de despertar boas ideias e bons sentimentos. Não deveria reproduzir valores morais negativos e muito menos informações que pudessem despertar impressões ruins nas pessoas, como os espetáculos de desgraças ou crimes, o que viria sendo feito pelo que ele chama de “jornalismo de indústria”.

Por longo que fosse o tempo que dedicassem à tarefa – Arnaldo São Thiago fala em 35 anos – era uma atividade complementar, não era o “ganha pão” deles, o que, certamente, impedia uma dedicação integral como a esperada por Manoel Quintão para uma eventual coluna espírita da FEB num jornal de grande circulação. Durante os meses de Julho e Agosto de 1939, *A Nota* publicou artigos de Leopoldo Machado e outros autores a respeito das Moções da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro ao contra o programa espírita de rádio Hora Espírita Radiofônica, encaminhadas ao Ministério da Educação, ao Ministério da Justiça e ao presidente da República. Em algumas ocasiões – sete em Julho – o artigo deixou de ser publicado porque teria chegado atrasado ao jornal<sup>83</sup>. As exigências materiais devem ter posto obstáculos ao idealismo do jornalismo amador de Leopoldo Machado, atrasando a elaboração dos artigos ou, mesmo, impedindo que chegasse a tempo na redação do jornal, uma vez que tinha dificuldades de chegar ao Centro da cidade por morar longe. Não usar o jornalismo para o sustento material, como profissão, não era uma postura eminentemente espírita. Laura Antunes Maciel, em sua pesquisa sobre a produção literária de trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro diz que nem todos os que “*se organizavam em associações e periódicos dedicados à literatura, almejavam se profissionalizar ou transformar suas práticas letradas em formas de ganhar a subsistência, e nem serem reconhecidos por sua ‘carreira literária’*”<sup>84</sup>, ainda que alguns tentassem isso. Os espíritas também enxergavam “*outros sentidos para o domínio dos códigos da leitura/escrita*”<sup>85</sup>. No caso deles, a divulgação e defesa de seus pontos de vista doutrinários, via imprensa, com objetivo de torna-los aceitos dentro e fora dos arraiais espíritas.

Problemas pessoais ou profissionais, até mesmo questões de saúde, podiam causar embaraços à continuidade das colunas espíritas nos jornais diários. Em 20 de Dezembro de 1931, na coluna “No mundo espírita”, do *Diário Carioca*, lemos uma nota que aponta para essa possibilidade. “*Pedimos desculpas aos nossos queridos leitores, pela ausência da*

---

<sup>83</sup> Nos dias 3, 6, 7, 12, 14, 20 e 24 de Julho.

<sup>84</sup> MACIEL, Laura Antunes. “Cultura letrada, intelectuais e memórias populares”, op. cit. p.67.

<sup>85</sup> Idem, p. 68.

*columna espírita nestes 3 últimos dias, por se encontrar de cama o respectivo redactor”*<sup>86</sup>. Bem que poderia ser uma “desculpa clássica”, já que não há garantia de verdade, mas é possível que a doença o tenha afastado. Quantas ausências de espíritas em suas colunas, não justificadas publicamente, podem ter se dado por essa razão? A FEB sugeriu, acima, que não era fácil encontrar pessoas que reunissem as qualidades que ela desejava com a disponibilidade de tempo. Não encontrei casos onde houvesse mais de um responsável pelas colunas espíritas. Se este se ausentasse por alguma razão, sua publicação era prejudicada. Os periódicos espíritas também eram afetados com os problemas de saúde de seus responsáveis. Gustavo Macedo, que estava à frente do jornal *Tribuna Espírita*, também teria abandonado suas atividades neste periódico em razão de problemas de saúde. “*Um tanto adoentado, porém, e com suas ocupações materiais visivelmente aumentadas, viu-se forçado a deixar o lugar que com brilhantismo ocupou por espaço de sete meses*”<sup>87</sup>, sendo substituído pelo gerente da publicação, José Ferreira, que modificou a orientação do jornal. Daniel Christóvão, que substituiu Antonio Compans – que teria se ausentado uma vez por doença da coluna –, dá sua versão a respeito da interrupção do espaço dos espíritas no *Diário Carioca*. Segundo ele,

A presente secção, que ora se reinicia neste jornal, já esteve há alguns anos sob a competente direcção de nosso querido irmão em crença, sr. Antonio Compans. *Os afazeres de ordem material afastaram desta capital este prezado confrade; essa, a razão porque a presente secção teve um interregno de alguns annos.*<sup>88</sup>

Teria se afastado da cidade por razões profissionais e parece não ter conseguido colocar, na ocasião, alguém em seu lugar. Não é difícil imaginar que motivos semelhantes possam ter levado, ao fim, outras colunas espíritas, ou ao menos terem criado embaraços à manutenção delas nos jornais diários. O sustento da vida material, muito naturalmente, deve ter afetado a participação de alguns militantes do “jornalismo de amor” também na imprensa mantida por espíritas.

### 2.3 – A FEB e os jornais diários

Na primeira reunião do Conselho Federativo da FEB, a comissão que avaliou a proposta do Centro Espírita de Cataguases pela criação de um jornal espírita diário desta federativa ou pela ampliação do *Reformador* justificou a proposta alegando que seria um “*meio de remediar-se aos máos efeitos de tantos artigos e publicações abstrusos que, sobre o*

<sup>86</sup> “Importante”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1931, p. 11.

<sup>87</sup> “Nova Orientação”. *Tribuna Espírita*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1908, capa.

<sup>88</sup> CHRISTÓVÃO, Daniel. “Duas palavras”. *Diário Carioca*, op. cit., grifos meus.

*Espiritismo, os jornais cotidianos inserem constantemente*”<sup>89</sup>. Seriam publicações e artigos, considerados confusos, obscuros e de difícil compreensão. Mas sob quais critérios seriam, assim, avaliados? O que levava os espíritas da FEB a rotularem assim determinados artigos? Confuso segundo o ponto de vista de quem e por quais razões? Não é o primeiro momento em que a FEB taxa, dessa maneira, artigos de colunas espíritas em jornais diários. Marcos D’Avila, escrevendo no *Reformador* de 16 de Janeiro de 1926, no início do ano em que ocorreu a primeira reunião do Conselho Federativo, não se mostra muito entusiasmado quanto à abertura de espaço para os espíritas nas páginas dos jornais diários. Segundo ele, a atuação de pseudo-espíritas nas colunas dedicadas ao assunto seria danosa, bastando àqueles que duvidassem de sua afirmativa verificar, durante uma semana com assiduidade, as secções espíritas dos diários.

Não lhe custará muito ficar estarecido e de olhar arregalado, ao ver publicadas, sob o rótulo de Espiritismo, as coisas mais disparatadas, mais absurdas e mais opostas á doutrina dos Espíritos, coisas que um só effeito poderão produzir no animo dos que a ignoram ou conhecem mal: crearem-lhe aversão, della ainda mais se afastarem.<sup>90</sup>

O que se lia nos jornais em nome do Espiritismo chocaria a todos e acabaria por afastar os que não conhecessem a doutrina. Anos antes, em 18 de Abril de 1914, a reportagem do *Correio da Manhã* procura ouvir Antonio Lima, da FEB, sobre a Doutrina Espírita. Refletindo sobre a participação de espíritas nos jornais diários, ele diz que

A imprensa dá agasalho ás manifestações intellectuaes de muitos cultores da nossa philosophia, aliás a mais interessante que se tem conhecido. *O que falta é uma seleção nesse particular. A missão de jornalista ou de escriptor não é acessível a qualquer um curioso, pois que requer vocação e preparo, além do critério, da ponderação e da benevolência*, principalmente quando se trate de um doutrinador. Os jornaes editam artigos de muitos crentes espíritas, cuja competência é incontestável. Mas, louvando-se no conceito que apenas a confiança lhes inspira, *inserem também columnas de arrazoados, que bem demonstram quão bisonhos são os seus autores no que respeita á letra de forma, quando não na própria autoridade para doutrinadores. É preciso conhecer profundamente o assumpto para tratá-lo com gravidade e carinho que elle merece, sem cair no ridículo.*<sup>91</sup>

Segundo ele, faltaria critério aos jornais diários no momento de seleccionar aqueles que escreveriam a respeito do Espiritismo. Ocupar as páginas de um jornal não seria para qualquer um, mas sim para aqueles que reunissem vocação e preparo intelectual e moral. Neste segundo aspecto, o indivíduo deveria ser criterioso e ponderado com as opiniões emitidas e deveria agir com benevolência. Eventualmente envolvidos em polêmicas, parece-me que se preocupava com eventual agressividade que pudesse ser utilizada por espíritas nestes embates.

---

<sup>89</sup> “Conselho Federativo: Resenha dos trabalhos da sua primeira reunião em 1926”. Suplemento. *Reformador*, op. cit., p. 16.

<sup>90</sup> D’AVILA, Marcos. “Discreteando”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 1926, p. 35. Não obtive informações sobre o autor.

<sup>91</sup> LIMA, Antonio. “Sobre a doutrina espírita fala-nos o Sr. Antonio Lima”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de Abril de 1914, p. 5. Grifos meus.



Aquele que se lançasse à tarefa deveria ter profundos conhecimentos doutrinários para falar com autoridade da Doutrina Espírita. Não poderia ser, portanto, atividade de novatos, que ainda estariam amadurecendo reflexões. Assim, faltaria qualidade nas publicações de alguns espíritas que se aventuraram nas páginas dos jornais, no entendimento de Antonio Lima e Marcos D' Avila. Porém, ao recusar legitimidade à atividade jornalística exercida por “curiosos” atinge, também, aqueles que se dedicam ao “jornalismo amador”, que não detinham formação específica para as tarefas de imprensa, bem como os que mantinham e/ou escreviam em periódicos espíritas e que reconheciam suas limitações, como Inácio Bittencourt (*Aurora*), J. Vaz de Carvalho (gerente do *Reformador*) e os responsáveis pelo jornal *União Espírita*. O *Correio da Manhã*, aliás, dois meses antes, em Fevereiro, e mesmo dias antes do contato com Antonio Lima, publicara artigo do Centro Espírita Redentor que, apesar do nome, não se identificavam com os espíritas e os criticavam duramente<sup>92</sup>. Será que Antonio Lima referia-se a eles, ou pensava, mesmo, em outros espíritas, em diferentes jornais? A segunda alternativa parece a mais correta e vem de encontro, também, com a opinião que Marcos D' Avila emitiu anos depois. Ambos não se referem, especificamente, a um jornal. Dão a entender que o problema, de certa forma, está disseminado.

No início de 1930, os espíritas da FEB já cogitam outra alternativa para maior divulgação doutrinária. Não encontrei mais referências sobre as propostas levantadas pela tese do Centro Espírita de Cataguases quanto à ampliação do *Reformador* ou pela criação do jornal espírita diário. Vendo com bons olhos o interesse da imprensa diária, pensam em capitaliza-lo ainda mais.

Outra iniciativa que se nos afigura do melhor quilate é a da *intensificação da propaganda para o grande público, através da imprensa diária*. Porque evidente é que, *quanto aqui fazemos não reflecte nem vibra á fora das muralhas do proselytismo*. O *Reformador*, órgão doutrinário, escasso em sua tiragem, como no seu texto, quanto moroso no seu periodismo de revista quinzenária, *não corresponde, há muito, ao desenvolvimento crescente das actividades sociaes e da própria causa*. Urge procurar outras válvulas de expansão e *viável nos parece o accordo com qualquer dos jornaes de maior circulação e conceito, ainda que mediante remuneração pecuniária, para manutenção de uma columna espírita*. Todos nos lembramos, aqui, do gesto amistoso e sympático que em tempo teve o Dr. Edmundo Bittencourt franqueando, a título gratuito, no “*Correio da Manhã*”, determinado espaço em página editorial. Por pouco tempo utilizado o magnífico ensejo, *a tentativa esmoreceu e findou por falta de assistência individual, immediata, constante e competente*. Importa, assim, dizer que trabalho de tal relevância demanda a cooperação de um companheiro ao menos, que, *á capacidade thecnica e ao critério doutrinário, conjugue a faculdade de tempo disponível*, de vez que *a tarefa exige muita leitura e muita meditação*, profundo conhecimento dos problemas vastos e complexos do Espiritismo, e *espírito de syntese para os abordar, além de maleabilidade e destreza na feição noticiosa*.<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> O primeiro é de 23 de Fevereiro de 1914, p. 5 e o segundo de 6 de Abril de 1914, p. 2.

<sup>93</sup> QUINTÃO, Manoel Justiniano de Freitas. “Relatório do Presidente, apresentado á Assembléia Deliberativa na sua reunião ordinária de 1930, sobre os trabalhos da Sociedade e contas da administração durante o anno de 1929”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1930, p. 133 e 134. Grifos meus.

Manoel Quintão, presidente da FEB e autor do relatório, enxerga os limites postos ao raio de atuação de *Reformador*. Não possuía, a seu ver, tiragem satisfatória. Além disso, circulava num âmbito restrito, apenas entre os espíritas, assinantes ou participantes dos Centros que a recebiam. Ficava limitada aos iniciados ou já experimentados no conhecimento espírita, não dispendo de poder extramuros. A “causa espírita” e as “atividades sociais” – dinâmica de atividades do movimento espírita – já não cabiam nas dimensões da revista que, até aquele momento, era o órgão oficial da federativa. Num contexto de entusiasmo com o interesse que setores da imprensa diária vinham devotando ao assunto, pensando nele como um reflexo da opinião pública, do interesse das pessoas pelo tema, coloca suas fichas nela. Precisavam de “válvulas de expansão” que lhes permitisse ampliar possibilidades de divulgação. Não puderam desenvolver o jornal diário, segundo eles, por falta de adesão dos espíritas. Propõe, assim, a aproximação com algum jornal diário. O projeto da União Espírita do Brasil, manifesto na série de artigos pagos de autoria de Bezerra de Menezes em *O Paiz*, *Jornal do Brasil* e *Gazeta de Notícias*, é reeditado. Manoel Quintão é genérico, a princípio. Importava que o periódico fosse de grande circulação e que gozasse de conceito. Menciona o *Correio da Manhã*, parecendo querer sugerir-lhe já que, anos antes, o jornal havia facultado suas páginas a uma coluna da FEB, a atitude que é interpretada como um gesto de simpatia para com a causa espírita e, fundamentalmente, com a própria FEB. E o gesto – esperavam – podia repetir-se, quem sabe remunerado, porém de maneira suave, facilitada, que não onerasse tanto os cofres da federativa. E havia, entre eles, um canal privilegiado junto ao *Correio da Manhã*: Frederico Fígner que, como já vimos, seria amigo e da mesma classe social de Edmundo Bittencourt.

Interessante que, na mesma oportunidade, Manoel Quintão justifica o final da coluna da FEB nas páginas do *Correio da Manhã*. Segundo ele, faltou alguém que reunisse tempo – para se dedicar ao empreendimento e para estudar o Espiritismo – bem com conhecimento doutrinário sólido e habilidades jornalísticas para sintetizar e tornar palatáveis os temas apresentados ao grande público. Esses requisitos faltaram aos diretores da FEB em 1936 quando o próprio Edmundo Bittencourt, através de Frederico Fígner, disponibilizou uma coluna à entidade e estes não podiam assumi-la “por se tratar de uma secção diária”<sup>94</sup>, ficando, esta, a cargo de Luiz Autuori com o nome de “‘Correio’ Espírita”. Pretendiam alguém que tivesse disponibilidade integral para tanto, o que não devia ser fácil encontrar, como não o foi em 1936. A FEB considerava aceitável que diretor-gerente do

---

<sup>94</sup> “O Espiritismo na imprensa”. *Reformador*, Rio de Janeiro, 1º de Julho de 1936, p. 243.

*Reformador* pudesse contratar funcionários para auxiliá-lo nas atividades “materiais” da revista, mas não considerou a possibilidade de remunerar alguém para assumir a tarefa de conduzir uma coluna num jornal de grande circulação. Responsável pelo conteúdo do órgão oficial, o presidente da FEB, assim como os demais diretores, nunca recebeu remuneração para o desempenho de suas tarefas<sup>95</sup>. Pela falta de pessoas com disponibilidade, a ideia de ter uma coluna num jornal diário não foi retomada em outros momentos, nos relatórios de atividades da FEB.

## 2.4 – Condições, termos e expectativas dos jornais diários

As justificativas dos jornais diários ao oferecer suas páginas aos espíritas coincidiam, muitas vezes, com a leitura que os espíritas fizeram do interesse destes periódicos no Espiritismo e nas atividades de seus adeptos. Em 30 de Abril de 1914, o *Correio da Manhã* apresenta o programa de sua seção espírita nestes termos:

*O Correio da Manhã, acompanhando os progressos crescentes do espiritismo, vai encetar, a partir de amanhã, uma secção diária, obedecendo ao seguinte programa: Publicará artigos doutrinários que obedeçam rigorosamente as normas da mais fraternal cordialidade e não envolvam intuits de polémica. Aceitará opiniões sensatas sobre pontos da doutrina que pareçam incontroversos, quando seus autores revelem a capacidade de escrever para o grande público. (...) Será, finalmente, essa secção um repositório de informações de tudo quanto se relacione com o espiritismo, trazendo seus leitores ao corrente do que se passa no mundo inteiro, quer quanto ao movimento científico como ao philosophico.*<sup>96</sup>

O *Correio da Manhã*, oferecendo espaço para os espíritas, estaria acompanhando os progressos da Doutrina Espírita, no que coincide com a avaliação que os espíritas da FEB fizeram do interesse dos jornais pela temática. O jornal, também, faz questão de frisar que, em suas páginas, não deseja polémicas e, em sendo aberto o apelo, depreendemos que se refira não só as eventuais que existissem entre os próprios espíritas, como também as deles com elementos que lhes fossem estranhos e hostis, como os católicos, por exemplo. Esperavam que os espíritas fossem polidos ao escrever, com a cordialidade que costuma ser difícil de se fazer presente em assuntos mais inflamados e apaixonantes. O receio de se enveredar pela polémica parecia tão grande que sinalizam aceitar opiniões sobre pontos incontroversos da doutrina, onde o debate motivado pela divergência de pontos de vista não seria possível. A “capacidade de escrever” para o grande público também se coloca como pré-requisito para a tarefa. Lembram-se, como mencionamos acima, que Antonio Lima havia conversado com o *Correio da Manhã*? Essa conversa ocorrera dias antes do oferecimento do espaço aos espíritas, em 18 de Abril. Nela, dentre outras coisas, o espírita da FEB critica aqueles que

<sup>95</sup> Disposição que consta nos Estatutos de 1917, 1924, 1933, 1944, 1949 e 1999.

<sup>96</sup> “Espiritismo”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1914, p. 4. Grifos meus.

assumiam a tarefa de escrever em jornais diários sem o devido preparo intelectual, manifesto nas formalidades da língua portuguesa, bem como no conhecimento doutrinário. Há momentos, mesmo, onde o discurso de Antonio Lima é confundido com a voz do jornal, como se ele fosse colocado, naquele momento, como uma espécie de representante oficial dos espíritas na redação. A seção espírita que nascia, arrisco dizer, não surge de imediato, espontânea. Deve ter sido gestada pelos responsáveis do jornal a partir do encontro com o espírita da FEB no mês de Abril de 1914. Internamente no jornal, devem ter decidido como seria esse espaço, bem como avaliado sua pertinência. Além disso, podem ter levado em consideração o retorno dos leitores, através de cartas recebidas que nem sempre são publicadas. A seção tentaria, por fim, publicar o que fosse divulgado a respeito do Espiritismo no mundo e que pudesse interessar ao leitor. E o discurso de Antonio Lima tem peso, é respeitado. No dia seguinte à apresentação da coluna feita pelo *Correio da Manhã*, é ele quem fala, com autoridade de quem seria responsável por ela. Segundo ele,

*A evolução natural de todas as coisas, symptomática da época, já estava reclamando energicamente para o espiritismo o complemento do programma que a imprensa geralmente se impoz, qual o de transmitir no seu noticiário tudo quanto interessa o público, qualquer que seja o ramo de atividade e conhecimento. Cabe, agora, a esta folha a primazia de methodizar na imprensa a vulgarização completa do espiritismo, dando-lhe assim a importância que lhe compete como sciência moral em activa elaboração e em franca e indiscutível prosperidade no planeta (...). É este o objectivo do Correio da Manhã: contribuir, na proporção das suas forças, dentro do seu papel de imprensa independente e progressiva, para o conhecimento de uma sciência que pode interessar uma grande parte dos seus leitores.*<sup>97</sup>

Ao *Correio da Manhã* caberia a tarefa de organizar e difundir o conhecimento espírita pela imprensa diária, valorizando-o como os espíritas julgavam que ele merecesse, afinal, o assunto já faria parte do interesse do público, de acordo com a evolução natural de todas as coisas. Se o programa da imprensa era transmitir aquilo que fosse de interesse geral, deveria começar a tratar da Doutrina Espírita, já que ele estaria sendo cada vez mais conhecido não só na cidade, mas fundamentalmente no mundo. Atuando, no entender de Antonio Lima, como imprensa independente e progressista, portanto imune às pressões contrárias que semelhante medida poderia despertar nos adversários da Doutrina Espírita, o jornal contribuiria para a vulgarização de uma ciência que poderia interessar parte de seus leitores, identificados com sua linha editorial, ou seja, independente e progressista. Em 18 de Abril de 1914, dias antes, na entrevista que *Correio da Manhã* fez com Antonio Lima, o jornal assim se justifica:

*Procurando conhecer o que pensa, o que se estuda e como se trabalha no Brasil, relativamente a esta nova doutrina ou religião, ou sciência, que tanto tem impressionado ultimamente os*

---

<sup>97</sup> LIMA, Antonio. "Theorias e factos: resenha universal". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1914, p. 2.

*homens ávidos de conhecer o misterioso, o invisível e às vezes o diabólico, na opinião do clero, fomos ao encontro do Sr. Antonio Lima, pessoa competente no assunto.*<sup>98</sup>

A autoridade do espírita da FEB, para tratar do assunto, é reconhecida pelo jornal. A sincronia entre o *Correio da Manhã* e Antonio Lima deve ter sido construída nestes contatos, que culminaram na seção. Através dele, pertencente aos quadros da FEB, julgavam que seria possível reconhecer a forma de pensar e agir dos espíritas, uma vez que isso vinha despertando o interesse de homens de ciência e de religiões tradicionais, como o Catolicismo. O reconhecimento dos espíritas ao jornal, por sua vez, não é novo. Quatro anos antes, em 2 de Janeiro de 1910, Olegário Tavares diz que este jornal, assim como outros, compreendendo a necessidade do livre pensamento, não ficam receosos de publicar colunas espíritas<sup>99</sup>.

A empolgação dos espíritas com o espaço concedido pelos dos jornais diários prossegue. No *Reformador* de 16 de Junho de 1921, mencionam, com entusiasmo, que o periódico francês *Je sais tout*<sup>100</sup> comunicara que começaria a tratar do Espiritismo. Além dele, periódicos da Itália, dos Estados Unidos e da Inglaterra estavam debruçando-se sobre o tema.

Que significa, entretanto, esse pendor accentuado da imprensa moderna para o facto espírita e a doutrina philosophico-religiosa delle decorrente? (...) *A elle incontestavelmente cabe orientar as almas em todos os seus surtos de progresso; elle é chamado a erradicar, do espirito humano o scepticismo pernicioso para, em seu logar, atrair a mirifica semente, que logo se transforma em árvore de fé. (...) a imprensa que é o thermometro registrador da oppinião popular – com esse gesto, sem dúvida alviçareiro, prenuncia a época de oiro, de crença e de paz, que a revelação dos espíritos veiu implantar no orbe,* reunindo irmãmente, christãmente, para sempre, o ainda tão disperso rebanho humano.<sup>101</sup>

Porque ao Espiritismo estaria reservada a tarefa de orientar as almas, lançar as sementes da fé e eliminar a descrença do coração humano. Deveria, em última análise, ser o orientador do progresso humano. A coluna “Gazeta Psychica”, publicada na *Gazeta de Notícias*, diz que “*depois da guerra o Espiritismo veio tomar um logar de destaque na imprensa. Todos os jornaes europeus e norte-americanos delle se occupam com verdadeiro interesse*”<sup>102</sup>. Depois de tempos dolorosos para o mundo, estaria despertando a atenção para sua mensagem de esperança na vida futura. Não por acaso, jornais das regiões do planeta que se envolveram na grande guerra estavam interessando-se por ele. Os espíritas da FEB estavam seguros que o Espiritismo estava impondo-se pela sua força, pela grandiosa tarefa que lhe estava reservada e o estava fazendo porque as pessoas estavam demandando-o, sendo a imprensa o termômetro dessa demanda. As pessoas estavam inclinando-se para o assunto.

<sup>98</sup> “Sobre a doutrina espírita fala-nos o Sr. Antonio Lima”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de Abril de 1914, p. 5. Grifos meus.

<sup>99</sup> TAVARES, Olegário. “Pela ordem”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1910, p. 2.

<sup>100</sup> Disponível no site da Biblioteca Nacional da França: BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32795534m/date.langPT> Último acesso em 28 de Novembro de 2013.

<sup>101</sup> “O espiritismo na imprensa”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Junho de 1921, p. 266. Grifos meus.

<sup>102</sup> “O psychismo e a imprensa”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de Março de 1920, p. 4.

Fazia-se necessário, então, que a imprensa começasse a dar conta dele de maneira satisfatória. Esse interesse da imprensa diária no assunto, sendo reflexo do desejo dos leitores dos jornais dos diferentes lugares do mundo, seria o demonstrativo de que tempos novos, melhores, estariam aproximando-se.

Em 1º de Dezembro de 1925, *Reformador* traz um artigo intitulado “O Espiritismo e a imprensa diária”. Segundo o autor, que não assina, não fazia muito tempo que, pelas páginas dos jornais diários, o Espiritismo e os fenômenos espíritas eram objeto de ironia, sendo os espíritas rotulados como loucos ou idiotas por se ocuparem com esses assuntos. Os anos teriam se passado e os fenômenos espíritas teriam se desdobrado em diversas formas, chamando a atenção de alguns homens de ciência. Grandes nomes teriam aderido à ideia, o que fez com que a imprensa modificasse sua postura diante da doutrina.

*Impossível se tornou, desde então, á chamada grande imprensa, manter-se desdenhosa ou zombeteira para com ellas. Em pouco, as referências que lhes faziam mudaram de tom e não tardou que alguns dos mais conceituados jornais abrissem suas columnas ao noticiário dos factos espíritas e á explanação da doutrina a que elles deram origem, máo grado aos ingentes esforços que, para obstar a isso, desenvolveu o clero católico. (...) Assim, presentemente, todos os jornaes cariocas mais importantes, salvo uma que outra excepção, mantém uma secção de Espiritismo mais ou menos interessante, mais ou menos criteriosamente redigida.*<sup>103</sup>

Os fatos espíritas, que se multiplicariam, somados ao interesse dos “grandes nomes” teria feito com que a imprensa passasse a interessar-se pelo tema e, por isso, facultasse aos espíritas espaço nos seus jornais, apesar da oposição que os católicos estariam movendo. Para os espíritas da FEB, os jornais já não poderiam continuar com a postura irônica de antes, dado o crescente interesse que o assunto despertava. O tratamento que recebiam vinha mudando, a ponto quase todos os jornais abrirem suas páginas a eles. Os progressos alcançados pela doutrina atraem a atenção da imprensa, que resistiria às pressões contrárias – que médicos, padres ou religiosos de outros segmentos – pudessem fazer. Em Dezembro de 1931, os espíritas da FEB afirmavam que

*O reflexo desse progresso se nota na imprensa periódica nacional. Aqui no Rio são de salientar o Diário Carioca, o Diário de Notícias e o Correio da Manhã que, desassombradamente, tratam de assumptos espíritas, dando a ver que os seus directores não se deixam peiar pelas ameaças ou pela compressão. A Batalha, A Esquerda e A Vanguarda e alguns outros diários também tem columnas francamente abertas ao Espiritismo.*<sup>104</sup>

Reafirmar os progressos do Espiritismo pode ter como efeito, para os leitores do periódico, um alento moral, como a lhes sinalizar que estariam no caminho certo e que as fileiras espíritas tenderiam a aumentar, diante, dentre outras coisas, do apoio da imprensa diária, que potencializaria a divulgação doutrinária. Acaba servindo, também, como

---

<sup>103</sup> “O Espiritismo e a imprensa diária”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Dezembro de 1925, p.510. Grifos meus.

<sup>104</sup> “O desenvolvimento do Espiritismo entre nós”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Dezembro de 1931, p. 666.

propaganda dos próprios jornais diários, que, apesar de terem, sem dúvidas, maior circulação que o periódico da FEB, acabava divulgado e prestigiado nos meios espíritas. Por menor que fosse, era uma propaganda. Por último, a reafirmação de que estes jornais, ao abrirem espaço para os espíritas, suportariam pressões que, certamente, deveriam existir, recoloca ou reforça, nestes mesmos jornais, a responsabilidade de manterem-se abertos aos espíritas. Afinal, estariam acompanhando os movimentos do progresso da Doutrina e dos tempos, atuando como imprensa independente, que não se deixaria condicionar por pressões externas. No fim das contas, os espíritas se sentem no direito de pressionar os jornais para se manterem aí, mas recusam-no aos que lhes são contrários o direito de lhes externarem críticas. O artigo traz, ainda, informações de jornais de Campos, Estado do Rio de Janeiro, e Laguna, Santa Catarina, que estariam oferecendo espaço para os espíritas em suas páginas.

Os espíritas da FEB também viram, com otimismo, o interesse da imprensa diária quanto aos livros espíritas.

*Longo e interessantes artigos vem aparecendo na grande imprensa a propósito dos livros recebidos mediunicamente, pondo assim em evidência essa preciosa literatura, um tanto abandonada pelos intelectuais e só muito lida pelos espiritistas. Graças a essa discussão, vão se rompendo as barreiras que nos separavam do grande público leitor e os nossos livros vão cumprindo sua missão regeneradora.*<sup>105</sup>

Isso acabaria servindo aos espíritas na divulgação de sua literatura mediúnica que, muitas vezes, ficava restrita apenas ao meio doutrinário. Os temas iriam vulgarizando-se, familiarizando o leitor, de alguma forma, com eles, ainda que os artigos a respeito fossem, mesmo, contrários às ideias contidas nas publicações, combatendo-as. Algo como o clássico “falem mal, mas falem de mim”. Esperavam que as fontes das ideias combatidas pudessem despertar o interesse de potenciais leitores.

“No mundo espírita”, do *Diário Carioca*, sob a responsabilidade de Antonio Compans, não colocava grandes dificuldade para a publicação de artigos. Deveriam, apenas, estar de acordo com os ensinamentos evangélicos<sup>106</sup>. Uma maneira, também, de inibir polêmicas e discussões públicas, ainda que Jesus, de acordo com os textos evangélicos, não fugisse às discussões com os fariseus. Daniel Christóvão, quando a assume anos depois, diz que a coluna destina-se a

*disseminação dos ensinamentos espíritas, dentro das normas traçadas pelo codificador da doutrina, o venerando mestre Allan Kardec e seus continuadores”, (...) visto que, sem ordem não pôde haver paz nem progresso, sem orientação não pode haver “espiritismo”, doutrina concreta e definida, assentada, pelo mestre, acima de quaesquer misticismos sectários ou religiosos, - e sim, muitas confusões e mistificações.*<sup>107</sup>

<sup>105</sup>TELES, Lino. “Debate na imprensa diária”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Julho de 1944, p. 162.

<sup>106</sup>“Consultório mediúnico”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1930, p. 10.

<sup>107</sup>CHRISTÓVÃO, Daniel. “Duas palavras”. *Diário Carioca*, op. cit., grifos meus.

Buscavam, dessa forma, fechar as portas às possíveis colaborações de pessoas que julgassem existir relações entre a Doutrina Espírita e as religiões afro-brasileiras, ou a outras práticas religiosas. A observância das normas de Allan Kardec seria um apelo à ordem, que impediria a incorporação de elementos estranhos ao Espiritismo. Assim, ele não correria o risco de ser confundido com quaisquer outras religiões.

Em 26 de Janeiro de 1926, provavelmente José Tosta (porque o autor assinou “J. T.”) faz um pedido aos colaboradores de “Espiritismo”, que compunha a secção “Vários Cultos” de *Gazeta de Notícias*. Segundo ele,

Os espíritas devem ser muito gratos á gentileza da “Gazeta” por ter aceito o Espiritismo em suas columnas sendo, *como se sabe um jornal de orientação Cathólica*, o que constitue a nosso ver *motivo para nossa gratidão*. Os confrades que podem colaborar na medida do permitido, *devem esforçar-se por corresponder a esse gesto liberal da “Gazeta”*. Evitar *assumptos extemporâneos, obscuridades, arengas, ou coisas de carácter pessoal, que acarretem o descrédito dessa secção*, deve ser a preocupação dos que desejam dar ao Espiritismo um lugar condigno na grande imprensa. Cumpre-nos aproveitar com o máximo carinho o espaço precioso que nos é concedido, *fornecendo, de preferência, sempre que possível, mais provas da immortalidade da alma, que interessam a todos os leitores, particularmente aos catholicos*. Assim, teremos correspondido ao gesto liberal da “Gazeta”.<sup>108</sup>

*Gazeta de Notícias*, segundo José Tosta, teria orientação católica e, por isso, seria digno de gratidão, por parte dos espíritas, uma vez que abriu suas colunas a eles. Pelo fato de terem conseguido o espaço, deveriam trabalhar para que a utilização destes fosse do agrado dos... Católicos! E como fariam isso? Evitando atritos, principalmente com estes! Como se dissesse aos espíritas interessados em colaborar: “Olha, tem assuntos que a gente não pode tratar por aqui! Para que vamos criticar, na coluna, os católicos que acreditam na ressurreição da carne, na vida eterna, que veneram as imagens? O jornal é deles! Vamos fugir do embate, ao menos neste ambiente!”. Além disso, podemos presumir, também, que as polêmicas que envolviam os próprios espíritas – principalmente a clássica questão sobre a natureza do corpo de Jesus e a obra de Roustaing como um todo – não deviam ser tratadas ali. Poderiam ser tomadas como pontos de vistas pessoais sobrevalorizados, que despertariam paixões e passariam uma imagem errônea dos espíritas, que tinham uma mensagem renovadora para a humanidade. Além disso, demonstrariam as divisões que se estabeleceram, ao longo do tempo, entre os próprios espíritas, partidários ou não da polêmica obra. E José Tosta estende a recomendação: todos os espíritas interessados em dar um lugar digno ao Espiritismo na imprensa deviam fazer isso, deviam ter esses cuidados. Mas, e afinal, como agradar aos católicos? Buscando um campo neutro, não se chocando contra os dogmas do Catolicismo.

---

<sup>108</sup>TOSTA, José (J.T). “Pedido aos colaboradores”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 1926, p. 10.



Falando, prioritariamente, de questões e fatos que envolvessem a imortalidade da alma, que lhes interessaria.

A moderação recomendada aos espíritas interessados em escrever para a coluna “Espiritismo” da *Gazeta de Notícias* coincide com a proposta do *Correio da Manhã* depois da entrevista com Antonio Lima, quando abriu suas páginas aos espíritas. O que ambos tem em comum? A militância na FEB. O *Reformador* de 1º de Dezembro de 1925 elogia *Gazeta de Notícias*, que teria passado por remodelação, ganhando novas secções e ampliando seu leque de assuntos, não ficando restringido, apenas, aos de natureza política.

Entre as novas secções creadas aparece, com grande relevo, que atesta o *escrúpulo e a ponderação com que é feita*, a de Espiritismo, onde, a par do *registro dos factos e casos ocorridos por toda parte e de artigos doutrinários*, se deparam ao leitor *notícias várias e interessantes*, atravez das quaes bem se pode *apreciar a crescente intensidade do movimento espírita entre nós*. Congratulando-nos com a direcção da *Gazeta* por essa sua attitude em face do neo-Christianismo, sinceramente a felicitamos pela feição moderna e atrahente que, de modo geral, soube dar ao veterano e prestigioso órgão da imprensa carioca.<sup>109</sup>

Os espíritas da FEB, grupo no qual José Tosta participa, elogiam-no a attitude moderada na condução da coluna, longe de polémicas ou assuntos inflamados. Isso seria prova de seus escrúpulos e de sua ponderação na tarefa que lhe foi confiada. Para eles, os leitores deste jornal, com as publicações, poderiam avaliar, pela quantidade e intensidade de fatos e casos espíritas, o movimento espírita e, quem sabe, aderir à doutrina. É atingir a estes leitores de maneira suave, não de maneira frontal, agredindo-lhes os pontos de vista religiosos ou filosóficos já estabelecidos em seu mundo íntimo. É conquista-los aos poucos, pela demonstração do interesse crescente que os fatos espíritas iriam provocando nas coletividades.

Não me recordo de ter lido palavras assim a respeito da coluna de Frederico Fígner também no *Correio da Manhã*, por exemplo. E ele, igualmente, compunha os quadros da entidade federativa. Nos exemplares de *Reformador* que pesquisei, encontrei apenas dois artigos dele. Seria em função de seu gosto pela polémica? Em Junho de 1949, pouco mais de dois anos depois de sua morte<sup>110</sup>, a revista da federativa anuncia a publicação de um livro

---

<sup>109</sup> “O Espiritismo e a imprensa diária”. *Reformador*, op. cit.. Grifos meus.

<sup>110</sup> Frederico Fígner morreu em 19 de Janeiro de 1947. WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 348. Os artigos que encontrei: FÍGNER, Fred. “O meu testamento”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Setembro de 1946, p. 218 e FÍGNER, Frederico. “Será crime a caridade?”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1942, p. 200. Quando pesquisamos no acervo digital do *Reformador*, por nome, aparecem dois resultados em 1915 (Fevereiro e Outubro), quatro em 1921 (Agosto, dois em Setembro e um em Outubro), um resultado em 1932 (Fevereiro) e dois em 1946 (Julho e Setembro), além do que encontrei. Dez, no total, sendo que quatro deles (os de 1921) tratavam de relatos de sessões de materializações de Espíritos, onde estes se mostram palpáveis aos presentes. E dos espíritas que pesquisei, foi o que permaneceu mais tempo com coluna espírita na imprensa diária.

chamado “Crônicas Espíritas” que reunia algumas de suas crônicas que foram publicadas no jornal.

É que ali encontramos o Fígner, qual se nos estivesse falando verbalmente, *com aquela aparência inicial que todos nele sentíamos, de violência, de rudeza mesmo*, impressão que só desaparecia aos poucos, com a convivência, com o exame de suas atitudes e através do espelho que lhe refletia os exemplos de amor, de dedicação, de verdadeiro abnegado, quando diante de alguém que lhe surgisse à frente, vitimado pelo infortúnio.<sup>111</sup>

O que o artigo do *Reformador* não menciona é que o livro tratava da polêmica que o autor espírita travou com o padre Florêncio Dubois na *Folha do Norte*, do Pará, em 1921, bem como alguns outros artigos de 1920<sup>112</sup>. O *Reformador* sugere que os espíritas da FEB consideravam o estilo de escrita de Frederico Fígner agressivo, daí, acredito, o terem evitado nas páginas do órgão oficial da entidade federativa, ainda que na convivência se mostrasse uma pessoa amorosa. Aliás, com quantos isso não ocorrera? Sem levar em conta o gosto pela polêmica ou o eventual estilo mais agressivo de escrita, quantos preteridos pela FEB teriam encontrado em outros periódicos, espíritas ou não, o espaço que sentiram que lhes faltara em *Reformador*? Quem sabe não foi, este, o caso de Inácio Bittencourt?

A proposta de moderação da coluna parece que surtira efeito. Não confrontando crenças, levando artigos doutrinários e procurando divulgar os fatos espíritas, estaria atraindo retorno dos leitores do jornal.

Pessoas que tem lido na “Gazeta”, as notícias que temos redigido sobre os factos espíritas que se vão verificando por toda parte, *vem ao nosso encontro para nos relatar phenomenos interessantes, comprobatórios da imortalidade da alma, que é o que nos propusemos demonstrar pelo Espiritismo.*<sup>113</sup>

A coluna estaria atraindo relatos de fenômenos espíritas semelhantes aos que narrava, divulgando-os, também, ao grande público. Alimentando-se de informações dos seus leitores, poderiam continuar, com mais facilidade, a tarefa a que se propunham, a de divulgar fatos espíritas, ainda que a verificação da autenticidade destes mesmos relatos pudesse ser muito difícil, quando se tratasse de casos pessoais, devendo-se contar com a boa vontade de quem os transmitisse. Além disso, a expectativa de ver sua narrativa, seu “caso espírita” particular – ter visto ou ouvido um Espírito, por exemplo – estimularia a participação e o interesse dos leitores.

*Gazeta de Notícias* era bem vista, também, pelos espíritas da Liga Espírita do Brasil. Em Setembro de 1929, através da *Revista Espírita do Brasil*, rememoram o 54º aniversário do jornal diário, ocorrido em 2 de Agosto daquele ano.

---

<sup>111</sup> “Crônicas Espíritas”. *Reformador*, op. cit..

<sup>112</sup> FÍGNER, Frederico. *Crônicas Espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

<sup>113</sup> “O espírito da progenitora vem ao encontro do filho”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de Abril de 1926, p. 6. Grifos meus.

Este facto, assás alegrando a família espírita, grata pelo agasalho que a Gazeta vem dando nas suas columnas á colaboração e noticiário espírita, levou o nosso director João Torres e secretário J. C. Moreira Guimarães a redacção do apreciado órgão da imprensa carioca á apresentarem os saudaes fraternaes da Revista e da Liga Espírita do Brasil. (...) melhor testemunhamos a nossa gratidão *recommendo aos nossos confrades suas preferencias pela Gazeta de Notícias*, um dos mais bem feitos órgãos da imprensa diária, onde a ethica jornalística é rigorosamente observada.<sup>114</sup>

Os espíritas da Liga Espírita do Brasil procuravam, assim, manter boas relações com o jornal diário que oferecia espaço para os espíritas em suas páginas. Os homens da imprensa espírita visitavam os da imprensa diária com a qual tivessem simpatias, por conta das relações que mantinham. Além da visita e dos elogios, que muito agradariam os diretores do diário, a recomendação do jornal, propaganda importante no seio de um segmento religioso específico. Os espíritas da Liga Espírita do Brasil se sentiam mais próximos, ou mais identificados com a *Gazeta de Notícias* do que com o *Correio da Manhã*, o qual não me lembro de ter encontrado, na *Revista Espírita do Brasil*, nenhuma referência.

A *Batalha*, que em 3 de Setembro de 1933 abre, novamente, suas colunas aos espíritas, o faz atendendo “*a uma grande corrente de opinião pública e que, entre nós, acompanha o desenvolvimento das doutrinas de Allan Kardec.(...)A BATALHA aceita a colaboração dos senhores espíritas desde que os artigos não sejam longos e escritos em linguagem serena e elevada*”<sup>115</sup>. O jornal identifica o interesse que o assunto vinha despertando no público leitor e, mesmo, na imprensa. Buscava, também, repetir a fórmula da moderação nos escritos, à semelhança de *Gazeta de Notícias*, acrescentando outra recomendação: que não fossem longos, o que poderia gerar um inconveniente, qual seja, o de ter que se ler a segunda ou a terceira parte do artigo em outras edições. E isso sem contar que poderia ser espaço que o próprio jornal poderia alugar para algum anúncio ou publicação. A *Manhã*, anos antes, interessada em organizar sua coluna espírita, solicita a estes, além das notas e avisos de suas instituições, artigos e crônicas doutrinárias que publicariam “*respeitadas as conveniências dessa folha, com o maior prazer*”<sup>116</sup>. Publicar ou não dependeria, em última análise, do jornal, não do redator da coluna espírita, muitas vezes espírita também.

O que poderia explicar o interesse da imprensa diária pelo Espiritismo? O *Correio da Manhã* reconhece, em 1914, que a Doutrina Espírita vinha obtendo progressos crescentes que interessariam ao público. A *Batalha*, em 1933, sugere que importante parcela da opinião pública interessava-se pelo desenvolvimento que o Espiritismo alcançava. O *Reformador*, da FEB, em 1925 e em 1931, também aponta nessa direção, justificando o interesse da imprensa

---

<sup>114</sup> “Gazeta de Notícias”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Setembro de 1929, p. 253. Grifos meus.

<sup>115</sup> “Espiritismo”. *A Batalha*. Rio de Janeiro, 3 de Setembro de 1933, p. 8.

<sup>116</sup> “Aviso”. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1929, p. 6.

em função dos progressos alcançados pela Doutrina. Outra mostra da atenção que o assunto vinha despertando foi um inquérito realizado pelo *Diário Carioca* na coluna “No Mundo Espírita”. Nele, queriam verificar, junto a seus leitores, se estes desejavam que a coluna espírita fosse suprimida do jornal ou ampliada. Em 2 de Janeiro de 1932<sup>117</sup>, dizem que das mais de novecentas cartas que havia recebido, apenas uma, do vigário de Anchieta, era contrária à permanência do espaço destinado aos espíritas. Todas as demais seriam favoráveis. Encontram um público – espíritas em sua maioria, quem sabe? – disposto a continuar lendo sobre o assunto nas páginas daquele jornal. Em 21 de Maio de 1924, Leal de Souza, no encerramento do inquérito “No Mundo dos Espíritos” pelas páginas de *A Noite*, diz que

*não era possível continuar a desconhecer o terreno conquistado, em nossa capital, pela doutrina baseada nos princípios espirituais da pluralidade das existências, convindo, porém, delimitar-lhe as fronteiras, observando, ao mesmo tempo, o viver íntimo, as regras moraes, os usos litúrgicos, os processos gerais das comunidades espíritas.*<sup>118</sup>

Se o assunto chama a atenção de Leal de Souza num momento onde até então ele ainda não conhecia muito o Espiritismo ou a Umbanda<sup>119</sup>, e o jornal *A Noite* banca sua ideia, publicando, em primeira página, os resultados de sua pesquisa campal, de visitação a Centros que se diziam espíritas mas que nem sempre o eram, é que os jornalistas reconheciam a expansão da Doutrina Espírita pela cidade e interessaram-se por conhece-lo. E mais: perceberam que o assunto teria a acolhida de parcela de seus leitores.

Segundo Emerson Giumbelli, de 1908 a 1925, o número de consultas ao receituário mediúnico da FEB supera a marca de 200 mil, alcançando seu máximo em 1914 – ano em que Antonio Lima é procurado pelo *Correio da Manhã* –, com aproximadamente 287.400 consultas. Os números podem ter caído depois, dentre outras razões, por se tratar de uma atividade que poderia ser enquadrada nos rigores do Código Penal de 1890, que criminalizava formalmente o Espiritismo e a prática do receituário mediúnico. Inácio Bittencourt, homem da imprensa espírita e médium receitista, seria enquadrado pela Saúde Pública em 1921, como veremos mais adiante<sup>120</sup>.

---

<sup>117</sup> “O inquérito do ‘Diário Carioca’”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1932, p. 7.

<sup>118</sup> SOUZA, Leal. “O encerramento do inquérito da *A Noite*”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 21 de Maio de 1924, capa. “No Mundo dos Espíritos” foi um inquérito realizado por Leal de Souza que consistiu na visita à Centros que ele considerava espíritas. O inquérito é apresentado em 31 de Dezembro de 1923, tem sua primeira publicação em 7 de Janeiro de 1924 e termina em 22 de Maio de 1924. Tornou-se um livro em 1925. Ver: TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Antonio Eliezer Leal de Souza*, op. cit., p. 53.

<sup>119</sup> TRINDADE, Diamantino. *Antonio Eliezer Leal de Souza*, op. cit., p. 71.

<sup>120</sup> O artigo 156 condenava o exercício da medicina sem habilitação; O 157 condenava, textualmente, o Espiritismo, para a cura de doenças e o 158 condenava os que ministrassem ou prescrevessem substâncias para fins de cura. *Decreto n° 847*, de 11 de Outubro de 1890. Citado por: GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos mortos*, op. cit., p. 79 e 80. Sobre os gráficos de Giumbelli referentes ao movimento do receituário mediúnico, ver as páginas 295 e 296.

Através da análise comparativa dos anos de fundação dos jornais diários que ofereceram espaço aos espíritas com os anos de início e fim das colunas mantidas pelos adeptos do Espiritismo, trazemos importantes elementos para a análise do investimento dos espíritas na imprensa diária, bem como na criação de seus próprios periódicos.

#### Colunas espíritas e/ou série de artigos em jornais diários

<b>Jornal diário</b>	<b>Ano de Fundação</b>	<b>Nome da coluna ou do responsável</b>	<b>Período</b>
<i>O Paiz</i>	1884	Bezerra de Menezes/União Espírita do Brasil	1887 a 1894.
<i>Jornal do Brasil</i>	1891	Bezerra de Menezes/União Espírita do Brasil	1895.
<i>Gazeta de Notícias</i>	1875	Bezerra de Menezes/União Espírita do Brasil Gazeta Psychica Espiritismo Vida Espiritual Vida Espiritual	1895 a 1897; 1920; 1925 a 1930; 1934 a 1938; 1939.
<i>Correio da Manhã</i>	1901	Olegário Tavares e outros Questões Espíritas Espiritismo – Theorias e Factos Chronica Espírita FEB Notas Espíritas “Correio” Espírita	1903 a 1916; 1912 a 1914; 1914; 1917 a 1947; 1917 a 1923; 1921 a 1923; 1936 a 1938.
<i>Diário Carioca</i>	1928	No Mundo Espírita	1930 a 1937.
<i>A Batalha</i>	1929	Registro Espírita Notas Espíritas Espiritismo	1930; 1931 a 1933; 1933 a 1934
<i>A Manhã</i>	1925	Espiritismo Espiritismo	1926; 1928 a 1929.
<i>A Pátria</i>	1920	Luz e Verdade	1933/34 a 1935.
<i>Diário de Notícias</i>	1930	Tribuna Espiritista O Espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda Assumptos Psicicos	1932; 1932 a 1933; 1936 a 1939.
<i>A Noite</i>	1911	No Mundo dos Espíritos	1924.
<i>A Nota</i>	1935	Artigos Esparsos A semana espírita	1937; 1939.
<i>A Tarde</i>	1938	Anúncio do início de uma coluna Espírita	1938.

Fonte: Jornais diários mencionados, CPDOC-FGV e Hemeroteca Digital Brasileira.

Excetuando-se *A Pátria*, *Gazeta de Notícias* e *A Noite*, os jornais diários passaram a contar, pouco tempo depois que são fundados, com alguma forma de participação de espíritas em suas páginas, seja através de séries de artigos (pagos, como no caso de Bezerra de Menezes/União Espírita do Brasil, ou não), seja através de colunas doutrinárias. O *Correio da Manhã*, o *Diário Carioca* e o *Diário de Notícias* ofereceram suas páginas aos espíritas dois anos depois de fundados. *A Manhã* e *A Batalha* fazem-no logo no ano seguinte, sendo que o

primeiro foi fundado em Dezembro do ano anterior. Verificando o quadro, notamos que as colunas espíritas são mais intensas ao longo das décadas de 1920 e 1930. Dos jornais analisados neste trabalho, apenas *A Manhã* não teve participação espírita nas suas páginas na década de 1930. Nas duas primeiras décadas do século XX, somente o *Correio da Manhã* facultou suas páginas aos espíritas, o mesmo ocorrendo na década de 1940. Dos jornais analisados, o *Correio da Manhã* (coluna “Correio” Espírita), *Diário Carioca*, *Gazeta de Notícias*, *Diário de Notícias* (a coluna Assumptos Psicicos do umbandista Sylvio Roberto, que facultava espaço para os espíritas), *A Batalha* e *A Nota* tiveram suas colunas encerradas na segunda metade da década de 1930, sendo que o último teria encerrado suas atividades no final de 1939.

Agora, coloquemos em análise, de maneira relacional, a participação dos espíritas nos jornais diários e criação de seus próprios periódicos. Dos 13 jornais e revistas espíritas analisados no primeiro capítulo, quatro deles foram fundados nas décadas de 1900 e 1910 e dois nas décadas de 1920 e 1930. Apenas *Reformador* é do século XIX. Não podemos, entretanto, afiançar que as duas primeiras décadas do século XX representaram um importante movimento de expansão na imprensa espírita, uma vez que a esmagadora maioria dos jornais e revistas criados pelos espíritas não está disponível para a pesquisa. Cruzando nomes de jornais e revistas espíritas do Rio de Janeiro levantados a partir do Catálogo da Biblioteca Nacional com aqueles que o pesquisador espírita Clóvis Ramos reuniu em sua pesquisa temos 138 periódicos, incluindo-se, aí, boletins de mocidades espíritas mantidas por Centros Espíritas. Deste total, 58 teriam sido fundados até 1950. Dentre estes, em sete periódicos não é possível ter certeza do ano fundação, uma vez que o autor recolheu referências sobre alguns deles a partir de terceiros. Em todo caso, utilizei-me do ano da referência mencionada por ele<sup>121</sup>. Tendo em mente os limites destas informações, a fim de criarmos um parâmetro para estimativas, separei por décadas de fundação.

#### Númerode periódicos espíritas por décadas de criação

Ano	Quantidade
1870	1
1880	4
1890	4
1900	5
1910	9
1920	11
1930	14

<sup>121</sup> Por exemplo, sobre o periódico *O Cristão*, Clóvis Ramos diz que ele “vem citado no *Reformador de Novembro de 1924*”. RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil*, op. cit., p. 52.

Fonte: Catálogo de Periódicos da Biblioteca Nacional; Clóvis Ramos, *A imprensa espírita no Brasil*, op. cit.

O investimento de espíritas na imprensa, seja com a criação de seus próprios periódicos, seja escrevendo para jornais diários, coincide e cresce com o movimento de criação das empresas jornalísticas e com a expansão no número de adeptos do Espiritismo na cidade, o que se verifica com maior intensidade entre as décadas de 1920 e 1940. O interesse dos espíritas não está, portanto, apartado do movimento mais geral de crescimento e consolidação da imprensa no Rio de Janeiro. Participa dele com todas as limitações colocadas pelo exercício do “jornalismo amador”, bem como pela carência de recursos financeiros para manterem seus jornais e revistas. Um indicativo disso é que entre as décadas de 1910 e 1940 são fundados, pelo menos, 43 periódicos espíritas. Além disso, não é causal que *Aurora*, entre 1919 e 1928, tenha aumentado em dez vezes a sua tiragem, atingindo a marca de 40.000 exemplares.

No que diz respeito à quantidade de espíritas, consta na Relação das Casas Espíritas do Rio de Janeiro, do CEERJ, 7 Centros Espíritas fundados na década de 1910. Na década de 1920, o número de Centros Espíritas fundados na capital salta para 30. Na década de 1930, são fundados 26 e na de 1940, 41. Só a partir da década de 1970 o número de fundação de Centros Espíritas é inferior a 20<sup>122</sup>. Evidente que esta relação tem limites. Ela contempla, apenas, os Centros Espíritas que se mantêm em funcionamento até os dias de hoje e que estejam vinculados ao CEERJ. No entanto, penso que serve como um indicador da propagação da Doutrina Espírita pela cidade do Rio de Janeiro, que é manifesta na criação de Centros Espíritas. A expansão das instituições, consequência do aumento do número de espíritas, chamou a atenção da imprensa diária para o Espiritismo, imprensa essa que deve ter sido demandada por parcela de leitores que desejavam conhecer o assunto ou mesmo por adeptos da Doutrina Espírita que desejavam escrever a respeito do tema em suas páginas.

Por último, escrever em jornais diários era importante para os espíritas porque amplificava a propaganda doutrinária e suas visões do Espiritismo, fazendo com que alcançassem um público superior àquele de seus periódicos que, à exceção de *Aurora*, não tinham tiragens muito grandes. Através deles, também, teriam acesso a um público que, em sua maioria, não era espírita e, quem sabe, alimentasse preconceitos contra a Doutrina Espírita, fazendo com que não tivessem a iniciativa curiosa de conhecê-la nos Centros

<sup>122</sup> CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Casas Espíritas do Rio de Janeiro*. Recebido por email em 13 de Janeiro de 2014. Através do site do CEERJ, é possível acessar estas informações. Clicar em “Instituições Espíritas”, depois escolher cidade e bairro. Disponível em: <http://www.ceerj.org.br/ceerj/>. Último acesso em 15 de Fevereiro de 2014.

Espíritas. Manuel Quintão, como vimos, em Março de 1930, ao propor que a FEB fizesse acordo com algum jornal de grande circulação para divulgação do Espiritismo, tinha consciência de que o *Reformador* não “vibrava” fora dos círculos espíritas<sup>123</sup>.

## 2.5 – Críticas de espíritas a imprensa diária

Se os espíritas da cidade do Rio de Janeiro ocuparam as páginas de diversos jornais diários, elogiando-lhes a iniciativa de lhes facultarem o espaço, nem por isso deixaram de tecer críticas a eles, quando julgaram oportuno. Vianna de Carvalho, num artigo publicado no *Correio da Manhã* de 23 de Outubro de 1914, diz que os inimigos do Espiritismo utilizam-se do noticiário da imprensa, o distorcendo e repercutindo contra a doutrina.

*Toda vez que a imprensa diária explora os casos isolados de alienação mental produzida pela feitiçaria, magia negra ou charlatanismo médiumnico – práticas estas veementemente condenadas por Allan Kardec – os inimigos da sciencia espírita saem a campo pretendendo impingir aos ingênuos a bolorenta noção de que o Espiritismo faz loucos.*<sup>124</sup>

Dessa forma, os adversários dos espíritas, segundo Vianna de Carvalho, procurariam associar ao Espiritismo práticas que não seriam dele, sendo que muitas destas teriam sido condenadas por Kardec, buscando convencer ao público não especializado, desconhecedor de suas especificidades, que ele seria danoso à saúde mental das pessoas. Práticas de magia negra, feitiçaria ou a atuação de charlatães, que nada teriam a ver com o Espiritismo, poderiam provocar casos de loucura. Um dos pontos criticados por ele seria a associação da reencarnação à ideia da metempsicose, com a qual os espíritas não concordam<sup>125</sup>. Segundo ele, alguns jornais católicos, que ele não menciona, estariam fazendo essa associação com o objetivo de ridicularizar a reencarnação. “*Há bem pouco, um engraçado jornalista perpetrou essa imprudência pelas columnas de um diário desta capital*”<sup>126</sup>. O jornalista que se atreve a tratar do que não conhece é tratado com ironia, como alguém que não pode ser levado a sério.

E quando se refere a jornais católicos? Será que está pensando em alguma publicação específica promovida por praticantes deste credo religioso, ou está pensando, também, em algum jornal diário? Não foram poucas as vezes que os espíritas classificaram como católicos alguns diários. No *Reformador* de Outubro de 1946 encontramos um artigo assinado por I.

<sup>123</sup>QUINTÃO, Manoel Justiniano de Freitas. “Relatório do Presidente, apresentado á Assembléia Deliberativa na sua reunião ordinária de 1930, sobre os trabalhos da Sociedade e contas da administração durante o anno de 1929”. *Reformador*, op. cit., p. 133.

<sup>124</sup>CARVALHO, Vianna. “Espiritismo”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1914, p. 4. Grifos meus.

<sup>125</sup>“*Seria verdadeira a metempsicose, se indicasse a progressão da alma, passando de um estado inferior a outro superior, onde adquirisse desenvolvimentos que lhe transformassem a natureza. É, porém, falsa no sentido de transmigração direta da alma do animal para o homem e reciprocamente, o que implicaria a ideia de uma retrogradação, ou de fusão*”. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, op. cit., p. 302.

<sup>126</sup>CARVALHO, Vianna. “Espiritismo”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1914, p. 4.



Pequeno que, segundo o blogueiro Aron<sup>127</sup>, seria um dos pseudônimos de Antonio Wantuil de Freitas, então presidente da FEB. O autor, comentando um artigo de um jornal católico de Petrópolis que dizia que a imprensa católica estava sendo superada em número pela protestante e a espírita, apresenta *O Globo* e o *Jornal do Brasil* como grandes jornais de orientação católica<sup>128</sup>. O *Jornal do Brasil*, embora se dissesse leigo, “*não publica coisa alguma favorável ao Espiritismo*”<sup>129</sup>.

E por que Antonio Wantuil de Freitas lança mão de pseudônimos? Para polemizar com seus adversários. Assinando “I. Pequeno”, em Maio de 1945, ele denunciou o ódio do clero contra o Espiritismo e acusa o periódico *O Lutador* de “*combater fascistamente, de qualquer forma e com qualquer arma*”<sup>130</sup>. Em Abril de 1949, com o mesmo pseudônimo, acusa o clero, que “*através de elementos que lhe são ligados, conseguiu, ao tempo do Sr. Getúlio Vargas, incluir os artigos 282 e 284 no Código Penal Brasileiro*”<sup>131</sup>, porque o Espiritismo se difundia muito rápido e os católicos supunham que essa expansão da doutrina se dava em função dos passes. O que ele não diz é que o Código Penal anterior mencionava, textualmente, o Espiritismo, criminalizando-lhe, também, as práticas. Dessa forma, para Antonio Wantuil de Freitas, os católicos combateriam a Doutrina Espírita utilizando-se de quaisquer meios, seja nas páginas de jornais, seja influenciando os legisladores. Assinando como “G. Mirim”, em Maio de 1945, defende a polêmica tese da natureza do corpo de Jesus e afirma que os antagonistas da FEB “*servem-se dela com o fim de combater a Federação*”<sup>132</sup>. Assim, usava pseudônimos para debater com opositores.

Manoel Quintão na coluna “Casos e coisas” do *Reformador* de 16 de Abril de 1936 traz, de maneira irônica, o caso de um sacerdote acusado de seduzir uma menor. Segundo ele, “*o vespertino “O Globo”, que em cheiro de santidade gravita globalmente em torno das*

---

<sup>127</sup> ARON. Antonio Wantuil de Freitas. Disponível em: <http://aron-um-espirita.blogspot.com.br/2012/03/03-05-antonio-wantuil-de-freitas.html> Último acesso em 11 de Novembro de 2013.

<sup>128</sup> FREITAS, Antonio Wantuil (PEQUENO, I). “Estatística Católica”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Outubro de 1946, p. 234.

<sup>129</sup> DUTRA, Francisco José. “Cada qual na sua seara (Carta aberta a O. P., do Jornal do Brasil)”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 de Março de 1938, p. 4.

<sup>130</sup> FREITAS, Antonio Wantuil (I. Pequeno). “O ódio do clero”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1945, p. 101.

<sup>131</sup> FREITAS, Antonio Wantuil (I. Pequeno). “O Código Penal”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Abril de 1949, p. 81. “Art. 282 - Exercer, ainda que a título gratuito, a profissão de médico, dentista ou farmacêutico, sem autorização legal ou excedendo-lhe os limites” e o “Art. 284 - Exercer o curandeirismo: I - prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância; II - usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III - fazendo diagnósticos”. Os artigos poderiam enquadrar as atividades do receituário mediúnico e dos passes (transmissão de energias através da imposição de mãos). PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto-Lei n° 2.848, de 7 de Dezembro de 1940. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm) Último acesso em 4 de Fevereiro de 2014.

<sup>132</sup> FREITAS, Antonio Wantuil (G. Mirim). “Bilhetes”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1945, p. 103.

chamadas reivindicações catholicas, tirou-se de seus cuidados e nos brindou (...) com a seguinte notícia”. (...) *Commentário: é pena que falte á notícia a illustração photographica*”<sup>133</sup>. Procura desferir duplo golpe: nos católicos, onde aproveita para criticar o ensino religioso e no jornal *O Globo*, ironizando seu suposto alinhamento com eles, que teria sido deixado de lado para noticiar o fato, ainda que “amenizado” pela ausência de foto e pelo pequeno texto de dois parágrafos transcrito na íntegra. Dá a entender que, se fosse com algum espírita, a notícia negativa teria maior destaque nas páginas do jornal.

Poucos meses depois, foi a vez do jornal *A Noite* entrar na alça de mira dos espíritas da FEB, através de *Reformador*. Escrevem sobre uma nota publicada aí, dando conta da interdição – motivada pela suposta influência do clero católico – da Comissão de Censura Cinematográfica a dois filmes, sendo que um deles teria temática espírita. Dizem que “*num de seus recentes números, “A Noite”, que não pode, nem de longe, ser suspeitado de pouco sympathico ao catholicismo romano, que ao contrário, passa por andar na intimidade do Palácio S, Joaquim, publicou (...) a seguinte nota*”<sup>134</sup>. O Palácio São Joaquim, para quem não sabe, é a residência oficial do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro. Procuram demonstrar, com a ironia, a íntima relação que existiria entre o Catolicismo e o diário carioca, que lhe atenderia os interesses, a ponto de frequentar a casa da mais alta autoridade Católica da cidade. A (má) fama do jornal *A Noite* com os espíritas da FEB não era nova. Praticamente cinco anos antes, em 16 de Outubro de 1931, *Reformador* publica um artigo criticando uma publicação do diário. Tratava-se do caso de um pesquisador inglês que teria apanhado um médium em fraude. Segundo os espíritas da FEB, outros jornais, revistas e experimentadores teriam afiançado a autenticidade dos fenômenos, colocando em xeque a avaliação feita pelo pesquisador inglês que fora publicada.

Porém, o que neste momento nos interessa não é que elle tenha ou não tenha praticado o embuste de que o accusam e sim, apenas, *sublinhar a satisfação que com esse caso*

---

<sup>133</sup> QUINTÃO, Manoel Justiniano de Freitas. “Casos e Coisas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Abril de 1936, p. 126.

<sup>134</sup> “O clericalismo em ação”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1936, p. 362. Os filmes se chamam “A voz do outro mundo”, que teria temática espírita e “Mais perto do céu”, que trataria do misticismo e da psicologia do negro norte-americano. O jornal *A Noite* foi fundado por Irineu Marinho em 18 de Junho de 1911 e circulou até 27 de Dezembro de 1957. Anteriormente, Marinho trabalhou como secretário-geral do jornal *Gazeta de Notícias*, afastando-se daí em razão de desentendimentos. Quando surgiu, o jornal fazia oposição ao governo do Marechal Hermes da Fonseca. “*Em 1925, contudo, grandes transformações alteraram a linha do vespertino. Seu proprietário, Irineu Marinho, achando-se doente e de partida para a Europa, foi obrigado a caucionar a maioria de suas ações em favor de Geraldo Rocha. Este último realizou logo depois uma assembléia rompendo os vínculos que ainda prendiam o jornal a seu fundador, e elegeu nova diretoria*”. Sob a nova direção, o jornal passou a ser situacionista. Em 19 de Julho de 1911, em seu segundo número, o jornal não contava com coluna ou seção destinada a religiões. FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Noite*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 23 de Abril de 2014.

*experimentaram alguns periódicos, mormente os sectaristas, e a pressa que se deram em espalhar a notícia.*<sup>135</sup>

A *Noite* é colocado no “balaio” dos jornais sectaristas, que estariam interessados em desqualificar a ideia da sobrevivência da alma, fundamental para a Doutrina Espírita. Assim, por projeção, os fenômenos mediúnicos estudados pelos espíritas não passariam de fraudes. Para eles, destacava-se o interesse do jornal em provar que os fenômenos espíritas eram falsos.

Manoel Quintão, respondendo a um artigo de Mucio Leão publicado no *Jornal do Brasil* a respeito do livro “Crônicas de Além Túmulo”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, diz que “o caso é tanto mais digno de nota quanto o velho jornal do Conde, em deixar de ser o popularíssimo de outros tempos, não deixou de ser órgão da Mitra”<sup>136</sup>. Assim, a crítica proferida pelo articulista seria distorcida, não seria isenta, já que, escrevendo num jornal que consideravam intimamente ligado aos interesses dos católicos, não poderia discordar de seus pontos de vista, sendo natural que desqualificasse o livro espírita.

Leopoldo Machado, nas páginas do órgão oficial da federativa, diz que

*O porta-voz da civilização de um povo é a sua imprensa. É por sua voz que as tendências, o temperamento, a educação de um povo se manifestam. Ler os jornais de um país é ajuizar de perto a psicologia do povo desse país. A psicologia do brasileiro anda estereotipada na orientação jornalística de seus periódicos. Fácil é de ver, nessa orientação, o espírito frívolo, inconstante, leviano e incoerente de nosso povo, máxime a respeito das coisas sérias.*<sup>137</sup>

Leopoldo Machado demonstra uma visão idealizada da imprensa. Os jornais publicariam trivialidades, assuntos menos sérios e de pouca importância porque refletiriam a índole do povo. Para criticar a qualidade das publicações dos jornais, lança mão daquilo que considera características negativas do brasileiro, estereotipando-as, como se fossem comuns à maioria. Pensa como se os jornais fossem, mesmo, um reflexo do povo enquanto coletividade e não empresas capitalistas com proprietários e anunciantes que interferem e determinam o que é ou não publicado. Será que aqueles onde os espíritas mantivessem colunas seriam jornais mais civilizados e expoentes do progresso, porque refletindo os ideais superiores do público interessado no Espiritismo? Ou será que ele pensava o mesmo dos jornais que ofereciam espaço para os espíritas em suas páginas? Certamente que não, mas sua crítica genérica à imprensa acaba abarcando-os. Mas por que as críticas? Estaria referindo-se, especificamente, a algum jornal? Sim! Nesta oportunidade, está criticando o *Diário da Noite* e

<sup>135</sup> “Só a fraude os interessa”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1931, p. 568. Grifos meus.

<sup>136</sup> QUINTÃO, Manoel Justiniano de Freitas. “Casos e Coisas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1938, p. 21.

<sup>137</sup> MACHADO, Leopoldo. “A oficialização da Macumba”. *Reformador*. Rio de Janeiro. 1 e 16 de Março de 1936, p. 88. Grifos meus.

o espaço que ele deu ao que chamou de “*legítima sessão macumbeira*”<sup>138</sup>, que sob o auspício do jornal foi transmitida através da Rádio Tupy, além de ter noticiado o evento. Na ocasião, os cânticos utilizados nos rituais das religiões afro-brasileiras teriam sido transmitidos pelas ondas hertz ao grande público. Assim, afirma que “*é a nossa imprensa, a imprensa da capital do paiz, que, no mesmo passo em que noticia, a títulos e sub-títulos, a clicherie e letras berrantes, a prisão de centros de macumbas, tudo envida – observa-se nas suas entrelinhas – para a oficialização da macumba*”<sup>139</sup>. Acha contraditório, porque está incomodado, principalmente, com a divulgação daquilo que chama de macumba, tem preconceito e é contra: os cultos afro-brasileiros. Para ele, a imprensa não deveria promovê-los, já que os combate. E pensar que em Julho de 1939, poucos anos depois, o mesmo Leopoldo Machado estaria envolvido numa polêmica, como o “*idealizador e o realizador, ao lado de companheiros capazes e dedicadíssimos, da “Hora Espírita Radiofônica”*”<sup>140</sup>, que fora atacada pelos médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Recusava aos praticantes das religiões afro-brasileiras o direito de divulgarem suas atividades nos meios de comunicação disponíveis, mas queria o benefício para os espíritas, grupo que participava, porque não reconhecia, de forma alguma, relações entre o Espiritismo e elas, além de, muito provavelmente, as julgar inferiores, primitivas, já que seriam do “*povo desilustrado*”<sup>141</sup> ou da “*gente dos morros*”<sup>142</sup> e, até de alguma forma nocivas.

Para terminar, em aparte: que se vá ao *Diário da Noite* e a *Rádio Tupy* sugerir-lhes uma irradiação de Espiritismo, a prol do seu conhecimento philosophico, scientifico e religioso, para toda gente...

- Não vale a pena – dir-se-nos-á por certo. E, talvez, não valha mesmo a pena...<sup>143</sup>

Não valeria a pena, segundo eles, porque a imprensa estaria preocupada, apenas, com futilidades, já que seria o reflexo de um povo fútil. Desprezaria os assuntos mais sérios, as considerações mais elevadas da ciência, os voos da filosofia e as consequências morais da religião. Ou a imprensa viveria distraída, como sugere Manoel Quintão.

*Enquanto a nossa imprensa leiga toda se derriça á politicagem e berra em torneios de rhetorica indígena a beleza das misses, a estimular tafularias e vaidades pagãs, o conspícuo irmão que preside as “alterosas” – vergôntea robusta do patriarchado nacional – num gesto de*

---

<sup>138</sup> Idem.

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> MACHADO, Leopoldo. *Pigmeus contra gigantes*, op. cit., p. 6.

<sup>141</sup> MACHADO, Leopoldo. “A oficialização da Macumba”. *Reformador*, op. cit., p. 89.

<sup>142</sup> Idem.

<sup>143</sup> Idem. Grifos do autor. O jornal *Diário da Noite* foi fundado em 1929. Compôs um grupo de jornais de propriedade de Assis Chateaubriand que contou com recursos de João Neves da Fontoura e com o apoio da Aliança Liberal. No final do ano de fundação, venderia mais de 120 mil exemplares. Apoiou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência contra Júlio Prestes, mas posteriormente foi crítico ao seu governo até 1937, quando tornou a apoiá-lo. O jornal não mantinha coluna ou seção religiosa. MOREIRA, Maria Ester Lopes. *Diário da Noite*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 23 de Abril de 2014.

genialidade seráfica e “constitucional”, *manda allistar capelães em suas milícias e restabelecer nas escolas públicas da liberalíssima e gloriosa terra mineira o ensino religioso, queremos dizer... catholico.*<sup>144</sup>

“Os jornais se interessavam pela politicagem e por um concurso de miss realizado naquele ano, mas nem se incomodaram com a instituição do ensino religioso em Minas Gerais!”, parecem dizer os espíritas da FEB através de Manoel Quintão. Não davam ao tema o tratamento que eles julgavam que merecesse, pareciam distraídos dos interesses coletivos. A imprensa apenas estimularia nas almas das gentes o gosto exagerado pelo luxo, sintomas de vaidade pagã. Os assuntos sérios sob o ponto de vista dos espíritas estariam sendo desprezado por questões menores, que não acrescentariam valor ao debate político, bem como por uma trivialidade, que seria o criticado concurso de miss.

O *Diário da Noite*, que já fora criticado pelos espíritas da FEB porque se interessara em divulgar, pelo rádio e pelas suas páginas, as religiões afro-brasileiras, também fora lembrado pelo tratamento diferenciado oferecido aos espíritas, com relação aos católicos. Manoel Quintão, comentando um artigo a respeito de um padre que fazia milagres, diz que “o *Diário da Noite*, sempre imparcial e fiel aos princípios liberais, em matéria de fé religiosa, chegou a ilustrar o feito com um belo cliché, no qual vemos o piedoso frade em plena atividade (...)”<sup>145</sup>. O jornal, que teria tratado o assunto de maneira positiva, não concedia o mesmo espaço e o mesmo tratamento às curas promovidas pelos espíritas nas suas terapêuticas. Com alguma esperança de que seja atendido, termina recomendando aos espíritas que “*continuemos a entrar com os níqueis para o gazofilácio do Diário, até que se convença de que sol lucet omnibus*”<sup>146</sup>. Parecia sugerir que os espíritas – não só ele – continuassem a observar o jornal criticamente, elogiando quando fosse o caso, criticando quando julgassem necessário, o que poderia ser feito por cartas à sua redação, ou mesmo pela imprensa, como fizera o ex-presidente da FEB naquele momento.

Essa parcialidade de alguns jornais no tratamento dos espíritas já foi criticada antes. Marcos D’Avila, no *Reformador* de 16 de Janeiro de 1926, faz uma reflexão do fato dos espíritas estarem ocupando as páginas dos jornais diários. Segundo ele, a maioria dos espíritas via essa iniciativa com bons olhos. Para ele, esse interesse demonstrado pelo Espiritismo atestaria sua força, não sendo mais possível que fosse desprezado. No entanto, diz que os donos desses jornais enxergam na Doutrina Espírita uma possibilidade de aumentarem seus

---

<sup>144</sup> QUINTÃO, Manoel Justiniano de Freitas. “Casos e Coisas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1929, p. 312. Grifos meus.

<sup>145</sup> QUINTÃO, Manoel Justiniano de Freitas. “Casos e Coisas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Julho de 1941, p. 185.

<sup>146</sup> Idem. Grifos do autor.

rendimentos, visando o lucro. Se tivessem real interesse naquilo que de melhor a doutrina tem, nos seus altos conceitos morais, científicos e filosóficos, não facultariam espaço a qualquer um que se atrevesse a tratar do assunto, mas buscariam, entre os estudiosos do tema, os mais qualificados para exporem a matéria em suas páginas.

A propósito de uma notícia ou artiguete que saia na tal secção, ou mesmo sem propósito algum, *logo surge numas das primeiras columnas da primeira página do próprio jornal que publicou o artiguete ou a notícia, extenso e massudo artigo, firmado por um Perillo Gomes, ou outro qualquer adepto da tyrania catholica, desancando o Espiritismo, vituperando os espíritas.* Não há, está claro, como censurar por isso o jornal, que assim dá testemunho do seu respeito á liberdade de pensamento e ás opiniões dos seus collaboradores. Se, entretanto, acontece, que um espírita, ainda illudido com a sinceridade da maioria dos homens, sae de seus cuidados, escreve um artigo pequeno, ponderado e respeitoso, rebatendo a objurgatória, e o leva a respectiva redacção, para ser publicado na secção espírita que o jornal mantem, *invariavelmente passará pela decepção de reconhecer que perdeu seu tempo. Do seu escripto, nenhuma linha será publicada. O respeito á liberdade de pensamento e ás opiniões dos collaboradores, em matéria de crenças, só se observa com relação aos que pertencem á clientela mais numerosa, ou tida por mais numerosa.*<sup>147</sup>

Assim, para ele, não adiantaria muito dispor de uma coluna espírita nos jornais diários, já que estes seriam parciais, tendendo para o Catolicismo, religião da maioria da população. Recordam-se da moderação proposta pelos espíritas que escreviam na *Gazeta de Notícias*? Quantas respostas a ataques sofridos pela imprensa devem ter sido caladas assim? Se sofriam alguma contestação, não poderiam responder, abrindo o debate, porque se o fizessem, corriam o risco de frustrarem-se ao não verem seus artigos publicados. As respostas dos adversários do Espiritismo, se católicos, teriam espaço privilegiado nos jornais, ficariam na parte mais nobre de suas páginas. A liberdade de pensamento seria, portanto, apenas formal. O autor mencionado por Marcos D’Avila – Perillo Gomes – era um escritor católico. No final de 1924, vi alguns artigos seus no canto superior esquerdo da página dois de *Gazeta de Notícias*. Recordo-me de ter lido algo parecido com essa situação, só que escrito pelo articulista do *Correio da Manhã* chamado Gondin da Fonseca. No dia de finados do ano de 1937, dizia que os católicos reservaram esta data a comemoração dos mortos.

*Os espíritas não tem dia certo: incomodam-nos todos os dias, chamando-os do astral sem cerimonia – quase sempre a horas inconvenientes da noite, - não para lhes render homenagem mas para os encarregar de missões difíceis e variadas. (...) Aqui pela Avenida Gomes Freire e adjacências tenho ido a várias sessões. Do que nellas até hoje presenciei concluí que effectivamente há espíritas, mas não espíritos. Essa crença em almas do outro mundo, comum em Londres, no Rio, em Paris e no interior da África, parece-me apenas fructo do medo e da ignorância dos homens.*<sup>148</sup>

Quando li o artigo esperava encontrar uma resposta de Frederico Fígner, afinal, o autor praticamente afirmou que não havia Espíritos e que a crença não teria fundamento lógico, se daria apenas em função das fragilidades humanas. A fé inabalável dos espíritas, pronta a

<sup>147</sup> D’AVILA, Marcos. “Discreteando”. *Reformador*, op. cit., p. 34. Grifos meus.

<sup>148</sup> FONSECA, Gondin. “Almas do outro mundo”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 de Novembro de 1937, p. 2. Grifos meus.

encarar a razão em todas as épocas da Humanidade, foi confrontada por Gondin da Fonseca<sup>149</sup>. Procurei, então, a resposta do espírita da FEB e não a encontrei. O artigo seguinte dele, quatro dias depois na coluna “‘Correio’ Espírita” do *Correio da Manhã*, que não era de sua responsabilidade, falava da felicidade. O que teria passado? Por que não o respondera, já que tinha, por costume, envolver-se em polêmicas? Gondin da Fonseca, pelo que pude notar, escrevia assiduamente no *Correio da Manhã*. As relações de amizade entre Frederico Fígner e Edmundo Bittencourt não o deixavam a vontade para responder à altura?<sup>150</sup>.

O desconforto de Marcos D’Avila com a colaboração espírita era tão grande que ele questiona:

*De que serve, com efeito, pretender (que nada mais se pode senão pretender) semear a boa semente, onde cresce exuberante o joio que a abafa e a estraga. Que importa mirrem ou desapareçam as taes “secções espíritas” dos jornaes? Porventura precisou dellas o Espiritismo para attingir o ponto a que chegou? E esse ponto não alcançou elle triumphando da furiosa guerra que lhe movia, precisamente, a imprensa de toda parte.*<sup>151</sup>

Difícil quantificar o quanto a Doutrina Espírita dependeu dos jornais para disseminar-se, para ser um pouco mais conhecida do que o seria sem eles. Se parte da imprensa moveu guerras contra, foi parcial na apreciação dos fatos, há de se convir que a publicação de artigos, em colunas dos jornais diários potencializou a propaganda, divulgou atividades e instituições. Que o autor do artigo, ligado à FEB, desgoste da imprensa porque certos articulistas espíritas cometem erros doutrinários, como apontou acima, ou porque os donos de jornais são empresários interessados no lucro e, por isso são parciais, vá lá! Mas dizer que não importa que as secções desapareçam? O autor faz parecer que a presença de espíritas na imprensa seria um esforço inútil, que não geraria benefícios para a causa. Para ele, os espíritas teriam atingido o patamar onde se encontravam no momento apesar dos esforços contrários da própria imprensa. Aliás, os espíritas da FEB – grupo de Marcos D’Avila – lamentaram-se quando não conseguiram tocar a coluna que ganharam no *Correio da Manhã* em 1917 e, anos depois, em 1930, quando consideraram a possibilidade de pagar para conseguir espaço em um jornal de grande circulação.

---

<sup>149</sup> “Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, op. cit., p. 369.

<sup>150</sup> Segundo a historiadora Carla Luciana Silva, Gondim da Fonseca teria sido jornalista contratado pelo *Correio da Manhã*. Como seu nome não é comum, acredito que seja o autor do livro “Biografia do jornalismo carioca”, conforme indicação da historiadora Laura Antunes Maciel. SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931 – 1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, nota 45, p. 189. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=DAFuod3wqlAC&pg=PA189&lpg=PA189&dq=gondin+da+fonseca+correio+da+manh%C3%A3&source=bl&ots=kz7qc4hQWO&sig=QKgd3Ymk49vbYUexCOICsA1tiRQ&hl=pt-BR&sa=X&ei=YUaCUqi5IsfxkQf6kYDwDQ&ved=0CEkQ6AEwBQ#v=onepage&q=gondin%20da%20fonsec a%20correio%20da%20manh%C3%A3&f=false> Último acesso em 12 de Novembro de 2013.

<sup>151</sup> D’AVILA, Marcos. “Discreteando”. *Reformador*, op. cit., p. 35. Grifos meus.

Dessa forma, os espíritas ligados à FEB entendiam que alguns jornais – aqueles que não possuíam colunas espíritas (*Jornal do Brasil, O Globo, A Noite e o Diário da Noite*) – ofereciam muito espaço para os adversários do Espiritismo, predominantemente os católicos, e ao fazer a denúncia do tratamento desigual que recebiam deles estavam pleiteando oportunidades de ocuparem suas páginas também. O *Diário da Noite* abriria suas páginas, até, para os “macumbeiros”, mas para os espíritas não! Além disso, ao destacarem a preferência destes periódicos pelo Catolicismo procuravam deslegitimar as críticas que pudessem sofrer através deles. Compreendiam, também, que quando obtinham o espaço que desejavam nos jornais, não era na mesma proporção que o oferecido à religião hegemônica.

Os espíritas da FEB demonstraram desconforto com uma das preferências dos jornais diários. Em 16 de Maio de 1937, *Reformador*, em seu editorial, critica a imprensa que dá grande destaque a crimes e a suicídios.

O facto, porém, é que, de dia para dia, cresce, avulta o número dos crimes e suicídios *trazidos a público pelas colunas da imprensa diária, com um luxo de pormenores, uma abundância de episódios romantizados e uma multiplicidade de imagens fotográficas, que induzem a crer sejam esses os assuntos sobre os quais corre com maior deleite e encantamento a pena dos noticiários incumbidos pelas empresas jornalísticas de os divulgar.* Não se apercebem, nem estas, nem aqueles, que *nessa maneira de lhes dar publicidade reside um dos principais fatores, entre os vários que para tal efeito concorrem, da elevação constante da cifra com que, na estatística das ocorrências mais desastrosas e deprimentes, figuram os suicídios, que são os que principalmente nos levam a escrever estas linhas.*<sup>152</sup>

A imprensa noticiaria, com requinte de detalhes, suicídios e crimes, como se esses fossem o assunto da predileção dos jornalistas que os deviam divulgar. Com isso, na leitura dos espíritas da FEB, acabariam estimulando, ainda mais, o número de pessoas que fariam a opção pelo suicídio, diante das dificuldades da vida. Seria como apresentar-lhes uma porta que desse num precipício e que fosse cada vez mais usada à medida que apontada pelos jornais diários. O que sustentaria essa tese?

(...) temo-la na circunstância, que a mesma imprensa nos deu a conhecer, de *uns suicidas imitarem a outros, reproduzindo o cenário, as atitudes, os gestos de alguns dos que os precederam na transposição da funestíssima porta que se abre para o mais tétrico dos abismos, e servindo-se de arma idêntica, ou dos mesmos tóxicos com que aqueles outros puseram termo a existência.*<sup>153</sup>

Na imitação das circunstâncias da morte pelos suicidas, reproduzidas nos jornais, estaria a chave do problema para os espíritas. Os jornais desceriam às minúcias na descrição dos eventos que culminaram nos suicídios que noticiam. Isso aparelharia as pessoas desesperadas ou desequilibradas que teriam desejo de por termo a vida sem saber como. No editorial do *Reformador*, o autor argumenta que a imprensa justifica suas posições alegando que atenderia às preferências dos seus leitores. No entanto, ao dizerem isso comprometeriam

<sup>152</sup> “Os suicídios e a imprensa”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1937, p. 201. Grifos meus.

<sup>153</sup> Idem. Grifos meus.



“o postulado que vivem a proclamar, em defesa dos direitos e liberdades da imprensa, e que, si exprimisse uma realidade, seria de altíssimo alcance: o de ser ela a orientadora da opinião pública e, mais ainda, a educadora do povo”<sup>154</sup>. Ainda uma vez, enxergam no papel da imprensa potencialidades não exploradas com plenitude: formadora de opinião e educadora do povo, capaz de criar hábitos, apontar condutas, sugerir caminhos, daí o investimento que faziam nela. Porém, assinalam que estavam cientes de que a orientação jornalística para casos dessa natureza seriam pautados pelos gostos e pendores do público leitor. E não deixam, na oportunidade, de rotular essa imprensa que privilegiaria a divulgação de suicídios com requintes de detalhes.

*(...) os órgãos de publicidade que costumam extremar-se mais nas minuciosidades com que deslindam os suicídios que se verificam, revolvendo nas chagas a arma com que eles, quasi sempre, ferem corações transbordantes de afetos pelos tresloucados, são precisamente os que mais lônas entôam e mais ardorosamente defendem, sustentam e prestigiam a religião que dizem ser a da maioria dos Brasileiros. E essa religião emudece diante da calamidade, em nada se esforça para conter os excessos desses seus sustentadores entusiásticos, na utilização de normas jornalísticas em todos os sentidos, demonstrando mais uma vez, com essa atitude de indiferença, ser incontestável que também no seu seio, deserto de todo sentimento de verdadeira religiosidade, só imperam o materialismo e o utilitarismo.*<sup>155</sup>

Os jornais que ofereceriam mais espaço a esse tipo de noticiário seriam simpáticos ao Catolicismo. Se eles proclamavam sua adesão a essa religião, como não serem a favor da vida? Por que não esforçarem-se por sua preservação? Por que davam tanto espaço para a divulgação de episódios dolorosos? Os espíritas da FEB dão a entender que os jornais publicariam esse tipo de noticiário porque processariam suas atividades dentro das correntes utilitaristas, ditadas pelo egoísmo. Além disso, concorreria para fomentar esse utilitarismo a predominância do materialismo, que retiraria das pessoas a sensibilidade e faria com que apenas conduzissem a vida como um cálculo de interesses que não levaria em conta o mal que eventualmente praticassem. Alegando estar atendendo a seus leitores, abririam suas páginas para essas notícias. E os espíritas aproveitam o golpe desferido na imprensa que criticavam para atingir os próprios católicos, que emudeceriam diante das más escolhas dos jornais que os ajudavam. Assim, tanto no seio do Catolicismo quanto no dos jornais que com ele alinhavam-se e que faziam uma excessiva exposição dos casos de suicídios em suas páginas, imperariam o materialismo e o utilitarismo nocivos à coletividade.

A discussão que os espíritas da FEB trouxeram às páginas do *Reformador* quanto ao fato da imprensa estimular os suicídios em razão de sua divulgação de casos dessa natureza não era uma reflexão exclusiva deles e muito menos nova na década de 1930. O historiador

---

<sup>154</sup> Idem.

<sup>155</sup> Idem, p. 202. Grifos meus.

Fábio Henrique Lopes afirma que no século XIX esse tema já estava na pauta das discussões de médicos. Comentando o livro “Considerações sobre o autocídio” do médico Florival Seraine, aponta que nas primeiras décadas do século XX ainda supunha-se que a ideia do suicídio poderia ser contagiosa e que a imprensa seria responsabilizada como estimuladora de suicídios, não só no Brasil.

*Seraine desenvolveu toda uma crítica, dirigida principalmente à imprensa, apontando que, ao lado de altas e nobres funções que exercesse no meio social como veículo ideológico, ela revelava defeitos que a transformavam, às vezes, em fator “nocivo à coletividade”. Ele referia-se, em particular, aos lamentáveis efeitos da publicidade, motivados pelo contágio mental do suicídio. Criticava o fato de os jornais tornarem pública a tragédia, relatando os menores gestos e as mínimas preocupações do suicida, o que, segundo sua concepção, poderia sugestionar um grande número de pessoas. Essa tendência de responsabilizar a imprensa como agente de contágio do suicídio já era comum na França quando começou a se propagar no Brasil.*<sup>156</sup>

Interessante notar que os espíritas estavam participando e concordando com uma discussão médica que não era nova e nem originalmente brasileira, uma vez que atravessou do século XIX ao XX, além de cruzar o oceano Atlântico. Além disso, seu ponto de vista com relação às expectativas positivas quanto às atividades da imprensa no meio social eram bem parecidas com a opinião manifestada pelo médico citado por Fábio Henrique Lopes.

Em 16 de Março de 1937, Carlos Imbassahy, escreve, no *Reformador*, a respeito de uma série de artigos que vinham sendo publicados pelo médico Pinto de Carvalho<sup>157</sup> sobre assuntos psíquicos num jornal de Salvador. Nessa oportunidade, tece algumas reflexões a respeito da participação de espíritas nos jornais diários. Segundo ele,

Aqui no Rio, alguns periódicos abriram suas colunas ao Espiritismo. Em regra, *limitam-se elas a um noticiário curto e pouco interessante*. Nalguns jornais, quase não vale a pena escrever, e daí, provavelmente, a ausência de bons colaboradores. É que *as colunas que nos oferecem ficam nas páginas dos anúncios e os artigos saem impressos no menor tipo que existe na oficina*. Em outros, *ninguém se dá ao trabalho da revisão* e os escritos sobre o Espiritismo

---

<sup>156</sup> LOPES, Fábio Henrique. “O suicídio como perigo social e urbano. As teses médicas brasileiras”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Janeiro/Março de 2008, p. 101. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb2008numero0438.pdf> Último acesso em 1º de Maio de 2014. Grifos meus. Sobre Florival Seraine, ver: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO E INSTITUTO FUNDAMENTAL. *Quem é Florival Alves Seraine?*. Disponível em: <http://florivalalves.blogspot.com.br/2011/05/quem-e-florival-alves-seraine.html> Último acesso em 23 de Abril de 2014. Ainda hoje a divulgação dos casos de suicídio geram polêmicas no âmbito dos órgãos de imprensa e essa discussão interna é influenciada ou pautada pela atuação e reflexões oriundas da Medicina. Segundo Carolina Pompeo Grado, a Organização Mundial de Saúde (OMS) “lançou em 2000, através de um programa de prevenção do suicídio, o *Supre*, uma série de manuais (...) dentre eles está o ‘Manual para profissionais da mídia’”. De acordo com o manual, “*devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídios usados do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos, etc. – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade*”. GRADO, Carolina Pompeo. *O suicídio na pauta jornalística*. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o-suicidio-na-pauta-jornalistica> Último acesso em 23 de Abril de 2014. Agradeço à historiadora Magali Gouveia Engel a indicação sobre essa discussão no campo da Medicina.

<sup>157</sup> “248 - Luiz Pinto de Carvalho”. Disponível em: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/248-luiz-pinto-de-carvalho.html> Último acesso em 13 de Dezembro de 2013.

saem tão deformados e incompreensíveis, que mais valia não se haver escrito nada. Como quer que seja, *a matéria é sempre tratada por espírita militantes* e, por consequência, tida como suspeita, tornando-se, além de suspeita, pouco atraente, si é firmada por um nome apagado como o nosso.<sup>158</sup>

Ao que parece, Carlos Imbassahy considerava que os espíritas aproveitavam mal o espaço que dispunham nas páginas dos jornais diários. O noticiário que muitas vezes traziam era o das atividades das instituições espíritas da cidade. Os responsáveis pelas colunas demandavam isso dos espíritas. Abriam-lhes a possibilidade de terem seus eventos doutrinários anunciados ali, como demonstramos acima. Poderia ser pouco interessante para um espírita com alguns anos de militância doutrinária, conhecedor dos princípios fundamentais do Espiritismo, mas o seria para os iniciantes na doutrina? E aqueles que gostariam de conhecer, mas não sabiam onde encontrar uma instituição? Poderiam, muito bem, localizar alguma que fosse próxima de sua residência ou trabalho, a partir desse noticiário de atividades. Por fim, a divulgação de atividades nas páginas de um jornal diário seria útil para algum Centro Espírita que não tivesse periódico, como o Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor, então em Santa Tereza, que desejava dar “*ampla publicidade aos atos do Grupo, pelos jornais desta capital que mantém colunas destinadas à nossa doutrina*”<sup>159</sup>.

Carlos Imbassahy critica, ainda, o espaço que os espíritas recebiam nos jornais. Seriam, a seu ver, mal localizados – na página dos anúncios – e em letras pequenas, difíceis de ler. Sua crítica tem cabimento. A primeira coluna da FEB no *Correio da Manhã*, publicada em 28 de Novembro de 1917, ficava na página quatro, no canto superior direito da página. Era a última página com notícias, muitas delas pequenas notas. Saiu com certo destaque, ainda que entre as últimas. A do dia seguinte já estava no meio da página quatro, a primeira com anúncios. E essa passou a ser a tônica. Ora no meio de anúncios, ora no meio de notícias curtas. “Questões espíritas”, coluna de curta duração de Vianna de Carvalho no mesmo jornal, quando começou, em 24 de Novembro de 1912, situava-se no canto superior esquerdo da página dois, com destaque. Em 7 de Janeiro de 1914, quando se publicou a última, o canto inferior da página dois era ocupado pela relação de missas do dia. Foi publicada na página quatro, a que iniciava os anúncios. No que respeita ao tamanho das letras, que eram pequenas, seguia o tamanho padrão dos demais textos do jornal, o que demandaria um esforço maior dos seus leitores e, muito provavelmente, deveria cansar ou causar dificuldades àqueles não

---

<sup>158</sup> IMBASSAHY, Carlos. “Com licença”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Março de 1937, p. 114. Grifos meus.

<sup>159</sup> GRUPO DE CARIDADE DEUS, LUZ E AMOR. *Ata de Reunião de Diretoria*. Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1938, p. 7.

habituaados a leituras<sup>160</sup>. Esses dois exemplos dão a tônica de como os espíritas figuraram nas páginas do *Correio da Manhã*. Uma alternância entre momentos de relativo destaque, geralmente no início da participação, e outros com menos evidência.

No *Diário Carioca*, o espaço reservado aos espíritas em Fevereiro de 1930 era na mesma página que o dos católicos, na metade final do jornal, nas colunas sociais. Termina minúscula, em Agosto de 1937, “perdida” ao final da página quinze, de noticiário. A coluna “Gazeta Psychica”, do *Gazeta de Notícias*, começa no centro da página quatro, em meio ao noticiário, em 8 de Março de 1920. Há momentos em que a participação dos espíritas neste jornal é maior, onde a coluna é mais intensa, trazendo mais conteúdo. Em Janeiro de 1929, por exemplo, a coluna, agora chamada “Espiritismo” e dentro de “Vários Cultos”, está maior, mas ainda pelas páginas finais do jornal. “Tribuna Espírita”, coluna do *Diário de Notícias*, de 20 de Janeiro de 1932, começa no alto da página onze, no final do jornal. Seis dias depois, está entre a coluna social e o noticiário sobre teatro. “Assumptos Psychicos”, também neste jornal, situava-se no final do primeiro suplemento, destinado a artes, letras e variedades. “Registro Espírita”, de *A Batalha*, também figura na página das colunas sociais. Os espíritas desejavam ocupar as páginas dos jornais diários, mas gostariam de ter maior destaque.

Quanto à revisão dos textos publicados nestas colunas espíritas, que, de acordo com Carlos Imbassahy, saíam com problemas que os tornavam quase ininteligíveis, quem a poderia fazer? Os próprios funcionários do jornal, revisores de texto, a fim de verificar erros gramaticais e de concordância? Ou alguém que detivesse conhecimento doutrinário, para analisar o conteúdo e sua ordenação? Será que ele sugere que os responsáveis pelas colunas espíritas – espíritas também – não faziam essa revisão por falta de capacidade para tanto, acabando, por fim, reproduzir ideias confusas ou errôneas?

E qual o problema da matéria tratada nas colunas espíritas serem assinadas por adeptos do Espiritismo? Quantas vezes o próprio Carlos Imbassahy escreveu artigos para jornais? Não acreditava na eficácia dos seus confrades na imprensa? Então, por que ele mesmo escrevia? Os espíritas da FEB reclamaram, como vimos acima, que as colunas ficavam nas mãos de pessoas despreparadas para tanto, sem conhecimentos doutrinários necessários à condução da

---

<sup>160</sup> “O primeiro nível no qual é possível encontrar marcas que remetem ao universo cultural do popular é o da organização material do texto: os dispositivos de composição tipográfica. A esse respeito, a primeira tipologia que encontramos é a de letra grande, clara e espaçada, isto é, aquela que corresponde a “leitores para os quais a leitura supõe um esforço, uma tensão maior do que para outros leitores mais experientes, e que encontram nos brancos do texto algum descanso, momentâneo mais confortável para a vista [...], sendo leitores que não desfrutavam de condições de iluminação adequadas (de dia ou de noite), e nestes casos uma tipologia de corpo generoso ajuda muito”. ” MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 185.

tarefa. O *Correio da Manhã*, através de Frederico Fígner, procurou a FEB em 1917 para que esta assumisse, em suas páginas, uma coluna. Cogitaram, mesmo, em 1930, pagar por um espaço num jornal diário para terem uma coluna, reconhecendo, na ocasião, os limites do seu órgão oficial, o *Reformador*. Em Julho de 1936, o jornal de Edmundo Bittencourt ofereceu, novamente, à FEB, uma coluna, que foi assumida por Luiz Autuori. Será que ele achou isso tudo negativo? Para a FEB, escrever sobre Espiritismo devia ser tarefa daquele que tivesse conhecimento doutrinário para tanto. Para Carlos Imbassahy, naquele momento, isso parecia ser negativo, porque aos olhos do público poderia parecer falta de isenção, afinal, seria razoável supor que os espíritas defenderiam o ponto de vista da Doutrina Espírita. Parece que considerava importante alguma legitimidade externa aos quadros espíritas. O médico Pinto de Carvalho, escrevendo da Bahia, sem ser militante espírita, porém demonstrando conhecimentos a respeito da sobrevivência da alma ao fenômeno da morte, endossaria o discurso dos espíritas, daí o entusiasmo do espírita da FEB. Por fim, os espíritas, compreendiam a Doutrina Espírita também como ciência. Allan Kardec, na introdução de “O Livro dos Espíritos” diz que *“a ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica outra, relativa às manifestações inteligentes”*<sup>161</sup>. Em “O que é o Espiritismo”, também de sua autoria, diz que *“o Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos espíritos, e das suas relações com o mundo corporal”*<sup>162</sup>. Era bastante comum ver artigos de espíritas citando cientistas e estudiosos

---

<sup>161</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, op. cit., p. 46.

<sup>162</sup> KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: CELD, 2008, p. 10. Disponível em: [http://www.celd.org.br/downloads/livros/o\\_que\\_e\\_o\\_espiritismo.pdf](http://www.celd.org.br/downloads/livros/o_que_e_o_espiritismo.pdf) Último acesso em 14 de Novembro de 2013. As ideias do Positivismo do filósofo francês Auguste Comte podem ter facilitado, para alguns, a aceitação do Espiritismo no Brasil. Allan Kardec, em “O Que é o Espiritismo” diz que *“é precisamente o positivismo do século que nos faz adotar o Espiritismo, e que é a ele que se deve em parte a sua rápida propagação, e não, como pretendem alguns, a uma recrudescência do amor ao maravilhoso e ao sobrenatural”*. Entretanto, o Espiritismo iria além. *“O sobrenatural é o que está fora das leis da Natureza. O Positivismo não admite nada fora dessas leis, mas ele conhece todas elas? Em todos os tempos, os fenômenos cuja causa era desconhecida foram considerados sobrenaturais; cada nova lei descoberta pela Ciência tem recuado os limites do sobrenatural. Pois bem, o Espiritismo vem revelar uma lei segundo a qual a conversação com o espírito de um morto está baseada numa lei tão natural quanto a conversação que a eletricidade permite estabelecer entre duas pessoas que se encontram a quinhentas léguas de distância uma da outra, o mesmo ocorrendo com todos os outros fenômenos espíritas”*. Tanto o Espiritismo quanto o Positivismo apoiam-se numa perspectiva de progresso, além de buscarem o entendimento das leis que regem a vida. O método de Kardec para lidar com a fenomenologia espírita também se aproxima de Comte ao basear-se na observação. Para Comte, no entanto, seria impossível remontar às causas dos fenômenos, formulando assim um entendimento pleno a respeito deles. O indivíduo deveria *“preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e similitude”*. Kardec, por sua vez, na *Revista Espírita* de Dezembro de 1864, julgava poder chegar mais longe. *“Proceder com análise, estabelecer fatos para remontar às causas, proclamar o elemento espiritual, depois da constatação, tal é a sua maneira de agir, clara e sem rodeios; é a linha reta, a que deve ser o guia de todo espírita convicto”*. KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*, op. cit., p. 27. COMTE, Auguste. “Curso de Filosofia Positiva. II - Lei dos três estados: teológico, metafísico, positivo; características de cada um desses estados”. In: *Comte. Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 36 e 37. Disponível

européus que concordassem com suas opiniões. S. Figueiredo Leite, no *Reformador* de 16 de Julho de 1931, ao responder a um artigo de *O Globo* onde o jornal, segundo ele, esposaria as ideias do médico Xavier de Oliveira, expostas no livro “O Espiritismo e a Loucura”, onde a Doutrina Espírita seria a causa de vários desequilíbrios mentais, menciona alguns destes que teriam argumentado a favor das teses espíritas.

Irámos muito longe se transcrevêssemos, embora em resumo, as opiniões de todos, e, por isso, nos limitaremos a citar alguns nomes, cujas obras existem nas livrarias e bibliothecas para quem quiser compulsá-las: W. Crookes, Conan Doyle, Harvy Price, Zoelner, Hyslop, Richet, Geley, Wallace, V. Sardou, Elliot, F. Myers, Flammarion, Gregory, Oxon, Jose Laponi, médico do Papa Leão XIII.<sup>163</sup>

Os espíritas que ocupavam as páginas da imprensa doutrinária também se incomodavam com o noticiário que associaria a prática de crimes ou suicídios ao Espiritismo. Além disso, nestas ocasiões, vinculavam as práticas espíritas às das religiões afro-brasileiras. Ainda uma vez fora *O Globo* a participar do ocorrido. *Mundo Espírita* de 2 de Fevereiro de 1946, assim apresenta a ocorrência:

Noticiou a imprensa, *com retumbância e não menor escândalo*, a morte de uma infeliz criatura levada ao suicídio dentro de um “Centro Espírita” sugestionada pelo presidente do referido “Centro” onde se praticavam exóticas demonstrações espíritas sob impressionante ritual e estranhas formalidades. (...) *Quem leu os diversos órgãos da nossa imprensa que tornaram público a lamentável ocorrência, e desconhece o que seja o Espiritismo, tem o direito de supor que ele é pernicioso, amoral, contrário à razão e aos bons costumes, um caso de polícia, enfim, pelo que deve ser proibida a sua prática.* Para que assim não julguem os que Espiritismo não conhecem, *aqui deixamos o nosso veemente protesto no tocante a classificação dada pela nossa imprensa leiga ao ambiente onde se reúnem alguns adeptos das chamadas “Linhas de Terreiro” onde alguns espíritos podem baixar em ambientes preparados com fumaça, canto e o apreciado parati. O que se pratica entre ambientes tais, não é Espiritismo.* O lugar onde esse ambiente se estabelece, não é um “Centro Espírita”.<sup>164</sup>

A instituição chamava-se “Centro Espírita Coração de Jesus”, então localizada na Praça Tiradentes nº. 75, sobrado. Tem a designação “espírita” no seu nome. Duas possibilidades existem: a de que o responsável pela notícia não tivesse conhecimento doutrinário para distinguir o que seria ou não Espiritismo e tivesse feito a confusão, afinal, o Centro apresentava-se como “espírita”. Ou fez isso com a intenção real de associar a Doutrina Espírita aos cultos afro-brasileiros. Os espíritas que participavam da imprensa já vinham queixando-se do tratamento que recebiam de *O Globo*. É possível, então, que tenha sido intencional, porque além da associação que foi criticada pelos espíritas, queixam-se, também, do destaque negativo que empregaram ao noticiar o ocorrido. Além disso, aquela associação

---

em:[http://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/colecao\\_os\\_pensadores\\_auguste\\_comte\\_-\\_obra\\_e\\_vida.pdf](http://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/colecao_os_pensadores_auguste_comte_-_obra_e_vida.pdf)Último acesso em 19 de Abril de 2014. KARDEC, Allan. “O Sr. Jobard e os Médiuns Mercenários”. *Revista Espírita*. Paris, Dezembro de 1864, p. 497. Disponível em:<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1864.pdf>Último acesso em 19 de Abril de 2014.

<sup>163</sup> LEITE. S. Figueiredo. “Por que aumenta entre nós a loucura?”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Julho de 1931, p. 385.

<sup>164</sup> “Nosso protesto”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1946, capa.

(entre Espiritismo e cultos afro-brasileiros), somada a um caso doloroso, levaria aos que não conhecessem o Espiritismo uma ideia errada dele, a de que a doutrina seria socialmente nociva. E os espíritas não queriam atrair problemas com a Polícia, como ocorrera poucos anos antes com fechamento de instituições por questões de exigências policiais<sup>165</sup>.

*Mundo Espírita* faz questão de pontuar, para um público leigo, o que não seria o Espiritismo. Nele não haveria necessidade de uso de fumaças, cantos e bebidas alcoólicas, como a dizer a seus leitores que onde houvesse esses elementos, não haveria Espiritismo, ainda que espíritos aí se manifestassem. Foge as pretensões deste estudo, mas há que se refletir se muitos Centros das religiões afro-brasileiras se intitulam espíritas. O jornalista Leal de Souza, como vimos, considerava que existia relações entre eles. E nos estudos históricos, onde, muitas vezes, apenas dispomos de poucas informações dos Centros, como saber de suas práticas, para classificá-las? E mais! Não conta a definição que davam, de si mesmos, os praticantes das religiões afro-brasileiras? A autodefinição, para mim, é sintomática de que, a despeito de eventualmente não serem os espíritas dos sonhos dos homens da FEB ou da Liga Espírita do Brasil, se sentiam mais ligados ao Espiritismo que ao Catolicismo, à Umbanda ou ao Candomblé. Deveriam reunir, em suas práticas, quem sabe, elementos relacionados ao Espiritismo – leitura de algum livro espírita ou mesmo a manifestação de espíritos – com práticas ligadas a outras crenças religiosas, mas não deixavam de sentirem-se espíritas. É possível, também, que alguns umbandistas buscassem aproximar-se do Espiritismo a fim de descolarem sua imagem do Candomblé, para não serem confundidos com adeptos deste segmento das religiões afro-brasileiras. Leopoldo Machado negava a proximidade do Espiritismo com os cultos afro-brasileiros. Comentando o artigo 157 do Código Penal de 1890 diz que ele

*Não póde se referir ao Espiritismo (...) mas ao baixo espiritismo ou a macumba, que nada tem a ver com o Espiritismo puro. Que nada aquele artigo tem a ver conosco, de vez que a macumba serve-se de imagens e santos; de incensórios e de aspensão de água benta; de rosários e amuletos; de velas acesas e promessas aos santos; de preces cantadas e amuletos, além de ser ela, a macumba, procurada somente por gente católica. E os pais de santo, como os sacerdotes católicos, se fazem pagar dos serviços espirituais que prestam. E no Espiritismo, dá-se de graça o que de graça se recebe; não há nenhuma das bugingangas acima... Poderá dizer o mesmo a Igreja Católica Apostólica Romana?*<sup>166</sup>

Para afastá-los do Espiritismo, aproxima-os do Catolicismo, buscando as semelhanças rituais oriundas das apropriações realizadas pelos cultos afro-brasileiros. Mas ao considerar a existência de um “Espiritismo puro”, pode fazer supor que existisse um “Espiritismo impuro”,

---

<sup>165</sup> Ver OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “Livres”, *porém perseguidos*, op. cit., capítulo 2.

<sup>166</sup> MACHADO, Leopoldo. *Sensacional Polêmica: da tribuna para a imprensa, do jornal para o livro*. Rio de Janeiro. Não consta editora. p. 62.

que poderia ser, muito bem, aquele que criticou. Além disso, segundo ele, seriam os católicos o público preferencial destes segmentos religiosos, muito provavelmente pelas semelhanças rituais e de ornamentos. Por fim, ainda menciona o fato de que pais de santo e padres recebiam pelas tarefas realizadas. Aproveitando o ensejo, afirma que no Espiritismo não haveria nada dos apetrechos que seriam comuns nas macumbas, além de não cobrarem o que realizavam nos Centros Espíritas. Para ele, a semelhança seria tanta que a macumba seria “*baixo-catolicismo e não baixo-espiritismo*”<sup>167</sup>. A primeira reflexão, escrita em 1936, no calor de uma polêmica com um sacerdote católico que comentarei adiante, devia ser, por ele e por outros, disseminadas nas atividades doutrinárias e públicas, em instituições espíritas e artigos para a imprensa leiga ou espírita. No entanto, essa circulação de ideias não teria bastado para impedir que em 1939 fosse fundada, segundo os espíritas da FEB, a Federação Espírita Brasileira Linha de Umbanda. Em Outubro de 1939, através do *Reformador*, defendem que a semelhança dos nomes seria causa de inconvenientes para a FEB. Porque o nome da entidade federativa de Umbanda era grande, achavam que muitos iriam referir-se a ela como “Federação Espírita”, o que poderia fazer com que a confundissem com a dos espíritas. Assim, tomaram a liberdade de oferecer aos umbandistas uma sugestão.

Não nos sendo, porém, licito admitir que os confrades que criaram essa entidade hajam propositadamente querido estabelecer uma confusão qualquer, *tomamos a liberdade de lhes indicar, caso façam questão absoluta da palavra “Federação”, o nome – Federação Linha de Ubanda, cuja curteza o torna muito preferível ao outro e no qual nem o adjetivo “espírita” se*

---

<sup>167</sup> MACHADO, Leopoldo. *Pigmeus contra gigantes*, op. cit., p. 42. Os espíritas com responsabilidades doutrinárias em federativas e/ou na imprensa espírita atormentavam-se com essas “confusões”, de pessoas autodeclaradas espíritas ou não, entre o Espiritismo e as religiões afro-brasileiras, mais especificamente à Umbanda. Eles investem na produção de diversos artigos e encontros com dirigentes de Centros Espíritas onde tentam demonstrar que não existem relações entre eles. Leopoldo Machado, para evitar essa associação, usou a estratégia de buscar semelhanças entre as religiões de matrizes africanas e o Catolicismo. Penso que, como hoje, a maioria das pessoas não vivenciava as religiões da maneira ortodoxa que alguns propagandistas esperavam, independente do credo. De acordo com o historiador Marcelo Camurça, o Catolicismo popular se caracterizaria pela devoção à figura dos Santos que deveriam velar por todos os aspectos da vida do crente. As historiadoras Maria da Conceição Silva e Allyne Chaveiro Farinha falam das benzedeiras, que tomariam para si uma prática dos padres “*com o objetivo de curar alguém de algum mal ou doença*”. Seria um exercício religioso voltado para questões mais próximas ao dia a dia do adepto, o que também deve desagradar os católicos mais ortodoxos. Em tempos onde a população carente tinha dificuldade de obter tratamentos de saúde – porque os particulares deviam ser caros e os públicos insuficientes –, curandeiros, benzedeiras e médiuns receiptistas foram alternativas possíveis para esse segmento da população. As receitas e os passes (transmissão de energias através das mãos combinada com a prece) costumavam ser gratuitos nos Centros Espíritas que acabavam, também, tendo que cuidar dos corpos para cativar e curar as almas dos encarnados que os procuravam. Estar ambientado com as vivências do Catolicismo popular no que respeita às curas deve ter facilitado a muitos a aceitação do Espiritismo ou, quando muito, a que recorressem a ele quando em necessidade. CAMURÇA, Marcelo. *Panorama religioso do Catolicismo e do Protestantismo no Brasil*. Disponível em: <http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc14.pdf> Último acesso em 21 de Abril de 2014. SILVA, Maria da Conceição; FARINHA, Allyne Chaveiro. *As benzedeiras e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedeira renovada*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf12/04.pdf> Último acesso em 21 de Abril de 2014. Sobre os encontros promovidos pela Liga Espírita do Brasil com dirigentes de Centros Espíritas, a fim de normatizarem as práticas doutrinárias, ver: “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1929, p. 5. Sobre os passes, ver: MELO, Jacob. *O passe: seu estudo, suas técnicas, sua prática*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.



faz mister, porquanto a expressão “Linha de Ubanda” não consente dúvida alguma sobre a natureza, o gênero ou a espécie da Associação que a traga em seu título.<sup>168</sup>

Porque, para eles assistia à FEB o direito de usar aquelas três palavras – “Federação”, “Espírita” e “Brasileira” – tanto por questões de antiguidade, já que era anterior à federativa dos umbandistas, bem como por consagração do uso, ou seja, já era socialmente conhecida como tal. Seu nome seria um “patrimônio moral”<sup>169</sup> de sua instituição, o qual, com a escrita do artigo, reafirmavam. Os espíritas da FEB queriam “vender” o nome “Federação” aos umbandistas que, ao que parece, queriam comprar, na verdade, o “Espírita”, que àqueles queriam preservar para si. E o interesse era claro: não serem os espíritas confundidos com os umbandistas. Vejamos: os jornais noticiam alguma ocorrência ruim que envolva os adeptos das religiões afro-brasileiras. Acorrem, então, os espíritas a dizer, através dos espaços que dispõem na imprensa diária ou mesmo em seus periódicos: “Isto não é Espiritismo. Eles não são espíritas porque usam rituais, incensos, imagens de santos, etc.”, mas daí surge uma federativa de umbanda que se assume “espírita” ao invés de “católica”. Para desespero dos espíritas da FEB e aqueles ligados ao *Mundo Espírita*, os umbandistas se sentem mais próximos deles que dos católicos. Dois anos depois, em Novembro de 1941, Alfredo D’Alcantara, numa conferência sua na FEB que foi transcrita pelo *Reformador*, demonstra, ainda, o desconforto com a situação. Ao referir-se a federativa dos umbandistas, questiona: “Porque espírita? Será que essa entidade coletiva patrocina a apresentação de Umbanda como modalidade do Espiritismo? Mas, este não tem modalidades! É simplesmente “Espiritismo” e nada tem de comum com quaisquer seitas religiosas”<sup>170</sup>. O Espiritismo seria único e não poderia ser confundido de maneira alguma. Atualmente, a entidade chama-se “União Espiritista de Umbanda do Brasil”<sup>171</sup> e, ao que parece, dado que a expressão “espiritista” que, assim como “espírita”, foi cunhada por Allan Kardec, continua sentindo-se mais próxima dos espíritas que dos católicos.

A FEB, que se sentiu incomodada com a aproximação dos umbandistas, modificou seu ponto de vista com relação a eles e aos espíritas que não eram “tão espíritas” assim. Em Fevereiro de 1945, o *Reformador* assinala que o movimento de procura de Centros Espíritas desejosos de se tornarem adesos à FEB havia aumentado nos últimos dois anos. Em tempos

---

<sup>168</sup> “Em resguardo de um patrimônio”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Outubro de 1939, p. 341. Grifos meus.

<sup>169</sup> Idem.

<sup>170</sup> D’ALCANTARA, Alfredo. “O que é Umbanda?”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Novembro de 1941, p. 313. Não obtive informações a respeito do autor.

<sup>171</sup> CONGREGAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL. *União Espiritista de Umbanda do Brasil – Casa Mãe da Umbanda – Pedre ajuda*. Disponível em: <http://www.ceubrio.com.br/textos-e-artigos/34-uniao-espiritista-de-umbanda-do-brasil-casa-mater-da-umbanda-pede-ajuda> Último acesso em 20 de Novembro de 2013.

de Portarias Policiais que criavam sérios embaraços às atividades dos espíritas, filiar-se à FEB ou à Liga Espírita do Brasil, que contavam com Assistência Judiciária gratuita para os espíritas e suas instituições, poderia ser uma garantia de contar com um auxílio precioso naquele período difícil. Entretanto, dos 168 pedidos de adesão que a FEB recebeu naquele período (dois anos),

poucos foram, infelizmente, os que conseguira ver aprovados os seus requerimentos, visto que *a maioria não conseguiu preencher as exigências do nosso Regulamento de Adesão, que pede o cumprimento integral das recomendações que os Espíritos transmitiram a Allan Kardec.*<sup>172</sup>

Dessa forma, muitos Centros que se declaravam espíritas porque se sentiam enquanto tais, no entendimento da federativa mantinham práticas em desacordo com as recomendações contidas nas obras de Allan Kardec e, por esta razão, foram impedidos de pertencer aos quadros da FEB.

A Liga Espírita do Brasil, tida, em suas origens por “eclética” pelos espíritas da FEB por abrir-se à participação de umbandistas no seu processo formador, durante o Congresso Constituinte Espírita Nacional de 1926, baixou, em 15 de Fevereiro de 1945, as “Instruções para a uniformidade da prática espírita”. Os Centros Espíritas a ela filiados teriam um mês para declararem sua concordância com as instruções.

*Naturalmente, as que não tiverem de acordo com as instruções em apreço, serão desagregadas da Liga, sem quebra, entretanto, do princípio de fraternidade. Deseja a Liga Espírita do Brasil unicamente “separar o joio do trigo”, evitando que à sombra de sua responsabilidade e sob o prestígio da doutrina codificada por Allan Kardec se realizem práticas contrárias às normas e princípios espíritas. Respeitando o livre arbítrio e as preferências de cada um, cabe, todavia, a esta Liga homogeneizar a prática espírita entre suas agregadas, não permitindo quaisquer desvirtuamentos, por ignorância dos princípios fundamentais da doutrina.*<sup>173</sup>

Assim, mais uma vez a Liga Espírita do Brasil enfatiza a sua opinião pela necessidade da uniformização das práticas espíritas, baixando instruções com efeitos de regras que deveriam ser observadas sob pena de desligamento dos Centros Espíritas que discordassem. Os diretores da federativa devem ter percebido que, a despeito de alguns Centros Espíritas estarem filiados, não observavam as práticas doutrinárias de acordo com aquilo que

---

<sup>172</sup> “Movimento da Federação”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1945, p. 46. Grifos meus. “Para tornarem-se instituições adesas aos quadros da FEB, era exigido que tivessem estatutos de conformidade com os princípios da Doutrina Espírita e que contassem mais de seis meses de funcionamento regular, condição que poderia ser dispensada, a critério da Federação. Junto ao Requerimento, deveriam enviar um exemplar de seus estatutos, um do seu regimento interno, caso possuíssem e uma cópia da ata de reunião da assembléia geral dos sócios da instituição, onde estes deliberem pela adesão à FEB. No Regulamento de Adesão consta, igualmente, o objetivo de se executarem programas doutrinários uniformes. Isso implicou até na orientação de que, nos estatutos das instituições interessadas constasse que nos estudos filosóficos promovidos em reuniões públicas, fosse utilizado O Livro dos Espíritos e, de maneira opcional e complementar, O Céu e o Inferno, ambos de Allan Kardec. Nos estudos de natureza moral, propunham O Evangelho Segundo o Espiritismo, também de Kardec, ou Os Quatro Evangelhos, de Rouston. OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “Livres”, porém perseguidos, op. cit., p. 35.

<sup>173</sup> SOUTO, Aurino. “Instruções para a uniformidade da prática espírita”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Março de 1945, p. 2. Grifos meus.

esperavam, oferecendo a eles uma nova chance, intimidatória, para enquadrarem-se. Se desejassem prosseguir com suas práticas estranhas à leitura que os responsáveis pela Liga Espírita do Brasil faziam do Espiritismo, que o fizessem longe do guarda chuva da federativa. O investimento na uniformidade de práticas visaria, também, a defesa dos Centros Espíritas filiados de acusações das autoridades policiais, uma vez que consideravam que ela “possibilitará a ordem, o progresso e a estabilidade do Espiritismo Kardecista na sua grandiosa finalidade; Considerando que as presentes diretivas facilitarão, sobretudo, a missão fiscalizadora da Autoridade Pública (...)”<sup>174</sup>. Com a aceitação da uniformidade, esperavam que o Espiritismo “kardecista” pudesse alcançar pleno desenvolvimento, porque eliminaria dos Centros Espíritas práticas estranhas à doutrina, fazendo com que as autoridades que fiscalizavam e reprimiam as atividades dos espíritas tivessem elementos para discernir os espíritas “de verdade” daqueles que tomavam emprestado elementos rituais de outras religiões e eventualmente cobrassem por suas práticas e que deveriam, por isso, ser reprimidos. Interessante notar que o rigor para enquadrar os Centros Espíritas e delimitar o que era ou não Espiritismo, faz com que os responsáveis pela Liga Espírita do Brasil falem em “Espiritismo kardecista”, como se para eles existissem outros Espiritismos, os “de linha” ou de “Umbanda”, quem sabe, até considerando outras religiões “mediúnicas”, como o Candomblé. E as instruções da Liga Espírita do Brasil pela uniformidade de práticas doutrinárias geraram efeitos, já que oito Centros Espíritas da Capital deixaram seu quadro federativo<sup>175</sup>.

A FEB, por sua vez, aplaude a iniciativa da Liga Espírita do Brasil. Em Março de 1945, no mesmo mês em que foram divulgadas as “Instruções para a uniformidade da prática espírita”, o *Reformador* celebra o feito.

*Essa notícia nos é muito grata, porque foi isso exatamente que a Federação fez há mais de trinta anos criando o REGULAMENTO DE ADESÃO das Sociedades Espíritas (...) de sorte a separar o joio do trigo, como acentuou ser do seu desejo o nosso distinto confrade presidente da Liga (...).*<sup>176</sup>

Veja-se que a FEB também considera os Centros Espíritas que não mantinham práticas espíritas “puras” como o “joio” que deveria ser separado do trigo. Interessante que na parábola

---

<sup>174</sup> Idem. A FEB tinha o mesmo entendimento. Para ela, a uniformidade de práticas daria a certeza da falta de fundamento das ações repressivas que caíssem sobre os Centros Espíritas e ela aderia e lhe facilitaria a sua defesa. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Organização Federativa do Espiritismo*, op. cit., p. 39.

<sup>175</sup> O Centro Espírita Luz, Caridade e Amor (Estácio); o Centro Espírita João Batista (Méier); O Centro Espírita Isaac Lima (Campo Grande), o Centro Espírita Jorge Niemeyer e Daniel (Vila Isabel); a Tenda Espírita Augusto Furtado de Siqueira (Engenho Novo); o Centro Espírita Caminheiros da Verdade (Engenho Novo); o Centro Espírita Jesus, Deus e Tibiriçá (Vila Isabel) e a Assistência Espiritual Luz Consoladora (Riachuelo). CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil*, op. cit., p. 9, 18, 28, 34, 60, 64, 77 e 91 respectivamente.

<sup>176</sup> “Notícia auspiciosa”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Março de 1945, p. 71.

evangélica a que fazem referência (do joio e do trigo), o joio teria sido semeado no campo pelo inimigo de um homem que havia plantado boa semente. Depois de crescerem juntos, o joio foi colhido primeiro, amarrado e depois destinado à fogueira. A comparação não seria casual<sup>177</sup>. Entretanto, em Abril de 1945, a FEB parece interessar-se pelo “joio”. O *Reformador* daquele mês noticia uma reunião realizada nesta federativa onde seus diretores prestaram contas da reunião que tiveram com o ministro João Alberto, Chefe do Departamento Federal de Segurança Pública, que mandou publicar uma Portaria que cancelava a Portaria Policial 10.194, de 10 de Outubro de 1943, que criava embaraços para os Centros Espíritas realizarem suas atividades. Na mesma ocasião, apresentam o regulamento das sociedades coligadas, pensando nos

*pequeninos e humildes grupos* constituídos de criaturas cheias de boa vontade e de amor cristão, mas *que desconhecem por completo as obras básicas do Espiritismo*, obras essas que lhes iremos levar, afim de que possam, com o conhecimento delas, *desenvolver sua capacidade de trabalho e potencial mediúnico*, sempre em benefício do próximo, da coletividade, do aceleramento do progresso do Planeta.<sup>178</sup>

Dessa forma, a FEB procurava atrair, para seu círculo de influência, os Centros que não eram tão espíritas assim, ou mesmo aqueles declaradamente de Umbanda. Em Maio de 1945, pelo *Reformador*, declaram que foram procurados por grupos ou partidos “*exclusivamente kardecistas; b) o conhecido pelo nome de – Ubandistas; c) – o que aceita Kardec, Roustaing e outros autores*”<sup>179</sup>. Curiosamente, a medida da FEB, de trazer estes Centros – espíritas, nem tão espíritas assim ou declaradamente umbandistas – se dá num momento onde a Liga Espírita do Brasil tenta afastar-se em definitivo dos Centros que mantinham práticas em desacordo com o “Espiritismo kardecista”, conforme expressão que usaram, afastamento esse que resultou no desligamento de alguns Centros vinculados à Liga Espírita do Brasil que poderiam ser captados pela FEB, a mesma que no mês anterior exaltou a iniciativa da federativa concorrente no endurecimento que adotou. Acreditavam que, mediante a influência que poderiam exercer sobre eles, pudessem reformar suas práticas em desacordo com aquelas normas observadas nas obras de Allan Kardec, “espiritizando-as”. Destaco, também, o diagnóstico que os espíritas da FEB faziam da situação: estes “pequeninos e humildes grupos” assumiam práticas estranhas em razão da ignorância dos postulados espíritas contidos nas obras básicas do Espiritismo. Tão logo tivessem contato com

<sup>177</sup> Mateus, 13: 24 – 30. BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*, op. cit., p. 1256.

<sup>178</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1945, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1944 a 30 de Junho de 1945”. *Reformador*, op. cit., p. 192. Grifos meus. Sobre a Portaria Policial, ver: OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “*Livres*”, *porém perseguidos*, op. cit., p. 106 a 108.

<sup>179</sup> “Sociedades Coligadas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1945, p. 110.

a “verdade”, teriam ferramentas para potencializar sua capacidade de trabalho em suas instituições.

Em 7 de Setembro de 1946, *Mundo Espírita* diz que alguns jornais aproximam-se dos espíritas de forma interesseira. Querendo fazer sensacionalismo, alguns deles os procurariam para fazer reportagens e entrevistas, porém não gostariam de publicar artigos doutrinários. Os jornais estariam atrás de fatos curiosos, exóticos mesmo, unicamente com interesses jornalísticos. Isso, segundo *Mundo Espírita*, poderia trazer vantagens para o jornal, não para os espíritas.

Vejamos o critério de alguns jornais em relação ao Espiritismo: *quando se trata de escândalo, de coisas que não pertencem à doutrina mas que aparecem sob a designação imprópria de “fatos espíritas”, esses jornais abrem colunas, na primeira página, com o maior destaque; quando alguém quer escrever uma série de artigos para explicar, o que muita gente não sabe acerca do Espiritismo, vem logo a desculpa de que não há espaço, de que a orientação do jornal não comporta certos assuntos, etc.* Então, não se deve baratear o Espiritismo. Já que o jornal A ou B quer fazer reportagem berrante, mas não quer publicar uma seção doutrinária para se difundir o Espiritismo, *o que se deve fazer é não atender a solicitação nesse sentido.* O Espiritismo é uma doutrina que se impõe por si mesma.<sup>180</sup>

*Mundo Espírita* queixava-se que os jornais noticiavam, com estardalhaço, escândalos ou fatos que, a seu ver, não teriam relações com a Doutrina Espírita, nos moldes do que criticara em Fevereiro do mesmo ano. Quando, por outro lado, os espíritas demandavam escrever, muitas vezes até prestando esclarecimentos relacionados a esse tipo de publicações, encontrariam as portas fechadas por diferentes razões, dentre as quais a falta de espaço e a orientação do jornal. Assim, os espíritas não deveriam atender a estes periódicos quando solicitados. É como que estabelecer, com a imprensa, uma relação de reciprocidade. Se ajudassem aos espíritas, receberiam destes apoio, do contrário não. O Espiritismo, para eles, teria força suficiente para impor-se pela sua própria força, era o que os espíritas vinculados à imprensa acreditavam. Marcos D’Avila, em 1926, vinte anos antes, como vimos acima, já apresentava a mesma contrariedade com relação à imprensa.

*Gazeta de Notícias*, na opinião dos espíritas, seria católico e, no entanto, ofereceu suas páginas a eles. No entanto, outros jornais que consideravam ligados à religião hegemônica não tiveram a mesma postura. Em 18 de Maio de 1936, Leopoldo Machado debateu com o padre holandês Jacob Slater no “Filhos de Iguassú F. Clube”. Segundo ele, o farto noticiário do evento foi irradiado a partir de *O Globo* e *Diário da Noite*<sup>181</sup>. O padre, após o encontro, enviara carta ao jornal *A Noite* onde defenderia seu ponto de vista.

Extranhavel se nos afigurou o jornal, que lhe publicou a carta, *negar-se a publicar a nossa resposta*, que lhe foi enviada no dia seguinte, 9 de junho. Publicou-a somente “de acôrdo com a

<sup>180</sup> “Propaganda inconveniente”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 7 de Setembro de 1946, p. 2. Grifos meus.

<sup>181</sup> MACHADO, Leopoldo. *Sensacional Polemica*, op. cit., p. 8.

sua praxe e encerrando a polemica”, tal como disse a 19. Praxe, que não seria, desta vez, seguida, *se não fosse a gentileza de “A Nota”, publicando, a 17, a nossa carta ao reverendo, com a explicação no cabeçalho: “porque “A Noite” tendo publicado o artigo do reverendo, negou acolhimento á defesa”*. Como tudo acontece, á Pangloss, pelo melhor, resultou que o ilustre reverendo, ao envez de uma só resposta, leu duas...<sup>182</sup>

A *Noite* fora acusada pelos espíritas de ter orientação católica poucos meses depois do ocorrido, em Outubro. Segundo Leopoldo Machado, não fosse a atitude de *A Nota* publicando sua carta em 17 de Maio e fazendo ressaltar que *A Noite* não o fizera, este jornal não a teria publicado dois dias depois. E em *A Nota* os espíritas tinham acolhida com Leal de Souza, como vimos. Ainda no bojo desta disputa, segundo o polemista espírita, no dia seguinte ao encontro, ele fora procurado por um representante de *O Globo* a fim de que ele lhe desse, por escrito, o que falara no encontro com o padre. Responde-lhe, então, que falara de improviso e, por isso, seria impossível de atender-lhe à solicitação. Ainda segundo Leopoldo Machado, pouco antes, o representante do jornal estivera com o padre com o mesmo objetivo, no que fora atendido. “*Se, porém, sua revma. lhe deu, para publicar, as suas razões, queremos o direito de ajustar-lhe as respostas necessárias*”<sup>183</sup>, respondeu-lhe. Teria solicitado, então, os escritos do padre, ao que o representante de *O Globo* consentiu. De posse destes, formulou sua resposta. *O Globo*, também acusado pelos espíritas de simpático ao Catolicismo, não a publicou integralmente, apenas uma súmula. *Mundo Espírita* o fez, em edições sucessivas<sup>184</sup>. Se não encontravam acolhida no meio de imprensa que consideravam hostil (e muitas vezes o era), recorriam àqueles que lhes eram simpáticos, na imprensa diária ou espírita.

*Gazeta de Notícias*, bem vista pelos espíritas, publicou em 30 de Junho de 1929 um artigo intitulado “Respondam, senhores espíritas”, de Jorge de Lacerda. Na ocasião, narra uma dúvida que lhe surgiu a partir de uma conversa com um espírita da cidade de Capivari que este não soubera responder-lhe. Sua pergunta girava em torno do fato de espíritos incitarem os homens à prática do mau.

*Dou a palavra áquelle que se julgar mais entendido no assumpto, uma vez que os mais que tenho procurado nada de melhor adiantaram que satisfizesse á minha curiosidade de christão que se pretende poder ainda alcançar na religião alheia as graças que lhe tem faltado na sua própria. Lanço, pois, o meu apello, a todo aquelle que possa estabelecer a verdadeira*

<sup>182</sup> Idem, p. 10. Grifos meus.

<sup>183</sup> Idem, p. 36.

<sup>184</sup> Idem, p. 37. O jornal *O Globo* foi fundado por Irineu Marinho, que se afastou do jornal *A Noite*, em 29 de Julho de 1925, e mantém circulação até a atualidade nas versões impressa e pela internet. Seu fundador, juntamente com Herbert Moses e Justo de Moraes, pretendia montar um jornal que “*renovasse os padrões dominantes na imprensa carioca*”. De acordo com Irineu Marinho, o jornal seria independente e se dedicaria “*à defesa das causas populares que nos empolgaram e nos dominam há bem mais de duas décadas*”. Não pesquisei seu acervo pela falta de tempo e de interesse em ser assinante deste periódico, uma vez que seu acervo digitalizado está online, porém de acesso restrito aos seus assinantes. As referências que aparecem ao periódico no trabalho, como se nota, são indiretas, formuladas por espíritas no *Reformador*, *Mundo Espírita* e em livro de Leopoldo Machado. LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. *O Globo*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 23 de Abril de 2014.

*diferença entre a religião católica e espírita, comprovando a sua veracidade. Qual dellas se impõe á nossa crença e por quais os motivos: qual delas é a mais verdadeira.*<sup>185</sup>

O desafio foi lançado aos espíritas. Imagine a repercussão que poderia ter nos meios espíritas e, principalmente, junto ao público leigo, uma conversão em público, a partir de um artigo de jornal... Os espíritas da Liga Espírita do Brasil, através de seu órgão oficial, procuram responder num artigo publicado na edição de Agosto de 1929 da *Revista Espírita do Brasil*. No entanto, ao final dele, numa nota, consta que “*esta chronica foi remetida a redação da Gazeta de Notícias, que não a publicou*”<sup>186</sup>. Não mencionam, também, se Jorge de Lacerda comentara a resposta da federativa. Parece que não convenceram ou faltou interesse do jornal na publicação da mesma. Devem ter remetido em meados de Julho do mesmo ano, sendo que, como não obtiveram retorno, resolveram publicar em sua própria revista em Agosto. Aliás, pode-se notar que os espíritas da Liga Espírita do Brasil não usaram a *Revista Espírita do Brasil* para criticar a imprensa como os da FEB. *Mundo Espírita*, por outro lado, que reunia um ex-presidente da entidade federativa e tinha em comum seu secretário, Deolindo Amorim, atacou a imprensa quando julgou necessário, principalmente nos casos onde escândalos ou instituições não espíritas (mas que poderiam se considerar como tais) eram associados ao Espiritismo. Os espíritas da FEB confrontavam mais a imprensa diária quando se sentiam prejudicados pela falta de espaço nas páginas destes jornais. E quando este espaço era conseguido, queixavam-se da qualidade daqueles que o tinham sob responsabilidade, tentando, quem sabe, “vender” a estes jornais um “padrão FEB de qualidade”, ainda que tivessem dificuldades em arregimentar trabalhadores para a tarefa. Se não podiam destacar alguém para tal, tentavam influenciar os que aí escreviam.

## **2.6 – Outras impressões sobre os espíritas na imprensa diária**

Alguém poderia dizer que os espíritas da FEB passaram a taxar *A Noite* de simpática ao Catolicismo depois do tratamento diferenciado oferecido a Leopoldo Machado na polêmica que se envolveu com o padre. Seria uma possibilidade razoável. No entanto, muito antes disso, em 17 de Outubro de 1913, em matéria de capa, com grande destaque, este jornal noticiou que um de seus redatores conseguiu uma receita mediúnica para uma doente imaginária na sede da federativa. O responsável pela matéria começa contemporizando, dizendo que já tivera seu filho doente e, como este demorasse a melhorar, por indicação de um amigo recorreu Espiritismo. O médium teria lhe dado a receita e o diagnóstico, que

---

<sup>185</sup> LACERDA, Jorge. “Respondam, senhores espíritas”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1929, p. 9. Grifos meus. Não consegui informações sobre o autor.

<sup>186</sup> “Os espíritas respondem”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Agosto de 1929, p. 211.

segundo ele, coincidira com o que fora formulado pelos médicos que acompanhavam o caso, mas ainda assim, não sentiu confiança em dar a ele os medicamentos prescritos. Reitera, também, o desinteresse da maior parte dos médiuns, que não receberiam pagamento para o desenvolvimento de suas atividades, além de exaltar a FEB, que atenderia durante todo o dia, fornecendo receitas e, mesmo, medicamentos a quem necessitasse. No entanto, resolveu fazer a experiência de criar uma paciente fictícia para testar a eficácia do receituário mediúnico da instituição e, na tarde do mesmo dia, retirou a receita. Para ele, “*si fosse o doente uma creatura inexistente, absolutamente fantasmática, parece aos leigos nas doutrinas de Allan Kardec que o embuste deveria ser promptamente descoberto*”<sup>187</sup>. No dia seguinte, *A Noite* publica a carta de um espírita – não na primeira página – que lhes oferece os dois primeiros livros de Allan Kardec, a saber: “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”. A partir da leitura destes, compreenderia o que ocorrera no caso da receita para o paciente imaginário. O redator contesta afirmando que

é bem possível que tudo isso, que parece aos leigos absurdo, seja cousa muito lisa e correcta em face das doutrinas espíritas. Cairemos então fatalmente na hypothese, que aventamos ontem, *de ser a fé o principal medicamento ministrado aos enfermos, sendo os segundos as doses de homeopathia, que podem não curar, mas também não matam*.<sup>188</sup>

Parece claro que a intenção do redator de *A Noite* é negar o fenômeno espírita. Os espíritas não curariam. A fé das pessoas operaria isso. Tanto seria verdade, para ele, que os Espíritos que fazem as receitas não poderiam ser enganados, como teriam sido, no caso de alguém criar um personagem fictício para obter os benefícios. Os Espíritos, se existissem, saberiam detectar a fraude. Se não o fizeram, não são reais.

Em 16 de Maio de 1914, algo mais grave e impactante. Ainda uma vez, um repórter ou redator do mesmo jornal inventa um paciente para o receituário mediúnico. Quis, segundo ele, “*experimentalmente a sinceridade da instituição que se encarrega da cura de milhares de indivíduos*”<sup>189</sup>. Teria repetido a operação alguns dias consecutivos até declarar, na FEB, que o paciente morrera e que seria difícil conseguir-lhe o atestado de óbito. O homem que o atende, Sr. Adolfo, que fazia a ligação entre o público e os médiuns, teria lhe entregado um envelope constando a causa mortis do paciente imaginário (tuberculose), recomendando-o que procurasse um médico que atendia em uma farmácia. Teria conseguido, com este, um atestado de óbito. Além disso, o médico ainda notificara a Saúde Pública quanto ao ocorrido. A FEB, segundo a matéria, é colocada no “pacote” das

<sup>187</sup> “O espiritismo receita até para doentes imaginários”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 17 de Outubro de 1913, capa.

<sup>188</sup> “O espiritismo receita até para doentes imaginários”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 18 de Outubro de 1913, p. 2. Grifos meus.

<sup>189</sup> “A Federação cura de olhos fechados e de olhos fechados despacha o cliente para o outro mundo”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1914, capa.



*agregiações que, com boas ou más intenções, acobertadas pela caridade, se mettem a praticar uma medicina mais que suspeita e perigosa, distribuindo, espalhando receitas a torto e a direito, e se encarregando exclusivamente de passar atestados de óbito na mais perfeita ignorância da “causa mortis” e burlando completamente as providências legislativas. Contra esse abuso, decerto, vão tomar as necessárias providências os poderes competentes.*<sup>190</sup>

Em 24 de Maio, entrevistam um advogado que diz que “*a prática do Espiritismo para curar moléstias é um crime. Neste ponto, o Código é claríssimo*”<sup>191</sup>. E a repressão às práticas dos espíritas é acionada pelo jornal e repercutida pelo advogado consultado. A FEB, então, que meses antes recebera palavras elogiosas do redator que conseguira as receitas, passa a uma instituição cujos interesses seriam ocultos e que, além de praticar uma medicina suspeita – e não mais inofensiva, como antes –, fornecia atestados de óbito sem verificação. Os adversários dos espíritas devem ter ficado satisfeitos. Os médicos que se incomodavam com o movimento do receituário mediúnico que, exatamente em 1914, alcançara sua maior marca com 624.800 receitas segundo Emerson Giumbelli<sup>192</sup>, devem ter aplaudido o jornal, assim como os católicos. Ainda segundo este autor, quem primeiro analisou o caso, “*articulistas do Jornal do Comércio e de O País (...) se posicionaram contra qualquer intervenção repressiva sobre os serviços da FEB*”<sup>193</sup>. Os espíritas da FEB não devem ter ficado nada satisfeitos com a repercussão que o jornal deu e, certamente, deveriam guardar as mágoas do episódio, sendo possível que, entre seus diretores e frequentadores mais próximos, a lembrança do ocorrido fosse cultivada. Não encontrei informações sobre o fato nas edições de *Reformador* de 1914. Ao público espírita, silenciaram. Silenciar, ou solicitar silêncio para casos públicos que pudessem trazer prejuízos para a imagem dos espíritas ou mesmo de algum espírita com notoriedade pública poderia ser uma prática. A FEB, em 1986, publicou o livro “*Testemunhos de Chico Xavier*”, de Suely Caldas Schubert. A obra traz a correspondência do famoso médium mineiro com Antonio Wantuil de Freitas, que presidiu a federativa por vários anos. Numa delas abordava-se o caso “*Humberto de Campos*”, onde a viúva do escritor estava demandando, na justiça, a própria FEB e o famoso médium, por conta de suas obras mediúnicas, assinadas pelo Espírito Humberto de Campos. Tratava-se de uma ação declaratória em torno da autenticidade ou falsidade dos livros escritos/recebidos pelo médium que traziam o nome do afamado escritor desencarnado. Declarando-se triste com companheiros espíritas que vinham à público criticá-lo, pelo episódio, Chico Xavier diz que

logo que houve o agravo da sentença (caso H. Campos), observando a agressividade de muitos, *escrevi mais de cinquenta cartas privadas e confidenciais, aos amigos da doutrina, com*

---

<sup>190</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>191</sup> PINTO, Alfredo. In: “É uma pratica funestíssima e que precisa de prompto paradeiro”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1914, capa.

<sup>192</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos*, op. cit., p. 295.

<sup>193</sup> Idem, p. 240.

*responsabilidades na imprensa espírita, rogando a eles me ajudarem, por amor de Jesus, com o silêncio e a prece e não com defesas precipitadas (...)*<sup>194</sup>

O médium mineiro, ao escrever, não diz de onde seriam os homens da imprensa espírita para os quais enviou cartas. Poderiam ser do Rio de Janeiro também, já que, naquele momento, na cidade, existiriam, ao menos, quatro periódicos espíritas, a saber: *Reformador*, *Revista Espírita do Brasil*, *Mundo Espírita* e *Aurora*. O médium mineiro não desejava que o assunto fosse repercutido de maneira agressiva pela imprensa. Quem sabe, isso o poderia, até, prejudicar na demanda judicial em que se envolvera, por eventuais declarações mais duras contra a família do famoso escritor desencarnado. Demonstraria, também, uma faceta menos evangélica dos próprios homens da imprensa espírita que, nas páginas da imprensa, espírita ou não, poderiam recomendar tolerância e amor aos inimigos, mas não o demonstrassem com atitudes frente àqueles que agrediam os espíritas por conta da demanda judicial. Questionado pelo processo e alvo do interesse público que o caso despertava, o médium poderia figurar como plagiador sob a cumplicidade da FEB. Por fim, o recurso à cartas aos homens da imprensa espírita solicitando moderação no tratamento de algum tema ou, mesmo, silêncio, pode ter sido usado por outros espíritas em outras situações.

Emerson Giumbelli, analisando as adjetivações em torno do Espiritismo pelos jornais, diz que

a partir da segunda metade da década de 1910, ficara convencionado nos meios jornalísticos não ser ‘falso’ o ‘espíritismo’ praticado pela FEB, mesmo quando aí surgisse algum tipo de irregularidade. Em contrapartida, pressupunha-se que existissem os ‘falsos’, ou seja, indivíduos ou grupos cujos fins não eram ‘humanitários’, nem ‘desinteressadas’ as suas intenções.<sup>195</sup>

Ou seja, segundo ele, quando as práticas não envolvessem interesses humanitários e não fossem desinteressadas, para a imprensa como um todo, não seriam espíritas, seriam do “falso Espiritismo”. No entanto, *A Noite*, ainda por algum tempo, manteve-se em postura agressiva contra os espíritas. Em 5 de Outubro de 1915, em matéria de capa, um repórter visita, acompanhado, uma residência modesta em Anchieta onde é atendido por uma médium. Num ambiente onde se misturam copos de vinho, velas, oratório com imagens, oferecem, para o repórter, a fim de que faça leituras preparatórias, um exemplar de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. A apresentação da matéria não faz distinções: “Uma seção espírita em Anchieta”. Em sua introdução, começa por dizer que com o jogo do bicho aconteceu o mesmo, começara discreto e, pouco a pouco, caíra no gosto popular. Com o que chamam “falso espiritismo” estaria ocorrendo fato semelhante, principalmente nas classes

---

<sup>194</sup> XAVIER, Francisco Cândido. *Carta de 23 de Novembro de 1944*. In: SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 32. Grifos meus.

<sup>195</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos*, op. cit., p. 240.

menos favorecidas. No entanto, se aqui o jornalista refere-se ao que assistira como “falso espiritismo”, pouco mais adiante, não faz essa distinção.

A reportagem que vimos de executar comprova a necessidade de os poderes públicos tomarem medidas severas, porque já não é pequeno o número de indivíduos que das sessões *denominadas espíritas* passam para o hospício. Aqui no Distrito Federal, principalmente nos subúrbios, *o espiritismo vae campeando com notável vigor*.<sup>196</sup>

Para mim, a alternância entre “falso espiritismo” e “espíritas” ou, simplesmente, “espiritismo” faz ver a vontade de confundir, de não distinguir o Espiritismo do dito “falso” Espiritismo. Parece-me que para torna-los sinônimos, para se fazer difícil a distinção. As sessões que levariam ao hospício seriam as denominadas espíritas e não as do falso Espiritismo. E o Espiritismo, e não o falso, iria campeando pela capital.

Em 22 de Abril de 1918 encontrei, em *A Noite*, uma nota dando conta de que dois operários, que estariam frequentando sessões espíritas, enlouqueceram e puseram-se a espancar-se, na fábrica onde trabalhavam, alegando que estariam retirando maus espíritos<sup>197</sup>. Depois disso, em suas páginas desaparecem as reportagens neste diapasão, dando lugar a alguma demonstração de interesse no assunto. Em 17 de Julho de 1920, publicam uma entrevista do cientista José Corrêa Rabello a respeito dos fenômenos provocados pelo médium Mirabelli<sup>198</sup>. Na oportunidade, se faz parecer que o médium poderia estar fraudando, não recusa que os fenômenos espíritas sejam impossíveis.

Para mim, o jornal *A Noite* deixou de atacar o Espiritismo e passou, de alguma forma, a interessar-se pelo assunto em função da presença de Leal de Souza que, poucos anos depois, em Dezembro de 1923, começou a publicar um inquérito a respeito de instituições nem sempre espíritas na cidade do Rio de Janeiro, conforme já mencionamos. Penso que, neste caso, sua presença pode ter concorrido para a mudança de postura do periódico. Quando se dera seu ingresso no jornal? Não consegui apurar, mas segundo seu biógrafo, chegara ao cargo de secretário de redação.

Emerson Giumbelli, quando trata da questão do “falso” ou “baixo” Espiritismo o faz a partir do inquérito de Leal de Souza nas páginas de *A Noite*. Segundo ele, nas entrevistas realizadas após o inquérito as perguntas propostas presumiriam que existiriam formas legítimas e ilegítimas de se praticar o Espiritismo<sup>199</sup>. Conforme já vimos, Leal de Souza, na ocasião que realizou o inquérito, conhecia pouco sobre a Umbanda. Falando de um Centro

<sup>196</sup> “Nos domínios do sortilégio”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1915, capa. Grifos meus.

<sup>197</sup> “Manias”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1918, p. 5.

<sup>198</sup> Sobre o médium paulista Carlos Mirabelli, ver: GARCIA, Marcos Paulo. *São Paulo - 450 anos , Carlos Mirabelli*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/carlos-mirabelli.html> Último acesso em 20 de Novembro de 2013.

<sup>199</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos*, op. cit., p. 242.

onde se praticaria o “baixo Espiritismo”, entendia que os trabalhos aí desenvolvidos tinham relações com o Espiritismo, porém, eram praticados por espíritas que não teriam suficientes conhecimentos doutrinários. Ao referir-se ao homem que presidia os trabalhos, diz que ele, “o agente da Prefeitura leu uma prece muito usada nas instituições espíritas, mas não a leu com a unção peculiar aos oradores do seu credo”<sup>200</sup>. Na leitura da prece, o presidente sem nome da instituição sem nome (porque ele não os identifica) não fizera como seus irmãos de credo: leu a prece sem unção, que estaria presente em outros dirigentes de reuniões, de outras instituições espíritas. Ao final da sessão descrita por ele, teria ocorrido uma manifestação mediúcnica de uma senhora que apenas assistia a reunião onde o Espírito manifestante chamaria a atenção dos médiuns para as suas altas responsabilidades e que seria grave fingir-se detentor de faculdades mediúnicas. Termina o discurso fazendo uma prece por aqueles que estavam ali, como médiuns. Comentando a ocorrência que de dera ao fim, Leal de Souza diz que “um legítimo espiritista diria que um espírito superior, descendo das altas esferas celestes, accendera uma luz piedosa para illuminar tantas almas ingênuas, afundadas na escuridão do baixo espiritismo”<sup>201</sup>. Ao encerrar o inquérito, diz que visitando as instituições e observando seus trabalhos, descreveu “os *methodos e os resultados das práticas espíritas*”<sup>202</sup> dos Centros visitados. Para ele, independente de serem do “alto” ou do “baixo”, eram práticas espíritas. Uma das instituições visitadas por ele foi a Tenda Nossa Senhora da Piedade<sup>203</sup> que, anos depois, passou a dirigir e que, segundo seu biógrafo, seria uma das tendas responsáveis pela formação e divulgação da Umbanda<sup>204</sup>. Curiosamente, mesmo nos ambientes não tão espíritas assim citados pelo jornal *A Noite* – o da residência do médium de Anchieta, em 1915, ou o Centro visitado por Leal de Souza em seu inquérito – a prática da leitura se fazia presente enquanto componente da reunião que desenvolviam, o primeiro com um exemplar de um livro de Allan Kardec e o segundo com um livro de preces.

Oito anos depois, agora no *Diário de Notícias*, na série de artigos que publicou aí, Leal de Souza diz que “a *Linha Branca de Umbanda e Demanda está perfeitamente enquadrada na doutrina de Allan Kardec e nos livros do grande codificador nada se encontra susceptível de condenal-a*”<sup>205</sup>. E passa, então, a analisar trechos de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, que concordariam com sua opinião. Parece-me que, no período do inquérito que

---

<sup>200</sup> SOUZA, Leal. “Caboclas de saias de seda”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 1924, capa.

<sup>201</sup> Idem.

<sup>202</sup> SOUZA, Leal. “Encerramento do inquérito da A Noite”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 21 de Maio de 1924, capa.

<sup>203</sup> TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Antonio Eliezer Leal de Souza*, op. cit., p. 71.

<sup>204</sup> Idem, p. 8.

<sup>205</sup> SOUZA, Leal. “O Kardecismo e a Linha Branca de Umbanda”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1932, segunda seção, p. 1.

realizou para *A Noite*, o jornalista travou seu primeiro contato com as instituições que se intitulavam espíritas. Ao fazê-lo, começou a buscar informações que o subsidiassem para além do que estaria presenciando nas reuniões que assistia, a fim de que pudesse compreender, minimamente, o que ali ocorria. Se ao final do inquérito parecia enxergar os Centros que tivessem uma prática mais presa a rituais, imagens, cânticos como praticantes de um Espiritismo ilegítimo, ignorantes das verdades espíritas que emanariam das obras de Kardec e da visão da FEB – consultada, na ocasião, na figura de seu presidente Leopoldo Cirne<sup>206</sup> -, menos de uma década depois reformula seu ponto de vista e não trata a Umbanda como “baixo Espiritismo” e sim como uma espécie de derivação da Doutrina Espírita, como uma forma de praticá-la. Em 22 de Outubro de 1937, em *A Nota*, diz que

No Brasil, terra de destinos cristãos, anunciados, através dos annos e das distancias, por todos os guias e arautos em missão terrena, *as duas divisões máximas do espiritismo não o dividem em campos oppostos, porque assentam na diferença de methodos mutuamente acatados e na unidade indissolúvel da doutrina*. Essas duas divisões, comportando, cada uma, minucias semelhantes a diversidade ritualísticas, *correspondem ás necessidades do meio brasileiro*, constituído de populações oriundas de todas as procedências raciaes, em períodos desiguais de desenvolvimento mental e cultura moral. (...) Por outro lado, a sua flexibilidade lhe permite *adaptar-se ao nível intellectual e ao grão de sentimento de todas as camadas sociaes, falando a cada grupo ou classe na linguagem conveniente ás suas possibilidades de comprehensão, e sabendo esperar, com a paciência da resignação, as lentas transformações de cada personalidade e de sua atmospherá*.<sup>207</sup>

Se na Umbanda são utilizados rituais, isso se deve às características das pessoas que a procuram, que sentem necessidades destes aparatos para suas crenças. Não seria possível, a seu ver, que o Espiritismo praticado nos meios letrados, exigente de leituras e estudos, fosse vivido pelas gentes do povo, por aqueles que não tivessem instrução. Como atender a quem não sabia ler? Como recomendar-lhe estudos doutrinários das obras de Kardec se mal tinham tempo para lutar pela sobrevivência e não tinham hábitos de leitura? As falas simples dos caboclos ou dos pretos velhos que se manifestariam nos Centros de Umbanda poderiam tocar, melhor, o coração de seus frequentadores. Rituais, cânticos e incensos seriam, apenas, metodologias de ação diferentes das adotadas pelo Espiritismo dos que eram das classes sociais mais favorecidas.

*Gazeta de Notícias*, que os espíritas consideravam um jornal de orientação católica, mas que lhes facultara espaço, em 5 de Janeiro de 1921 reclama que a Polícia defenderia os curandeiros. Teriam ficado sabendo na Saúde Pública que

A Inspectoria do Exercício da Medicina, tendo tido conhecimento de *que havia installado á rua Voluntários da Pátria n. 18 um consultório clandestino, onde um charlatão dava consultas ao mundo elegante da zona*, fez seguir para o local o médico do Departamento da Saúde

<sup>206</sup> SOUZA, Leal. “O espiritismo explicado por um espírita”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1924, capa.

<sup>207</sup> SOUZA, Leal. “A expansão do espiritismo”. *A Nota*. Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1937, p. 3.

Pública, Dr. Bonifácio Costa, que se achava acompanhado pelo commissário da polícia do 7º districto.<sup>208</sup>

Reconheceram o endereço? Sim, era onde funcionava *Aurora*, o jornal espírita de maior tiragem que encontrei, e o médium que ai atuava era Inácio Bittencourt, que fora diretor da FEB. O delegado não o teria autuado, para contrariedade do médico da Saúde Pública. Segundo a reportagem, o policial teria dito que o médium tinha licença da Polícia para fornecer receitas médicas e que seria da “Confederação Espírita Brasileira”. Queria dizer Federação Espírita Brasileira. *Gazeta de Notícias* parece assumir o argumento da Saúde Pública quando chama o médium de “charlatão”. “*Na Saúde Pública dizia-se que o delegado do 7º districto se recusou a lavrar o auto, pelo facto de se tratar de um “charlatão” muito prestigiado e garantido na zona por importantes figuras políticos*”<sup>209</sup>. Ora, ao chama-lo de charlatão, tanto o jornal quanto a Saúde Pública estão assumindo que Inácio Bittencourt retirava benefícios materiais do trabalho do receituário mediúnico. Os aparatos estatais – Polícia e Saúde Pública –, que naquele momento não tiveram posturas coincidentes frente ao caso, reconhecem que não se trata de qualquer um. A atividade pública do médium emprestou-lhe, ao que parece, alguma notoriedade, mas não o bastante para evitar que fosse visto como interesseiro pelo jornal. Colocam-lhe um rótulo – o de charlatão – que Emerson Giumbelli afirmara que pertenceria, somente, aos praticantes do “falso Espiritismo”. Verdadeiro ou falso, *Gazeta de Notícias* não se importa: é prejudicial e merece ser combatido pelas autoridades. Sua ligação com a entidade federativa, que poucos anos antes fora vice-presidente, não o isentara frente ao jornal. Dias depois, na Seção Livre do jornal, transcrevem um artigo de defesa ao médium que fora publicado no dia 7 de Janeiro daquele ano no *Jornal do Comércio*, assinado por A. Nogueira da Silva. Seria uma seção paga do jornal? Pode ser que sim.

Em 12 de Outubro de 1922 aparece, nas páginas de *Gazeta de Notícias*, uma coluna intitulada “Espiritismo”, mas que não era escrita por espíritas. Assinada, inicialmente, por Illis, em sua primeira coluna traz o relato de um pesquisador chamado Paulo Henzé que estaria em Paris “*á procura de um phenomeno de “materialisação”, que seja digno de ser sujeito á verificação da comissão da Sorbonne. Até agora só encontrou fraude, e sempre fraude*”<sup>210</sup>. Sua coluna saía sempre pelo meio da página dois, sem dia certo para ser publicada. Durante a fase inicial desta coluna, o jornal ofereceu o mesmo espaço para um

---

<sup>208</sup> “Combate aos charlatões. A polícia protege e defende os curandeiros”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1921, p. 4. Grifos meus.

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> FERRAZ JUNIOR, João Pedreira do Couto (ILLIS). “Espiritismo”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1922, p. 2.

espírita chamado W. Nelson – a quem não consegui identificar –, a fim de que este pudesse contestar a argumentação contrária ao Espiritismo projetada por Illis. Em 13 de Janeiro de 1923, respondendo ao espírita, Illis identifica-se como o engenheiro João Pedreira do Couto Ferraz Junior, católico e autor do periódico *O Espiritismo desmascarado*, além de colaborador da seção de notícias religiosas do *Jornal do Comércio*, “e que procura por todos os meios ao seu alcance combater o espiritismo e propagar a única verdade – o catholicismo”<sup>211</sup>. Tratava-se de um católico que objetivava invalidar o fenômeno mediúnico que é estudado pelo Espiritismo.

Dos meus estudos e observações cheguei á conclusão, que, fôra a inconsciência do “médium”, a sugestão e illusão dos assistentes e a fraude (consciente ou inconsciente), que entra por noventa por cento, *os poucos phenomenos “reaes” do espiritismo, isto é, obtidos por meio de um “médium” (...) podem ser explicados por meios naturaes, sem a intervenção dos espiritos, nem “directamente” do demônio.* “O espirito dos vivos basta para explical-os, não é necessário a intervenção dos mortos nem dos demônios” (Pe. Menage).<sup>212</sup>

Aqui não se trata de dizer que o “falso” ou o “baixo” Espiritismo é fraudulento. O Espiritismo, de maneira geral, estaria assentado na mentira, no engano. Seria falso como um todo, portanto. A explicação dos espíritas para o fenômeno era errônea. A coluna do representante do Catolicismo que, em suas palavras, já teria experiência na imprensa católica, estende-se até 15 de Março de 1924. Durante um breve período, de 3 a 27 de Junho de 1923 sua coluna chamou-se “O espiritismo desmascarado”, o mesmo nome de seu jornal. Depois que deixam de publicar as colunas de Illis, o jornal ainda mantém, na seção “Vida Religiosa”, que era católica, artigos contrários ao Espiritismo. Em 20 de Abril de 1924, num domingo de Páscoa, onde os católicos celebram a ressurreição de Jesus Cristo, na capa, no canto superior direito, um artigo com grande destaque intitulado “A Ressureição”. Ainda na capa, na parte inferior direita do jornal, em uma coluna chamada “Papagaio”, assinada por alguém com o pseudônimo “Periquito”, uma nota que dava conta de uma suposta agressão de um engenheiro espírita a um cego “*por questões de espiritismo*”<sup>213</sup>. “Onde já se viu agredir um cego! Quem poderia fazer isso, senão alguém desequilibrado? Ah, era espírita! Não deve ser normal”, é o que a nota queria fazer pensar. Por isso, acredito, os espíritas da FEB, responsáveis pela coluna em *Gazeta de Notícias*, estavam cheios de cuidados nas recomendações àqueles que iriam ocupar o espaço. Até pouco tempo, e durante dois anos, o Espiritismo recebeu ataques de um católico declarado naquelas páginas.

---

<sup>211</sup> FERRAZ JUNIOR, João Pedreira do Coutto. “O Espiritismo”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 1923, p. 2.

<sup>212</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>213</sup> PERIQUITO. “Papagaios”. *Gazeta de Notícias*, 20 de Abril de 1924, capa.

A *Noite* procurou, também, associar aqueles que tentavam praticar o suicídio ao Espiritismo. Em 14 de Outubro de 1912, narram o caso de uma jovem de vinte e um anos que ateara fogo ao próprio corpo. Todas as noites ela frequentaria sessões espíritas. “*Frequentou com tanta assiduidade essas sessões que acabou obcecada, conversando noites inteiras com os espíritos. A noite passada ela teve uma entrevista com um espírito perverso que lhe aconselhou por termo a própria existência*”<sup>214</sup>. Os espíritas, como vimos, acusaram a imprensa de estimular os suicídios, pelas descrições minuciosas dos casos, que fariam com que os desgostosos da vida, diante da variedade de opções, escolhesse a que lhe fosse mais conveniente para por termo à existência, bastando, para tanto, apenas ler os jornais. E *A Noite* insinua que a frequência a reuniões espíritas pode levar as pessoas ao desequilíbrio mental, a ponto delas atentarem contra a própria vida. No fim das contas, quando os espíritas propõem aos jornais, considerados por ele como católicos, que davam grande destaque a este noticiário, podem estar pensando, também, nessa associação que se fazia entre a prática do Espiritismo e o suicídio. Afinal, se eles parassem de noticiar eventos dessa natureza, por consequência, essa associação deixaria de ser feita.

O *Correio da Manhã*, ao noticiar a prisão de médiuns, parece esforçar-se por desvincula-los do Espiritismo. Em 20 de Novembro de 1937, na seção policial, noticia que um falso espírita foi preso numa casa do Rio Comprido, muito procurada pelos sofredores que buscavam alívio para suas dores junto ao curandeiro Polycarpo, “*um espertalhão que se dizia espírita para melhor disfarçar suas tendências maliciosas*”<sup>215</sup>. É o jornal quem o qualifica: trata-se de um curandeiro que se diz espírita. Dias antes, em 10 de Novembro, na mesma seção, noticiam a prisão de uma “pythoniza” e seus objetos de culto: “*um oratório, várias imagens, um “rei encantado”, um “rei das matas”, cinco punhais, charutos e outros objetos pertinentes á magia negra, e uma grande relação de despachos encommendados a macumbeira*”<sup>216</sup>. Note-se que a mulher presa não foi chamada de médium pela reportagem, mas sim de pitonisa, que seria uma pessoa com capacidade de comunicar-se com os mortos. Parece um esforço para descolar, completamente, estes casos de qualquer referência que os aproxime com o Espiritismo. O jornal possuía, há anos, colunas espíritas de homens ligados a FEB, pessoas que, eventualmente, em situações onde considerassem que o Espiritismo fosse

---

<sup>214</sup> “Uma obcecada pelo espiritismo tenta por termo a própria existência”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1912, p. 5.

<sup>215</sup> “Um falso espírita preso no Rio Comprido”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1937, p. 7.

<sup>216</sup> “A macumba foi varejada pela polícia fluminense – vários despachos encomendados”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1937, p. 7.



confundido com outros cultos, buscavam contato por cartas com as redações a fim de esclarecê-las de que os envolvidos e suas práticas não seriam espíritas. Deve ter incorporado a forma de ver, a interpretação mesma dos espíritas da FEB para situações dessa natureza. Acredito que diante de dúvidas quanto à maneira de classificar ocorrências assim pudessem recorrer a estes espíritas. Vianna de Carvalho, em 3 de Fevereiro de 1913 escreve para *A Noite* a respeito do caso de um homem que usaria suas faculdades mediúnicas para obter vantagens pessoais. Seriam, para ele, charlatães profissionais, que levariam a vida com semelhantes práticas. Procura, então, assinalar, para o jornal, o que caracterizaria o Espiritismo.

Póde-se culpar o espiritismo de semelhantes aberrações? Deve-se confundil-o com a feitiçaria só porque uns tantos infelizes servem-se de seu prestígio para melhor extorquir dinheiro á credulidade alheia? A resposta é absolutamente negativa. O espiritismo se occupa de altas, profundas questões científicas, philosophicas, religiosas, visando tornar o homem virtuoso, obediente aos ensinios do Evangelho. *Tudo que se fizer fóra deste programma, sob a sua invocação, é fraude, é mystificação que precisam ser, a todo transe, combatidas pela imprensa livre em nome da verdade.*<sup>217</sup>

Percebe-se, então, que tentavam enquadrar o modo de ver da imprensa ao seu ponto de vista. Se os médiuns das reportagens não se ocupassem das altas questões do Espiritismo, preocupando-se, apenas, de questões materiais tais como a busca de emprego, o esposo fugido, a conquista amorosa, não seriam espíritas. Estariam usando o nome do Espiritismo para angariar prestígio, mas estariam mistificando, porque a doutrina não se ocupa destas questões. Vianna de Carvalho considera, assim, legítimo o combate que a imprensa travaria contra estes que, a seu ver, seriam exploradores da credulidade alheia. Somente que, para desespero seu e dos espíritas, alguns jornais – como *A Noite* – em algumas ocasiões não se importavam com estas distinções. Não possuíam qualquer compromisso com os espíritas e podiam, sim, por questões editoriais, estarem mais próximos ao Catolicismo, corrente religiosa preponderante no país até o presente. *A Noite*, como vimos, continuou por algum tempo a não diferenciar os espíritas dos demais segmentos que se utilizavam da mediunidade em suas práticas até não mais ataca-los.

Durante a polêmica dos médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro com os espíritas, por conta das moções que a instituição encaminhou às autoridades, em 1939, alguns jornais posicionaram-se a favor dos espíritas. Em 6 de Junho de 1939, *Gazeta de Notícias* diz que os médicos “*se insurgem contra os espíritas. Julgam-se prejudicados nas suas clinicas pelos porta-vozes desinteressados e altruístas do Além*”<sup>218</sup>. Se

---

<sup>217</sup> CARVALHO, Vianna. “Espiritismo ou exploração?”. *A Noite*. Rio de Janeiro, 3 de Fevereiro de 1913, p. 3. Grifos meus.

<sup>218</sup> “Que pretensão!...”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1939, p. 3.

os espíritas são desinteressados, os médicos são interesseiros. Segundo o jornal, dentre os médicos mais empenhados na causa estaria o psiquiatra Xavier de Brito, a quem chamam de “jagunço”, e que defenderia a associação do Espiritismo à loucura. Ironizando o médico, *Gazeta de Notícias* diz que loucos são os que eram atendidos por ele, que seria um “povoador de cemitérios”. No início da década anterior, Inácio Bittencourt foi visto como charlatão pelo jornal, agora, os espíritas são os que agem por desinteresse. Os médicos contra os espíritas estariam equivocados e o mais exaltado deles, agindo com truculência, tem sua competência profissional posta sob suspeita. Poucos dias depois, em 15 de Junho, num tom mais ameno, comenta que o médico Carlos Fernandes, autor das moções, desafiou os espíritas a provarem que podiam realizar curas. Isso faria com que a Sociedade de Medicina e Cirurgia fugisse à sua finalidade e corresse o risco de cair no ridículo.

*O espiritismo é hoje uma actividade científica quanto ás que mais o forem, perfeitamente legal e respeitável. Agora, para o baixo espiritismo, este tem a vigial-o e a perseguil-o a polícia. Não é necessário, pois, appellar para as altas autoridades da Nação, que ellas têm coisa mais séria em que se occupar.*<sup>219</sup>

O Espiritismo é reconhecido como Ciência como as demais, gozando da mesma respeitabilidade. Ao “baixo espiritismo”, *Gazeta de Notícias* invoca a Polícia. Dos quatro espíritas envolvidos na Hora Espírita Radiofônica, ao menos três tinham ligações com a FEB, a saber: Leopoldo Machado, Luiz Fernandes da Silva Quadros e Francisco V. da Rocha Garcia, tesoureiro dela<sup>220</sup>. O jornal tivera, por algum tempo, coluna espírita sob responsabilidade de uma pessoa também ligada à FEB. A defesa do Espiritismo que se fazia em suas páginas era, provavelmente, a partir do ponto de vista da entidade federativa que, se naquele momento não tinha mais coluna, deve ter influenciado a maneira de diferenciar o que seria espírita ou não – “baixo espiritismo” – como escreveram. Por fim, o esforço dos médicos seria uma banalidade, porque além de tudo as autoridades tinham assuntos mais importantes a tratar, já que os papéis de cada um já estariam definidos: Espiritismo como Ciência, credor de respeitabilidade; “baixo-espiritismo”, caso de Polícia. Mas... E os maus médicos?

*Agora, contra os médicos que não sabem tratar convenientemente os seus clientes, abreviando-lhes a existência neste mundo, quais as providências a tomar? Eis com o que se devem preocupar os que se interessam pela sanidade e pela boa conservação da vida alheia.*<sup>221</sup>

Os médicos que não conseguem tratar seus pacientes, que seriam povoadores de cemitérios, estes sim seriam os problemas com os quais a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, “zelosa” pela saúde das pessoas, deveria se ocupar. Dos jornais que pesquisei, nenhum deles ofereceu espaço para os médicos desta instituição defenderem seu

<sup>219</sup> “Contra o espiritismo”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1939, p. 3. Grifos meus.

<sup>220</sup> “Hora espírita radiofônica”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1939, p. 152.

<sup>221</sup> “Espiritismo e medicina”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de Junho de 1939, p. 3. Grifos meus.

ponto de vista, o que foi feito por espíritas em suas colunas no *Correio da Manhã* com Frederico Fígner e numa série de artigos publicados em *A Nota*. Teriam contado, apenas, com as páginas do *Diário da Noite*, que também abriu espaço para espíritas debaterem com eles, o que se estendeu de Junho até Agosto daquele ano.

Porventura se esgotaram as formas de ver os espíritas, através da imprensa? Não me sinto confortável em afirmá-lo. Não tive acesso a todos os jornais que circularam na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Por outro lado, em alguns momentos, mesmo os que eu pesquisei e que encontrei referências, não falaram sobre os espíritas ou sobre o Espiritismo. *A Batalha*, *A Manhã*, *Correio da Manhã* e *A Noite* não se manifestaram quando instituições espíritas foram fechadas por conta de exigências de Portarias Policiais entre 1937 e 1945. *Diário Carioca* e *Gazeta de Notícias* tratam, apenas, do fechamento ocorrido em 29 de Outubro de 1937 sob a justificativa de infiltração comunista, noticiado no dia seguinte<sup>222</sup>. As prisões de médiuns, que “animaram” *A Noite* e *Gazeta de Notícias* (no caso de Inácio Bittencourt) são deixadas de lado. Das colunas mantidas por espíritas que pesquisei, a que durou mais foi a de Frederico Fígner, no *Correio da Manhã*. Teriam, os diários, mudado de interesse? Em 4 de Fevereiro de 1947, na seção de opinião dos leitores do *Diário Carioca*, onde as cartas seriam condensadas, constava a de um espírita de Franca, São Paulo. Chamada de “carta catequista”, o redator da coluna diz que o remetente desejava que o jornal abandonasse os outros assuntos de natureza material, inclusive a política, para tentarem convencer os leitores da inutilidade de se ocuparem dos assuntos da Terra que, diante dos mundos, não representaria nada. Com ironia delicada, responde que

Não fora a impressão de que a maioria dos nossos leitores ainda não está devidamente instruída para aceitar a tese do nosso leitor de Franca, nenhuma dúvida teríamos em atendê-lo. Acontece, porém, que a esmagadora maioria do público leitor insiste com invencível teimosia em se preocupar unicamente com as (ilegíveis) das paixões terrenas e temos de servir a essa maioria espiritualmente cega as notícias pelas quais se interessa.<sup>223</sup>

O redator da coluna aponta que os interesses dos leitores teria mudado. Ou os interesses dos proprietários e patrocinadores do jornal são projetados nos leitores? Afinal, os espíritas deixaram de ocupar suas páginas há quase dez anos, em Agosto de 1937. E os espíritas olhavam, tempos atrás, com encanto e orgulho, o interesse que os jornais demonstravam em conhecer-lhes o trabalho e o modo de pensar. Os tempos parecem ter mudado.

---

<sup>222</sup> “Em defesa da ordem”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1937, p. 4 e “Os comunistas se serviam de sessões espíritas para fazerem suas reuniões”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1937, capa.

<sup>223</sup> “Cruzada espiritista”. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1947, p. 4.

## Capítulo 3 – Da imprensa para o livro: novos horizontes para a divulgação doutrinária

### 3.1 – O Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas

De 15 a 25 de Novembro de 1939 realizou-se, no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso de Jornalistas Espíritas, cuja sessão inaugural ocorreu na sede da Associação Brasileira de Imprensa. A iniciativa partira de Deolindo Amorim, então 1º secretário da Liga Espírita do Brasil, a partir de um artigo que publicou no jornal *Vanguarda* em 22 de Julho daquele ano. Objetivavam, com o evento, a “*fundação de uma associação de imprensa espírita destinada a reunir em seu organismo os jornais e as revistas espíritas de todo o Brasil*”<sup>1</sup>. Deolindo Amorim e os demais espíritas reunidos em torno da iniciativa, consideravam necessária a criação de um organismo que congregasse em seu seio os periódicos espíritas então existentes no país. Partindo de alguém vinculado a uma entidade federativa – a Liga Espírita do Brasil – a proposta capitalizaria dividendos políticos para o papel que ela desempenhava, qual seja, o de congregar e organizar os espíritas.

Em Setembro de 1939, o jornal *A Nota*, onde atuava Leal de Souza, noticiou uma das sessões preparatórias, realizada na sede da Liga Espírita do Brasil. Na oportunidade, além de *A Nota*, representada por Leopoldo Machado, estiveram presentes representantes de órgãos da imprensa doutrinária e leiga da Capital<sup>2</sup>. No entanto, a FEB manteve-se afastada. Acusaram o recebimento do convite para participarem no *Reformador* de Agosto de 1939. A Diretoria da federativa, reunida, teria decidido

embora com pesar, que não lhe era possível deixar de declinar de tão honroso convite, por se lhe afigurar, de um lado, que *o momento, se não é o menos oportuno para a realização dessa interessante iniciativa, também não se mostra muito propício a que ela dê os frutos que naturalmente esperam os que a propugnam e, de outro lado, a Federação importaria afastar-se mais ou menos, esta instituição, da órbita que às suas atividades traça o programa de tarefa que lhe incumbe, cotidianamente assinalada pelos seus dirigentes do plano espiritual.*<sup>3</sup>

De acordo com os espíritas da FEB, o momento não seria adequado. Realmente, era um tempo difícil para os espíritas, uma vez que poucos meses antes sofreram ataques da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, que se voltou contra o programa de rádio “Hora Espírita Radiofônica”, iniciado em 1º de Junho de 1939, que contava com vários espíritas ligados à FEB. Era um tempo, também, onde os espíritas tinham dificuldades de manterem funcionando suas instituições e seus periódicos, estes últimos sufocados pelos

<sup>1</sup> “Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Agosto de 1939, p. 486.

<sup>2</sup> “Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas”. *A Nota*. Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 1939, p. 5.

<sup>3</sup> “Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1939, p. 246. Grifos meus.

custos de sua produção bem como inibidos e calados pela censura do D.I.P.. Por fim, a FEB alegou que a participação no Congresso demandaria o afastamento do seu programa de atividades, invocando, para legitimar seu argumento, as diretrizes traçadas pelos Espíritos. A mim parece que a não adesão tem a ver com o fato da iniciativa não ter partido dela. Escusando-se participar – e dando publicidade à sua decisão – parece-me que contava esvaziar o evento. Não por acaso acionam, como uma das justificativas, as dificuldades do momento que se vivia, como a declarar, de antemão, que o evento estaria fadado a não produzir frutos. Também é válido recordar que o *Reformador*, provavelmente o periódico espírita mais antigo em circulação naquele momento, não se faria representar num Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas. Ora, as atividades na imprensa estavam na pauta da FEB praticamente desde a sua fundação. Tão logo ela foi criada, em Janeiro de 1884, o *Reformador* passa à sua responsabilidade. Como, então, alegar que participando do Congresso para o qual foi convidada se afastaria de seu programa?

A postura dúbia da FEB frente ao Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas se evidencia, também, pela ausência de referências a ele nas páginas de seu periódico. Em Agosto de 1939 foi a única vez que se manifestaram a respeito. Depois, apenas o silêncio, afinal, se lhe acompanhasse os preparativos e desdobramentos, através de suas páginas, além de promovê-lo, evidenciaria sua contradição: por que tratar de um evento que declarava não acreditar em suas potencialidades? Chamo a atenção disso porque na única referência que fez ao evento, afirma que

acompanhará com a melhor simpatia e os melhores votos (...) os trabalhos do Congresso de Jornalistas Espíritas, para os quais almeja completo êxito, pronta a proclamar a excelência dos resultados que dele se evidenciem e a aplica-los á obra em que ela esforçadamente se empenha, rendendo deste modo justa homenagem aos que o tenham conseguido.<sup>4</sup>

Prometeu acompanhar o evento e torcer pelo seu sucesso. No entanto, o *Reformador* não cobriu os preparativos e muito menos sua realização. Sequer atreveu-se a fazer um balanço daquilo que foi discutido nele, a fim de avaliar seus resultados. Não teria acontecido nada de aproveitável no Congresso para os representantes da FEB? “Crônica Espírita”, coluna de Frederico Fígner no *Correio da Manhã*, também ignorou<sup>5</sup>.

A *Revista Espírita do Brasil* de Dezembro de 1939 noticiou a realização do Congresso no qual estiveram presentes “*autoridades civis e militares, pessoas do nosso mundo*

---

<sup>4</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>5</sup> Dos jornais diários que analisei, além de *A Nota*, apenas o *Diário da Noite* tratou da realização do Congresso, divulgando o seu programa de trabalhos. “Instala-se hoje o Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1939, p. 12.

*social, numerosos representantes de associações espíritas e jornalistas”* <sup>6</sup>. Dentre estes, encontramos espíritas que tinham relações com a FEB: Ismael Gomes Braga, Lins de Vasconcellos, Luiz Autuori (da coluna “‘Correio’ Espírita”, do *Correio da Manhã*), Carlos Imbassahy (na época, secretário do *Reformador*) e Leopoldo Machado. Se a FEB não se faz representar oficialmente, nem por isso espíritas ligados a ela deixam de participar do evento. De todos estes, apenas Carlos Imbassahy detinha cargo na federativa<sup>7</sup>.

Perpassa o Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas um esforço de afirmação política onde os espíritas buscam legitimidade para suas diferentes atividades doutrinárias, com destaque, naquele ambiente, para a imprensa, reconhecendo nela papel importante na autoafirmação deles. Os espíritas da Liga Espírita do Brasil destacam trechos da fala do presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses, presente na abertura do evento.

A “Casa do Jornalista”, acentuou o ilustre presidente, *não distingue jornalistas, sejam católicos, espíritas, positivistas ou de quaesquer outros credos, porque a classe é uma só*. Ali estava, finalizou, ao lado da classe, sem encarar o credo religioso, porque a “Casa” é de todos os jornalistas. O discurso do Presidente da A.B.I. foi muito brilhante, e por isso constantemente aplaudido. <sup>8</sup>

Aquele ambiente – fazem questão de destacar da fala do presidente da A.B.I. – não faria distinção de pessoas em função de seus credos religiosos. Ali todos seriam considerados jornalistas, ainda que muitos daqueles espíritas levassem a atividade de maneira amadora, não profissional, desenvolvendo-a nos espaços de tempo livre que possuíam entre a luta pela sobrevivência material e as demais atividades doutrinárias. O presidente da maior associação de imprensa do país legitimava a prática jornalística dos espíritas, igualados aos demais.

Deolindo Amorim, presidente do Congresso, em seu discurso de abertura destacou que *“a imprensa espírita deve ter um papel essencialmente construtivo”*<sup>9</sup>. Segundo ele, *“o homem de imprensa deveria estar possuído de grande espírito de renúncia”*<sup>10</sup>. Destaca, por fim, que

*“duas coincidências concorrem para maior magnanimidade do ambiente”: a instalação do Congresso dentro da “Casa do Jornalista” e a celebração do cincoentenário da República, fato histórico que recorda grandes conquistas espirituais, dentre estas ressaltou o Presidente com entusiasmo “a liberdade de culto para todos os creados” (sic).*<sup>11</sup>

---

<sup>6</sup> “Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1939, p. 576.

<sup>7</sup> “Federação Espírita Brasileira”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1939, p. 35.

<sup>8</sup> “Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas. A oração do presidente da ‘Casa do Jornalista’”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1939, p 577 e 578. Grifos meus.

<sup>9</sup> “Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas. Fala do Presidente”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1939, p 576.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem. Grifos meus.

Penso que quando ele fala do papel construtivo da imprensa espírita pode ser no sentido de não resumir-se à elaboração de artigos de cunho doutrinário. Não deve ser sido casual que, em sua fala, destacasse a liberdade de credo, que naquele momento vinha sofrendo ataques por parte da Polícia e que poderia ter nas páginas dos periódicos um canal para manifestar-se. A renúncia que ele esperava do homem de imprensa devia ser bem aquela do investimento de esforço, persistência, tempo e recursos materiais na execução da tarefa. A de quem contaria, para manter seus periódicos, com ajuda financeira abaixo do que esperava, além das cobranças e discordâncias que sua produção na imprensa pudessem gerar no seio dos espíritas e demais leitores.

Esse caráter político, de luta e afirmação dos espíritas, já estava evidente durante os preparativos do Congresso. Em *A Nota*, destaca-se que as teses definidas para o debate versariam “*sobre vários assumptos, definindo o Espiritismo perante a sciencia, as leis, a educação e a medicina*”<sup>12</sup>. Os quatro assuntos elencados tinham importância fundamental para os espíritas. A Doutrina Espírita afirma-se, também, como ciência, sendo que alguns espíritas preferiam, mesmo, esse aspecto. Os espíritas buscavam desenvolver suas atividades doutrinárias sem impedimentos legais, sendo, para eles, a vigilância em torno do receituário mediúnico – interpretado como exercício ilegal da Medicina – uma porta aberta para a repressão Policial. Além disso, poucos anos antes, em 1937, os Centros Espíritas foram fechados pela Comissão Executora do Estado de Guerra sob a alegação de estarem abrigando comunistas. A liberdade de culto, conforme Deolindo Amorim destacou em sua fala de abertura do Congresso, era um anseio. Ainda aqui, no capítulo das leis, dialogavam com a Medicina, apresentando as alternativas terapêuticas espíritas: o receituário mediúnico, o passe e a água fluidificada, que no entendimento deles não se enquadraria nos rigores da lei. Segundo os espíritas da FEB, “*o Código Penal ainda vigente se tornou o broquel com que se cobrem os mais ferrenhos e violentos inimigos do Espiritismo*”<sup>13</sup>. Por fim, a respeito da questão da educação, recordemo-nos dos esforços dos espíritas a fim de evitarem o ensino religioso nas escolas, o que era visto por eles como o ensino da religião hegemônica, a católica. Essa luta foi um dos gatilhos para a criação da Liga Espírita do Brasil, instituição cujo organizador do Primeiro Congresso de Jornalistas Espíritas, Deolindo Amorim, militava.

As teses apresentadas foram: “O Espiritismo e seus fundamentos científicos”, do Dr. Francisco Luiz de Azevedo Silva; “Obsessão e Psiquiatria”, do Dr. Inácio Ferreira; “Espiritismo e Medicina”, do Dr. Levindo Melo; “O Espiritismo e as demais religiões”, de

<sup>12</sup> “Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas”. *A Nota*, op. cit..

<sup>13</sup> “O Código Penal”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1939, p. 242.

Carlos Imbassahy; “O Espiritismo e o Direito”, de Henrique Andrade; “O Espiritismo e o Esperanto”, de Ismael Gomes Braga; “Espiritismo e Educação”, de Leopoldo Machado; “O Espiritismo e a ideia de Pátria”, de Luiz Autuori<sup>14</sup>. Além destas, assinalam que foram apresentadas duas outras teses que não estavam programadas: “O jogo e o aborto em face das leis divinas”, do jornalista Domingos Antonio de Angelo Neto, de São Paulo e “O Espiritismo é a Religião”, do Dr. Noraldino de Mello Castro, de Minas Gerais<sup>15</sup>.

A primeira resolução do Congresso é uma apelo dirigido ao governo federal.

Declarar que, *amigo da Ordem e da Paz* empreendedor e realizador, o *Espiritismo é tão patriota e tão digno como os que mais o sejam dentro do conjunto de homens que constituem a Pátria* a qual não é por ele tomada apenas no sentido geográfico, no seu esforço de mante-la bem alto no conceito dos povos, dos quais se respeita *o dever a que não fugirá, e nunca fugiu, de defende-la, por todos os meios, quando ameaçada nos seus direitos*, quaisquer que eles sejam.<sup>16</sup>

Os espíritas reunidos no Congresso afirmam que são amigos das instituições que mantém a ordem social e que estariam prontos a colaborar sempre que requisitados pelas autoridades, quando esta enxergasse ameaças ou inimigos de seus interesses, travestidos de interesses da nação. E os espíritas ali presentes também se utilizam de expedientes semelhantes aos dos governantes que falam de seus interesses como sendo os da nação. Falam em nome do Espiritismo, como se todos os espíritas estivessem, ali, representados. Deveriam existir espíritas que apoiassem o regime de exceção que se vivia? Provavelmente. Entretanto, a oposição, num regime dessa natureza, tem dificuldades de manter-se e vive sob

---

<sup>14</sup> “Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas. As teses”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1939, p. 579. Inácio Ferreira era médico psiquiatra de Minas Gerais responsável pelo Sanatório Espírita de Uberaba. Curaria doentes considerados loucos através de sessões espíritas. De acordo com Allan Kardec, a obsessão é “*o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem*”. Os espíritas acreditavam (e acreditam ainda) que muitos casos de loucura podem ser provocados pela obsessão. Em suas reuniões de “Desobsessão” ou de “esclarecimento”, procuravam conversar com esses Espíritos desencarnados que promoviam o domínio ou perseguição sobre alguém, a fim de tentarem convencê-los a desistirem de seus propósitos. Sobre Inácio Ferreira, ver: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Inácio Ferreira*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/In%C3%A1cio%20Ferreira.pdf> Último acesso em 25 de Março de 2014. Sobre a obsessão, ver: KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*, op. cit., p. 306. Francisco Luiz de Azevedo Silva foi advogado, escritor e jornalista. AUTORES CAMPISTAS. *Francisco Luiz de Azevedo Silva*. Disponível em: <http://autorescampistas.blogspot.com.br/2012/12/francisco-luiz-de-azevedo-silva.html> Último acesso em 25 de Março de 2014.

<sup>15</sup> “Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas. Encerramento do Primeiro Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1939, p. 579 e 580. Noraldino era advogado e teria ajudado a fundar instituições espíritas, bem como sociedades de assistência à infância e à velhice. Sobre ele, ver: AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS. *Noraldino de Mello Castro*. Disponível em: <http://www.autoresespíritasclassicos.com/Biografias%20Espíritas/N/Noraldino%20de%20Mello%20Castro.doc> Último acesso em 25 de Março de 2014. Domingos Antonio de Angelo Neto era um dos redatores do jornal *O Kardecista*, de São Paulo. Ver: RIZZINI, Jorge. *Campanha do livro espírita no Teatro Municipal*. Disponível em: <http://www.herculanopires.org.br/apostolo-abertura/286-teatromunicipal> Último acesso em 25 de Março de 2014. Infelizmente não tive acesso aos textos das teses.

<sup>16</sup> “1º Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1940, p. 605. Grifos meus.



constanterisco. Acenam, então, como aqueles que respeitariam as regras vigentes, em pé de igualdade com os outros que assim se posicionassem. E ao fazê-lo, desejam o mesmo tratamento dispensado aos que colaboravam como regime. Tanto os espíritas da Liga Espírita do Brasil quanto da FEB procuram manter um canal de diálogo aberto com as autoridades policiais que fiscalizavam suas atividades doutrinárias<sup>17</sup>.

Outra sinalização de que estes espíritas tentavam alinhar-se com as autoridades é evidenciada na terceira resolução do Congresso. Recomendava a conjugação de esforços, não só aos jornalistas, que deviam ser

*os orientadores da opinião pública, como também as melhores organizações espíritas, no sentido de que não seja permitido pelas autoridades públicas a organização de agremiações espíritas que pretendam fazer sessões públicas, sem que sejam seus dirigentes julgados perfeitamente idôneos, intelectual e moralmente, como tal reconhecidos no meio espírita e no conceito público pelo seu passado.*<sup>18</sup>

Os congressistas tinham a expectativa que, tanto os jornalistas espíritas, tidos como formadores de opinião, quanto os Centros Espíritas, tidos por eles como melhores, demandassem às autoridades que elas criassem impedimentos à fundação de Centros Espíritas que desejassem realizar suas sessões espíritas públicas sem que seus dirigentes fossem considerados, pelas autoridades públicas – a Polícia, provavelmente – e por eles, pertencentes ao “meio espírita”, como pessoas idôneas. A solicitação deles concretiza-se e, a partir de 1941, as autoridades policiais exigiriam dos Centros Espíritas da cidade do Rio de Janeiro os antecedentes político-sociais dos seus componentes<sup>19</sup>. Os espíritas envolvidos com o Congresso de Jornalistas Espíritas antecipam, de certa forma, a medida, como proposta às autoridades policiais. Em alguns dos Boletins de Informações para Agregação de Centros Espíritas, a Liga Espírita do Brasil perguntava se a instituição postulante à adesão era registrada na Polícia. No processo de adesão do Grupo Espírita Antonio de Pádua, de Botafogo, a Procuradoria da Liga coloca, como necessidade para a concretização da adesão,

---

<sup>17</sup>Em Junho de 1937, as duas federativas entregaram, ao Primeiro Delegado Auxiliar da Polícia Anésio Frota Aguiar, atendendo à sua solicitação, as suas relações de Centros Espíritas adesos, fazendo-o através de seus presidentes, respectivamente João Torres e Guillon Ribeiro. Sobre a visita de João Torres ao Delegado Frota Aguiar, ver: TORRES, João. “O Espiritismo e a Polícia”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Julho de 1937, p. 246. Sobre a visita de Guillon Ribeiro, ver: RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório, apresentado pelo seu presidente, à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1937, sobre os trabalhos da instituição e contas da sua administração, durante o ano social de 1º de Julho de 1936 a 30 de Junho do ano seguinte”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1937, p. 413. De acordo com o Decreto nº. 24.531, de 2 de Julho de 1934, competiria à Primeira Delegacia Auxiliar: “I – Processar a cartomancia, mistificações, magias, exercício ilegal da medicina e todos os crimes contra a Saúde Pública. II – Ter sob sua vigilância o meretrício (...). III – Reprimir e processar o proxenetismo e o caftismo”. CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto nº. 24.531, de 2 de Julho de 1934*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24531-2-julho-1934-498209-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 25 de Março de 2014.

<sup>18</sup>“1º Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1940, p. 605. Grifos meus.

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “Livres”, *porém perseguidos*, op. cit., p.64.

que o Centro Espírita prove “o desfecho de seu licenciamento na Polícia”<sup>20</sup>. A preocupação de manter boas relações com as autoridades policiais poderia capitalizar, para as duas federativas existentes, a confiança de seus fiscalizadores e faria com que tivessem, junto a eles, autoridade moral e legitimidade para negociarem caminhos, alternativas e possibilidades para o funcionamento dos Centros Espíritas a elas vinculados. Porém, a quantidade de exigências a serem atendidas pelos espíritas que quisessem colocar em funcionamento ou legalizar suas instituições espíritas certamente asfixiaria financeiramente aqueles mais pobres<sup>21</sup>. O delegado Anésio Frota Aguiar, no encontro que teve com João Torres em Junho de 1937, teria afirmado que os passes e a água fluidificada poderiam ser ministrados publicamente nas reuniões espíritas, “desde que disso não se valham os médiuns para exercer exploração em torno dos que a esses meios recorrem sob os princípios de fé”<sup>22</sup>. Além disso, ressaltou que “a ação policial visa, sobretudo, combater o baixo espiritismo”<sup>23</sup>. Desejavam, os espíritas congressistas, marcarem posição como legítimos espíritas e afastarem-se daqueles considerados praticantes do dito “baixo espiritismo”, acabando, com semelhante posicionamento, respaldando a atividade policial repressora àqueles que não eram considerados por eles tão espíritas assim.

As resoluções do Congresso, evidentemente, abordavam a atividade de espíritas na imprensa. A primeira delas sugeria, preconizava e recomendava “a organização, no Rio de Janeiro, de uma associação de jornalistas e escritores espíritas, na forma que fôr julgada mais viável e eficiente, para o fim de promover e intensificar o intercâmbio de jornais e revistas e do noticiário referente ao movimento espírita no Brasil”<sup>24</sup>. Os congressistas entendiam que os periódicos espíritas, dos diferentes pontos do país, não estavam articulados entre si. Quem sabe a falta de articulação e o afastamento que alguns periódicos pudessem

---

<sup>20</sup> CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Carta de Agregação do Grupo Espírita Antonio de Pádua à Liga Espírita do Brasil*. “Parecer”. Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1943. Na Carta de Agregação do Novo Centro Espírita Antonio dos Pobres, de 1937, consta que seus estatutos estavam registrados na Polícia. CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Carta de Agregação do Novo Centro Espírita Antonio dos Pobres à Liga Espírita do Brasil*. “Boletim de Informações para Agregação”. Rio de Janeiro, 1937.

<sup>21</sup> Em Fevereiro de 1943, o presidente do Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança, de Botafogo, prestando contas sobre processo de legalização do Centro, que gastou Cr\$: 204,00, despesa que ele mesmo cobriu com seus recursos. O movimento financeiro do período de 1º de Setembro a 31 de Dezembro de 1942 teve um saldo positivo de Cr\$: 487,00. Trata-se de um período de 4 meses. Então, se dividirmos esse valor, para fazermos uma média, teremos Cr\$: 121,75 por mês. A despesa com a legalização não seria coberta com a receita de um mês. E se tomassem o valor total alcançado em 4 meses, gastariam quase a metade do obtido. CENTRO ESPÍRITA AMOR, CARIDADE E ESPERANÇA. *Ata de Reunião Ordinária de Diretoria*. Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1943, p. 14 e 15.

<sup>22</sup> TORRES, João. “O Espiritismo e a Polícia”, op. cit..

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> “1º Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1940, p. 605.

manter entre si não fosse proposital, sintoma do desejo de contarem com a preferência exclusiva dos espíritas? A organização dos jornalistas e escritores espíritas numa associação poderia potencializar a capacidade de comunicação deles em tempos difíceis – como aqueles de perseguições policiais – levando a um público mais ampliado seus posicionamentos a respeito dos problemas causados pela repressão, como também outros temas que fossem de interesse comum. Além disso, organizados em classe, poderiam ter força ampliada para demandarem, junto às autoridades e a fornecedores, melhores condições para manterem em funcionamento seus periódicos.

Em Janeiro de 1940, quase dois meses depois do Congresso, a *Revista Espírita do Brasil* comenta a respeito do intercâmbio de jornais e revistas, apontando-a como necessidade e “expressão natural do espírito de coleguismo jornalístico”<sup>25</sup>. Esse movimento entre as publicações seria natural na imprensa, de modo geral, em função da “simpatia ou por afinidade de orientação”<sup>26</sup>. A revista aponta que muita gente reclamava por esse movimento de permuta entre as publicações, que entre os espíritas não seria pontual e deixaria muito a desejar. “É que a chama do coleguismo, ao que parece, não está generalizada”<sup>27</sup>, ou seja, havia interesses menos gerais, de grupos de espíritas específicos que mantinham publicações, que estavam sendo colocados acima de um interesse mais geral. É a minha impressão e parece ser a dos espíritas da Liga Espírita do Brasil, que consideravam essa troca necessária, também, para potencializar a divulgação doutrinária, afinal, “o nosso país é imenso e os jornais espíritas – exclusivamente espíritas – são em número que não corresponde, pelo menos, a UM por região”<sup>28</sup>. Para a *Revista Espírita do Brasil*, um sintoma desse afastamento entre as publicações espíritas seria evidenciado na estante de leitura de sua Redação.

A estante de leitura da nossa Redação recebe, com pontualidade admirável, a visita de publicações estrangeiras, as que permutam conosco, ao passo que dos jornais e das revistas nacionais, colegas há que não nos honram com a sua visita. (...) Cabe-nos, em côro, fazer uma concitação a todos os órgãos da nossa imprensa, ativando o intercâmbio pelas PERMUTAS como pelas referencias necessárias, pelas transcrições, etc.,<sup>29</sup>

Recebiam publicações espíritas estrangeiras e deixavam de receber publicações feitas por espíritas no Brasil. A *Revista Espírita do Brasil* ressalta que fazia permutas com publicações espíritas nacionais e internacionais, como também com “publicações ESPIRITUALISTAS de ramos diferentes do Espiritismo e com JORNAIS LEIGOS, QUE MANTEEM COLUNAS ESPÍRITAS, DÃO NOTÍCIAS OU PUBLICAM ARTIGOS SOBRE

---

<sup>25</sup> “Intercâmbio de Jornais e Revistas”. *Revista Espírita do Brasil*. Janeiro de 1940, p. 598.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

*ESPIRITISMO*”<sup>30</sup>. Se os espíritas da Liga Espírita do Brasil procuravam manter-se distantes de outros segmentos espiritualistas – como os umbandistas – não deixavam de receber e trocar publicações com eles, na expectativa de verem, nestas outras páginas escritas por leigos, seus artigos ou um pouco de suas influências nas ideias ali expostas.

Outra resolução recomendava que os espíritas que detinham responsabilidades na imprensa, nos periódicos doutrinários ou na imprensa diária através de colunas em jornais leigos se limitassem apenas, na medida do possível, aos postulados espíritas, a fim de que “*não haja guarida nos jornais para a colaboração imprestável*”<sup>31</sup>. Ou seja, os congressistas acreditavam que havia espíritas abrindo espaços para outros assuntos alheios ao Espiritismo. Além disso, muitos desses artigos não atenderiam às suas expectativas em termos de qualidade, quem sabe por considera-los doutrinariamente deficientes. Sugerem, então, que os jornalistas espíritas registrem-se “*no Serviço de Identificação Profissional do Departamento Nacional do Trabalho como ‘jornalistas não profissionais’*”<sup>32</sup>. Esse registro seria permitido pelo Decreto-Lei nº. 1.698, de 23 de Fevereiro de 1939 que teria efeito meramente declaratório, não implicando no “*reconhecimento de direitos que decorrem do exercício remunerado e profissional do jornalismo*”<sup>33</sup>. Para tanto, deveriam provar sua nacionalidade brasileira, apresentar sua folha corrida e “*prova de que não responde a processo ou não sofreu condenação por crime contra a segurança nacional*”<sup>34</sup>. O registro não era obrigatório, mas os congressistas recomendavam-lhe a consulta para a seleção de colaboradores para seus periódicos e colunas que mantinham nos jornais leigos. Em tempos de repressão às suas atividades doutrinárias, deviam julgar que submetendo-se a semelhante registro dariam mostras da idoneidade dos espíritas, cumpridores das leis e amigos da pátria.

Na quinta resolução do Congresso os espíritas parecem mandar um recado aos jornais diários, dos quais reclamavam, muitas vezes, a falta de espaço concedido à Doutrina Espírita em suas páginas. Fazem questão de assinalar que o Espiritismo, “*servindo ao Evangelho, na difusão das leis do Amor, do Perdão e da Caridade, colimando a Fraternidade (...) se torna*

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> “1º Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1940, p. 605.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto-Lei nº. 1.698, de 23 de Outubro de 1939*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1698-23-outubro-1939-411568-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 27 de Março de 2014.

<sup>34</sup> O Decreto-Lei nº. 1.698, no seu artigo 2º, diz que para a obtenção desse registro seria necessário atender ao disposto nas alíneas *a*, *b* e *c* do artigo 13º do Decreto-Lei nº. 910, de 30 de Novembro de 1938, que trata da duração e das condições de trabalho nas empresas jornalísticas. CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto-Lei nº. 910, de 30 de Novembro de 1938*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-910-30-novembro-1938-349925-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 27 de Março de 2014.

*digno do respeito dos homens e merecedor do mesmo acatamento que a imprensa dispensa aos demais ramos filosóficos e credos religiosos*”<sup>35</sup>. É de se notar que *A Batalha*, *Gazeta de Notícias* e o *Diário Carioca* encerram suas colunas espíritas no final da década de 1930. O *Correio da Manhã*, que em alguns momentos chegou a manter duas colunas espíritas, após o final da coluna “‘Correio’ Espírita”, em Janeiro de 1938, manteve, apenas, a coluna de Frederico Fígener. O *Diário de Notícias* encerra a coluna “Assumptos Psicicos”, de Silvio Roberto em Abril de 1939. Parece-me que os espíritas perceberam que o tratamento da imprensa leiga estava mudando com relação a eles e reclamam, por isso, a mesma atenção que outros segmentos religiosos e filosóficos estariam recebendo dos jornais leigos.

Na penúltima resolução os congressistas espíritas assinalam que ao desenvolverem suas atividades doutrinárias, exercem “*um direito legítimo, que não fere nenhum princípio de ordem social e não incide em qualquer sanção penal, que não existem nos códigos brasileiros, salvo aquele que, ultrapassando as fronteiras do direito assegurado, se torna nocivo ao bem público*”<sup>36</sup>. Os espíritas destacam ainda que em suas atividades desenvolviam a caridade evangélica, auxiliando os mais necessitados como a dizer às autoridades: “como uma Doutrina que promove tanto o bem pode constituir-se ameaça à ordem pública?”. Neste momento, ignoram os artigos do Código Penal que enquadram a prática do Espiritismo, bem como a questão do receituário mediúnico, interpretada pelas autoridades policiais como exercício ilegal da medicina. Certamente se valiam dos entendimentos favoráveis de juristas, espíritas ou não, que não viam na atividade curadora dos espíritas relações com o texto legal que criminalizava a prática ilegal da medicina<sup>37</sup>. Não é casual que a resolução seguinte dirija-se aos médicos, especificamente aos psiquiatras. Os médicos organizados em torno da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, nas moções que enviaram ao Presidente da República e aos Ministros da Educação e Justiça, afirmam que seria consensual, entre os psiquiatras brasileiros e estrangeiros, que a prática do Espiritismo seria nociva à saúde mental<sup>38</sup>. Adotando um tom muito mais ameno que o dos artigos que publicaram pela imprensa doutrinária e leiga, os congressistas dirigem-se aos médicos recomendando-lhes o estudo do Espiritismo, “*que longe de os deshonorar e à ciência, mais os engrandecerá,*

---

<sup>35</sup>“1º Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1940, p. 605.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> No ano de 1929, *Reformador* publicou diversos artigos a respeito do Código Penal. “*A perspectiva da reforma do Código Penal e a intensificação de actividades clericais na hora que passa preocupam e agitam os meios espiritistas, chegando alguns de seus expoentes mais zelosos e não menos autorizados a conjecturar, destes syntomas, a possibilidade de uma questão religiosa em nosso país*”. “O lemma da victoria”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1929, p. 301.

<sup>38</sup> MACHADO, Leopoldo. *Pigmeus contra gigantes*, op. cit., p.10.

*colocando-os ao lado de notáveis cientistas estrangeiros que com o assunto tem se ocupado*”<sup>39</sup>. Os espíritas esperavam que os médicos, ao constatarem a sobrevivência da alma à morte, pudessem agregar, à Medicina, a terapêutica que eles desenvolviam em suas instituições, levando em conta que muitos casos de loucura pudessem ser, na realidade, obsessões promovidas por desencarnados.

Os congressistas espíritas decidem, ainda, em suas últimas resoluções, consignarem seus aplausos às instituições espíritas que mantivessem trabalhos de instrução e educação. Solicitam, ainda, que outros Centros Espíritas passassem a realizar esse tipo de atividade. Por fim, concluem que deviam, igualmente, se esforçar para a disseminação do Esperanto, que deveria ser colocado “*a serviço dos altos ideais do Espiritismo*”<sup>40</sup>. Para tanto, jornalistas e escritores espíritas teriam que dar o exemplo, esforçando-se por aprender e ensinar o idioma, “*de sorte a formarem, quanto antes, o corpo de redatores necessários a uma revista espírita em Esperanto*”<sup>41</sup>. Objetivos audaciosos para espíritas que tinham grandes dificuldades de manterem em funcionamento seus periódicos. A *Revista Espírita do Brasil*, dentre os materiais consultados a principal fonte para abordar a realização deste Congresso, não trouxe a relação de jornalistas que representavam os periódicos espíritas de outros Estados, além de não oferecer elementos para avaliar a abrangência do evento para além do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais<sup>42</sup>.

Projetaram a realização do Segundo Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas na cidade de São Paulo em 1940 e elegeram duas comissões para organizarem-no. A comissão do Distrito Federal era composta por Ismael Gomes Braga, Henrique Andrade e Levindo Melo. A comissão de São Paulo contava com João Batista Pereira, presidente da Federação

---

<sup>39</sup> “1º Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1940, p. 606. Leopoldo Machado narra um fato que teria acontecido com ele. Uma pessoa portadora de distúrbios mentais teria enviado, para ele, cartas e até dinheiro, desejando, para si e seus familiares, apenas o Céu. Segundo o autor, essa pessoa chegou a enviar-lhe 800\$000. Uma vez que descobriu seu endereço, devolveu o dinheiro ao pai do doente e começou a trabalhar pela melhora do enfermo usando as práticas espíritas. Uma vez restabelecido o indivíduo, seu pai envia a Leopoldo Machado uma carta de agradecimento e, novamente, a mesma quantia. Mais uma vez, ele teria devolvido o dinheiro. “*O espiritista, como aí se vê, contribuiu para a cura da loucura, devolvendo o dinheiro que, ingenuamente, lhe foi mandado! Muitos médicos, além de não curarem, ou de matarem da cura, ainda se fazem pagar muito bem pago!*”. MACHADO, Leopoldo. *Pigmeus contra gigantes*, op. cit., p. 48 e 49. Os artigos deste livro de Leopoldo Machado foram publicados em *A Nota, Mundo Espírita e Diário da Noite*.

<sup>40</sup> “Educação e Esperanto – Resoluções finais”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1940, p. 626.

<sup>41</sup> “1º Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1940, p. 606. Alguns espíritas investiram no idioma, movimento que persiste até os dias de hoje com alguns Centros Espíritas mantendo cursos. Em 1937 começaria a atuar, na FEB, um Departamento de Esperanto. BERNARDO, Carlos Alberto Iglesia. *O Espiritismo e o Esperanto*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/porta/artigos/geae/o-esp-e-o-esperanto.html> Último acesso em 27 de Março de 2014.

<sup>42</sup> A coleção da *Revista Espírita do Brasil* da Biblioteca Nacional tem uma lacuna entre os meses de Agosto e Novembro de 1939. Caso tenha circulado normalmente, pode ter trazido informações sobre os preparativos do Congresso de Jornalistas.

Espírita de São Paulo; Antonio José Trindade, da Sinagoga Espírita Jesus de Nazaré e Antenor Ramos, redator-chefe de *O Revelador*. Uma terceira comissão foi composta na ocasião para tratar da fundação da Associação Brasileira dos Jornalistas e Escritores Espíritas. Compunham-na Lins de Vasconcellos, Deolindo Amorim, Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy e Francisco Tiago Alves<sup>43</sup>.

O segundo Congresso não foi realizado no ano de 1940 e sim em 1958, em São Paulo, 18 anos depois do previsto, organizado pelo Clube de Jornalistas e Escritores Espíritas de São Paulo, que tinha Herculano Pires em sua presidência<sup>44</sup>. As comissões criadas em 1939 para organizarem-no jamais teriam se reunido. Depois de quase duas décadas, neste segundo evento, nota-se uma mudança de nomenclatura que sinalizava modificações em seus objetivos: agora o seu título seria “Congresso Brasileiro dos Jornalistas e Escritores Espíritas”, incluindo aqueles que se dedicavam à literatura espírita. Buscariam, naquele novo encontro, estabelecer maior proximidade entre “jornalistas e intelectuais brasileiros”, objetivando “maior unidade de vistas” em face dos problemas doutrinários – que não são especificados –, além de discutirem “*melhores condições para o aperfeiçoamento da imprensa espírita e o maior desenvolvimento da literatura espírita no país*”<sup>45</sup>. O extenso temário englobava dez itens, a saber:

DA LIBERDADE DE CULTO, DA DEFESA E EXPANSÃO DA IMPRENSA ESPÍRITA, DA HISTÓRIA E DAS FUNÇÕES DA IMPRENSA ESPÍRITA, DO ESPIRITISMO COMO CIÊNCIA, FILOSOFIA E RELIGIÃO, DA MISSÃO SOCIAL DO ESPIRITISMO, DA MISSÃO DO JORNALISTA ESPÍRITA, DA MISSÃO DO ESCRITOR E DO INTELLECTUAL ESPÍRITA, DO ESPIRITISMO NO RÁDIO E NA TELEVISÃO, DO LIVRO E DAS EDITORAS ESPÍRITAS e ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO. <sup>46</sup>

Despontaram novas questões para o trabalho de divulgação doutrinária, tais como a da literatura espírita, onde buscavam refletir tanto sobre aqueles que escreviam os livros, quanto sobre a editoração das obras. Nas conclusões finais, delimitaram o entendimento do que seria

---

<sup>43</sup>“Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas. Será em São Paulo o Segundo Congresso de Jornalistas Espíritas”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Dezembro de 1939, p. 580.

<sup>44</sup>AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS. *Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo*. Disponível em: <http://www.autoresespirtasclassicos.com/Autores%20Espirtas%20Classicos%20%20Diversos/Herculano%20Pires/O%20Apostolo%20do%20Espiritismo/8%20-%20Clube%20dos%20Jornalistas%20Esp%20C3%ADritas%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.htm> Último acesso em 28 de Março de 2014. Herculano Pires era jornalista. Dirigiu por seis anos o *Diário Paulista* e presidiu o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo de 1957 a 1959. FUNDAÇÃO MARIA VIRGÍNIA E J. HERCULANO PIRES. *Biografia*. Disponível em: <http://www.herculanopires.org.br/herculanopires/biografia> Último acesso em 28 de Março de 2014.

<sup>45</sup>AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS. *Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo*. Disponível em: <http://www.autoresespirtasclassicos.com/Autores%20Espirtas%20Classicos%20%20Diversos/Herculano%20Pires/O%20Apostolo%20do%20Espiritismo/8%20-%20Clube%20dos%20Jornalistas%20Esp%20C3%ADritas%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.htm> Último acesso em 25 de Maio de 2014.

<sup>46</sup>“II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas”. *O Semanário*. São Paulo, semana de 29 de Maio a 5 de Junho de 1958, p. 15.

o Espiritismo sobre as bases de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. Destacaram que se deveria estimular a literatura espírita infantil, “*tendo em vista a recreação, o hábito da leitura e o ensino da Doutrina Espírita*”<sup>47</sup>. Observando o movimento de expansão do livro espírita, sugerem caminhos provavelmente a partir de diagnósticos de que a literatura voltada para a infância recebia atenção secundária das editoras. Terminam com a recomendação dirigida às instituições representativas dos espíritas em âmbito estadual a articulação a fim de criarem a “*FUNDAÇÃO DO LIVRO ESPÍRITA*”<sup>48</sup>.

Ao todo, os jornalistas e escritores espíritas realizaram nove Congressos, sendo que nenhum ocorreu na década de 1940. Na década de 1960 realizaram dois: em Belo Horizonte (1961) e em Curitiba (1968). Na década de 1970, ocorreram três: em Niterói (1972), em Brasília (1976) e no Rio de Janeiro (1979), este organizado pela Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas, com o patrocínio da FEB, que não abordou sua realização no *Reformador* daquele ano<sup>49</sup>. Na década de 1980, os dois últimos: em Salvador (1982) e em São Paulo (1986). Depois deste, nenhum mais.

O investimento na imprensa espírita, como se pode perceber a partir da análise das fontes, persistiu ao longo do tempo até os dias de hoje. Vislumbravam a TV na década de 1950. A partir da década de 1930, que já contava com alguns programas radiofônicos doutrinários, os espíritas passaram a ver na impressão de livros novos horizontes de possibilidades na divulgação doutrinária.

### 3.2 – Da Livraria à “Cidade do Livro”: o projeto editorial da FEB

Através da pesquisa em torno da imprensa espírita, reuni elementos para analisar os esforços dos adeptos do Espiritismo na organização de algumas gráficas que imprimissem seus periódicos, livros doutrinários e folhetos. Os trabalhos gráficos realizados pela FEB tiveram três momentos: o primeiro, desde que assumem o *Reformador*, em 1884, quando

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil*, op. cit. “Palavras do Editor”. A Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE), projetada no primeiro congresso, foi concretizada durante o Congresso realizado em 1976 em Brasília. Em 1995 foi fundada a Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo (ABRADE). Teriam divulgado na ocasião que a ABRAJEE não foi extinta, havendo na verdade, uma ampliação do raio de abrangência de sua atuação, passando a congregar, também, todos aqueles que de alguma forma se dedicavam à divulgação do Espiritismo. No site da ABRADE afirma-se que ela guarda afinidade de propósitos com a antiga ABRAJEE. Sobre a não extinção da ABRAJEE, ver: ALMEIDA, Paulo. *ABRADE – É o fim?*. Disponível em: [http://www.lampadarioespirita.com/noticias.asp?ID\\_AreaNoticia\\_Noticia=10](http://www.lampadarioespirita.com/noticias.asp?ID_AreaNoticia_Noticia=10) Último acesso em 28 de Março de 2014. Sobre a ABRADE, ver: *ABRADE. Abrade*. Disponível em: <http://www.abrade.com.br/site/index.php?pag=empresa> Último acesso em 28 de Março de 2014.



tinham que imprimir seus trabalhos em gráficas de terceiros por não disporem de tipografia própria. O segundo momento começa em 1939, a partir do funcionamento de sua primeira tipografia em sua própria sede, na Avenida Passos nº. 30, no Centro da cidade. Por fim, o terceiro momento se dá a partir de 1948 com a fundação do Departamento Editorial que os espíritas dessa federativa chamaram de a “Cidade do Livro”, que representou a ampliação física e da capacidade produtiva de sua gráfica, a partir de então funcionando no bairro de São Cristóvão. Zeus Wantuil, escrevendo sobre o centenário da Livraria da federativa em Março de 1997, rememora o primeiro momento, quando ela

foi, por muitos anos, dirigida por Administradores nomeados pela Diretoria, responsáveis não só pela venda dos livros, que também pela editoração de obras espíritas, *preparadas e impressas, por conta dela ou da Federação, em diversas Tipografias e Livrarias-editoras brasileiras e lusitanas.*<sup>50</sup>

A FEB projetava a montagem de sua tipografia porque não desejava ficar sob a dependência das gráficas particulares. No seu Estatuto de 1917 consta que

Art. 67. Anexa á Livraria, *estabelecerá a Federação, logo que seja possível, uma typographia para a impressão do Reformador, organ official, e das obras cujos direitos autoraes tenha adquirido. Na typographia poderão ser executados outros trabalhos de impressão, tendo especialmente em vista reduzir o custo das edições da Livraria, de modo a facilitar a diffusão da doutrina.*

Art. 68. Será estabelecida, oportunamente, uma *officina de encadernação, destinada ao preparo do Reformador e aos trabalhos da Livraria, da Bibliotheca e outros.*<sup>51</sup>

Note-se que, desde esse momento, a primeira justificativa para o estabelecimento de uma tipografia anexa à Livraria é a impressão do *Reformador*, seguido das obras que detivessem os direitos. Além disso, seria destinada à impressão de “*folhetos originais ou traduzidos, que, a juízo da Directoria, sejam considerados úteis á propaganda do Espiritismo e aos fins sociaes*”<sup>52</sup>. Deixavam a disposição consignada no Estatuto a fim de facilitar a implementação do projeto quando reunissem possibilidades materiais para tanto. Visavam, com a medida, reduzir os custos da edição de seus trabalhos, acreditando que estes poderiam ser barateados se dispusessem das ferramentas necessárias para a execução das impressões, o que facilitaria o trabalho de divulgação doutrinária uma vez que, com mais recursos disponíveis, poderiam imprimir maior número de exemplares de sua revista, de livros e folhetos. Chamo a atenção para o fato de que os elaboradores deste Estatuto deixaram aberta a possibilidade da futura tipografia e da oficina de encadernação da FEB realizarem outros trabalhos, que bem poderiam ser externos às atividades institucionais da federativa, com vistas a obterem recursos materiais adicionais àqueles obtidos com a produção eminentemente

<sup>50</sup> WANTUIL, Zeus. “Livraria Espírita da FEB no seu Centenário”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Março de 1997, p. 88. Grifos meus.

<sup>51</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1917, p. 27. Grifos meus em itálico.

<sup>52</sup> Idem, Art. 4, § 5º, p. 5.

espírita. Além disso, planificavam publicar obras não espíritas, mas que, no entendimento deles, pudessem guardar alguma relação com a Doutrina. É o que podemos constatar no artigo 65 do mesmo Estatuto, onde se lê que “*além das obras propriamente espíritas poderão ser editadas e publicadas pela Livraria, as de sciencias moraes e philosophicas, de fácil vulgarisação e que possam, directa ou indirectamente contribuir para a acceitação das idéias do Espiritismo*”<sup>53</sup>. Na Livraria, eram vendidas obras de “*teosofia, esoterismo, ocultismo e outras, geralmente em francês*”<sup>54</sup>. Além deste idioma, haveria livros também em espanhol, italiano e alemão. Em 1925, o Administrador Antonio Alves da Fonseca resolveu “*reduzir de muito, senão de todo liquidá-lo, o estoque de obras que nada tinham a ver com o Espiritismo*”<sup>55</sup>. Reduziu ou liquidou o estoque? Isso não fica claro, mas demonstra que os diretores da FEB durante alguns anos mostraram-se tolerantes com outras doutrinas, e se o fizeram é porque viam algum tipo de proximidade ou relação entre o Espiritismo e elas. Curiosamente, resolvem dar fim na impressão de obras estranhas à Doutrina Espírita no ano em que os preparativos do Congresso Constituinte Espírita Nacional, que originou a Liga Espírita do Brasil, estavam em andamento, congresso que viria a realizar-se no ano seguinte, “coincidentemente” no mesmo ano da primeira reunião do Conselho Federativo da FEB<sup>56</sup>. No *Reformador* de 16 de Abril de 1926 consta uma carta do então presidente da FEB, Luiz Barreto A. Ferreira, endereçada a Leal de Souza, que participou de uma comissão que foi convidar a FEB para o Congresso Constituinte Espírita Nacional, ao qual ela não compareceu. Nela podemos ver um dos pontos de discordância apontados pelo diretor da FEB para justificar a recusa de adesão ao projeto nascente.

A Federação, sabeis, tem um programma fixado desde a sua fundação, visando a graduação de nível moral da humanidade, dentro do Evangelho de Jesus e conforme com a Revolução Espírita, *programma esse que não comporta o ecletismo de que se faz cabedal a Constituinte*.<sup>57</sup>

Os diretores da FEB viam as atividades de impressão de seu órgão oficial e de seus livros como partes integrantes de um conjunto. Tanto que para atender a estas duas frentes de trabalho seria designada uma só pessoa, o Administrador da Livraria e oficinas, segundo o Estatuto de 1917, no seu Artigo 48. A ele competiriam, além de cuidar da parte administrativa – a gerência – de *Reformador*:

§ 1º. A *gestão da parte commercial da Livraria*, promovendo o seu desenvolvimento e dilatando-lhe as operações, por meio de uma propaganda bem orientada, na Capital Federal e nos Estados.

---

<sup>53</sup> Idem, p. 26 e 27.

<sup>54</sup> WANTUIL, Zeus. “Livraria Espírita da FEB no seu Centenário”. *Reformador*, op. cit., p. 89.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Ver: “Constituinte Espírita Nacional”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Dezembro de 1925, p. 496 a 498.

<sup>57</sup> FERREIRA, Luiz Barreto A.. “Constituinte Espírita”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Abril de 1926, p. 194. Grifos meus.

§ 2º. *A gerência da typographia*, dando-lhe o maior desenvolvimento possível.

§ 3º. *A administração das oficinas de encadernação*.<sup>58</sup>

Em 1917, eram projetos. Se a tipografia e a oficina de encadernação não existiam materialmente naquele momento, é provável que o contato com as diferentes gráficas que prestariam serviços de impressão e encadernação à FEB fosse realizado pelo Administrador da Livraria. No Estatuto de 1925, a gerência do *Reformador* não está mais sob a responsabilidade do Administrador da Livraria e oficinas. Já existe uma gerência específica para o órgão oficial.

Vinte anos depois, em 1937, o então presidente da FEB, Guillon Ribeiro, tratou do problema do atraso na distribuição do *Reformador*. Segundo ele, provavelmente a partir de considerações do gerente da revista,

*somente levando a muito mais do dobro do custo da publicação do Reformador, no que não se pode sequer pensar, conseguiria pôr mais ou menos em dia a distribuição de cada uma de suas edições. Há, no entanto, uma providência que solucionaria o caso de maneira plenamente satisfatória, de qualquer ponto de vista donde seja considerada: a montagem de uma tipografia, com o material estritamente necessário á impressão do Reformador e de alguns pequenos trabalhos tipográficos (...).*<sup>59</sup>

Para Guillon Ribeiro, apenas duas alternativas se apresentavam naquele momento: a elevação dos custos ou a montagem de uma tipografia que, para ele, seria a solução para o caso. Interessante que, neste momento, a impressão de livros não é cogitada. A tipografia atenderia, primordialmente, a impressão do *Reformador* e de pequenos trabalhos, que poderiam ser, por exemplo, folhetos doutrinários. O Estatuto de 1933, então vigente, à semelhança do de 1917, ainda trazia o desejo de que a tipografia a ser criada contemplasse a impressão de livros<sup>60</sup>. Guillon Ribeiro parece fazer uma análise de conjuntura e não ver possibilidades de um passo tão grande. Sua proposta sugere, apenas, o atendimento das necessidades do órgão oficial.

As reclamações sobre o atraso na distribuição do *Reformador* eram antigas, o que evidencia que se tratava de um problema recorrente e incômodo. Em sua edição de 1º de Fevereiro de 1921 demonstram que a paciência de alguns espíritas vinha se esgotando por causa da impontualidade da revista.

*Esse facto ha dado logar, como era natural, a queixas e reclamações por parte dos consocios e assignantes, sendo que alguns destes levaram a demonstração do seu desagrado ao extremo de*

---

<sup>58</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1917, p. 23. Grifos meus.

<sup>59</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório, apresentado pelo seu presidente, á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1937, sobre os trabalhos da instituição e contas da sua administração, durante o ano social de 1º de Julho de 1936 a 30 de Junho do ano seguinte”. *Reformador*, op. cit., p. 404. Grifos meus.

<sup>60</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1933, art. 68, p. 27.

*ordenarem a suspensão de suas assignaturas*, apresentando aquelle facto como causador de tal resolução.<sup>61</sup>

O autor não identificado do artigo, falando pelo órgão da FEB, reforça que tudo fariam para evitar que o problema tornasse a se repetir, ainda que se isentassem da responsabilidade pelo ocorrido, uma vez que o *Reformador* “*se compõe e imprime numa officina typographica, onde, como em todas as officinas, os trabalhos com frequência se retardam por várias causas, cuja remoção não está em nosso poder*”<sup>62</sup>. Além disso, a distribuição da revista para os assinantes estaria a cargo dos Correios, que não prestariam um serviço eficiente e regular. Também o responsabilizam pelo “*extravio ali de numerosos exemplares do Reformador, não faltando mesmo agente do interior que, certamente movido pelo ódio sectarista, dá sumiço a maços inteiros da nossa revista*”<sup>63</sup>. O autor do artigo tenta argumentar, por fim, que como a revista não era um órgão noticioso de fatos diários e sim doutrinários, não seria problema que fosse lida com alguns dias de atraso porque não afetaria a compreensão do texto.

Rememorando, em nome da FEB, a criação de sua Livraria em 1997, Zeus Wantuil diz que a ideia de se montar uma tipografia foi combatida. Os críticos da iniciativa – os quais não são identificados por ele – afirmariam que a federativa, ao investir na criação de uma oficina gráfica, “*caminhava para uma expressão meramente mercantilista*”<sup>64</sup>. A partir da leitura dos relatórios de atividades da FEB, apresentados pelos seus presidentes anualmente no *Reformador*, é possível perceber que as críticas que receberam iam, mesmo, nesta direção. Em 1938, Guillon Ribeiro afirma que os objetivos da Livraria “*são de ordem mais elevada, porquanto neles não entram preocupações de lucro, para acumulação de haveres com que se enriqueça materialmente a instituição*”<sup>65</sup>. Dessa forma, procura responder aos oponentes da FEB que provavelmente taxariam a federativa de gananciosa, preocupada demasiadamente em acumular recursos materiais, bem como prestava um esclarecimento público aos demais leitores do órgão oficial que pudessem, eventualmente, estar em contato com a argumentação desses adversários. Em 1945, manifestando gratidão aos funcionários da Livraria, Antonio Wantuil de Freitas diz que o serviço dela era comercial apenas na aparência pois, em realidade, se tratava de um “*um setor de difusão de felicidade espiritual*”<sup>66</sup>. Na ocasião,

---

<sup>61</sup> “O ‘Reformador’”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Fevereiro de 1921, p. 54. Grifos meus.

<sup>62</sup> *Idem*.

<sup>63</sup> *Idem*.

<sup>64</sup> WANTUIL, Zeus. “Livraria Espírita da FEB no seu Centenário”. *Reformador*, op. cit., p. 89.

<sup>65</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado, pelo seu presidente, á Assembléa Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1938, sobre os trabalhos da instituição e as contas de sua administração, durante o ano social de 1º de Julho de 1937 a 30 de Junho do ano seguinte”, op. cit., p. 292.

<sup>66</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléa Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1945, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1944 a 30 de Junho de 1945”. *Reformador*, op. cit., p. 198.

mostrava-se interessado em que esse entendimento do papel desempenhado por ela atingisse a generalidade dos espíritas, ao afirmar que essa compreensão

*já vai alcançando todos os meios espíritas do País, que, aos poucos, ora por verem os resultados da difusão do Espiritismo, ora por verificarem que os seus diretores não recebem quaisquer vencimentos, honorários ou gratificações pelos seus serviços, se tornam em auxiliares dessa obra, única no mundo, pelo seu tamanho, pelo seu plano e por sua grandiosidade futura.*<sup>67</sup>

Assim, desejavam demonstrar que a FEB não objetivava, com a iniciativa da Livraria, primordialmente o lucro, bem como seus diretores não recebiam proventos de qualquer natureza pela atividade que desempenhavam na federativa, acusação que provavelmente poderia ser feita pelos seus adversários externos à instituição. O desejo manifesto da FEB na montagem de uma tipografia em 1937 foi encarado pelos seus críticos, como vontade de obter lucros numa empresa comercial, atividade que no entendimento deles poderia desabonar a imagem de uma instituição espírita voltada para a caridade. Em 1945, a atividade da Livraria segue sendo mal vista pelos adversários da federativa. Em 1997, no centenário da Livraria, as críticas ainda são lembradas pela FEB, o que demonstra que marcou seus dirigentes e simpatizante para além do contexto de fundação do seu Parque Gráfico em São Cristóvão, no ano de 1948<sup>68</sup>. Rememora-las serve, também, para destacar os esforços da federativa e dos envolvidos no empreendimento, exaltando a força de vontade dos que bancaram o projeto, acreditando nele, apesar das contestações. Tratar-se-ia de um esforço de autoafirmação.

Em 4 de Novembro de 1939 entraria em funcionamento na Avenida Passos nº 30, térreo, no Centro da cidade, “*a primeira oficina tipográfica da FEB (...) num local que correspondia ao antigo depósito da Livraria*”<sup>69</sup>. Dois anos depois, em 1941, Guillon Ribeiro diz, que a Livraria, “*embora ainda se ressinta da falta de algumas peças que lhe completem o aparelhamento (...) atingiu a 91:125\$800 o valor da sua produção*”<sup>70</sup>. Mostrava entusiasmo com o resultado alcançado porque a oficina gráfica conseguiu pagar todo seu maquinário e todo o material que a constituía. No entanto, esperava obter as peças que faltavam para que “*a sua aparelhagem se tornasse integral e a sua produtividade alcançasse o nível a que deve chegar*”<sup>71</sup>. Achavam que ela podia render mais. Além disso, planificavam “*uma secção de*

---

<sup>67</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>68</sup> Vale observar a semelhança não casual dos nomes Antonio Wantuil de Freitas e Zeus Wantuil. São pai e filho, respectivamente. Esse e outros assuntos devem ter feito parte conversas domésticas, do contrário Zeus Wantuil não teria identificado, no Relatório de atividades apresentado em 1945, numa referência elogiosa aos funcionários uma resposta à crítica dos adversários da FEB.

<sup>69</sup> WANTUIL, Zeus. “Livraria Espírita da FEB no seu Centenário”. *Reformador*, op. cit., p. 89.

<sup>70</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1941, sobre os trabalhos da instituição e a gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1940 a 30 de Junho de 1941”. *Reformador*, op. cit., p. 243.

<sup>71</sup> Idem.

encadernação, que de enorme vantagem seria, sobretudo, para o preparo do **Reformador**, depois de impresso”<sup>72</sup>.

Em 1942, verificamos que Guillon Ribeiro atribui a ideia da instalação da oficina gráfica como dependência da Livraria ao administrador dela, José Vaz de Carvalho. Naquela oportunidade, o então presidente avalia de maneira positiva os trabalhos deste departamento. Segundo ele, apesar da diminuição das vendas ocorrida em função da “*crise profunda e grave em que se debate o mundo todo e que, como forçosamente havia de dar-se, atingiu de modo bastante sensível o nosso paiz*”<sup>73</sup>, o ano anterior teria sido “*de trabalhos mais fecundos e excelentes da Livraria*”<sup>74</sup>, por conta das edições e reedições de livros. No entanto, ainda operavam com algumas limitações uma vez que não conseguiam imprimir na oficina gráfica todas as obras, porque

ocasiões há em que o acúmulo de trabalho, determinado pela necessidade da impressão simultânea de duas ou três obras, ou de duas, sendo uma de grandes proporções, como, por exemplo, “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, forçam ao recurso a tipografias particulares, a fim de não haver retardamento nas publicações.<sup>75</sup>

Isso poderia ser resolvido, segundo Guillon Ribeiro, com a importação de outra linotipo<sup>76</sup>. Se ainda faltava uma máquina, o problema da encadernação das obras foi resolvido, livrando a federativa das gráficas particulares “*que além de cobrarem preços bastante elevados e que tendem a elevar-se cada vez mais, já não apresentam trabalhos bem cuidados, devido a quantidade de serviço que aflue para elas, cujo número é reduzido*”<sup>77</sup>. Assim, a FEB podia imprimir seus trabalhos – livros e o *Reformador* – sem a dependência dos prazos de impressores e encadernadores. O custo total da oficina de encadernação foi de 10:508\$700, “*dos quais, daqui a menos de um ano, se Deus o permitir, nada deverá a Livraria*”<sup>78</sup>. Havia uma autoconfiança muito grande no sucesso do empreendimento.

Ainda em 1942, verificamos uma nota de lamentação de Guillon Ribeiro. José Vaz de Carvalho solicitou seu afastamento da direção da Livraria “*premido pela necessidade de prolongado repouso e de cuidar da saúde fortemente abalada*”<sup>79</sup>. Será que o aumento das responsabilidades afetou sua saúde? Afinal, estava à frente dela há quase doze anos, “*sem se*

---

<sup>72</sup> Idem. Grifo do autor no nome da revista.

<sup>73</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na reunião ordinária de 1942, sobre os trabalhos da instituição e gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social, de 1º de Julho de 1941 a 30 de Junho de 1942”. *Reformador*, op. cit., p. 190.

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Não haviam adquirido ainda outra máquina “*pela impossibilidade de importa-la e de encontrar-se aqui uma em cujo funcionamento se possa confiar. Satisfeita essa necessidade, será integral a eficiência da oficina gráfica da Federação*”. Idem, p. 191.

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> Idem.

*afastar dali um só dia sequer, sem jamais haver querido gozar de férias, por pequenas que fossem, trabalhando sem interrupção, não raro enfermo e, portanto, com evidente sacrifício (...)*<sup>80</sup>. Nascido em 11 de Setembro de 1884<sup>81</sup> e dedicado ao comércio de roupas, na ocasião em que solicitou sua saída, em 1942 – quase 3 anos depois do início de atividades da oficina gráfica da FEB – tinha 58 anos. Sua atividade à frente da Livraria poderia ser remunerada, mas não tenho como afirmar se era, de fato, assalariado. O Estatuto de 1933, em seu artigo 38, parágrafo 24, que trata das atribuições da Diretoria, diz que esta deveria “*nomear um confrade de reconhecida competência commercial, ou com ele celebrar contracto, para administrar ou gerir a Livraria da Federação, definindo-lhe com precisão as atribuições e obrigações, marcando-lhe a remuneração (...)*”<sup>82</sup>.

Em 1943, Guillon Ribeiro afirma que o movimento de venda de obras manteve-se equivalente ao dos anos anteriores. Consta, também, que por indicação de José Vaz de Carvalho assumiu a Livraria o comerciante e industrial Amadeu Santos, que permaneceu nela durante apenas 10 meses<sup>83</sup>. No livro “Doutrina e Crítica”, de sua autoria, consta que ele era comerciante e industrial que “*dedica-se, nas poucas horas que os labores lhe dão alguma folga, aos trabalhos do espírito*”<sup>84</sup>. Como seu antecessor, seria do comércio. E, quem sabe, também como ele, não tenha conseguido conciliar atividade profissional remunerada externa às atividades doutrinárias com “os trabalhos do espírito”? Recordem-se do “jornalismo amador” de Leopoldo Machado e Arnaldo São Thiago, não remunerado e feito nas horas livres, conciliando atividade doutrinária e profissional. Seu livro foi impresso nas oficinas da FEB no período em que esteve à frente da Livraria da federativa<sup>85</sup>. A responsabilidade certamente lhe facilitou a impressão de sua obra.

---

<sup>80</sup> Idem.

<sup>81</sup> AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS. *José Vaz de Carvalho*. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&ved=0CDMQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.autoresespiritasclassicos.com%2FBiografias%2520Espiritas%2FJ%2FJos%25C3%25A9%2520Vaz%2520de%2520Carvalho.doc&ei=dqLRUv3aGdONkAfkuoDYBA&usq=AFQjCNEtrQ3gUo7plMORNGwH9qdYzudO8g> Último acesso em 11 de Janeiro de 2014. Trata-se de um documento de word.

<sup>82</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1933, p. 17. Grifos meus.

<sup>83</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1943, sobre os trabalhos da instituição e gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1942 a 30 de Junho de 1943”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1943, p. 212.

<sup>84</sup> ANÔNIMO. In: SANTOS, Amadeu. *Doutrina e Crítica*, op. cit., p. 7.

<sup>85</sup> Trata-se de uma reunião de artigos doutrinários de diferentes autores, publicados no *Arauto da Fé* e na *Folha do Povo*, de Ponte Nova, Minas Gerais, em resposta a um católico que fazia críticas ao Espiritismo através do jornal *Lutador*, de Manhumirim, Minas Gerais. O livro é de 1943 com prefácio assinado em Novembro do ano anterior, três meses depois de assumir a Livraria da FEB.

Por último, no lugar de Amadeu Santos a FEB assumiu a administração direta da Livraria e nomeou, como sub-administrador, Armando Camanho, “*que era o empregado mais antigo*”<sup>86</sup>. Zeus Wantuil diz que isso se deu “*com o propósito de regularizar os serviços da Livraria, equilibrar-lhe as contas e pôr em dia perto de oitenta obras espíritas que se achavam esgotadas*”<sup>87</sup>. O que ele omite é a divergência que surgiu entre a Diretoria da FEB e Amadeu Santos, ainda que ele tenha se utilizado, largamente, dos mesmos relatórios de atividades da FEB que têm sido mencionados neste trabalho. Segundo Antonio Wantuil de Freitas,

*verificando que sua administração visava, ultimamente, talvez com receio de um fracasso industrial, mais a parte comercial que a Espiritual, deixando de editar obras doutrinárias, que pouco ou nenhum lucro apresentavam, em vista de seu custo ser sobrecarregado pelos milhares de volumes distribuídos gratuitamente, resolveu a Diretoria, por não concordar com essa orientação, ela própria administrar a Livraria, com o fim de regular seu serviço, visto como se achavam esgotadas perto de oitenta obras, tôdas elas importantíssimas, segundo o nosso ponto de vista religioso, como sejam as obras de Kardec, de Francisco Cândido Xavier e muitos outros.*<sup>88</sup>

Amadeu Santos e os diretores da FEB divergiam quanto às obras que deveriam ser impressas. O presidente da federativa justifica a demissão alegando que as medidas adotadas pelo ex-administrador da Livraria visariam mais a parte comercial que a espiritual, argumento que, como vimos, seria utilizado pelos adversários do empreendimento editorial e que parecia assombrar os diretores da instituição. Os livros de Kardec e Francisco Cândido Xavier venderiam pouco no entendimento de Amadeu Santos? É o que sugere o relato de Antonio Wantuil de Freitas. Entretanto, em 1947, o presidente da FEB diz que, embora tivessem prioridade para serem impressas, as edições dos livros de Kardec davam prejuízos, o que aconteceria em razão da distribuição gratuita deles, bem como pelos seus “*baixíssimos preços*”<sup>89</sup>. Dois anos antes, em 1945, ainda ele ao comentar o desempenho da Livraria, afirma que “*os livros de Francisco Cândido Xavier, cujos direitos autorais pertencem à Federação, por doação espontânea desse abnegado servidor do Cristo, continuam em primeira plana, ao*

---

<sup>86</sup>RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1943, sobre os trabalhos da instituição e gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1942 a 30 de Junho de 1943”. *Reformador*, op. cit., p. 213.

<sup>87</sup> WANTUIL, Zeus. “Livraria Espirita da FEB no seu Centenário”. *Reformador*, op. cit., p. 88 e 89.

<sup>88</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião Ordinária de 1944, sobre os trabalhos da instituição e a gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1943 a 30 de Junho de 1944”. *Reformador*, op. cit., p. 195. Grifos meus.

<sup>89</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1947, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1946 a 30 de Junho de 1947”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1947, p. 197.



lado dos de Kardec”<sup>90</sup>. Os livros do médium mineiro se constituíam novidades para os leitores espíritas, simpatizantes ou curiosos, afinal, seriam de autoria dos Espíritos: “O que eles trariam de novidade do “outro lado” da vida?”, deveriam se indagar. Além disso, pela notoriedade pública que Francisco Cândido Xavier já alcançara, sua produção literária despertaria crescente interesse, o que se manifesta no aumento da demanda dos leitores pelas suas obras. Em 11 de Junho de 1936, o *Diário da Noite*, em sua capa, apresentava o médium mineiro como “o famoso psychographo de Pedro Leopoldo”<sup>91</sup>. Os relatórios de atividades da FEB dos anos de 1946 e 1948, respectivamente, assinalam que os livros dele alcançavam grande êxito e eram cada vez mais procurados<sup>92</sup>. Por sua vez, Guillon Ribeiro destacava, em 1939, que dos dez livros mais vendidos pela Livraria da federativa, três eram do médium mineiro, sendo que o livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” ficou em terceiro, à frente de “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, ambos de Allan Kardec. A obra mais vendida aquele ano foi “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, também do autor francês. Assim, os livros de Francisco Cândido Xavier e de Allan Kardec encabeçavam a lista de vendas<sup>93</sup>. Amadeu Santos, o ex-administrador da Livraria, incomodava-se com o baixo retorno financeiro das obras de Kardec que, apesar de até venderem muito, tinham baixos preços e muitos exemplares distribuídos gratuitamente. E quanto às obras esgotadas de Francisco Cândido Xavier, ele poderia discordar de Antonio Wantuil de Freitas quanto à importância delas para a divulgação doutrinária.

Os dirigentes da FEB fizeram uma divisão de tarefas entre si, respeitando os conhecimentos prévios que tivessem da administração da Livraria, uns assumindo

a parte da impressão e de cálculos, e outros, a parte geral do comércio e da indústria do livro, delegados êsses que, orientados pelo procurador da Federação, após minuciosos estudos procedidos em todos os departamentos da livraria e das oficinas, conseguiram, com o conhecimento do custo real, *fixar os preços mínimos*. Fixados êsses preços, *não concordaram os delegados que continuassem a ser feitos os elevados descontos que eram concedidos aos intermediários, descontos que atingiam muitas vezes o próprio custo do livro*, visto que não seria justo continuasse a nossa Livraria a conceder o duplo e o triplo dos descontos usuais no

---

<sup>90</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1945, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1944 a 30 de Junho de 1945”. *Reformador*, op. cit., p. 197.

<sup>91</sup> “Conservada em segredo a presença, no Rio, de Chico Xavier, o famoso psychographo de Pedro Leopoldo”. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1936, capa.

<sup>92</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1946, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e matéria, durante o ano social de 1 de Julho de 1945 a 30 de Junho de 1946”. *Reformador*, op. cit., p. 198 e FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1948, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e matéria, durante o ano social de 1 de Julho de 1947 a 30 de Junho de 1948”. *Reformador*, op. cit., p. 197.

<sup>93</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado, pelo seu presidente, à Assembléia Deliberativa, na reunião ordinária de 1939, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1 de Julho de 1938 a 30 de Junho de 1939”. *Reformador*, op. cit., p. 292.

comércio do livro. (...) Fixados os preços de custo, *adicionados das despesas oriundas da propaganda e das ocasionadas pelas remessas gratuitas feitas às Bibliotecas do País, os delegados fixaram o preço mínimo, aumentando-o de um lucro insignificante para as despesas eventuais*, e organizaram o catálogo 44, onde, ainda, *fizeram propaganda das obras que editamos*, sem preferências e sem outro desejo que senão o de servir à difusão do Espiritismo.

94

O “equilibrar as contas” mencionado por Zeus Wantuil tratava-se de uma série de medidas que visavam, em última análise, o aumento do lucro. Tomando como referencial os descontos praticados no mercado, reduzem as margens de ganhos dos intermediários e aumentam as da instituição. Além disso, dissolvem os custos da propaganda e das distribuições gratuitas de livros no preço de custo das obras que imprimiam. Além disso, reorganizam as tarefas, divididas entre os diretores e sob a supervisão do Procurador da FEB, membro da diretoria que interagira mais com a Livraria<sup>95</sup>. Ora, agiram como numa empresa comercial que visa o lucro. Havia boa expectativa quanto à sua indicação de Amadeu Santos. José Vaz de Carvalho devia conhecê-lo a partir de suas atividades doutrinárias, além de serem do ramo comercial, quem sabe da mesma classe social. Guillon Ribeiro, em 1942, dizia que o sucessor *“terá enormemente facilitada a sua tarefa, desde que se adstrinja a seguir, sem delas se afastar, as pegadas de seu antecessor, pois que deste receberá tão perfeitamente organizados quanto possível os serviços e trabalhos cuja direção lhe competirá enfrentar”*<sup>96</sup>. Terminando, faz questão de ressaltar que José Vaz de Carvalho *“jamais levou a efeito qualquer empreendimento, inovação ou remodelação, sem que tudo previamente nos expusesse e solicitasse a nossa opinião, que sempre atenciosa e fraternalmente acatou”*<sup>97</sup>. Assim, as decisões que tomasse passavam pelo crivo de Guillon Ribeiro, que dava ou não o aval. Não tinha liberdade para tomar decisões sozinho. Quando ele refere-se a Amadeu Santos, no ano seguinte, diz que este saiu *“depois de haver procurado manter a Livraria no nível em que a recebera e lhe dilatar os negócios, de modo a obter para ela crescente prosperidade financeira”*<sup>98</sup>, o que deve ter tentado fazer com mais autonomia que seu antecessor, gerando desconforto junto aos dirigentes da federativa. Ele possuía estratégia

---

<sup>94</sup>FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião Ordinária de 1944, sobre os trabalhos da instituição e a gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1943 a 30 de Junho de 1944”. *Reformador*, op. cit., p. 195. Grifos meus.

<sup>95</sup>De acordo com o Estatuto de 1933, dentre as suas atribuições constava a de *“conhecer, como delegado especial da Directoria para esse effeito, dos actos do administrador ou gerente da Livraria, inspecionando-lhe a escripturação e procedendo ás investigações que julgue necessárias”*. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1933, art. 45, parágrafo 4º, p. 21.

<sup>96</sup>RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na reunião ordinária de 1942, sobre os trabalhos da instituição e gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social, de 1º de Julho de 1941 a 30 de Junho de 1942”. *Reformador*, op. cit., p. 192.

<sup>97</sup>Idem, p. 192 e 193.

<sup>98</sup>RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1943, sobre os trabalhos da instituição e gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1942 a 30 de Junho de 1943”. *Reformador*, op. cit., p. 213.

diversa dos diretores da FEB – o que passava pelo que editar ou não –, para expandir os negócios e aumentar o lucro, o que os diretores tentaram depois de sua saída através de novas maneiras de encarar a gestão da Livraria, ainda que eles dissessem que Amadeu Santos visou mais a parte comercial que a espiritual. E apesar das medidas adotadas, Antonio Wantuil de Freitas comunica à Assembleia Deliberativa em 1944 “*a absoluta necessidade de aumento de Capital da nossa Livraria, afim de que ela possa desempenhar, com mais ampla eficiência, a propaganda doutrinária que há longos anos vem realizando entre os mais árduos sacrifícios*”<sup>99</sup>. Não eram bons tempos para os espíritas que atuavam na imprensa doutrinária e tinham suas oficinas gráficas.

Em 1945, Antonio Wantuil de Freitas destacava a atuação da Livraria, uma vez que atribuía a ela o fato de que em todas as partes do país existiam adeptos da Doutrina Espírita, graças aos livros espíritas que editava. Comentava, no relatório apresentado à assembleia deliberativa naquele ano, sugestões de projetos de ampliação deste departamento dadas por companheiros seus. Mas ele vê problemas em uma delas.

*Apresentaram-nos a ideia de criarmos uma sociedade anônima, na qual pudessem cooperar todos os companheiros de boa vontade, de sorte a aumentarmos as possibilidades materiais da Livraria e a colocarmos em posição que lhe garanta a finalidade por um período mínimo de dez anos. Essa forma de sociedade, porém, que aparentemente se nos apresenta vantajosa, iria criar uma situação perigosa para os meios espíritas, visto que as ações poderiam, mais tarde, cair em mãos de adversários do Espiritismo, e, conseqüentemente, transformar tôda essa orientação traçada pelos que se lembraram, em boa hora, de colocar a Livraria como propriedade da Federação e sob a sua exclusiva orientação, o que, aliás, lhe vem garantindo essa estabilidade e uniformidade doutrinária, desde a sua fundação. Cremos, portanto, que não devemos transformar em outra qualquer modalidade a atuação de nossa Editôra, visto que, assim como foi criada, ela não pertence individualmente a ninguém, mas á coletividade espírita, sendo os seus administradores simples mandatários dessa coletividade, demissíveis em qualquer época e sem direito de modificarem os planos doutrinários que pelo Alto nos foram traçados.*<sup>100</sup>

Uma sociedade anônima poderia captar os recursos necessários para a ampliação das atividades gráficas da FEB. Entretanto, caso ela perdesse o controle acionário, estaria em risco a orientação doutrinária que ela imprimia neste departamento de serviços. Os novos controladores poderiam ditar o que deveria ou não ser impresso pelas suas máquinas, além de tornarem o empreendimento mais comercial, como uma empresa comum que visasse o lucro. A criação de uma Sociedade Anônima funcionou para aqueles que se organizaram em torno do projeto da *Revista Espírita do Brasil*, órgão da Liga Espírita do Brasil, em 1929. Porém, o

---

<sup>99</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião Ordinária de 1944, sobre os trabalhos da instituição e a gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1943 a 30 de Junho de 1944”. *Reformador*, op. cit., p. 195.

<sup>100</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1945, sobre os trabalhos da instituição e a gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1944 a 30 de Junho de 1945”. *Reformador*, op. cit., p. 196. Grifos meus.

projeto dos espíritas da FEB era mais ambicioso, não se restringia à publicação apenas de seu periódico. Quanto aos “adversários do Espiritismo”, eles bem podiam ser elementos de outras designações religiosas como, até, alguns espíritas que divergissem dos pontos de vistas doutrinários da federativa. Em 1943, Indalício Mendes, comentando as polêmicas em torno da obra de Roustaing, que acirravam os ânimos dos espíritas naquele momento, diz que,

os que procuram perturbar a paz do ambiente espírita, atacando Roustaing a pretexto de defender Kardec, como se este houvera sido vítima de algum agravo, *estão fóra da doutrina, são contra ela, porque não a cumprem. Os piores inimigos do Espiritismo são aqueles que estão dentro dele, dizendo-se espíritas sem cumprir-lhe os princípios essenciais.*<sup>101</sup>

Ainda no relatório de atividades apresentado em 1945, Antonio Wantuil de Freitas diz que a oficina gráfica está tendo dificuldades com o aumento de suas necessidades, que certamente tinham a ver com a impressão de livros. Segundo ele, “*várias foram as edições que nos vimos obrigados a entregar a impressoras estranhas, que, entretanto, as têm aceitado com certa relutância, visto como, financeiramente, muito mais interessante lhes é atender aos seus fregueses particulares*”<sup>102</sup>. Diante disso, ele encaminha à Assembleia Deliberativa uma proposta que ficaria para a próxima diretoria eleita:

*o plano de ampliar as nossas instalações, pela aquisição de novas máquinas automáticas e, se possível, a compra de um prédio onde a Livraria possa realizar o que lhe foi traçado pelo nossos maiores (...). Quanto à parte financeira para a realização desse plano, como a Federação não dispõe de recursos materiais, por distribuir anualmente pelos necessitados que lhe batem à porta tudo que consegue arrecadar entre os corações bem formados, lembramos o levantamento de uma campanha para a consecução dos recursos necessários ao grande empreendimento que colocará a nossa Editôra em condições de melhor desempenhar a missão que lhe está reservada.*<sup>103</sup>

Tinham confiança no sucesso da campanha para a aquisição de um prédio para a Livraria porque estariam recebendo donativos espontâneos, o que significaria a vontade de sócios e simpatizantes de ajudarem a FEB em seus trabalhos. O esforço de ampliação seria necessário, uma vez que além de buscarem imprimir livros em outras gráficas, fizeram sua impressora automática trabalhar “*durante dez horas diárias*”<sup>104</sup>. Em Novembro de 1945, Alberto Antunes, pelo *Reformador*, conclamou:

*A Federação é tua, é nossa, porque nos pertence; ela é da coletividade visível e invisível. Auxiliemo-la na sua campanha do livro. Coloquemo-la em situação que possa desenvolver a sua benéfica campanha de evangelização. Ela necessita de recursos materiais, de dinheiro apenas! Dá o que puderes, envia-lhe o teu donativo para a ampliação de suas oficinas tipográficas, faze como os nossos irmãos protestantes. Cumpre o teu dever!*<sup>105</sup>

<sup>101</sup> MENDES, Indalício. “Kardec e Roustaing”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1943, p. 114. Grifos meus.

<sup>102</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1945, sobre os trabalhos da instituição e a gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1944 a 30 de Junho de 1945”. *Reformador*, op. cit., p. 198.

<sup>103</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>104</sup> Idem, p. 192.

<sup>105</sup> ANTUNES, Alberto. “Aos Espíritas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Novembro de 1945, p. 261. Grifos meus. Não obtive informações sobre o autor.

A FEB seria de todos, mas nem todos decidiriam o que ela publicaria. Ajudá-la na tarefa do livro é apresentado como dever do espírita, ainda que esta federativa não considerasse sua, e não participasse, de outras iniciativas semelhantes, como observaremos mais adiante. E *Reformador* segue tentando amplificar essa campanha, ainda que não tivesse tão grande tiragem. Em Janeiro de 1946, Ismael Gomes Braga relata pelas páginas do órgão oficial uma reunião ocorrida na FEB, promovida pelo seu presidente, com seus sócios e simpatizantes, a fim de tratarem do aumento da produção de livros e a diminuição de seu custo. Segundo ele, Antonio Wantuil de Freitas disse que estavam deixando de atender a encomendas por livros doutrinários de todo o país por conta da incapacidade de produzi-los em quantidade que atendesse a demanda. Naquele momento, de acordo com o autor do artigo, o presidente da FEB sinaliza que os propagandistas desejavam mais livros e com menores preços. Seria necessário aumentar a oficina, o que não era possível porque o espaço estaria todo ocupado. Segundo ele, “a Diretoria já assinou compromisso de compra de amplo terreno à rua Figueira de Melo, 410, pelo preço de Cr\$: 1.250.000,00 e encomendou dos Estados Unidos uma grande máquina impressora”<sup>106</sup>. Por sugestões dos presentes, é formada a Comissão Nacional Pró Livro Espírita, cujo secretário geral seria o próprio Ismael Gomes Braga, com o objetivo de angariar fundos por meio de donativos de todo o país. No entanto, alguns dos presentes, que ele identifica como “amigos”, teriam procurado o presidente e levantado três objeções, a saber: o plano seria uma espécie de concorrência aos serviços assistenciais espíritas, que tinham nos donativos importante fonte de recursos; provocaria críticas dos inimigos do Espiritismo e, por fim, assinalam que

*por três vêzes nesta Capital, embora em outras rodas espíritas, já foi tentado êsse processo, ou processos semelhantes, para levantar fundos necessários à publicação de obras espíritas, e os resultados não foram satisfatórios. Parece, pois, que não há ainda perfeita compreensão do publico espírita sôbre a missão do livro e o plano poderá dar resultados medíocres.*<sup>107</sup>

Não dizem quais experiências fracassaram, nem quem as promoveu. Apenas que as iniciativas malogradas se deram em outros agrupamentos de espíritas e, pelo visto, sem o concurso da FEB que apenas aproveitou a ideia de captação de recursos para si. A conta do fracasso das outras iniciativas e do potencial resultado abaixo das expectativas dos espíritas da FEB é pendurada nos espíritas, que não compreendendo o papel do livro na evangelização espírita, dariam apoio insuficiente a iniciativas semelhantes. Com receio de um novo fracasso, agora dos espíritas da FEB, estes “amigos” solicitaram que a comissão designada não iniciasse seus trabalhos publicamente, “*porque êles providenciariam, na intimidade, os*

---

<sup>106</sup> BRAGA, Ismael Gomes. “Comissão pró livro Espírita”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1946, p. 7.

<sup>107</sup> Idem. Grifos meus.

*recursos econômicos necessários, em parte por meio de donativos vultosos e em parte por meio de empréstimos sem juros e a longo prazo*”<sup>108</sup>. No momento da escrita do artigo de Ismael Gomes Braga, os recursos já haviam sido alcançados e estariam disponíveis na Tesouraria da FEB. Amigos, de fato! O compromisso de compra, certamente, foi assinado depois da garantia dos recursos captados. No Relatório de atividades apresentado em 1946 consta que a despesa total, na qual se incluíam impostos, obras e maquinaria alcançaria Cr\$: 3.000.000,00<sup>109</sup>. Segundo Antonio Wantuil de Freitas, estariam impedidos de levar adiante a ideia não fosse o concurso de

*um confrade que nos ofereceu os recursos monetários que viéssemos a necessitar, sem juros e com o prazo de pagamento à nossa vontade, facilitando-nos, assim, a realização do nosso sonho e dando-nos tempo para que solicitássemos o auxílio dos espíritos, a fim de que a Federação não ficasse como devedora de tão elevada quantia.*<sup>110</sup>

O relatório do presidente da FEB diz ainda que, naquela reunião mencionada por Ismael Gomes Braga foi aberta uma lista de donativos onde aquele que emprestou os recursos concorreu com Cr\$: 200.000,00 que, somados às outras doações, teria alcançado quase Cr\$: 700.000,00. Agora, ele esperava que outros espíritos concorressem com donativos, porque até aquele momento (metade de 1946), *“poucos são os confrades que têm atendido ou compreendido esse movimento*”<sup>111</sup>, provavelmente para aliviar a dívida contraída, além de contarem, também, com *“a renda da própria indústria*”<sup>112</sup>. Os doadores, bem como o espírita que cedeu a quantia total por empréstimo, não são identificados.

Em 1947, Antonio Wantuil de Freitas demonstra decepção com aqueles que poderiam ter ajudado e não o fizeram.

*Infelizmente, porém, contrastando com o exemplo dos confrades que, nessa ou em outras oportunidades, têm colaborado financeiramente no trabalho de difusão da Doutrina pelo livro, outros companheiros, embora em condições de prestar auxílio, preferiram, mais uma vez, permanecer insensíveis, agarrados ao dinheiro de que são transitòriamente depositários, outros, por influência daqueles mesmos Espíritos que agiram em outras regiões do planeta, lhe são até mesmo contrários, e, num terceiro grupo, ainda outros existem cuja capacidade de visão não está à altura de perceber a finalidade da difusão do livro espírita. Assim, diante dessa incompreensão dos Ananias e das Safiras, a execução desse plano vem sendo retardada (...).*<sup>113</sup>

---

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1946, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1945 a 30 de Junho de 1946”. *Reformador*, op. cit., p. 197.

<sup>110</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>111</sup> Idem.

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1947, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1946 a 30 de Junho de 1947”. *Reformador*, op. cit., p. 191. Grifos meus. De acordo com o livro dos Atos dos Apóstolos (5: 1-11), Ananias e Safira eram um casal que vendeu uma propriedade que possuíam e retiveram a metade do dinheiro, levando a outra metade ao apóstolo Pedro, que descobriu a trama e teria desmascarado o homem, que morreu. *“Então Pedro lhe perguntou: ‘É verdade que*

A execução do projeto vinha sendo atrasada em função da falta de colaboração de alguns espíritas que, detentores de recursos materiais que poderiam concorrer com a obra da FEB, não o faziam, segundo seu presidente porque apegados aos transitórios bens materiais. Outros não auxiliariam porque, inspirados por Espíritos maus que lhes alimentariam os sentimentos ruins, seriam contra o projeto da FEB, como se todos que não cooperassem com suas iniciativas ou dela divergissem fossem espiritualmente mal influenciados. Por fim, novamente o diagnóstico de que em função da má compreensão quanto ao potencial do livro doutrinário, muitos espíritas estariam deixando de contribuir com a obra planejada pela federativa. Assim, o projeto da FEB estaria sendo retardado por sovinas, obsidiados por maus Espíritos e por ignorantes que não teriam refletido sobre a importância do livro espírita.

Apesar das queixas quanto à falta de auxílio material para o empreendimento, vinham recebendo contribuições significativas. “*Além de três donativos de duzentos mil cruzeiros cada um, outros recebemos*”<sup>114</sup>, outros dois ele faz questão de destacar, para incomodar as consciências daqueles “agarrados ao dinheiro”. Segundo Antonio Wantuil de Freitas, partiram de duas pessoas as quais eles não se dirigiram porque sabiam que eram pobres. O primeiro, de um senhor de 65 anos que criava e educava onze filhos, no valor de Cr\$: 50.000,00, economia de uma vida.

O segundo, não resultante de economias, *partiu de um jovem que tem sobre os ombros o peso da direção de um lar pobre e somente enriquecido pelas crianças orfanadas que a ele se acolheram. Esse jovem sempre viveu para a coletividade humana e a esta ofereceu constantemente tudo quanto lhe veio do Alto; todavia, apesar de tanto haver ofertado, uma tristeza lhe aflorava ao pensamento de quando em vez: não podia auxiliar com recursos materiais à obra de ampliação das nossas oficinas. E assim os meses se sucederam, até que certo dia, ao abrir uma carta que lhe fora dirigida, toma conhecimento que bondoso amigo lhe legara cem apólices no valor de cem mil cruzeiros. Verdadeira riqueza para quem nada possui, ou melhor, para quem tem a direção de numeroso lar, verdadeira esperança para um jovem, que naturalmente deveria pensar em multiplicá-la, não lhe ficou entre as mãos um segundo, porque, imediatamente, dela desistiu, autorizando que a entregassem ao presidente da Federação para que a despêdessemos no plano de ampliação de nossas oficinas impressoras.*<sup>115</sup>

O senhor de 65 anos e o jovem da narrativa não são identificados no relatório. No entanto, o jovem em questão era Francisco Cândido Xavier, o médium de Pedro Leopoldo. Em 30 de Janeiro de 1947, em sua carta dirigida a Antonio Wantuil de Freitas, presidente da FEB, o médium mineiro diz que se correspondia, também, com Frederico Fígner há 17 anos e

---

*vocês venderam o terreno por esse preço?’ Ela respondeu: ‘Sim, foi por esse preço.’ Então Pedro disse: ‘Por que vocês fizeram acordo para tentar o Espírito do Senhor? Veja! Os que foram enterrar seu marido estão chegando. Eles vão levar você também!’”, no que a mulher também teria morrido. BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 1396.*

<sup>114</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1947, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1946 a 30 de Junho de 1947”. *Reformador* op. cit., p. 197.

<sup>115</sup> Idem, p. 198. Grifos meus.

que ele se preocupava com sua situação material. Sabendo do legado deixado para ele pelo recém-desencarnado<sup>116</sup>, solicita que seja transferido à FEB<sup>117</sup>. Sem dúvidas que, com o exemplo estampado nas páginas do *Reformador* de Agosto de 1947, de dois espíritas pobres que tiveram desprendimento para doar tanto, esperavam que outros espíritas, em melhores condições financeiras, pudessem contribuir com algo.

Até a metade de 1947, haviam adquirido uma máquina que, segundo o presidente da federativa, aumentaria a produção em duzentos por cento. A construção de um prédio de três pavimentos já estava em curso também, sendo que em Outubro de 1947 faltaram recursos para as obras. Novo empréstimo de um confrade não identificado, sem juros e sem documento, para ser pago quando fosse possível. A obra chegou ao fim, ao que parece, entre o final de 1947 e o primeiro semestre de 1948. “*As obras de Figueira de Melo desde algum tempo se acham prontas para que iniciemos a mudança de nossas oficinas. Não a fizemos até hoje porque estamos dependendo da execução de certos serviços que só podem ser realizados pela Prefeitura do Distrito Federal*”<sup>118</sup>. O novo espaço teria 2.230 m<sup>2</sup>, contra os 480 m<sup>2</sup> da instalação anterior. Apesar do entusiasmo com a obra pronta, Antonio Wantuil de Freitas mostra preocupação, uma vez que precisariam de novas máquinas, mas não tinham recursos para adquiri-las, porém, contava com o aparecimento de “*confrades esclarecidos e portadores de recursos materiais que virão salvar a nossa situação*”<sup>119</sup>.

No *Reformador* de Janeiro de 1949, num artigo que tratava do 67º aniversário da revista, podemos ler que “*finalmente, em 9 de Setembro de 1948, era inaugurada a nova oficina*”<sup>120</sup>, chamada por Antonio Wantuil de Freitas de “a Cidade do Livro”, que seria “*uma realização grandiosa que movimenta perto de cinco milhões de cruzeiros; é uma engrenagem que roda sobre dentes movimentando quase uma centena de empregados*”<sup>121</sup>. No entanto, ainda assim, assinala que

---

<sup>116</sup> “Frederico Fígner, o maior e mais perfeito espírita do Brasil desencarnou às 20 horas de 19 de Janeiro de 1947”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1947, p. 5.

<sup>117</sup> XAVIER, Francisco Cândido. “Carta de Francisco Cândido Xavier à Antonio Wantuil de Freitas”. Pedro Leopoldo, 30 de Janeiro de 1947. Citado por SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*, op. cit., p. 124.

<sup>118</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1948, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1947 a 30 de Junho de 1948”. *Reformador*, op. cit., p. 192.

<sup>119</sup> *Idem*, p. 197.

<sup>120</sup> “O ano 67.º de Reformador”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1949, p. 7.

<sup>121</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1949, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano-social de 1º de Julho de 1948 a 30 de Junho de 1949”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Setembro de 1949, p. 210.



Por mais que aumentemos as nossas possibilidades gráficas, por maior que seja o nosso esforço, jamais conseguiremos acompanhar aquele desenvolvimento. *Se nos fôsem oferecidos alguns milhões de cruzeiros, imediatamente eles seriam transformados em ampliações que já se vão tornando necessárias. A produção tem aumentado consideravelmente, assustadoramente; todavia, diante da procura do livro espírita, estamos muito abaixo do equilíbrio desejado.*<sup>122</sup>

De acordo com o presidente da FEB, o departamento editorial, por mais que houvesse crescido, carecia de ampliação. Conseguiram aumentar a produção, mas ainda assim, não estariam dando conta da demanda pela literatura espírita. A par disso, conseguiram ajustar outras tarefas do setor editorial. Com o auxílio de dois diretores, os quais ele também não identifica, que são os *“primeiros “empregados” a chegar; não tem hora certa para as refeições, não podem sequer descansar quando em seus lares, pois que levam serviços para o serão de cada dia”*<sup>123</sup>, iam conseguindo acertá-los. A expedição de livros e o serviço de correspondências, que se encontravam com atrasos de meses, foram colocados em dia. Esse “sacrifício” dos diretores devia ser transferido, também, para a “quase centena” de trabalhadores da gráfica, nem todos compartilhando do mesmo idealismo espírita deles, nem mesmo espíritas, quem sabe, porém, necessitados do emprego e com contas a pagar. Esses dois diretores,

*Queridos pelos bons funcionários, são odiados pelos maus; todavia, o exemplo desses companheiros vai aos poucos corrigindo os poucos auxiliares que ainda se apresentam rebeldes e que só vêm no trabalho um castigo, uma injustiça social, uma exploração do a que chamam capitalismo.*<sup>124</sup>

Parece-me que os espíritas da FEB estavam incomodados com trabalhadores da gráfica que eventualmente reclamassem da carga de serviços, que se sentissem explorados, quem sabe filiados a entidades de classe que fizessem crítica ao sistema capitalista. Os “bons funcionários”, certamente, seriam o oposto, os que se identificassem com os dois diretores que sacrificavam a si mesmos em benefício da instituição, que não vissem as relações de produção como de exploração. No Relatório de atividades da FEB de 1950 consta que dentre os empregados que foram demitidos nos últimos sete anos *“poucos se sentiram no direito de procurar a Justiça; esses poucos, porém, nada mais conseguiram que os Tribunais reconhecessem a razão que nos assistia, dando, em todas as reclamações, ganho de causa à Federação”*<sup>125</sup>. Não dizem quantos demitiram nem quantos reclamaram na Justiça. Independente do resultado, os que recorreram aos tribunais o devem ter feito por terem se sentido, de alguma maneira, lesados em seus interesses.

---

<sup>122</sup> Idem, p. 214. Grifos meus.

<sup>123</sup> Idem.

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1950, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano-social de 1º de Julho de 1949 a 30 de Junho de 1950”. *Reformador*, op. cit., p. 218.

O relatório de atividades de 1949 sinaliza que a procura pelos livros espíritas era grande. Somado a isso, com o serviço de expedição normalizado, os recursos financeiros vieram. Certamente, concorreram também, com eles, os simpatizantes da FEB com seus donativos. Entre 1949 e 1950 adquiriram mais cinco prédios,

quatro à rua Figueira de Melo e um à rua Souza Valente, todos ligados à nossa “Cidade do Livro”, ficando, assim, o Departamento Editorial com as suas possibilidades ampliadas, visto agora possuir quase cem metros de frente e uma área que lhe permitirá acompanhar o seu desenvolvimento, sempre crescente.<sup>126</sup>

Recordam-se da justificativa de Guillon Ribeiro para a montagem de uma oficina gráfica da FEB? A impressão sem atrasos do *Reformador*, seu órgão oficial. No entanto, na medida em que os serviços da Livraria, incorporando a responsabilidade das oficinas gráficas e de encadernação se complexificam, pela expansão das atividades, o investimento no *Reformador* diminui. O Relatório de atividades apresentado em 1950 reserva dois parágrafos, num total de oito linhas, para a revista mensal. O Departamento Editorial tem suas atividades comentadas em seis parágrafos substanciais que quase preenchem uma página. No Relatório de atividades apresentado em 1939, o espaço dedicado ao *Reformador* é praticamente o de uma página frente e verso. No *Reformador* de Julho de 1983, Francisco Thiesen, então presidente da FEB, num artigo sobre a revista, faz uma reflexão que aponta paramudança de foco.

*A vinculação do Reformador com o livro espírita é perfeita. No início, quando editar um livro constituía mais sonho que realidade, em face das enormes dificuldades a serem vencidas pelos pioneiros do Movimento Espírita, Reformador transcrevia obras e romances espíritas, por capítulos, em suas páginas. A literatura espírita, no Brasil, há meio século, não era tão rica quanto se revela na atualidade. Mas, Reformador oferecia sempre muito, e do melhor que havia, visitando quinzenalmente seus leitores. Ele foi livro. De uns decênios para cá, é ele plataforma do lançamento do livro espírita. Através dele, o espírita conhece o que se passa no campo do saber espiritual, mantém-se atualizado com as diretrizes da Casa de Ismael e acompanha o Movimento Espírita.*<sup>127</sup>

O movimento de expansão do Espiritismo na cidade do Rio de Janeiro, no período abarcado neste trabalho, é significativo e evidenciado pelo aumento do número de Centros Espíritas, além de ter chamado a atenção da imprensa diária. Francisco Thiesen rememora, na década de 1980, as dificuldades na edição de obras espíritas, o que era suprido, de alguma forma, pelo *Reformador* e por outros periódicos que, em suas páginas, traziam trechos de livros espíritas. A demanda, por parte de um crescente número de leitores interessados no assunto estimulou os espíritas da FEB a investirem mais na impressão de livros doutrinários a ponto de tomarem empréstimos para a expansão de seu empreendimento editorial, ainda que em condições facilitadas. Vislumbravam, com alguma margem de segurança, possibilidades

---

<sup>126</sup> Idem, p. 217.

<sup>127</sup> THIESEN, Francisco. “Reformador”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Julho de 1983, p. 209. Grifos em negrito do autor. Grifos meus em itálico.

de retorno financeiro para as atividades de impressão de livros. Some-se a isso o interesse provocado pelas mensagens mediúnicas de Francisco Cândido Xavier junto aos meios espíritas ou leigos. Em 1937, Guillon Ribeiro diz que um dos motivos que estaria despertando o crescente interesse pela leitura do *Reformador* seria

*a publicação da maior parte das mensagens, sempre atraentes, que o Espírito de Humberto de Campos vem transmitindo pelo lápis do devotado médium e grande amigo da Federação Francisco Cândido Xavier, de Pedro Leopoldo, mensagens que, reunidas em volume, sob o título de “Crônicas de Além Túmulo”, serão, porventura, daqui há um mês mais, entregues á publicidade, pela nossa Livraria.*<sup>128</sup>

Exatamente neste mesmo relatório de atividades da FEB, o seu presidente lastima-se pelos atrasos do *Reformador* e aponta, como solução deste problema, a criação de uma tipografia. Uma vez que as mensagens mediúnicas do médium mineiro chamaram atenção, leitores do *Reformador*, através de cartas e outros espíritas em contatos informais provavelmente sugeriram à federativa a reunião delas em livros. Até aquele momento, o médium mineiro havia publicado três obras, sendo que duas delas foram editadas pela FEB, a quem doou os direitos autorais de alguns de seus livros por anos. Entre sua primeira obra, “Parnaso de Além Túmulo”, de 1932, editada pela FEB, até a publicação de “Nosso Livro”, pela editora Lake, de São Paulo, em 1950, foram 40 livros publicados, sendo que destes, 34 foram impressos pela FEB, quatro pela Lake, um pela Editora Espírita Limitada e um pela FEESP<sup>129</sup>. A partir de 1938, eram lançados dois ou mais livros por ano. Em 1949, avaliando pelo *Reformador* a produção mediúnica de Francisco Cândido Xavier, a FEB diz que “*desses livros, muitos já tiveram diversas edições e estão consagrados na opinião dos estudiosos*”<sup>130</sup>. Além desses livros, existiriam, ainda, diversas mensagens dispersas em periódicos, cartões postais e nas mãos de alguns destinatários que poderiam ser reunidas em volumes. “*Estamos, pois, diante de uma verdadeira biblioteca espírita, que já vem sendo traduzida para outras línguas*”<sup>131</sup>, uma delas, sem dúvidas, era o Esperanto, que recebia particular atenção da FEB, como se pode observar nos relatórios de atividades da federativa, que mantinham seção exclusiva para o tema. Percebe-se que os espíritas da FEB possuíam grandes expectativas

---

<sup>128</sup> RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório, apresentado pelo seu presidente, á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1937, sobre os trabalhos da instituição e contas da sua administração, durante o ano social de 1º de Julho de 1936 a 30 de Junho do ano seguinte”. *Reformador*, op. cit., p. 403.

<sup>129</sup> O CONSOLIDADOR. *Chico Xavier – Coleção Completa*. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/chicoxavier/listacronologica.html> Último acesso em 24 de Maio de 2015. Nesta lista, consta que o livro “Cartas de uma morta”, de Francisco Cândido Xavier, teria sido impresso pela editora Lake, de São Paulo. Entretanto, veremos mais adiante que este livro foi impresso pela Editora Espírita Limitada. Ver: LAKE. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.lake.com.br/link/quem+somos> Último acesso em 17 de Janeiro de 2014.

<sup>130</sup> “Apontamentos para o futuro historiador”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1949, p. 183. O artigo da FEB, no entanto, não declara quais editoras imprimiram os livros.

<sup>131</sup> Idem.

quanto à produção de obras mediúnicas do médium. Dentre os títulos publicados, contam-se livros de poesias, outros de pequenos contos, crônicas e romances, sendo que alguns de maior fôlego. A diversificação das formas de escrita para a propaganda espírita sensibilizou o público leitor. Mesmo em minha militância doutrinária ouvi relatos de pessoas que aderiram à Doutrina Espírita não através das obras de Allan Kardec, e sim dos romances mediúnicos que lhe pareceram mais agradáveis.

Além de tudo, Antonio Wantuil de Freitas manteve correspondência por anos com Francisco Cândido Xavier que, no seu entender, desempenhava “sublime tarefa” junto ao livro espírita. Na troca de correspondências entre os dois, o médium salientava ainda, com gratidão, que “os primeiros livros espíritas que me vieram em grupo beneficiar a alma me vieram do teu templo familiar”<sup>132</sup>, referindo-se às obras que recebeu do diretor da FEB, de presente, as quais não teria condições financeiras de adquirir. A escolha de Chico Xavier pela federativa se dá pelo fato dele reconhecer, nela, legitimidade do seu projeto editorial de divulgação doutrinária, além de ser facilitada pelas relações interpessoais estabelecidas com seus dirigentes.

*Reformador*, cuja impressão sem atrasos foi a justificativa usada por Guillon Ribeiro para a criação da primeira tipografia da federativa, o que se verificou em 1939, passou, gradativamente, a ser plataforma de divulgação dos livros da FEB. Seu presidente justifica a opção pelo livro remetendo às origens do Espiritismo, na França. “Verificando que muita razão tinha Kardec em se dedicar à difusão da Doutrina pelo livro, único veículo de penetração rápida e segura em todos os meios sociais”<sup>133</sup>. Os adversários da FEB que a criticavam no investimento que fazia para ampliar sua gráfica, não estariam contra ela, “mas antes contra a própria Doutrina, porque contrárias ao próprio Codificador, Allan Kardec, que sempre se dedicou à indústria do livro, exatamente como nós, sem nela visar lucros pessoais, mas empregando-a em novas publicações”<sup>134</sup>. Allan Kardec manteve, entre 1858 e 1869, ano de sua morte, a *Revue Spirite*, que considerava um “Jornal de Estudos Psicológicos”<sup>135</sup>, usada para divulgar muitas ideias que, posteriormente, seriam expostas em seus livros. Dizer, também, que ele se dedicou à indústria do livro parece excessivo, pode

---

<sup>132</sup> XAVIER, Francisco Cândido. “Carta à Antonio Wantuil de Freitas”. Pedro Leopoldo, 25 de Novembro de 1948. SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*, op. cit., p. 244.

<sup>133</sup> FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1947, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1946 a 30 de Junho de 1947”. *Reformador*, op. cit., 191.

<sup>134</sup> Idem, p. 192.

<sup>135</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Downloads – material completo*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/pesquisas/downloads-material-completo/> Último acesso em 15 de Janeiro de 2014.

sugerir que tivesse uma Editora como a da FEB, o que não é verdade, ainda que tenha publicado seis livros.

Num boletim desenvolvido pela Assessoria de Comunicação Social da FEB com vistas a um “*público interno e misto*”<sup>136</sup>, iniciado em Setembro de 2010 e que possui “*caráter informativo, conta com notícias, fatos históricos e descrição das atividades realizadas pela Instituição*”<sup>137</sup> chamado *Era do Espírito*, do mês de Maio de 2012 temos uma surpresa: a desativação do parque gráfico da Rua Souza Valente, em São Cristóvão. Segundo a publicação, tomaram essa decisão “*atendendo a estudos de viabilidade econômica que indicaram a adequação dessa medida*”<sup>138</sup>. Para tanto, terceirizariam “*a totalidade das impressões de seus produtos em gráficas contratadas para tal finalidade, com resultados mais propícios em relação à impressão em gráfica própria, de acordo com a tendência verificada nas grandes editoras brasileiras e mundiais*”,<sup>139</sup> mantendo, no entanto, a editoração, distribuição e comercialização dos livros. Num comunicado de 22 de Janeiro de 2014, a FEB diz que estaria intensificando a “*a modernização de sua gestão administrativa*”<sup>140</sup>. Segundo esse documento, o parque gráfico desativado possuía “*equipamentos desatualizados e manutenção onerosa*”<sup>141</sup>. Reedições, lançamentos de novos livros e a publicação de *Reformador* ficarão em Brasília. A terceirização e o fechamento do parque gráfico de São Cristóvão muito provavelmente implicarão em demissões de funcionários. Alguns “*especialistas*” poderiam dizer que a instituição economizará com os custos da mão de obra. Eles podem apontar essas medidas como “*tendências*”, sem que isso implique que sejam boas para todos, principalmente para os possíveis demissionários e para os eventuais contratados temporários, como “*diagramadores, capistas, tradutores, revisores e preparadores*”<sup>142</sup>. Em Maio de 1947, podemos ler no *Reformador* um artigo intitulado

---

<sup>136</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Era do Espírito*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/divulgacao/era-do-espirito/> Último acesso em 24 de Janeiro de 2014.

<sup>137</sup> Idem.

<sup>138</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. “Destaque do mês. Comunicado Oficial da FEB Editora”. *Era do Espírito*. Brasília, Maio de 2012, p. 1. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Era-maio-2012.pdf> Último acesso em 24 de Janeiro de 2014.

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> CONSELHO DIRETOR E DIRETORIA EXECUTIVA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. “Comunicado da Federação Espírita Brasileira”. Brasília, 22 de Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/01/Comunicado-da-FEB-22jan.2014.pdf> Último acesso em 24 de Janeiro de 2014.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> LUCCA, Roberta. *Os dois lados da terceirização*. Disponível em: <http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/17/artigo204642-1.asp> Último acesso em 24 de Janeiro de 2014. Trata-se de um artigo “exaltação” da terceirização em trabalhos editoriais, que busca “naturalizá-la” e apresenta-la como “tendência”. A autora aproveita a oportunidade, até, para deixar registrada uma crítica à CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) feita por um editor, endossando que trabalhar com “colaboradores” é

“Extremistas” onde seu autor, que não se identifica, diz que na FEB “*entram Diretorias, saem Diretorias, a continuidade é a mesma*”<sup>143</sup>. Mas isso não seria sintoma de que a instituição ficou estacionada, pois “*a Federação progrediu sempre em todos os sentidos, cresceu moral e materialmente, mas sem alterar o seu programa, sem abandonar hoje o que iniciou ontem*”<sup>144</sup>. Parece que esse não foi o caso do parque gráfico da federativa, uma vez que, atualmente, seus diretores vislumbram, em outras gráficas, melhores perspectivas para a impressão de livros com vistas à divulgação doutrinária.

### 3.3 – Uma sociedade anônima e espírita: Gráfica Mundo Espírita S. A.

A Gráfica Mundo Espírita S. A., que mantinha a publicação do jornal *Mundo Espírita*, surge a partir de uma estratégia de um grupo de espíritas para contornarem as limitações impostas pela ditadura de Getúlio Vargas à imprensa. Em Abril de 1941, a *Revista Espírita do Brasil*, órgão da Liga Espírita do Brasil, dava conta de que

*depois de uma interrupção de dois meses, voltou a circular desde 1º de março o brilhante e popular semanário “Mundo Espírita”, sob a mesma direção do Dr. Henrique Andrade. O reaparecimento de “Mundo Espírita”, que interrompera a sua atividade em virtude de haver sido registrado como “folheto de propaganda religiosa”, foi motivo de regozijo muito justo no seio da coletividade espírita.*<sup>145</sup>

Seu retorno também é celebrado pela FEB. No *Reformador* de Abril de 1941, lemos, sob o título “Auspicioso reaparecimento”, que *Mundo Espírita* e *Aurora*,

*os dois brilhantes colegas, paladinos valorosos dos ideais espíritas, que durante algum tempo deixaram de circular, enquanto ajustavam a sua publicação aos dispositivos da nova lei de imprensa. (...)Este facto bem demonstra quão sensível foi a lacuna que, nas fileiras do nosso periodismo doutrinário, se abriu com a falta, felizmente efêmera, dos dois indefessos propugnadores e divulgadores das verdades que estruturam a Nova Revelação, demonstrando, ao mesmo tempo, que dilatado é o círculo dos que apreciam e estimam os que neles mourejam e á cuja frente se encontra o ilustre e esforçado confrade Henrique Andrade.*<sup>146</sup>

Interessante que, neste momento, Henrique Andrade já parece estar à frente de *Aurora*, fundado por Inácio Bittencourt. O pesquisador espírita João Marcos Weguelin transcreve, em seu trabalho sobre Inácio Bittencourt, algumas homenagens que fizeram a ele após a sua morte. Numa delas, consta que em 1941 ele deixou as atividades de redator chefe de seu jornal em função de uma doença. No período de sua enfermidade até sua desencarnação, teria

---

alternativa para diminuir a folha de pagamentos. O “outro lado” da terceirização, considerado negativo por ela, diz respeito ao não repasse da economia feita com salários para o “colaborador”, o risco de ter que lidar com mão de obra inexperiente que pode fazer com que as publicações tenham problemas de revisão e tradução, por exemplo. Por fim, sugere que estes eventuais problemas são contornáveis. Será que os atuais diretores da federativa “beberam” em fontes parecidas?

<sup>143</sup> “Extremismos”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1947, p. 99.

<sup>144</sup> Idem.

<sup>145</sup> “Mundo Espírita”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Abril de 1941, p. 8. Grifos meus.

<sup>146</sup> “Auspicioso reaparecimento”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Abril de 1941, p. 108. Grifos meus.

sido acompanhado por seus familiares e Henrique Andrade<sup>147</sup>. Aqui, as relações da FEB com *Mundo Espírita* e Henrique Andrade parecem boas. Mais adiante, como veremos, ela não será assim.

O jornal *Mundo Espírita*, apesar de contar com a simpatia da Liga Espírita do Brasil, não era seu jornal e nem órgão oficial de nenhuma instituição. Impossibilitado de ter anunciantes em razão de ser classificado como “folheto de propaganda religiosa”, não teria como socorrer-se do auxílio de outras fontes de rendas que algum periódico vinculado a um Centro Espírita pudesse ter. E no seu caso deve ter acontecido violência maior por parte dos agentes estatais, uma vez que teria sido registrado na Junta Comercial como Empresa Jornalística Mundo Espírita Limitada, em 1932. Apesar de ter se assumido como tal, não foi reconhecido, quase dez anos depois de fundação, como uma empresa jornalística. Não foi considerado “legítimo” órgão de imprensa pelas autoridades e sua função de periódico espírita não foi considerada de “caráter público”.

Não foram anos fáceis para os periódicos espíritas. Qual teria sido a estratégia de Henrique Andrade e dos amigos e simpatizantes de *Mundo Espírita* para suportar a manutenção de um jornal sem anunciantes? Em 17 de Abril de 1951, Nelson Kerensky rememora este período:

Com a criação do D.I.P. (Departamento de Imprensa e Propaganda), foi negada a autorização para “*Mundo Espírita*” circular na forma como fazia desde 1932, semanalmente e sem interrupção. Interposto recursos dessa decisão, não sem grande esforço e dispêndio de energia, uma verdadeira luta de gigantes, conseguiu, afinal, o Dr. Henrique Andrade a reforma da decisão do DIP, ficando assegurada a circulação do jornal, não como jornal, mas tão somente como folheto de propaganda religiosa, vale dizer, sem possibilidade de publicar anúncios ou qualquer outra matéria paga.<sup>148</sup>

O autor sugere que a classificação imposta pelo DIP à *Mundo Espírita* afetaria sua periodicidade semanal dada à asfixia financeira imposta. Em todo caso, Henrique Andrade recorrera, acredito que provavelmente acionando, para legitimar o funcionamento do jornal nos moldes que ele e os demais fundadores projetaram em 1932, à natureza do registro na Junta Comercial, como empresa jornalística. No entanto, não conseguiu sucesso. Garantiu a continuidade do jornal, mas deixou de receber recursos através dos anunciantes e dos que pagavam pela publicação de matérias. Diante disso, a estratégia para a sobrevivência do jornal foi a criação da Gráfica Mundo Espírita S. A., que além de ficar responsável por sua publicação, ampliaria o arco de possibilidades de divulgação doutrinária dos espíritas

---

<sup>147</sup> WEGUELIN, João Marcos. *Inácio Bittencourt, o apóstolo da caridade*. Disponível em: [http://bvespirita.com/In%C3%A1cio%20Bittencourt%20-%20O%20Ap%C3%B3stolo%20da%20Caridade%20\(CELD\).pdf](http://bvespirita.com/In%C3%A1cio%20Bittencourt%20-%20O%20Ap%C3%B3stolo%20da%20Caridade%20(CELD).pdf) Último acesso em 17 de Janeiro de 2014. Inácio Bittencourt morre em 18 de Fevereiro de 1943.

<sup>148</sup> KERENSKY, Nelson. “Aniversário de Mundo Espírita” *Mundo Espírita*, op. cit.. Grifos meus.

vinculados a esse projeto, além das fontes de renda e financiamento do jornal por meio da venda de serviços gráficos a quem se dispusesse a contratar. No relatório da Diretoria de 20 de Janeiro de 1948, o parecer do Conselho Fiscal afirmava que “*ser o principal objetivo da Gráfica manter o “Mundo Espírita” para a propaganda da doutrina*”<sup>149</sup>.

Em seu prospecto, publicado no *Diário Oficial da União* de 17 de Setembro de 1942, constava que

*A criação de uma empresa gráfica que possa auxiliar a intensificação da propaganda dos ideais espíritas, não só com a edição de livros, jornais e revistas, como também com a impressão de boletins, folhetos, memoriais, avulsos, etc., se impõe seja realizada sem demora, para que todos possam ter conhecimento da grandeza desses ideais, que constituem a terceira Revelação das Leis Divinas. É bem verdade que já possuímos, na nossa Capital, alguns órgãos de propaganda desses ideais cristãos, mas, também é notório das dificuldades imensas com que lutam todos eles, apresentando déficits nos seus orçamentos e exigindo um esforço quase sobrehumano de seus responsáveis, para mantê-los em circulação, nem sempre pontual.*<sup>150</sup>

Henrique Andrade, para justificar a criação da gráfica que auxiliaria na propaganda dos ideais espíritas, menciona os problemas de circulação dos órgãos de imprensa espírita, que sofreriam com a carência de recursos materiais que lhes comprometiam a periodicidade. É o argumento de quem está vivenciando, na própria pele, o esforço para manter em circulação um jornal sem anunciantes. Recordem-se que mesmo *Reformador* sofria com o problema dos atrasos e que a necessidade da criação de sua oficina gráfica foi o argumento utilizado por Guillon Ribeiro, seu presidente, para solucioná-lo. Agora, diferente da gráfica da FEB, que se restringiu às suas publicações – livros, *Reformador* e folhetos – a Gráfica Mundo Espírita, que previa a edição de jornais e revistas, no plural, abriu suas oficinas à impressão de *Aurora* e da *Revista Espírita do Brasil*, como vimos no primeiro capítulo. Quanto à *Aurora*, tinha o mesmo responsável que *Mundo Espírita*, mas o órgão da Liga Espírita do Brasil não. No mesmo prospecto, lemos que

*a sua principal finalidade será sempre a de atender a toda a publicação espírita auxiliando-a, assim, a propaganda da doutrina, pelo que todos os trabalhos dessa natureza terão preferência aos demais trabalhos tipográficos que lhe forem confiados, dentro do razoável e atendendo às necessidades da boa administração.*<sup>151</sup>

Dessa forma, previam esse tipo de atendimento às publicações doutrinárias, claro que deixando margens para a imposição de limites, a fim de preservar a vida econômica da empresa. Na formação do capital,

*será incorporado, na forma da lei, o periódico “Mundo Espírita” de exclusiva propriedade do incorporador da Sociedade, com 10 anos já, de existência (...) bem como toda a montagem da*

<sup>149</sup> IMBASSAHY, Carlos; CARVALHO, J. F. Pires; SOUZA, José Fernandes. “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Parecer”. *Diário Oficial da União*, 23 de Janeiro de 1948, Seção I, p. 1069.

<sup>150</sup> ANDRADE, Henrique. “Gráfica Mundo Espírita S. A. – Prospecto”. *Diário Oficial da União*, 17 de Setembro de 1942, Seção I, p. 14076. Grifos meus.

<sup>151</sup> Idem. Grifos meus.



*sua redação, moveis, utensílios e fixários, bens esse que serão devidamente avaliados na forma da lei e constituirão o capital em ações do seu incorporador.*<sup>152</sup>

Henrique Andrade, o incorporador, trouxe para a constituição de seu capital em ações na gráfica, além do jornal *Mundo Espírita*, os móveis e utensílios que compunham a sua redação, o que era, sem dúvidas, uma estratégia para não ingressar com mais recursos próprios no empreendimento nascente. Esses bens seriam avaliados por uma assembleia que seria reunida oito dias depois do encerramento das subscrições para a formação do capital da sociedade anônima. As subscrições seriam feitas da data da publicação no *Diário Oficial da União* – 17 de Setembro de 1942 – até o dia 31 de Outubro daquele ano<sup>153</sup>. Os interessados em se tornar acionistas teriam, dessa forma, quase um mês e meio para participarem do empreendimento.

No prospecto consta que “*o seu capital será de 300:000\$000 (trezentos contos de réis) realizado por subscrição pública e dividido em 3.000 ações, ordinárias, nominativas, no valor de 100\$000 cada uma integralizadas no ato da subscrição*”<sup>154</sup>. Ainda há que se levar em conta a avaliação do patrimônio da redação de *Mundo Espírita*, bem como o próprio jornal, que seria convertido em ações para Henrique Andrade, o que totalizou Cr\$: 109.500,00. Na ata da primeira assembleia de subscritores de ações da gráfica podemos ler que ele tinha 1.527 ações, o que representava 152:700\$000, ou seja, um pouco mais da metade da subscrição pretendida<sup>155</sup>. Para que tenhamos um referencial para comparar, o Estatuto da FEB de 1944 destinava, para a Livraria editora, um capital de Cr\$: 400.000,00<sup>156</sup>. É preciso esclarecer que o Cruzeiro foi instituído através de um Decreto-Lei em 5 de Outubro de 1942<sup>157</sup>, praticamente no mesmo período de constituição da gráfica. Na ata da assembleia de constituição da Gráfica Mundo Espírita S. A., realizada em 28 de Novembro do mesmo ano, consta que estavam presentes subscritores que representavam “*2.143 ações, no valor total de Cr\$: 214.300,00*”<sup>158</sup>. Se 2.143 ações estão para Cr\$: 214.300,00 então 3.000 ações estão para Cr\$: 300.000,00. Assim, cada cota de ação custaria Cr\$: 100,00, cinco vezes mais que o valor da assinatura anual de *Mundo Espírita* em 1945, que custava Cr\$: 20,00. Cada ação custava 1/3

---

<sup>152</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>153</sup> Idem, p. 14077.

<sup>154</sup> Idem, p. 14076.

<sup>155</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A. - Ata da Assembléia de Constituição, realizada em 28 de Novembro de 1942”. *Diário Oficial da União*, 8 de Fevereiro de 1943, Secção I, p. 1775.

<sup>156</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1944, art. 63, p. 26.

<sup>157</sup> SENADO FEDERAL. *Decreto-Lei nº. 4.791, de 5 de Outubro de 1942*. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=3577> Último acesso em 17 de Janeiro de 2014.

<sup>158</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A. - Ata da Assembléia de Constituição, realizada em 28 de Novembro de 1942”. *Diário Oficial da União*, 8 de Fevereiro de 1943, Secção I, p. 1775.

do salário mínimo de Julho de 1943, que era de Cr\$: 300,00. Além disso, verificamos que seu capital seria menor que da Livraria editora da FEB.

E quem eram os subscritores da Gráfica Mundo Espírita S. A.? Depois de Henrique Andrade, o que tinha mais cotas chamava-se Avelino Frederico, eletricitista, com 150 ações. Depois dele, Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, industrial, vinculado à FEB e à Liga Espírita do Brasil, com 100 ações. Aliás, das duas federativas então existentes no país, apenas a Liga Espírita do Brasil participou da constituição da Gráfica Mundo Espírita, com duas ações. Além dela, a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro<sup>159</sup> e a Livraria “Allan Kardec”, da Rua Riachuelo n.º. 60, de São Paulo que, se for a atual editora espírita LAKE é uma das mais antigas do país<sup>160</sup>. Dos 29 Centros espíritas subscritores, oito deles eram filiados à Liga Espírita do Brasil e apenas um ligado à FEB<sup>161</sup>. Com relação à quantidade de espíritas associados, enquanto pessoas físicas, identifiquei nove pessoas vinculadas à FEB: Sylvio Brito Soares, que teve livros publicados por esta federativa, Leopoldo Machado, Paim Pamplona<sup>162</sup>, Ismael Gomes Braga, Carlos Imbassahy, Amadeu Santos, Pedro de Camargo “Vinícius” e Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, que também era ligado à Liga Espírita do Brasil. Por fim, Victor Torquato de Souza, do Centro Espírita de Jacarepaguá, adeso à FEB e um dos diretores da Hora Espírita Radiofônica<sup>163</sup>. Vinculados à Liga Espírita do Brasil temos Aurino Souto e Deolindo Amorim, presidente e secretário desta federativa e João Pinto de

---

<sup>159</sup> Seria uma associação para investigações científicas. Ver: “Sociedade de Medicina e Espiritismo”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Julho de 1941, p. 188.

<sup>160</sup> Na Ata da primeira assembleia dos subscritores de ações da Gráfica Mundo Espírita S. A. consta, apenas, “Livraria Allan Kardec – Rua Riachuelo n. 60 – São Paulo – uma – 100\$000”. “Ata da 1ª Assembléia dos subscritores de ações da “Gráfica Mundo Espírita S. A.”, realizada em 14 de Novembro de 1942. *Diário Oficial da União*, 8 de Fevereiro de 1943, p. 1774. No site da LAKE consta que ela foi fundada em 1936. Ver: LAKE. “Quem somos”. Disponível em: <http://www.lake.com.br/link/quem+somos> Último acesso em 17 de Janeiro de 2014.

<sup>161</sup> Vinculados à Liga Espírita do Brasil: o Grupo Espírita Discípulo de Samuel (de Vila Isabel), a Tenda Espírita Trabalhadores da Seara (do Catumbi), o Grupo Espírita Jesus, Maria e José (do Engenho Novo), o Centro Espírita Israel Barcelos (de Bento Ribeiro), o Centro Espírita Isaac Lima (de Campo Grande), o Centro Espírita Bezerra de Menezes (de Petrópolis), o Centro Espírita Bezerra de Menezes (do Estácio) e o Novo Centro Espírita Antonio dos Pobres (do Centro). Vinculado à FEB, apenas o Asilo de Orfãos Anália Franco (do Rocha). Sobre os Centros adesos à Liga Espírita do Brasil, ver: CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil. Rio de Janeiro, 1942, p. 5 v, 10, 11, 23, 28, 31, 59 e 68 respectivamente. Sobre as Instituições adesas à FEB, ver: “Relação das Sociedades directamente adesas à Federação Espírita Brasileira até esta data”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Janeiro de 1929, p. 35.

<sup>162</sup> Foi presidente da Instituição nos exercícios de 1927 e 1928. WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*, op. cit., p. 531.

<sup>163</sup> “Hora espírita radiofônica”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1939, p. 152. Sobre o Centro Espírita de Jacarepaguá, ver: “Relação das Sociedades directamente adesas à Federação Espírita Brasileira até esta data”. *Reformador*, op. cit..

Souza, que também foi secretário dela, além de ser o responsável pela Hora Espiritualista Radiofônica<sup>164</sup>.

Não encontrei, na coleção do *Reformador* de 1942, qualquer referência à iniciativa de criação da Gráfica Mundo Espírita S. A., mas encontrei na *Revista Espírita do Brasil*. Tratava-se de um evento chamado “Concentração Espírita” que objetivava aproximar as instituições espíritas, onde foi lançado um manifesto em favor da Gráfica<sup>165</sup>. Por fim, havia subscritores – pessoas físicas e instituições espíritas – de São Paulo e Minas Gerais. Pude notar, também, boa quantidade de portugueses e mulheres.

Apesar da presença de espíritas da FEB individualmente ser maior que os da Liga Espírita do Brasil, esta se fez mais representada no número de Centros Espíritas a ela ligados que se tornaram subscritores da nova gráfica. Espíritas que tiveram ou ainda tinham responsabilidades na imprensa diária com suas colaborações – Leopoldo Machado, João Pinto de Souza e Carlos Imbassahy – investiram no projeto, sendo que os dois primeiros desenvolviam atividades na radiofonia, com programas espíritas, a Hora Espírita Radiofônica e a Hora Espiritualista Radiofônica, respectivamente. Além destes, outros que participavam da imprensa espírita, como Ismael Gomes Braga na *Revista Espírita do Brasil* e no *Reformador*, Arthur Lins de Vasconcelos Lopes e Deolindo Amorim, também estavam presentes. Não encontrei nenhuma justificativa da FEB para a não participação na Gráfica Mundo Espírita S. A., mas arrisco afirmar que ela não se deu porque além de não ter o protagonismo – como esperava ter no jornal diário – a FEB estava envolvida na montagem de sua própria gráfica, quem sabe mesmo julgando-a desnecessária, uma vez que os esforços dos espíritas poderiam ser capitalizados para a dela, que já vinha funcionando. A nova gráfica despontava como potencial concorrente da FEB, ao editar livros, além das revistas e jornais.

A proximidade com a Liga Espírita do Brasil se evidencia numa visita de espíritas à oficina da Gráfica Mundo Espírita S. A., realizada em 24 de Julho de 1943 e noticiada na *Revista Espírita do Brasil* de Agosto do mesmo ano.

*Foi grande, impressionante mesmo, a afluência de espíritas à sede da Gráfica, além de levar a seus diretores a solidariedade indispensável da família espírita do Distrito Federal. Percorridas todas as dependências da oficina, os visitantes ficaram otimamente impressionados, sobretudo com o moderníssimo aparelhamento, com o maquinário e com o bem organizado mostruário de trabalhos já executados na oficina da Gráfica.*<sup>166</sup>

---

<sup>164</sup> “Hora Espírita”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1938, p. 19. Apesar do nome do artigo, tratava-se da Hora Espiritualista Radiofônica.

<sup>165</sup> “Concentração Espírita”. *Revista Espírita do Brasil*, Agosto de 1942, p. 13.

<sup>166</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A.”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Agosto de 1943, p. 18. Grifos meus.

Os espíritas da Liga Espírita do Brasil buscaram demonstrar que a iniciativa nascente de uma nova gráfica contava com a simpatia de vários espíritas da capital, a começar pelos vinculados à entidade federativa.

De acordo com os Estatutos da gráfica, o objetivo e os fins da sociedade seriam:

*a exploração da indústria gráfica, em todas as suas modalidades, para que o adquirirá ou instalará uma tipografia devidamente aparelhada para a realização dos fins da sociedade, que são os seguintes: a) incentivar a propaganda dos ideais espiritistas, editando livros, jornais, revistas, boletins e folhetos de propagandas doutrinária e imprimindo por conta própria ou de terceiros; b) editar o periódico “Mundo Espírita” que será incorporado ao patrimônio da Sociedade, como parte do seu capital (...) c) explorar, comercialmente, todos os trabalhos atinentes às artes gráficas; d) montar, oportunamente e com prévia autorização da assembleia geral, uma Livraria não só para a venda de suas edições como de outros livros que não atentem contra os fins da sociedade.*<sup>167</sup>

Dessa forma, a gráfica pretendia lançar-se à atividade comercial, explorando os trabalhos possíveis de serem realizados aí para particulares, independente da crença que esposassem, ainda que a impressão de publicações espíritas voltadas à propaganda doutrinária tivesse prioridade em suas máquinas. Desejavam criar, também, uma Livraria que, à semelhança da mantida pela FEB até 1925, não se restringiria a livros espíritas.

A direção e orientação de *Mundo Espírita* ficariam sob a responsabilidade do Diretor-Presidente, num diretoria composta por outros dois elementos além deste, a saber: o Diretor-Secretário e o Diretor-Tesoureiro<sup>168</sup>. Era um organograma simples que concentrava bastante poder no principal dirigente. Ele despacharia e assinaria todo o expediente, além de representa-la publicamente. Além disso, somente ele – ou quem estivesse em seu lugar, em primeiro lugar na sucessão, o Diretor-Secretário – convocaria assembleias gerais, celebraria contratos de trabalho, de locação e sublocação, nomearia e demitiria empregados e auxiliares e ainda fixaria seus salários<sup>169</sup>. As deliberações de assembleias seriam válidas se obtivessem a maioria dos votos sendo que “*cada ação atribue ao seu proprietário um voto*”<sup>170</sup>. Assim, os estatutos, escritos por Henrique Andrade, garantiam a ele grande poder dentro da sociedade anônima, tanto como presidente quanto como acionista nas assembleias gerais, porque era sócio majoritário. Tenta-se, com isso, preservar a lógica de operação do jornal *Mundo Espírita* anterior à criação da empresa gráfica, quando figurava como único proprietário. A empresa expande-se: não mais um jornal. Agora uma gráfica que ampliava o leque de possibilidades de divulgação doutrinária, além das formas de captação de recursos. Os Estatutos ainda previam que

---

<sup>167</sup> ANDRADE, Henrique. “Gráfica Mundo Espírita S. A. – Projeto dos Estatutos”. *Diário Oficial da União*, 17 de Setembro de 1942, Seção I, p. 14077. Grifos meus.

<sup>168</sup> Idem.

<sup>169</sup> Idem.

<sup>170</sup> Idem.

*o incorporador da Sociedade terá direito a uma percentagem de 10% do capital social representados por ações ordinárias e integralizadas, a título de compensação pelos trabalhos decorrentes da organização e constituição da Sociedade até o final do arquivamento dos atos constitutivos da Sociedade no Departamento Nacional de Indústria e Comércio.*<sup>171</sup>

Henrique Andrade cuidou dos preparativos da sociedade até sua plena legalização, arcando com os custos decorrentes da tramitação de documentos, sendo posteriormente reembolsado com esse valor de 10% do capital social decorrente das ações, que não sabemos se foi superior ou inferior ao que ele gastou. Agora, em que pese o caráter centralizador dos Estatutos, que poderia ser, legitimamente, questionado pelos sócios, quando posto em votação na Assembleia de Constituição de 28 de Novembro de 1942, ele é aprovado pelos mesmos. Parece, aliás, que foi algo não analisado naquele momento, uma vez que sua leitura dos estatutos é dispensada, alegando-se que já foram publicados no *Diário Oficial*, no *Diário Carioca*, no *Mundo Espírita* e no *Aurora*. “*Dispensada assim, a leitura dos Estatutos, o Sr. Presidente submete-os à discussão. Ninguém desejando a palavra para discutir os Estatutos, o Sr. Presidente encerra a discussão e os submete à aprovação da assembleia, que unanimemente aprova os Estatutos (...)*”<sup>172</sup>. Ninguém questionou esse caráter centralizador ou qualquer outro problema que pudesse ser visto nele, sendo aprovado com a concordância de todos os presentes.

E o que seria feito com os lucros obtidos com a gráfica?

Art. 29 – Os lucros líquidos verificados pelo Balanço Geral resultante das operações realizadas durante o ano, serão distribuídos da seguinte forma: a) 10% para o fundo de depreciação; 5% para constituição do “Fundo de Reserva”; 35% para a Caixa de Propaganda e 50% para os acionistas em forma de dividendo. (...) Art. 31 – *Quando o Fundo de Reserva da Sociedade atingir a metade do Capital Social a percentagem a ele destinada passará a ser distribuída como dividendo.*<sup>173</sup>

Dessa forma, metade dos lucros seria destinada aos acionistas da sociedade anônima. Espíritas, simpatizantes ou não que fossem acionistas e instituições espíritas receberiam de acordo com a quantidade de ações que dispusessem. Não encontrei nos Estatutos outra referência quanto à Caixa de Propaganda, mas acredito que se tratava de subsídio destinado às publicações espíritas, quem sabe à impressão de folhetos, livros ou mesmo o jornal *Mundo Espírita*. Uma vez atingido o patamar estabelecido para o Fundo de Reserva – metade do Capital Social – os lucros, ao invés de tornarem à empresa na forma de investimentos em sua expansão, seriam divididos entre os acionistas.

---

<sup>171</sup> Idem, p. 14078. Grifos meus.

<sup>172</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A. - Ata da Assembléia de Constituição, realizada em 28 de Novembro de 1942”. *Diário Oficial da União*, 8 de Fevereiro de 1943, Secção I, p. 1776.

<sup>173</sup> ANDRADE, Henrique. “Gráfica Mundo Espírita S. A. – Projeto dos Estatutos”. *Diário Oficial da União*, 17 de Setembro de 1942, Secção I, p. 14078. Grifos meus.

O Conselho Fiscal, que seria formado por seis membros, sendo três efetivos e três suplentes, e a Diretoria da gráfica, também teriam remuneração, fixada pela Assembleia Geral que os elegeisse<sup>174</sup>. Na ata da Assembleia de Constituição consta que João de Oliveira Lins propôs:

a eleição da seguinte diretoria: Dr. Henrique Andrade, diretor-presidente; Sr. Deolindo Amorim, diretor-secretário; e o Dr. Carlos Martins da Silva, diretor-tesoureiro. E para membros efetivos do Conselho Fiscal propunha os Srs. Dr. Carlos Imbassahy; Dr. João Felipe Pires de Carvalho e Sr. Hugo Ferreira Carneiro, que terão como suplentes: Dr. Silvio de Brito Soares, Sr. José Fernandes de Souza e Pedro Domingos Cantudo. *Propunha, ainda, que ao diretor-presidente fossem atribuídos os honorários de Cr\$: 1.500,00 mensais (mil e quinhentos cruzeiros) e aos demais membros da diretoria as de Cr\$: 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros) também mensais para cada um, fixando-se em Cr\$: 50,00 (cinquenta cruzeiros), a remuneração para cada membro efetivo do Conselho Fiscal por sessão realizada a que comparecer. Submetida essa proposta à apreciação dos presentes, não houve quem se manifestasse, pelo que o presidente a pôs em votação, verificando-se a sua plena aprovação, tendo deixado de votar todos os eleitos.*<sup>175</sup>

Na primeira diretoria eleita temos em Deolindo Amorim um representante da Liga Espírita do Brasil e no conselho fiscal Carlos Imbassahy e Sylvio de Brito Soares, dois da FEB. Diretores e conselheiros recebiam remuneração. Considerando que em Julho de 1943 o salário mínimo era de Cr\$: 300,00<sup>176</sup> os conselheiros efetivos, por reunião, ganhariam o equivalente a 1/6 do salário mínimo, os diretores secretário e tesoureiro 5/6 do salário mínimo por mês e o diretor presidente o equivalente a cinco salários mínimos. Todos os presentes, mais uma vez, não discutiram a proposta, não a questionaram e a aprovaram, ainda que não tenham endossado que foi unanimemente, como quando aprovaram os Estatutos. Os discordantes, se existiram, não fizeram questão de registrar em ata a sua posição.

Não me parece que a quantidade de ações tenha sido determinante para a ocupação de cargo na diretoria ou no conselho fiscal, exceção feita para Henrique Andrade. Dos três diretores, Carlos Martins da Silva, com dez ações, era o que tinha menos. Dos membros efetivos do conselho fiscal, Carlos Imbassahy possuía duas e entre os suplentes José Fernandes de Souza tinha três. Do total de eleitos, Hugo Ferreira Carneiro, do conselho fiscal efetivo, tinha 97 ações. Ficava atrás, apenas, do diretor presidente Henrique Andrade.

Na Assembleia Geral realizada em 10 de Abril de 1944, onde os sócios tomariam conhecimento sobre o relatório da diretoria e o parecer do conselho fiscal, ficou demonstrado que a situação não era muito boa. No relatório dizem que

*apesar de todo o esforço empregado pela diretoria e o montante da produção realizada que julgamos promissora para o primeiro ano de vida comercial, não nos foi possível superar o*

<sup>174</sup> Idem.

<sup>175</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A. - Ata da Assembléia de Constituição, realizada em 28 de Novembro de 1942”. *Diário Oficial da União*, 8 de Fevereiro de 1943, Seção I, p. 1777. Grifos meus. João de Oliveira Lins era do comércio e possuía uma ação. Não encontrei maiores informações a respeito dele.

<sup>176</sup> MOREIRA, Elmo Nélio. *Valores do Salário Mínimo desde sua instituição até os dias de hoje*, op. cit..

*necessário de forma a permitir a distribuição de dividendo. As despesas iniciais com a organização da sociedade, inclusive a cota de bonificação prevista no projeto e homologada pela assembleia de constituição, e ainda o natural e inevitável déficit da conta “Mundo Espírita” e “Propaganda Doutrinária”, foram as causas determinantes do prejuízo verificado (...).*<sup>177</sup>

As despesas iniciais para a criação da sociedade teriam afetado as finanças. O jornal *Mundo Espírita*, à semelhança do *Reformador*, não era autossuficiente. Os recursos que gerava não bastavam para sua manutenção. Quando se refere à “Propaganda Doutrinária” será que fazia referência à Caixa de Propaganda, que ficaria com 35% dos lucros?

Nesta Assembleia Geral ainda é feita uma advertência cujo argumento percorrerá a trajetória de Henrique Andrade à frente da Gráfica Mundo Espírita S. A., o que pode ser um diagnóstico tardio, algo que deveria ser planejado durante os estudos para a implementação da sociedade anônima: a necessidade do aumento do capital social.

*(...) o montante da produção das nossas oficinas está muito aquém do que elas precisam e podem realizar, porque assim o permite toda a sua maquinaria que é de superior qualidade e está em perfeito funcionamento. Para tanto, porém, torna-se necessário e imprescindível o aumento do capital social que virá permitir a aquisição de material em mais larga escala de forma a se poder imprimir livros de grande tiragem não só de edições alheias como próprias. Aliás, já nos nossos estatutos se acha aventado o aumento do capital, pois bem sabíamos que não seria possível com um capital em dinheiro reduzidíssimo, fazer face a compromissos vultosos e a manutenção das oficinas.*<sup>178</sup>

A impressão dos espíritas que visitaram a gráfica junto aos representantes da Liga Espírita do Brasil parecia verdadeira. O maquinário era novo, moderno. No entanto, a oficina estava produzindo abaixo de sua capacidade. Faltariam-lhe recursos que um maior capital social poderia atender. Assim, comprando em maior escala, poderiam conseguir junto aos fornecedores descontos maiores em função da quantidade, além de incrementarem a edição de livros em larga escala, para particulares ou não. Os Estatutos, realmente, previam a possibilidade de aumento do capital social. Dos 300:000\$000 iniciais, eles poderiam atingir “até 500:000\$000 observadas as preferências legais, desde que se torne necessário ao desenvolvimento e ampliação do objetivo da sociedade”<sup>179</sup>. A ata desta Assembleia Geral, realizada em 1944, somada à possibilidade aberta pelos Estatutos em aumentar o capital social, evidenciam que o passo dado pelos espíritas simpáticos ao projeto da Gráfica Mundo Espírita S. A. foi ousado e temeroso, porque os recursos reconhecidamente não eram suficientes. Do contrário, não projetariam quase dobrar o capital social da sociedade em sua origem. Lembrem-se que a Livraria da FEB, em 1944, tinha como capital 400:000\$000 e que,

---

<sup>177</sup> ANDRADE, Henrique. “Gráfica Mundo Espírita S. A. – Ata da Assembléia Geral Ordinária dos acionistas da Gráfica Mundo Espírita S. A., realizada em 10 de Abril de 1944. Relatório da Diretoria.” *Diário Oficial da União*, 15 de Maio de 1944, Seção I, p. 8630. Grifos meus.

<sup>178</sup> Idem, p. 8631. Grifos meus.

<sup>179</sup> ANDRADE, Henrique. “Gráfica Mundo Espírita S. A. – Projeto dos Estatutos”. *Diário Oficial da União*, 17 de Setembro de 1942, Seção I, p. 14077.

no relatório de atividades apresentado neste mesmo ano está tomando medidas para aumentar seus lucros. Henrique Andrade e os demais sócios fizeram uma “aposta” ao iniciarem os trabalhos da sociedade. Contavam que dispusessem da possibilidade do aumento de capitais para o funcionamento “sadio” da sociedade, caso os recursos se mostrassem insuficientes, como foi constatado no primeiro ano de funcionamento. No entanto, há que se levar em conta as possíveis dificuldades materiais que estaria vivendo na condução do jornal *Mundo Espírita*, impossibilitado de publicar anúncios em suas páginas, o que certamente concorreu para pressionar ele e os demais envolvidos com o jornal a buscarem alternativas rápidas e eficazes para darem conta do desafio vivido.

A despeito dos problemas apresentados, facultada a palavra a quem interessasse, sobre esclarecimentos quanto ao relatório, nenhum acionista fez uso dela. “*O Conselho Fiscal da Gráfica Mundo Espírita S. A., (...) é de parecer que sejam aprovados os atos e contas apresentadas pela diretoria e relativos ao exercício de 1943*”<sup>180</sup>. O balanço geral e o parecer dos conselheiros fiscais foram aprovados por unanimidade de votos. Os vencimentos e gratificações dos diretores e conselheiros foram mantidos nos mesmos valores.

Em 21 de Julho de 1945, no jornal *Mundo Espírita*, um artigo não assinado dava conta das dificuldades vividas. Elas seriam causadas pelo

*diminuto capital com que a nossa Gráfica se vem mantendo vai para 3 anos, fazem periclitar a estabilidade de Mundo Espírita, único jornal, semanário, que se edita em todo o Brasil como órgão de propaganda e defesa do Espiritismo. A medida cabível será o aumento do seu capital, o que já está sendo providenciado pela sua direção. Exigências legais, no entanto, tornam morosa a sua realização, e a situação exige solução imediata. Afim de evitar o cancelamento do crédito que já possui a Gráfica na Praça e no mundo bancário, o que provocaria, sem dúvidas, a sua imediata liquidação, vimos apelar para os amigos de MUNDO ESPÍRITA possuidores de recursos financeiros, no sentido de ser conseguido um empréstimo a curto prazo mediante os juros da lei e as garantias que forem exigidas.*<sup>181</sup>

O aumento do capital da gráfica, considerado diminuto, estaria sendo providenciado. No entanto, o tempo das exigências legais estaria criando embaraços para a solução de problemas urgentes que, naquele momento, só poderiam ser socorridos com empréstimos financeiros, claro que através de amigos da gráfica, que poderiam abrandar os juros da lei e as garantias normais, ou mesmo dispensá-los, como ocorria com os amigos da FEB. Recorre, dessa forma, por auxílio, a simpatizantes e sócios, esclarecendo o risco de liquidação da gráfica por conta do cancelamento do crédito na praça, que já se mostrava insuficiente e provavelmente empenhado em outras despesas, não alcançando as novas que se

---

<sup>180</sup> CARVALHO, J. F. Pires; IMBASSAHY, Carlos; CARNEIRO, Hugo F.. “Gráfica Mundo Espírita S. A. – Ata da Assembléia Geral Ordinária dos acionistas da Gráfica Mundo Espírita S. A., realizada em 10 de Abril de 1944. Parecer do Conselho Fiscal”. *Diário Oficial da União*, 15 de Maio de 1944, Seção I, p. 8631.

<sup>181</sup>“Aos amigos de “Mundo Espírita”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 21 de Julho de 1945, p. 3. Grifos meus.



apresentariam. Mas o apelo não surte o efeito esperado. Na semana seguinte, em 28 de Julho de 1945, assinalam que “*decorridos são oito dias sem que tivéssemos a visita de um só amigo a mostrar-se interessado pelo assunto, o que nos obriga a reproduzir na edição de hoje o referido apelo e a usar desta coluna para reforçá-lo*”<sup>182</sup>.

Em 20 de Outubro de 1945, mês em que *Mundo Espírita* passa a sair quinzenalmente, publica na primeira página “O Último apelo da Gráfica Mundo Espírita” e o autor, que não assina, afirma que o desenrolar dos acontecimentos do dia a dia “*levam-nos a admitir a possibilidade de não poder continuar a existir a empresa gráfica que com tantas e justificadas esperanças ousamos organizar (...)*”<sup>183</sup>. Ao mesmo tempo – e contraditoriamente – afirma que “*a situação econômica é satisfatória e podemos mesmo afirmar que ela garante, com lucro compensador, todo o capital dos seus acionistas*”<sup>184</sup>. No final das contas quer dizer que a situação é difícil, perigosa, pode levar à “morte” da gráfica, mas ela é remediável, não seria irreversível. Com mais investimentos, poderia sair da crise e gerar dividendos para seus associados. Caso esse socorro não acontecesse a tempo, “*só nos restará a última solução a ser tomada: a liquidação imediata, com reembolso dos juros legais, mesmo que para tanto se torne necessário o sacrifício das ações do único incorporador da sociedade*”<sup>185</sup>. Parece evidente, agora, que estes artigos sobre a situação financeira da gráfica sejam de Henrique Andrade, uma vez que seriam as ações dele que estariam disponíveis em caso de liquidação da sociedade para o pagamento de juros aos demais acionistas.

O apelo surtiu efeito. Em Janeiro de 1946, *Mundo Espírita* volta a ser semanal e no dia 12 do mesmo mês, afirmam que a tempestade acalmou, mas estavam cientes de que tornariam a “*enfrentar novas investidas de futuras crises, visto como a causa determinante delas persiste ainda: a necessidade de aumentar seu exíguo capital*”<sup>186</sup>. Consultei a demonstração de lucros e perdas publicada no *Diário Oficial da União* de 23 de Janeiro de 1946, e somei todos os lançamentos que tinham o nome do jornal. Os créditos – venda avulsa, assinantes e donativos – totalizaram Cr\$: 55.549,20 enquanto que os débitos – jornal, aluguéis, despesas, diversos, telefones, expedição, salários e comissões – somaram Cr\$: 61.472,20<sup>187</sup>. Portanto, o jornal *Mundo Espírita* ainda causava prejuízos à gráfica. Apesar disso, seu conselho fiscal

---

<sup>182</sup> “‘Mundo Espírita’ e os Espíritas”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 28 de Julho de 1945, capa.

<sup>183</sup> “O Último apelo da Gráfica Mundo Espírita”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1945, capa.

<sup>184</sup> Idem.

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> “Novo alento”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1946, capa.

<sup>187</sup> ANDRADE, Henrique; SILVA, Carlos Martins; CARNEIRO, Hugo Ferreira; CARVALHAL, Manoel Francisco. “Gráfica Mundo Espírita S. A. Balanço Geral. Demonstração da conta de lucros e perdas”. *Diário Oficial da União*, 23 de Janeiro de 1946, Seção I, p. 1187.

aprovou as contas de 1944 avaliando que houve pequeno lucro, no valor de Cr\$: 4.695,40<sup>188</sup>. Mas atentem: era o exercício de 1944 e não de 1945, que deveria ter sido apresentado no início de 1946, já que o ano social, de acordo com os Estatutos, “começará em 1 de janeiro e terminará em 31 de dezembro de cada ano”<sup>189</sup>. Os lucros apurados ao longo do período não foram grandes, quase sempre giraram em torno deste valor de 1944. Em 1945, foi de Cr\$: 4.043,00 e o de 1946 ficou em Cr\$: 3.237,00.

Em 8 de Março de 1947, *Mundo Espírita* publica uma convocação de Assembleia Extraordinária feita por Henrique Andrade, direcionada aos acionistas da gráfica, para “ouvirem e deliberarem sobre a situação econômica da sociedade, e, autorizarem a liquidação da mesma se outra qualquer solução não poder ser dada que resolva satisfatoriamente a situação”<sup>190</sup>. Henrique Andrade, os demais diretores e as pessoas mais próximas já não conseguiriam enxergar outros horizontes possíveis. A situação seria insustentável, porque diversos apelos por auxílio haviam sido feitos, sem que “os suprimentos fossem de molde a atingir o fim desejado, bastando apenas para retardar o inevitável”<sup>191</sup>. Ainda uma vez sustenta que apesar das dificuldades, não havia perigo para os interesses dos acionistas nem dos credores da gráfica. “O pagamento integral aos credores está assegurado. Aos Srs. Acionistas assegurado está, também, o pagamento integral de suas ações, acrescido, ainda de uma bonificação compensadora pelo capital empatado”<sup>192</sup>. Novamente o pequeno capital inicial é culpabilizado pela carestia de recursos financeiros.

Essa carência de capital *determinou, como é lógico, a impossibilidade de dar à Gráfica aquela organização comercial que lhe viria dar expansão e sobretudo possibilitar a colocação rápida das suas edições*, que é, sem dúvida uma preciosa fonte de renda. *Sem organização comercial e suportando, em consequência, todo o custeio de Mundo Espírita* que, sobre hoje a cerca de .....120.000,00 por ano, impossível é resistir ao montante dessas despesas.<sup>193</sup>

Maior capital implicaria mais créditos, possibilidades de comprar papel em maior escala, com menores preços, abrir-se, quem sabe, com maior segurança, a outros serviços externos além da divulgação doutrinária. E a publicação de *Mundo Espírita*, que se manteve semanal com algumas interrupções, onerava ainda mais os cofres da gráfica, porque causava prejuízo.

---

<sup>188</sup> CARVALHO, J. F. Pires; IMBASSAHY, Carlos. “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Parecer”. *Diário Oficial da União*, 23 de Janeiro de 1946, Seção I, p. 1187.

<sup>189</sup> ANDRADE, Henrique. “Gráfica Mundo Espírita S. A. – Projeto dos Estatutos”. *Diário Oficial da União*, 17 de Setembro de 1942, Seção I, p. 14078.

<sup>190</sup> ANDRADE, Henrique. “Aos acionistas da Gráfica Mundo Espírita S/A”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 8 de Março de 1947, p. 4.

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> Idem.

<sup>193</sup> Idem. Grifos meus.

Na ata da Assembleia Geral Extraordinária, realizada em 12 de Março de 1947, lemos o que Henrique Andrade não comentou nas páginas de *Mundo Espírita*, mas que poderia ser deduzido pela sua tentativa de acalmar os credores: “a situação financeira é precaríssima, dada a existência de várias duplicatas já vencidas e não poder contar com a benevolência dos Srs. Credores”<sup>194</sup>. Um sócio solicita a palavra e faz uma proposta que impediria, naquele momento, a liquidação da sociedade, mas não evitaria que, de futuro, a majoritariedade das ações trocasse de mãos.

Com a palavra o acionista Dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, *propõe seja estudada uma forma de se evitar a liquidação, com a entrada do capital necessário ao pagamento de todos os credores e que permita a reorganização da Sociedade de forma a imprimir-lhe o caráter comercial necessário à sua manutenção*. Discutidas ambas as propostas a assembléia deliberou, unanimemente, aprová-las *concedendo os poderes necessários à diretoria representada pelo seu presidente, para proceder a liquidação da Sociedade, caso não seja possível conseguir o capital necessário à reorganização desejada (...)*.<sup>195</sup>

Seria feita, então, uma última tentativa de salvação da sociedade, abrindo aos sócios o estudo em busca de uma solução para a falta de capitais. O compromisso com os credores figura em primeiro plano, até porque se alguns deles fossem bancos, a regularização da dívida poderia abrir margem para novos empréstimos. Caso fossem bem sucedidos, dariam início à reorganização da gráfica para dotá-la do pretendido caráter comercial. Se o esforço de captação de recursos falhasse, a liquidação da sociedade já estava aprovada.

Em Outubro de 1947, a *Revista Espírita do Brasil* publica um artigo do escritor espírita paulista Paulo Alves de Godoy onde ele solicita auxílio para a Gráfica Mundo Espírita S. A.. Para ele, seria contraditório que num momento em que grandes empreendimentos espíritas surgiam no país, “dando uma patente demonstração de pujança, uma obra das mais importantes como o seja uma editora, cesse as suas atividades por carência de recursos”<sup>196</sup>. Se grandes realizações espíritas despontavam pelo país, era sinal de que recursos existiam. Se o apelo do autor é público e direcionado aos espíritas, é sinal de que reconhecia que existiam espíritas detentores de recursos materiais que poderiam oferecer ajuda financeira eficiente para a manutenção do trabalho da gráfica. Não por acaso, Henrique Andrade fez o mesmo apelo em Outubro de 1945, à semelhança do que fizeram os espíritas da FEB em socorro de seu projeto editorial. Para ele, “se esses recursos não partirem dos espíritas, é óbvio que a

---

<sup>194</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Ata da Assembléia Geral Extraordinária da Gráfica Mundo Espírita S. A., realizada em 12 de Março de 1947”. *Diário Oficial da União*, 21 de Março de 1947, Seção I, p. 3885.

<sup>195</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>196</sup> GODOY, Paulo Alves. “Não deve perecer a Gráfica “Mundo Espírita” S. A.”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Outubro de 1947, p. 6. Sobre o autor, ver: FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Paulo Alves de Godoy*. Disponível em: [http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=229](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=229) Último acesso em 21 de Janeiro de 2014.

obra veja a cada passo ameaças de desfalecimento ou sofra solução de continuidade”<sup>197</sup>. Os espíritas poderiam contribuir “tomando assinaturas, fazendo listas de angariações ou mesmo enviando contribuições”<sup>198</sup>. Paulo Alves de Godoy propõe uma campanha onde cada Centro pudesse conseguir dez assinantes para *Mundo Espírita*. Listas para angariação de recursos para o auxílio de obras sociais eram bem comuns entre os espíritas<sup>199</sup>.

Ao final de 1947, em 5 de Dezembro, realizam uma Assembleia Geral onde fazem a leitura do relatório da Diretoria, dos balanços financeiros e do parecer do Conselho Fiscal relativos aos anos 1945 e 1946, que foram aprovados unanimemente. Na oportunidade, elegeram a Diretoria e o Conselho Fiscal para o exercício de 1947, do corrente ano. Não fizeram eleições no início do ano, na Assembleia Geral extraordinária de Março, quando cogitaram liquidar a sociedade<sup>200</sup>. Em 23 de Janeiro de 1948, o *Diário Oficial da União* publica o Balanço Geral da gráfica referente ao ano de 1947, bem como o relatório do seu diretor presidente e o parecer do Conselho Fiscal. Segundo Henrique Andrade,

*a Gráfica Mundo Espírita pode realizar o seu primacial objetivo, editando, semanalmente, o seu jornal e imprimindo outros periódicos de propaganda doutrinária como sejam “Aurora” e “Revista Espírita do Brasil”. (...) O prejuízo verificado no Balanço tem por causa a manutenção do jornal “Mundo Espírita”, sempre deficitário, carecendo por isso de uma maior e mais eficiente cooperação dos espíritas em geral.*<sup>201</sup>

Reafirmada a principal prioridade da gráfica – a impressão de *Mundo Espírita* – ela, em tempos financeiros difíceis que lhe ameaçavam a existência, seguiu imprimindo *Aurora*, outro periódico sob responsabilidade de Henrique Andrade, e o órgão da Liga Espírita do Brasil. Os prejuízos, que não eram pequenos, foram causados ainda uma vez pelo jornal que dava nome à gráfica. As suas despesas ficaram, no exercício de 1947, em Cr\$: 137.416,00 enquanto que a renda obtida com ele em Cr\$: 58.961,70, totalizando um prejuízo de Cr\$: 78.724, 30. A solução para o problema? A que sempre insistiu: o aumento do capital que permitiria o crescimento da produção e melhor organização administrativa<sup>202</sup>. Segundo o

---

<sup>197</sup> GODOY, Paulo Alves. “Não deve perecer a Gráfica “Mundo Espírita” S. A.”. *Revista Espírita do Brasil*, op. cit..

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> O Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor, então em Santa Tereza, na sua sessão ordinária de sua Diretoria, realizada em 12 de Outubro de 1939, acusa o recebimento de uma circular da Hora Espiritualista, programa espírita de rádio sob a responsabilidade de João Pinto de Souza, “pedindo um auxílio para a continuação da sua transmissão – Responder, auxiliando com a contribuição mensal de cinco mil réis”. No entanto, ao menos neste Centro a campanha da Gráfica Mundo Espírita S. não repercutiu, uma vez que não fizeram qualquer referência a ela em suas reuniões de Diretoria. GRUPO DE CARIDADE DEUS, LUZ E AMOR. *Sessão Ordinária da Directoria*. Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1939, p. 24.

<sup>200</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Ata da Assembléia Geral Ordinária realizada em 5 de Dezembro de 1947”. *Diário Oficial da União*, 2 de Janeiro de 1948, Seção I, p. 37.

<sup>201</sup> ANDRADE, Henrique. “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Relatório”. *Diário Oficial da União*, 23 de Janeiro de 1948, Seção I, p. 1069. Grifos meus.

<sup>202</sup> Idem.

parecer do Conselho Fiscal, não fosse a edição de *Mundo Espírita*, teriam alcançado lucro de Cr\$: 17.480,80. Apesar disso, com relação ao balanço que analisaram, fazem questão de assinalar que “*não têm dúvidas em recomendar a sua aprovação*”<sup>203</sup>, afinal, o principal objetivo da sociedade era a impressão de *Mundo Espírita*.

No final de 1947, os responsáveis pela Gráfica tentaram “colocar a casa em ordem”, ao menos juridicamente, procedendo a avaliação das contas do período 1945 a 1947, além de elegerem a Diretoria e o Conselho Fiscal de 1947. Eram ventos de mudança que sopravam. Em 31 de Janeiro de 1948, Henrique Andrade anunciava, pelo *Mundo Espírita*, os resultados da Assembleia Geral do dia anterior. “*Tem nova diretoria a Gráfica Mundo Espírita. Está presidindo-a um espírita de comprovada tenacidade, segura compreensão doutrinária, larga visão e notável tino administrativo – o Dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, o atual vice-presidente da Liga Espírita do Brasil*”<sup>204</sup>. Compõem com ele a diretoria Carlos Imbassahy e Amadeu Santos, que foi responsável, por meses, pela Livraria da FEB. A proposta de uma nova diretoria, na Assembleia Geral, partiu de Levindo Gonçalves Melo, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro que também sugeriu que o Diretor-Presidente tivesse honorários de Cr\$: 2.000,00 e os demais diretores, Cr\$: 500,00. O novo Conselho Fiscal efetivo foi composto por Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil, Leopoldo Machado e pelo General Manuel Araripe de Faria, da Cruzada dos Militares Espíritas<sup>205</sup>. Por fim,

pede a palavra o presidente recém-eleito Dr. Lins de Vasconcelos Lopes que propõe seja dada uma gratificação de Cr\$: 36.000,00 (...) ao Dr. Henrique Andrade pelos esforços que dispendeu na administração da Gráfica Mundo Espírita S. A., o que foi aprovado unanimemente.<sup>206</sup>

Em artigo publicado no *Mundo Espírita* de 21 de Fevereiro de 1948, Lins de Vasconcelos diz que lamenta que as colunas do jornal “*não tivessem ficado fechados para dispensáveis querelas. Manifestei, em tempo hábil, minha discordância nesse terreno e no econômico financeiro*”<sup>207</sup>. Henrique Andrade publicou uma série de artigos contra a obra de Roustaing que, em 1946, reuniu em livro editado pela gráfica chamado “A Bem da Verdade”. Isso certamente não agradou os espíritas da FEB, como parece não ter agradado a Lins de

<sup>203</sup> IMBASSAHY, Carlos; CARVALHO, J. F. Pires; SOUZA, José Fernandes. “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Parecer”. *Diário Oficial da União*, 23 de Janeiro de 1948, Seção I, p. 1069.

<sup>204</sup> ANDRADE, Henrique. “Fim de uma etapa”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1948, capa.

<sup>205</sup> “Histórico da CME”. Disponível em: [http://www.geocities.ws/militar\\_espirita/htm/a\\_cme.htm](http://www.geocities.ws/militar_espirita/htm/a_cme.htm) Último acesso em 22 de Janeiro de 2014.

<sup>206</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Ata da assembléia geral ordinária dos acionistas da Gráfica Mundo Espírita Sociedade Anônima, realizada aos trinta dias do mês de Janeiro de 1948”. *Diário Oficial da União*, 4 de Fevereiro de 1948, Seção I, p. 1601. Grifos meus.

<sup>207</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Início de nova etapa”. *Mundo Espírita*, op. cit..

Vasconcelos, que tinha mais simpatia por esta federativa que pela Liga Espírita do Brasil, apesar do cargo que ocupava nela. Não por acaso, as propagandas deste livro em *Mundo Espírita* cessam quando Lins de Vasconcellos assume sua direção. Certamente também não é casual que a mudança seja celebrada pelo *Reformador* do mês de Fevereiro de 1948 e que Lins de Vasconcellos seja apresentado apenas como membro da Assembleia Deliberativa da FEB, omitindo sua participação na Liga Espírita do Brasil. Além disso, fazem questão de ressaltar que ele “já publicou novo programa de atividades daquele órgão, em plena harmonia com os ideais espíritas. Entra, assim, “Mundo Espírita”, em uma fase de trabalhos sérios e superiormente inspirados, à qual desejamos longa e frutuosa duração”<sup>208</sup>. Ou seja, antes, na época de Henrique Andrade, o programa do jornal não estaria em harmonia com os ideais espíritas e viveria uma fase de trabalhos pouco sérios e, se inspirados, apenas pelos Espíritos inferiores. Henrique Andrade tinha consciência que desagrava os espíritas da FEB e, ao que parece, sofreu retaliações. Numa reunião que participou com representantes da FEB, da Liga Espírita do Brasil e de outros Centros Espíritas, onde discutiram a possibilidade das federativas se unirem e reordenarem seus trabalhos, ele “diz que jamais teve intenção de fazer campanha destruidora contra a Federação, embora tenha sido por ela agredido moralmente com a proibição de circular em sua sede e livraria o semanário MUNDO ESPÍRITA de que é diretor”<sup>209</sup>. Dessa forma, privaram-no de um ponto de venda e leitura para seu jornal em razão das discordâncias que detinha com a FEB, consideradas por esta como “campanha destruidora”, interpretação que os espíritas vinculados a esta federativa davam às críticas à obra de Roustaing.

Com relação à discordância que Lins de Vasconcellos manifestou a respeito tanto das querelas quanto a da questão “econômico-financeira”, se ele as fez, não foi pelos canais oficiais ou publicamente, uma vez que nas Assembleias Gerais as contas eram aprovadas com unanimidade e a única intervenção que ele fez em uma delas, consignada em ata, foi a que pedia mais tempo para estudarem soluções financeiras para a sociedade. Penso, então, que se fez sugestões informalmente a respeito de problemas financeiros da gráfica, uma delas tem a ver com a primeira medida que anuncia neste artigo de apresentação:

Quando a “MUNDO ESPÍRITA”, por motivos financeiros e de acidente nas oficinas, ocorrido em Novembro de 1947, e cujos efeitos ainda se fazem sentir, passará a sair nos segundo e quarto sábados de cada mês, dependendo o retorno às edições semanais de assinaturas, anúncios e donativos, além da normalização das oficinas.<sup>210</sup>

<sup>208</sup> “Mundo Espírita”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1948, p. 48.

<sup>209</sup> “O caso da projetada fusão entre a Liga Espírita do Brasil e a Federação Espírita Brasileira”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 2 de Novembro de 1946, p. 4.

<sup>210</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Início de nova etapa”. *Mundo Espírita*, op. cit.. Grifos meus.

Um fato novo, não comentado: um acidente nas oficinas, que comprometeu sua capacidade operacional. Maquinário danificado, funcionário ferido ou os dois? Por esse motivo e pelas questões financeiras já apontadas, o jornal *Mundo Espírita* passa a ser quinzenal afinal, ele “*custa muito dinheiro e dá muito trabalho, incômodos e desgostos*”<sup>211</sup>.

Lins de Vasconcellos, que ainda nesse artigo, diz que assumiu “*a responsabilidade de dirigir temporariamente este órgão*”<sup>212</sup>, anos depois, em 12 de Fevereiro de 1952, diria que não tinha “*saúde, nem tempo, nem gosto para cuidar de jornal*”<sup>213</sup>. Devia considerar que sua participação no jornal seria transitória, que não duraria muito tempo e que prontamente poderia ser substituído por alguém. Em 12 de Novembro de 1949, pelo *Mundo Espírita*, afirma que “*a gráfica “Mundo Espírita” e o jornal que lhe deu o nome vieram parar em minhas mãos como uma das maiores provações da minha vida*”<sup>214</sup>. Em 4 de Abril de 1949, quando se comemorava mais um ano de existência do jornal, avalia que “*o ano que transcorreu sob a nova administração não permitiu recuperação material nenhuma. Estamos, ainda, na fase de expansão gratuita e de penetração em meios desconhecidos*”<sup>215</sup>. Neste momento, aumenta a tiragem do jornal sem que o número de assinantes tenha crescido. Mas, em 4 de Abril de 1950, frustrado, admite que “*decorridos doze meses, temos a dizer que acumulamos grandes decepções e vultosos prejuízos materiais*”<sup>216</sup>. O ano de 1949 só não teria sido completamente perdido por conta do acordo assinado entre a FEB e a Liga Espírita do Brasil chamado Pacto Áureo, que ele, através de *Mundo Espírita*, concorreu para que se concretizasse. Isso o teria ajudado na

*decisão que tomamos de prosseguir, por mais algum tempo, ou mesmo ampliar, de certo modo, o nosso raio de ação, se descobrirmos elementos novos que nos possam ajudar (...). Pacientemente, resignadamente, temos resistido, durante dois anos, à tentação de voltarmos ao silêncio e à tranquilidade de outros trabalhos em que haja menos paixões e menos inimigos, pois a verdade é que um jornal como este é um belo instrumento para angariar inimizades e desafeições. Todos os que não são atendidos em seus desejos, passam a odiar o diretor, o qual ou se transforma em “bonzinho” ou fica arrolado como feroz, orgulhoso e tirano, pagando ainda para ter fama de bicho ruim.*<sup>217</sup>

---

<sup>211</sup> Idem.

<sup>212</sup> Idem.

<sup>213</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Relatório Impressões Finais”. Citado por: LOBO, Ney. *Lins de Vasconcellos*, op. cit., p. 280. Segundo Ney Lobo, neste relatório, seu autor trata de uma viagem que fizera ao Paraná e Santa Catarina, da piora do seu estado de saúde e de algumas análises do movimento espírita. Vai de 12 a 15 de Fevereiro de 1952. Não consta que ele tenha sido publicado em algum periódico.

<sup>214</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 1949. Citado por: LOBO, Ney. *Lins de Vasconcellos*, op. cit., p. 372.

<sup>215</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Mais um ano”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1949, capa.

<sup>216</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Mundo Espírita”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1950, capa.

<sup>217</sup> Idem. Grifos meus.

Não era só a questão material que o afligia. A recente conquista pela unificação dos espíritas o empolgava a continuar, mas acusava o golpe quando pensava nas inimizades que atraía pelas escolhas que fazia para seu jornal. Provavelmente, a fonte dos problemas era a recusa de artigos que criticassem o acordo recém-construído entre as federativas – porque tinha preferência pela FEB e era vice-presidente da Liga Espírita do Brasil, agora Liga Espírita do Distrito Federal – ou mesmo sobre polêmicas que motivaram sua crítica às escolhas editoriais de Henrique Andrade no jornal. Entretanto, em suas impressões finais, parece decidido a desistir da

*empresa fabulosa que nasceu falida e que parece ter, como diz o vulgo, caveira de burro. Só com o balanço é que poderia fazer Assembléia Geral Ordinária para, depois, ver se há conveniência de promover a liquidação. (Tenho receio de que se não liquidar, possa surgir outro Andrade e, então, já não haverá mais outro Lins. Eu terei partido para a grande viagem).*<sup>218</sup>

Reconhece que a empresa tinha problemas estruturais desde sua fundação, porque havia começado com pouco dinheiro. Em cinco anos, acumulara aborrecimentos, decepções, inimizades e prejuízos materiais. Achava mais seguro liquidá-la para que não se corresse o risco de aparecer alguém como seu antecessor. O que ele queria dizer com isso? Que Henrique Andrade administrou mal? Mas ele também não conseguiu “levantar” a sociedade, afinal, fazia questão de pontuar as dificuldades que enfrentou com ela. Em todo caso, não pode levar adiante sua ideia, porque morre em 21 de Março de 1952.

O *Reformador* de Maio de 1950 traz um artigo de Giuseppe Leoni intitulado “Editoras Espíritas” no qual avalia a indústria do livro espírita e apresenta críticas à conduta de Henrique Andrade. De acordo com ele, ninguém viu os resultados dos investimentos de capitais na Gráfica Mundo Espírita S. A.. “Ninguém? – Não é bem assim. O organizador viveu vários anos às custas dela e ainda saiu com quase duas centenas de contos de réis. Os próprios impostos e tributos ao Instituto dos Comerciantes ela não pagava”<sup>219</sup>. Antes dele Ismael Gomes Braga, em Abril de 1945, já questionava nas páginas do *Reformador*, aqueles que supunham

*que uma Editôra espírita deva ser uma fonte de renda, como qualquer empresa comercial, uma agremiação de pessoas que se organizam para serem beneficiadas com lucros, honorários de diretores, etc., e não exclusivamente para prestar serviços, como se compreende de um asilo ou de um abrigo*<sup>220</sup>.

Eram acusações muito desconfortáveis para um espírita, por conta do “Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes”, capítulo de “O Evangelho Segundo o

---

<sup>218</sup> LOPES, Arthur Lins de Vasconcellos. “Relatório Impressões Finais”. Citado por: LOBO, Ney. *Lins de Vasconcellos*, op. cit., p. 281.

<sup>219</sup> LEONI, Giuseppe. “Editoras Espíritas”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1950, p. 105.

<sup>220</sup> BRAGA, Ismael Gomes. “A Assistência Social e o Livro Espírita”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Abril de 1945, p. 89.



Espiritismo”, de Allan Kardec que se referia à mediunidade, em cuja atividade os médiuns espíritas não deviam buscar remuneração<sup>221</sup>. Essa lógica de atuar gratuitamente acabava projetando-se para outras atividades doutrinárias, como nos trabalhos assistenciais mencionados por Ismael Gomes Braga. O “jornalismo amador” de Leopoldo Machado e de Arnaldo S. Thiago também operava dessa forma. Como vimos, os diretores da FEB não receberiam remuneração. Porém, os espíritas que atuassem na imprensa doutrinária e que recebessem remuneração poderiam invocar o próprio Allan Kardec para legitimar seu posicionamento, uma vez que, ao pensar estratégias para o desenvolvimento de sua *Revue Spirite*, ele cogitou a presença de um redator remunerado<sup>222</sup>. Além disso, lembremos que o administrador da Livraria da federativa poderia receber salários. Se este fosse espírita, teria que abrir mão da remuneração? Quantos espíritas receberam remuneração ao exercer atividades profissionais, na FEB ou em outras instituições espíritas? Como separar a atuação profissional de sua atividade doutrinária? E quem cuidava da direção de um jornal espírita semanal, como *Mundo Espírita*, assim como da administração de uma empresa gráfica? Do que sobreviveria? Recordem-se que os vencimentos dos diretores da Gráfica Mundo Espírita S. A. foram votados em Assembleias de sócios, muitos dos quais em atividades doutrinárias. Não contestaram quando poderiam ter feito, porque provavelmente acharam normal e justo.

Henrique Andrade, no entanto, não parecia desatento às críticas e nem as ouviu em silêncio. Uma de suas respostas foi publicada em *Mundo Espírita* de 7 de Julho de 1945 na qual questiona as “verdadeiras” razões dessa disputa. De acordo com Henrique Andrade, o comentário crítico de Ismael Gomes Braga “*nada tem de espírita; ele é, exclusivamente, comercial*”<sup>223</sup> e seria motivado pelo receio de que a editora da FEB fosse ameaçada pela concorrência da *Gráfica Mundo Espírita S. A.*, da qual ele, inclusive era sócio. Além disso, destaca sua contradição: era acionista da *Gráfica Mundo Espírita S. A.* e quando teve oportunidade, nos fóruns abertos pelas Assembleias de sócios, não se manifestou. O então diretor presidente da *Gráfica Mundo Espírita S. A.*, no mesmo artigo, mostra-se incomodado com o “exclusivismo” demonstrado pelo defensor da FEB e recupera outra publicação da autoria de seu crítico, inclusive citando-o.

Mas, onde S. S. nos mostra o verdadeiro objetivo da sua campanha, é neste passo publicado na edição de junho findo: “Nossa idéia “fixa” no momento é a única em condições de prestar esse serviço. Qualquer outra que se venha a fundar terá fatalmente que ser uma concorrente fadada ao insucesso, por não possuir nenhuma obra consagrada nem o nome da Federação a recomendar-lhe os livros que tenha que lançar. Por isso temos insistido sempre nominalmente

---

<sup>221</sup> KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, op. cit., p. 434.

<sup>222</sup> KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. FEB: Rio de Janeiro, 1995, p. 342.

<sup>223</sup> ANDRADE, Henrique. “Pretensão Egoísta”. *Mundo Espírita*. Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1945, capa.

por uma editora”. O público que nos lê, saberá julgar do *privilégio único a que se julga com direito a Federação Espírita Brasileira*.<sup>224</sup>

Pelo visto, o diretor da Gráfica Mundo Espírita S. A. era um daqueles que criticavam o projeto editorial da FEB, denunciando-lhe o caráter comercial através de *Mundo Espírita* ou, mesmo, de *Aurora*, o que incomodava bastante os dirigentes da federativa. Meses antes, pelo *Reformador* de Janeiro de 1945, Ismael Gomes Braga fez propaganda semelhante quase que nos mesmos termos. O fato de ter os direitos autorais de “obras consagradas” – ainda que não mencione quais – e a consagração do nome da instituição, que lhe emprestaria “*grande conceito moral no país todo*”<sup>225</sup>, são argumentos invocados para legitimar seu pedido por doações e legados à Editora da FEB. “*Dizemos nomeadamente a Editôra da Federação e não vagamente uma editôra qualquer (...)*”<sup>226</sup>. Enfim, o outro projeto editorial existente na cidade do Rio de Janeiro – a Gráfica Mundo Espírita S. A. – era vista pelos espíritas da FEB como adversária e concorrente, não deveria merecer os recursos dos espíritas, que deveriam convergir apenas para a Editora da federativa.

Em 25 de Abril de 1952, é realizada uma Assembleia Geral extraordinária onde Carlos Imbassahy fez um relatório da situação da sociedade,

que só conseguiu sobreviver graças aos esforços e idealismo do grande companheiro Dr. Lins de Vasconcelos, que *despendeu com ela quantia superior a um milhão de cruzeiros*, tudo fazendo para salvar o bom nome do Espiritismo, e evitar um fracasso de ruinosas consequências morais. O Dr. Amadeu Santos, Dir. Tesoureiro, pediu a palavra e informou aos Srs. Acionistas que o Dr. Lins de Vasconcelos, agindo com um desprendimento incomparável, *saldou todas as dívidas da Gráfica, efetuando pagamentos de muitos anos atrás, inclusive de impostos, taxas e respectivas multas e que só assim pôde a empresa continuar até aquela data*.<sup>227</sup>

Muitas dívidas antigas e acumuladas; uma empresa que nasce deficitária; seu diretor presidente que fez escolhas consideradas ruins, tanto administrativamente quanto doutrinariamente. Foi a avaliação de Lins de Vasconcelos sobre a trajetória da gráfica e, em particular, da gestão de Henrique Andrade. Consta, ainda, nesta ata, que Carlos Imbassahy afirmou que o pensamento da Diretoria da gráfica era transferi-la para o Estado do Paraná, onde a Federação Espírita do Paraná providenciaria local para sua instalação. Na véspera de sua morte, estabelecera contato com João Ghignone e Abibe Isfer, “*assentando as bases para essa transferência caso a Assembléia a homologasse*”<sup>228</sup>. A gráfica já estava para ser despejada do endereço de suas oficinas, à Rua dos Inválidos nº. 216, bem como de seu escritório, à Rua do Carmo nº. 65. Estes dois dirigentes da Federação Espírita do Paraná

<sup>224</sup> Idem. Entre aspas na citação do autor, BRAGA, Ismael Gomes. *Reformador*. Rio de Janeiro, Junho de 1945.

<sup>225</sup> BRAGA, Ismael Gomes. “Serviço Modelar”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1945, p. 3.

<sup>226</sup> Idem.

<sup>227</sup> “Gráfica Mundo Espírita S. A.. Ata da Assembléia Geral Extraordinária dos acionistas, reunida em vinte e cinco de Abril de 1952”. *Diário Oficial da União*, 28 de Maio de 1952, Seção I, p. 8942. Grifos meus.

<sup>228</sup> Idem.

tornam-se diretores da gráfica. João Ghignone “*reafirmou o compromisso de não ser interrompida a publicação do “Mundo Espírita” e de soerguer as finanças da Gráfica a ponto de dentro de três anos poder resgatar pelo valor nominal as ações dos que assim desejarem*”<sup>229</sup>. O jornal circula até hoje como órgão de divulgação da Federação Espírita do Paraná<sup>230</sup> nas versões impressa e online. Henrique Andrade continuou sua militância na imprensa espírita com o jornal *Aurora*. Numa carta do médium mineiro Francisco Cândido Xavier à Antonio Wantuil de Freitas, de 10 de Maio de 1949, o médium mineiro diz que recebeu de Zeus Wantuil “*a “Aurora”, de 15 de abril ultimo, em que aparece um artigo compacto, apaixonadamente combativo, contra o trabalho último do nosso prezado Ismael*”<sup>231</sup>. Segundo a escritora espírita Suely Caldas Schubert, que teve acesso ao conteúdo integral dessas correspondências, ainda que, em seu trabalho, elas aparecem fragmentadas, Ismael Gomes Braga estaria sendo criticado por causa de seus artigos.

### 3.4 – Vestígios de outros projetos editoriais: a Editora Espírita Limitada e a SELK

Em maio de 1950, pelo *Reformador*, Giuseppe Leoni afirma que a indústria do livro espírita não era lucrativa. A explicação que dava para os progressos alcançados pelo Departamento Editorial da FEB é de que eles não se deviam, segundo ele, aos lucros alcançados mas, sim, à “*abnegação com que o tratam seus diretores, todos trabalhando gratuitamente e ainda lhe suprindo de recursos monetários, quando preciso*”<sup>232</sup>. Alguns dos que se dedicavam à produção de livros espíritas apresentavam-se como “*os “salvadores”, os “defensores” dos espíritas, os “apóstolos” que lançamplanos para a fundação de uma nova editora que venha acabar com a exploração da F.E.B., por vender esta livros por preços exorbitantes, etc. etc.*”<sup>233</sup>. Críticas à parte, o artigo apresenta algumas iniciativas que não prosperaram nos seguintes termos: “*Em 1938 surgiu a “Editora Espírita Limitada”, à rua dos Andradas, 86, nesta Capital. Recebeu, por antecipação, dinheiro de milhares de espíritas. Prometeu esse mundo e o outro. Atacou a exploração da F.E.B. No fim, não pagou a ninguém e faliu vergonhosamente*”<sup>234</sup>.

---

<sup>229</sup> Idem, p. 8943.

<sup>230</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Mundo Espírita*. Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/> Último acesso em 22 de Janeiro de 2014.

<sup>231</sup> XAVIER, Francisco Cândido. “Carta a Antonio Wantuil de Freitas”. Pedro Leopoldo, 10 de Maio de 1949. Citada por SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*, op. cit., p. 267.

<sup>232</sup> LEONI, Giuseppe. “Editoras Espíritas”. *Reformador*, op. cit..

<sup>233</sup> Idem.

<sup>234</sup> Idem.

Não obtive muitas informações a respeito dessa experiência, mas é possível afirmar que a empresa é um pouco mais antiga do que o autor afirma. Em 19 de Fevereiro de 1935, o *Correio da Manhã* publica a relação dos sócios dela. Dentre eles, vinculados à Liga Espírita do Brasil temos Jonathas Botelho, Redator-Chefe da *Revista Espírita do Brasil*; João Carlos Moreira Guimarães, que foi Secretário da mesma revista; Francisco Klörs Werneck, que naquele momento era o atual secretário dela, que escrevia para *Reformador* e era o responsável pela coluna “‘Correio’ Espírita, do *Correio da Manhã*”; encabeçando a lista, Henrique Andrade, então presidente da Liga Espírita do Brasil e responsável pelo jornal *Mundo Espírita*. Ligados à FEB temos Ismael Gomes Braga, que também escrevia para a *Revista Espírita do Brasil*; Carlos Imbassahy e Leopoldo Machado. Sem ligação direta com qualquer das federativas temos Mário José da Costa, que foi responsável pela coluna “Vida Espiritual”, do jornal *Gazeta de Notícias*; Levindo Mello, que anos mais tarde presidiria a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Destaquei estes homens porque eles participaram, também, como acionistas, da Gráfica Mundo Espírita S. A.<sup>235</sup>.

A Editora Espírita Limitada anunciava alguns de seus livros no *Correio da Manhã*. Um deles foi “Cartas de uma morta”, segundo livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, cujos direitos teriam sido doados ao Orphanato Dr. March, de Niterói, de acordo com anúncio publicado neste jornal em 27 de Outubro de 1935<sup>236</sup>. Considerando os investimentos realizados pela FEB na montagem e ampliação de sua gráfica e as campanhas a favor da venda de livros, o perigo de perder a exclusividade que manteve por alguns anos na edição das obras do médium mineiro pode ter sido interpretado como uma ameaça. Some-se a isso o risco de deixar de publicar os livros de outros médiuns ou escritores espíritas que porventura surgissem. Isso explicaria as críticas a outras iniciativas editoriais, o que não impediu que estas editoras “alternativas” contassem com a participação de alguns de seus colaboradores.

---

<sup>235</sup>“Departamento Nacional da Indústria e Comércio. Relações dos contratos, alterações de contratos, distratos e firmas individuais, despachados em 9 do corrente”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 19 de Fevereiro de 1935, p. 15. Além destes, na relação consta mais duas pessoas que participaram das duas iniciativas: José de Oliveira, nome muito comum e Arthur Donato. Não obtive muitas informações sobre eles a não ser aquelas oferecidas na publicação do Diário Oficial da União que qualificava os sócios da Gráfica Mundo Espírita S. A.. José de Oliveira, se for o mesmo, era português, na profissão descrito como “proprietário”, e Arthur Donato, brasileiro e industrial. “Gráfica Mundo Espírita S. A. Ata da 1ª Assembléia dos Subscritores de ações da “Gráfica Mundo Espírita S. A.”, realizada em 14 de Novembro de 1942”. *Diário Oficial da União*, 8 de Fevereiro de 1943, Seção I, p. 1775.

<sup>236</sup> “Cartas de uma morta”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1935, p. 23. Além deste, a Editora Espírita Limitada publicou “Orações de um crente” (1935), de Noel Varão; “Allan Kardec e o Espiritismo” (1935), de Chrisanto de Brito; “As enfermidades e os espíritos” (1936), de Epaminondas de Souza, um dos sócios da editora e “O Espiritismo, doutrina da felicidade (1936), de Miguel Karl. Os três últimos fazem parte do acervo da Biblioteca do Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor, de Benfica.

Giuseppe Leoni rememora outra iniciativa editorial: “*Depois, veio a Editora SELK, à rua Paraguai, também nesta Capital. Os mesmos processos da outra, as mesmas promessas e... foi-se, deixando muita gente à espera dos livros pagos por antecipação*”<sup>237</sup>. No *Reformador* de Junho de 2011, encontramos em uma nota no artigo de Jorge Brito, pesquisador da FEB, algumas poucas informações sobre essa iniciativa. Segundo ele, SELK era abreviação de Sociedade de Expansão dos Livros de Allan Kardec, responsável pela publicação de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec em 1943, com tradução de Antonio Lima. Teria sido a primeira editora no século XX, depois da FEB, a publicar as obras do autor francês. Na biografia de Antonio Lima no *site* da FEB consta que ele, com quase 80 anos de idade, teria fundado a Sociedade Editora dos Livros de Allan Kardec com o objetivo de baratear os custos dos livros do autor francês<sup>238</sup>. Penso que apesar da “confusão” dos nomes, trata-se da mesma iniciativa. Vale recordar que Antonio Lima foi, também, tradutor de livros editados pela própria FEB. Por discordar dos preços praticados por ela – assim como outros espíritas – resolveu fundar uma editora que os oferecesse em melhores condições. Ainda uma vez, fraturas internas e divergência de opiniões devem ter concorrido para que seu idealizador e quem sabe outros espíritas investissem neste projeto editorial. Ismael Gomes Braga, Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy participaram de dois desses projetos: Editora Espírita Limitada e da Gráfica Mundo Espírita S. A.. Pode-se perceber, aliás, que a Gráfica Mundo Espírita S. A. era bastante dependente de seus dois primeiros presidentes, que detinham muitos poderes, apesar de ser uma sociedade anônima onde os associados podiam opinar em assembleias gerais. Henrique Andrade idealizou e organizou-a. Deve ter empenhado recursos próprios; Arthur Lins de Vasconcellos Lopes assumiu-a, pagou dívidas e fez investimentos altos nela. De acordo com a biografia da FEB, Antonio Lima morreu pouco antes de completar 82 anos de idade. A “desorganização” da Editora pode ter a ver com a ausência de seu idealizador. Os simpatizantes, colaboradores ou eventuais associados não devem ter desejado continuar com o empreendimento. Por fim, diferente das motivações da FEB e da Gráfica Mundo Espírita S. A., que justificaram o investimento na criação e ampliação de suas próprias gráficas melhorar o desempenho de seus periódicos, estes dois empreendimentos não estavam vinculados a nenhum periódico espírita. Preocupavam-se, apenas, em dedicar-se à indústria do livro espírita, que despontava como possibilidade de divulgação doutrinária.

---

<sup>237</sup> LEONI, Giuseppe. “Editoras Espíritas”. *Reformador*, op. cit.

<sup>238</sup> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Antonio Lima*. Disponível em:

<http://www.febeditora.com.br/blog/sobre-autores/antonio-lima> Último acesso em 25 de Janeiro de 2014.

## Conclusão

Os periódicos espíritas despontam quando a impressão de livros não era ainda uma tarefa simples e acessível para os adeptos do Espiritismo. Na cidade do Rio de Janeiro, apenas na década de 1930 começaram a ser organizadas gráficas espíritas onde se editavam e imprimiam jornais, revistas, folhetos e livros doutrinários. Até então, o trabalho de produção e impressão de periódicos estava sujeito ao fluxo de demanda das gráficas leigas, o que resultava em atrasos na remessa de seus periódicos, o que justificaria a montagem de tipografias próprias. Alguns dos periódicos que analisamos neste trabalho traziam, em suas páginas, trechos de livros espíritas. O *Reformador*, em seus primeiros anos, levou a seus leitores partes de “O que é o Espiritismo”, de Allan Kardec. Posteriormente, ao longo da década de 1940, com o deslocamento do eixo de prioridade da FEB para a impressão de livros, a revista teria se tornado, na expressão de Francisco Thiesen, a “*plataforma do lançamento do livro espírita*”<sup>1</sup>. O jornal *Tribuna Espírita*, por sua vez, publicou trechos do livro “Memórias do Padre Germano”, da médium espanhola Amalia Domingo y Soler<sup>2</sup>. Como pudemos analisar, a revista *O Sidereo*, do Centro Espírita José de Abreu, declarou que pretendia despertar nos seus leitores o gosto pela leitura. Para tanto, levariam até eles mensagens mediúnicas e trechos de obras doutrinárias, onde poderiam “ensaiar-se” no estudo da Doutrina Espírita<sup>3</sup>. Havia por parte dos espíritas – e ainda há – grande expectativa quanto às potencialidades da leitura de periódicos e livros. Acredita-se que através da leitura, a doutrina é divulgada ao público leigo, é defendida dos ataques dos seus detratores e os espíritas podem discernir o que é ou não o Espiritismo.

O periódico espírita – jornal ou revista – tinha a facilidade de ser levado junto com seus leitores e podia ser lido nos seus momentos livres, nas breves pausas que eventualmente fizesse ao longo de seu dia ou após a jornada de trabalho, além de ser, em termos econômicos, mais barato que um livro que, além de tudo, exigiria maior fôlego e habilidades para leitura. Os periódicos, à semelhança dos livros, também poderiam circular de mãos em mãos através de empréstimos. A FEB enviava (e envia até hoje), a Centros Espíritas, o *Reformador*. Os dirigentes destes Centros Espíritas, além de formarem um acervo da publicação, teriam a chance de coloca-la em circulação, entre seus pares de Diretoria, ou entre os demais

<sup>1</sup> THIESEN, Francisco. “Reformador”. *Reformador*, op. cit..

<sup>2</sup> Amalia Domingo y Soler era escritora, oradora, intelectual e polemista. FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Amalia Domingo y Soler*. Disponível em: [http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=23](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=23) Último acesso em 6 de Maio de 2014.

<sup>3</sup> “O Sidereo”. *O Sidereo*, op. cit., p. 1.

frequentadores da instituição que fossem responsáveis. Jornais e revistas espíritas poderiam ser guardados e, até, mesmo, colecionados, constituindo-se em subsídio doutrinário para aqueles que tinham compromisso com a tribuna doutrinária dos Centros Espíritas e/ou que também escrevessem artigos sobre o Espiritismo para periódicos doutrinários ou jornais diários que mantivessem colunas espíritas.

Os espíritas não foram os únicos a investir na atuação em jornais diários ou na criação e manutenção de periódicos doutrinários. Outros segmentos religiosos, como os católicos, também investiram na manutenção de sua própria imprensa, o que acredito que possa estender-se aos protestantes, positivistas e teosofistas. Às vezes, os espíritas ocupavam as mesmas seções religiosas nos jornais diários que abrigavam outras religiões. Acredito que pressionaram os periódicos de grande circulação por espaço utilizando-se de argumentos parecidos com aqueles acionados pelos espíritas: que estavam expandindo-se e que os jornais davam muito espaço para outras religiões e não a deles. Antonio Wantuil de Freitas, assinando “I. Pequeno”, menciona em Outubro de 1946 um jornal católico de Petrópolis, *A voz de S. Antonio*, onde um religioso teria se lamentado que, naquele momento, a imprensa católica estaria inferior, em quantidade, à imprensa espírita e protestante<sup>4</sup>. Em diversos momentos os espíritas debateram, polemizaram e contestaram, em seus jornais e revistas, os argumentos e propostas defendidos por periódicos católicos que publicariam artigos contra o Espiritismo e os espíritas. Com os protestantes, polemizaram muito menos<sup>5</sup>. Compreende-se a “preferência” dos espíritas pelos católicos, uma vez que o Catolicismo era hegemônico, no momento, além de seus adeptos voltarem parte de suas baterias contra os espíritas, o que provavelmente faziam, também, com os protestantes, os teosofistas, os adeptos das religiões afro-brasileiras, enfim, todos aqueles que pudessem constituir-se ameaça á essa hegemonia.

A presença feminina nas atividades mediúnicas em alguns Centros Espíritas era marcante. No Grupo de Caridade Deus, Luz e Amor e no Centro Espírita Amor, Caridade e Esperança constituíam-se em mais da metade dos médiuns<sup>6</sup>. No entanto, a atividade na imprensa doutrinária foi predominantemente masculina. Os periódicos espíritas foram dirigidos por homens, que também eram maioria entre os autores de artigos doutrinários publicados, o que se repetia nas colunas espíritas mantidas nos jornais diários. As únicas exceções localizadas foram Guiomar Ramos, que assinou a última coluna de Hermes Jurema,

---

<sup>4</sup> FREITAS, Antonio Wantuil (I. PEQUENO). “Estatística Católica”. *Reformador*, op. cit..

<sup>5</sup> Apenas no *Reformador* de 1929 encontramos alguns artigos de Carlos Imbassahy dedicados a um protestante. IMBASSAHY, Carlos. “As objecções de um amigo protestante. Divergências e interpretações II”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1929, p. 309.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “*Livres*”, *porém perseguidos*, op. cit., p. 18.

“Notas Espíritas”, no *Correio da Manhã*, além de ter sido eleita segunda tesoureira na primeira diretoria da Liga Espírita do Brasil e Ormindia Bastos, que escrevia para a *Revista Espírita do Brasil* e que também publicou artigo na coluna “Espiritismo” do jornal *A Manhã*. É possível que a imprensa espírita ainda seja, predominantemente, uma atividade masculina<sup>7</sup>.

Dos periódicos espíritas que analisei, *Humildade*, *União Espírita*, *A Fraternalização* e *A Fraternidade* não teriam durado mais que um ano. Dos quatro, apenas o último é da década de 1910. Os outros três pertencem ao primeiro decênio do século XX. *União Espírita* e *A Fraternidade* tinham caráter “independente” de instituições espíritas. Os espíritas organizados em torno de *Humildade*, que era do Centro Espírita Humildade e Fé, tão logo se veem privados das receitas da instituição, esforçam-se por arrecadar recursos que viabilizaram um novo periódico, não mais um “órgão de propaganda” – *Humildade* – mas sim um “jornal de combate e propaganda” que passaria a sair duas vezes ao mês. Com pretensões modificadas, deixam *Humildade* para trás e investem no *Tribuna Espírita* que, no entanto, deve ter se mantido apenas por dois anos. Não devia ser fácil manter um periódico espírita “independente” nas duas primeiras décadas do século XX.

Os periódicos espíritas que duraram até o presente – *Reformador* e *Mundo Espírita* – pertencem a instituições longevas e fortes, a FEB e a Federação Espírita do Paraná. *Reformador*, aliás, durante o período analisado, sempre se mostrou deficitário financeiramente. Quanto à *Mundo Espírita*, declinou a partir do momento em que foi considerado “folheto de propaganda religiosa” pelo D.I.P., uma vez que foi privado das receitas dos anunciantes. A *Revista Espírita do Brasil* também sobrevive durante mais de 20 anos por ser o órgão da Liga Espírita do Brasil. Entretanto, três anos depois do acordo de unificação entre as federativas de caráter nacional então existentes, conhecido como Pacto Áureo, deixa de circular. *Aurora*, por sua vez, o jornal de maior tiragem analisado, em 1919 representava cinco instituições espíritas, o que certamente facilitou-lhe a circulação em diferentes meios pelo menos do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, o fato de procurar escrever para um público menos instruído deve ter captado leitores para o jornal. A revista

---

<sup>7</sup>No *Reformador* de Dezembro de 2012, excetuando-se uma entrevista e as mensagens mediúnicas, temos dos onze artigos assinados, apenas três de autoria de mulheres, sendo que um deles assinando com um homem. Além disso, das seis pessoas que constituíam o corpo de redatores da publicação daquele ano, apenas uma é mulher. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Reformador*. Rio de Janeiro, Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/reformador/wp-content/themes/reformador/edicoes-antiores/pdf/2012/12dezembro.pdf> Último acesso em 6 de Maio de 2014.



*Novo Horizonte*, por sua vez, muda de mãos e periodicidade em 1953, tornando-se de publicação cada vez mais esparsa até o seu final em 1991.

A captação de recursos para os periódicos espíritas sempre foi objeto de angústias para os responsáveis pelas publicações. Os espíritas não apoiariam, como era de se esperar, a criação de jornais e revistas para divulgar a doutrina ou, quando o faziam, era por um curto período de tempo, o que fez com que *A Verdade* falasse no “mal das sete semanas”, quando estes periódicos começariam a sentir os efeitos da carência de recursos materiais para sua manutenção. Certamente que as dificuldades para financiar os periódicos foram um dos elementos fundamentais também para as trocas de comando em alguns periódicos, como foi o caso do *Reformador* e do *Mundo Espírita*, além, evidentemente, de concorrer para que outros periódicos espíritas desaparecessem do cenário público.

Os espíritas desenvolviam diversas atividades doutrinárias em suas instituições, muitas das quais de assistência social ou caridade, o que certamente também demandava recursos financeiros, além das despesas correntes para a manutenção do ambiente físico. Os mantenedores destas atividades buscavam o socorro financeiro das pessoas ligadas à própria instituição que as promovia, como também, por cartas, solicitavam auxílio externo de outros espíritas em outros Centros. Esses recursos eram disputados pelos periódicos espíritas, que procuravam destacar a importância da atividade que desenvolviam para sensibilizar os bolsos fechados. E nem sempre as prioridades dos espíritas na aplicação de seus recursos eram as mesmas dos responsáveis pela direção e publicação dos periódicos doutrinários.

As colunas espíritas nos jornais diários são parte do processo de expansão da Doutrina Espírita na cidade do Rio de Janeiro, assim como da própria imprensa empresarial. A maioria dos jornais leigos analisados abre espaço para os adeptos do Espiritismo pouco tempo depois que iniciam suas atividades. Essas colunas doutrinárias mantidas pelos espíritas se tornam mais frequentes entre as décadas de 1920 e 1930, quando há um aumento significativo no número de Centros Espíritas. Os periódicos espíritas, por sua vez, acompanham o mesmo movimento. Isso permite-nos concluir que, logo no final do século XIX, os espíritas veem na imprensa uma importante ferramenta de divulgação doutrinária e tão logo reúnem recursos financeiros lançam-se ao empreendimento, seja pagando pela publicação de artigos nos jornais diários, como no caso de Bezerra de Menezes e a União Espírita do Brasil, ou então pela simples cessão de espaço, como o *Correio da Manhã* publicando artigos de Olegário Tavares em 1903, seja pela criação de seus próprios periódicos. Aliás, as colunas espíritas nos jornais diários, assim como os jornais e revistas mantidos pelos espíritas, não duravam muito.

A grande exceção é a coluna “Chronica Espírita”, de Frederico Fígner, da FEB, no *Correio da Manhã*.

Em que pesem os ideais de fraternidade e amor ao próximo pregados pelos espíritas, os responsáveis por alguns periódicos e alguns membros das federativas então existentes desceram a arena pública e combateram, não apenas aos que se apresentavam como inimigos do Espiritismo, mas também àqueles outros espíritas que possuíam outros pontos de vista e opiniões ou defendiam outra leitura da Doutrina Espírita. Os espíritas com responsabilidades no periodismo doutrinário, em projetos editoriais e nas federativas disputaram, nem sempre harmonicamente, a hegemonia entre os espíritas. Desejavam a preferência para seus periódicos, editoras e suas visões doutrinárias e, para isso, lançaram mão da desqualificação daqueles que julgavam seus adversários, alguns dos quais acusados de serem inspirados por Espíritos inferiores. Utilizavam a imprensa como arena de lutas em defesa da pureza doutrinária, contra a intromissão de elementos de crença que consideravam estranhos ao Espiritismo. Usavam-na para tentar delimitar o que seria ou não a Doutrina Espírita.

O desejo de criação de um jornal espírita diário, que moveu o projeto “Nosso Jornal” e esteve presente, também, no seio da FEB, é abandonado pelos espíritas. Na FEB, as disputas entre ampliar o investimento na imprensa espírita, oscilando entre o jornal diário, a ampliação do *Reformador* e o pagamento de uma coluna num jornal diário de grande circulação, são deixadas de lado em detrimento da publicação de livros doutrinários, num momento onde despontava, no cenário espírita nacional, a intensa produção mediúnic de Francisco Cândido Xavier, que cedeu os direitos de boa parte de suas obras à federativa. Dos jornais analisados, apenas *Mundo Espírita* e *União Espírita* foram semanais.

Antes da pesquisa, não dimensionava a quantidade de jornais diários em que os espíritas tiveram colunas doutrinárias. Cada nova descoberta colocava novos desafios para o mapeamento de títulos e linhas editoriais, identificação dos seus editores e delimitação das coleções existentes. Porém, pude notar que os espíritas sentiram-se mais à vontade para exprimir, em seus próprios periódicos, suas visões e expectativas quanto à utilização da imprensa como instrumento de divulgação doutrinária e de defesa dos seus pontos de vista. Neles, refletiram a respeito da captação de recursos para a manutenção de seus jornais e revistas, enxergando na falta de socorro material dos adeptos do Espiritismo uma razão fundamental. Além disso, utilizaram-se das páginas de seus periódicos para tecerem críticas a respeito da atuação da imprensa leiga quando atacavam as atividades que desenvolviam.

Reclamavam das prioridades de alguns jornais diários quanto ao Catolicismo, procurando, com a queixa da desigualdade no tratamento, obter espaço em suas páginas.

Através da utilização da imprensa espírita como fonte, é possível pesquisar o processo formador da Liga Espírita do Brasil que durante alguns anos disputou com a FEB a arregimentação e organização das atividades dos espíritas no país, sendo mais representativa junto aos Centros Espíritas da Capital. A pesquisa me surpreendeu ao apontar para a presença de representantes da Umbanda durante a criação desta entidade federativa concorrente que modificou suas finalidades anos mais tarde, no acordo firmado com a FEB em 1949. Julgava que aqueles que haviam tomado parte nos preparativos do Congresso Constituinte Espírita Nacional de 1926 que originou a Liga Espírita do Brasil eram, fundamentalmente, espíritas. Aliás, encerro este trabalho com a forte sensação de que muitos daqueles que se diziam adeptos do Espiritismo não eram tão ortodoxamente espíritas como desejariam os espíritas das entidades federativas. Muitos que se autoproclamavam espíritas lançavam mão de práticas do Catolicismo ou das religiões afro-brasileiras em suas atividades. Não por acaso, umbandistas como o jornalista Leal de Souza viam relações entre o Espiritismo e a Umbanda.

Também por meio da imprensa é possível aprofundar os estudos em torno das relações dos espíritas com a Política, suas convicções e atuações, inclusive na arena eleitoral como, por exemplo, as atividades da Coligação Nacional Pró Estado Leigo que contou, em sua presidência, com o espírita Lins de Vasconcellos. Esses periódicos oferecem possibilidades, também, para o estudo de instituições criadas por espíritas que não tinham o caráter de um Centro Espírita como a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos e a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Que o presente trabalho seja útil à historiografia que se interessa pelas atividades dos espíritas, pelo Espiritismo e pela imprensa. Que os espíritas que eventualmente o lerem possam refletir sobre as idealizações dos homens do passado que detiveram responsabilidades na militância espírita, colocando-os em altares de santo, supondo-os Espíritos missionários quase que humanamente infalíveis. Que possam reconhecer a humanidade destas pessoas, que acertavam e erravam também, muito parecidos conosco. Que os espíritas possam refletir, por fim, sobre o potencial da imprensa doutrinária contemporânea não apenas para mirar o Mundo Espiritual, mas vendo nela um instrumento de intervenção social para a transformação da realidade terrena.

## **Fontes:**

### 1) Periódicos Espíritas:

*Aurora*. Rio de Janeiro. Maio de 1919 a Janeiro de 1933.

*Brasil Espírita*. Rio de Janeiro. Março a Agosto de 1930.

*A Fraternidade*. Rio de Janeiro. Junho de 1916.

*A Fraternização*. Rio de Janeiro. Maio de 1902.

*Humildade*. Rio de Janeiro. Maio e Junho de 1907.

*Mundo Espírita*. Rio de Janeiro. Maio de 1937 a Abril de 1951.

*Novo Horizonte*. Rio de Janeiro. Janeiro a Julho de 1932.

*Reformador*. Rio de Janeiro. Janeiro de 1883 a Maio de 1972.

*Revista Espírita*. Paris, Dezembro de 1864 a Dezembro de 1868.

*Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro. Janeiro de 1929 a Dezembro de 1951.

*O Renovador*. Rio de Janeiro. Agosto de 1882.

*O Sidereo*. Rio de Janeiro. Dezembro de 1919.

*Tribuna Espírita*. Rio de Janeiro. Julho de 1907 a Julho de 1908.

*União Espírita*. Rio de Janeiro. Agosto de 1905 a Fevereiro de 1906.

*A Verdade*. Rio de Janeiro. Julho de 1922 a Abril de 1923.

### 2) Jornais diários:

*A Batalha*. Rio de Janeiro. Agosto de 1930 a Julho de 1936.

*Diário Oficial da União*. Abril de 1912 a Janeiro de 1946.

*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Junho de 1901 a Junho de 1950.

*Diário Carioca*. Rio de Janeiro. Novembro de 1930 a Fevereiro de 1947.

*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Dezembro de 1930 a Novembro de 1937.

*A Época*. Rio de Janeiro. Setembro de 1914.

*Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Março de 1920 a Julho de 1939.

*O Imparcial*. Rio de Janeiro. Julho de 1922.

*A Manhã*. Rio de Janeiro. Fevereiro de 1926 a Maio de 1932.

*A Noite*. Rio de Janeiro. Outubro de 1912 a Maio de 1924.

*A Nota*. Rio de Janeiro. Maio de 1937 a Agosto de 1939.

*O Paiz*. Rio de Janeiro. Outubro de 1887.

*A Pátria*. Rio de Janeiro. Fevereiro de 1934.

### 3) Livros:

ANDRADE, Henrique. *A Bem da Verdade*. Rio de Janeiro: Edição Própria. Composta e impressa na Gráfica Mundo Espírita S. A., 1946.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 1391.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro: FEB, 1912.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Organização Federativa do Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1947.

FÍGNER, Frederico. *Crônicas Espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

FREITAS, Antonio Wantuil (Mínimus). *Ciência, Religião e Fanatismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1938.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

KARDEC, Allan. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

MACHADO, Leopoldo. *Doutrina Inglória*. Rio de Janeiro, Imp. Of. “Reformador”, 1941.

MACHADO, Leopoldo. *Pigmeus contra gigantes*. Rio de Janeiro, Imp. Of. “Reformador”, 1940.

MACHADO, Leopoldo. *Sensacional Polêmica: da tribuna para a imprensa, do jornal para o livro*. Rio de Janeiro. Não consta editora, 1938.

MELO, Jacob. *O passe: seu estudo, suas técnicas, sua prática*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

SANTOS, Amadeu. *Doutrina e Crítica*. Rio de Janeiro: Confeccionado nas oficinas do Reformador, 1943.

### 4) Relatórios:

#### 4.1) Presidência da FEB, por ano:

FERREIRA, Luiz Barreto Alves. “Relatório do Presidente, apresentado à Assembléia Deliberativa na reunião ordinária de 1926, sobre os trabalhos da Sociedade e contas da Administração durante o anno de 1925”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1926.

QUINTÃO, Manoel Justiniano de Freitas. “Relatório do Presidente, apresentado á Assembléia Deliberativa na sua reunião ordinária de 1930, sobre os trabalhos da Sociedade e contas da administração durante o anno de 1929”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1930.

RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório do Presidente, apresentado á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1931, sobre os trabalhos da Sociedade e contas da Administração durante o anno de 1930”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1931.

RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório do seu presidente, apresentado à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1936, sobre os trabalhos da instituição e contas da

sua administração, durante o ano social de 1 de Julho de 1935 a 30 de Junho do ano seguinte”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1936.

RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório, apresentado pelo seu presidente, á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1937, sobre os trabalhos da instituição e contas da sua administração, durante o ano social de 1º de Julho de 1936 a 30 de Junho do ano seguinte”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1937.

RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado, pelo seu presidente, á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1938, sobre os trabalhos da instituição e as contas de sua administração, durante o ano social de 1º de Julho de 1937 a 30 de Junho do ano seguinte”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Setembro de 1938.

RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado, pelo seu presidente, à Assembléia Deliberativa, na reunião ordinária de 1939, sôbre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1 de Julho de 1938 a 30 de Junho de 1939”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Setembro 1939.

RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1941, sobre os trabalhos da instituição e a gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1940 a 30 de Junho de 1941”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Setembro de 1941.

RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na reunião ordinária de 1942, sobre os trabalhos da instituição e gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social, de 1º de Julho de 1941 a 30 de Junho de 1942”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1942.

RIBEIRO, Luiz Olímpio Guillon. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1943, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1942 a 30 de Junho de 1943”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1943.

FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião Ordinária de 1944, sobre os trabalhos da instituição e a gestão de seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1943 a 30 de Junho de 1944”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1944.

FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente á Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1945, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1944 a 30 de Junho de 1945”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1945.

FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1946, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e matéria, durante o ano social de 1 de Julho de 1945 a 30 de Junho de 1946”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto 1946.

FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1947, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social de 1º de Julho de 1946 a 30 de Junho de 1947”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1947.

FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1948, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do

seu patrimônio moral e matéria, durante o ano social de 1 de Julho de 1947 a 30 de Junho de 1948”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Agosto de 1948.

FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório apresentado pelo seu presidente à Assembléia Deliberativa, na sua reunião ordinária de 1950, sobre os trabalhos da instituição e a gestão do seu patrimônio moral e matéria, durante o ano-social de 1 de Julho de 1949 a 30 de Junho de 1950”. *Reformador*. Setembro 1950.

#### 4.2)Gerência do *Reformador*, por ano:

CARVALHO, J. Vaz. “Relatório do gerente do ‘Reformador’”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1930.

CARVALHO, J. Vaz. “Relatório do Gerente do ‘Reformador’”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Março de 1931.

VIANNA, João da Costa. “Relatório do gerente do ‘Reformador’”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 1º de Setembro de 1934.

FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório do Gerente do ‘Reformador’”. *Reformador*. Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1937.

FREITAS, Antonio Wantuil. “Relatório do Gerente do Reformador”. *Reformador*, Rio de Janeiro, Setembro de 1941.

#### 4.3)Presidência da Liga Espírita do Brasil:

TORRES, João. “Relatório apresentado a Assembléia Espírita do Brasil em 1º de Maio de 1929”. In: “Liga Espírita do Brasil”. *Revista Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, Junho de 1929.

#### 4.4)Polícia:

CPDOC-FGV. Arquivo pessoal Filinto Müller. Serviço de Inquéritos Políticos e Sociais. As forças religiosas no Brasil, do ponto de vista de suas influências políticas e econômicas. Relação dos centros espíritas filiados à FEB. Rio de Janeiro, 1938.

#### 5) Carta de Agregação à Liga Espírita do Brasil, livros de atas e registros:

CENTRO ESPÍRITA AMOR, CARIDADE E ESPERANÇA. *Ata de Reunião Ordinária de Diretoria*. Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1943, p. 14 e 15.

CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Casas Espíritas do Rio de Janeiro*. Recebido por email em 13 de Janeiro de 2014.

CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Livro de Registro das Associações Agregadas à Liga Espírita do Brasil*. Rio de Janeiro, 1942.

CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Carta de Agregação do Novo Centro Espírita Antonio dos Pobres à Liga Espírita do Brasil*. “Boletim de Informações para Agregação”. Rio de Janeiro, 1937.

CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Carta de Agregação do Grupo Espírita Antonio de Pádua à Liga Espírita do Brasil*. “Parecer”. Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1943.

GRUPO DE CARIDADE DEUS, LUZ E AMOR. *Ata de Reunião de Diretoria*. Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1938, p. 7.

GRUPO DE CARIDADE DEUS, LUZ E AMOR. *Sessão Ordinária da Directoria*. Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1939, p. 24.

6) Livros de memorialistas:

IMBASSAHY, Carlos de Brito. *Memórias pitorescas de meu pai*. São Paulo: Casa Editora O Clarim, 1974.

IMBASSAHY, Carlos de Brito; ROCHA, Alberto de Souza. *Uma visita aos arquivos implacáveis de Imbassahy*. Rio de Janeiro: CELD, 2002.

RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil 1869 – 1978*. Juiz de Fora: Instituto Maria, 1979.

RAMOS, Clóvis. *Leopoldo Machado – Ideias e ideais*. Rio de Janeiro: CELD, 1995.

TOURINHO, Nazareno. *Carlos Imbassahy – o homem e a obra*. São Paulo: FEESP, 1994.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Antonio Eliezer Leal de Souza, o primeiro escritor da umbanda*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2009.

7) Estatutos:

CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Estatutos do Novo Centro Espírita Antonio dos Pobres*. Rio de Janeiro, 1937.

CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Estatutos do Centro Família Espírita (Fé)*. Rio de Janeiro, 1940.

CONSELHO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Estatutos do Centro Espírita Caminhemos com Humildade*. Nova Iguaçu, 1941.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1917.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1925.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Rio de Janeiro, 1933.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Estatutos da Federação Espírita Brasileira*. Brasília, 1999.

**Textos e Documentos Eletrônicos:**

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto-Lei nº. 1.698, de 23 de Outubro de 1939*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1698-23-outubro-1939-411568-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 27 de Março de 2014.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto nº. 19.941 de 30 de Abril de 1931*. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 2 de Novembro de 2013.



CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto nº. 24.531, de 2 de Julho de 1934*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24531-2-julho-1934-498209-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 25 de Março de 2014.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Decreto-Lei nº. 910, de 30 de Novembro de 1938*. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-910-30-novembro-1938-349925-publicacaooriginal-1-pe.html> Último acesso em 27 de Março de 2014.

CPDOC. *Constituição de 1934*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/Constituicao1934> Último acesso em 26 de Setembro de 2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de Fevereiro de 1891*. Art. 72, Parágrafo 12. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm) Último acesso em 28 de Novembro de 2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de Dezembro de 1940*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm) Último acesso em 4 de Fevereiro de 2014.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Lei nº. 40, de 10 de Abril de 1935*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1930-1949/L0040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1930-1949/L0040.htm) Último acesso em 21 de Setembro de 2013.

SENADO FEDERAL. *Decreto-Lei nº. 2.016, de 14 de Fevereiro de 1940*. Disponível em: [http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=2016&tipo\\_norma=DEL&data=19400214&link=s](http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=2016&tipo_norma=DEL&data=19400214&link=s) Último acesso em 17 de Março de 2014.

SENADO FEDERAL. *Decreto-Lei nº. 2.232, de 20 de Junho de 1940*. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=21097&norma=36265> Último acesso em 17 de Janeiro de 2014.

SENADO FEDERAL. *Decreto-Lei nº. 4.791, de 5 de Outubro de 1942*. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=3577> Último acesso em 17 de Janeiro de 2014.

ABRADE. *Abrade*. Disponível em: <http://www.abrade.com.br/site/index.php?pag=empresa> Último acesso em 3 de Março de 2014.

ACERVO TAMBOR. *Os mais belos cânticos – 1961*. Disponível em: <http://acervotambor.blogspot.com.br/2008/08/os-mais-belos-canticos-de-umbanda-1961.html> Último acesso em 27 de Setembro de 2013.

ALEIXO, Sérgio F. *O Espiritismo é, sim, uma religião e possui até um credo*. Disponível em: <http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com.br/2011/10/o-espiritismo-e-sim-uma-religiao.html> Último acesso em 8 de Fevereiro de 2014.

ÁLVARES, Maria Luiza Miranda. *Versões do feminismo na Amazônia brasileira: Ormindia e Eneida nos contextos nacional e internacional*. Disponível em: [http://triplov.com/Venda\\_das\\_Raparigas/Luzia\\_Alvares/sufragismo.htm](http://triplov.com/Venda_das_Raparigas/Luzia_Alvares/sufragismo.htm) Último acesso em 25 de Setembro de 2013.

ANJOS, Luciano. “Carlos Imbassahy e Roustaing”. *Reformador*. Rio de Janeiro, Maio de 1972, p. 105, 106, 107 e 119. Disponível em:

<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1972/WebSearch/page.php?pagina=105>

Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

ARON. *Antonio Wantuil de Freitas*. Disponível em: <http://aron-um-espírita.blogspot.com.br/2012/03/03-05-antonio-wantuil-de-freitas.html> Último acesso em 11 de Novembro de 2013.

AUTORES CAMPISTAS. *Francisco Luiz de Azevedo Silva*. Disponível em: <http://autorescampistas.blogspot.com.br/2012/12/francisco-luiz-de-azevedo-silva.html> Último acesso em 25 de Março de 2014.

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS. *Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo*. Disponível em: <http://www.autoresespíritasclassicos.com/Autores%20Espíritas%20Classicos%20%20Diverso%20Herculano%20Pires/O%20Apostolo%20do%20Espiritismo/8%20-%20Clube%20dos%20Jornalistas%20Esp%C3%ADritas%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.htm> Último acesso em 28 de Março de 2014.

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS. *Noraldino de Mello Castro*. Disponível em: <http://www.autoresespíritasclassicos.com/Biografias%20Espíritas/N/Noraldino%20de%20Mello%20Castro.doc> Último acesso em 25 de Março de 2014.

BERNARDO, Carlos Alberto Iglesia. *O Espiritismo e o Esperanto*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/o-esp-e-o-esperanto.html> Último acesso em 27 de Março de 2014.

BÍBLIA DO CAMINHO – TESTAMENTO XAVIERIANO. *Nótulas da Editora*. Disponível em: <http://ocaminho.com.br/ocaminho/TXavieriano/Livros/Vlt/VltAnexo.htm> Último acesso em 28 de Setembro de 2013.

BIBLIOTECA NACIONAL. *As religiões no Rio*. Disponível em: <http://www.bn.br/site/pages/visitavirtual/exposicoes/decadentismo/joaodorio01.htm> Último acesso em 26 de Setembro de 2013.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32795534m/date.langPT> Último acesso em 28 de Novembro de 2013.

BICA, Alessandro Carvalho; TAMBARA, Elomar. *O ensino religioso em Pelotas na perspectiva do jornal Estandarte Cristão (1925 – 1935)*. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/228.pdf> Último acesso em 4 de Dezembro de 2013.

CAMURÇA, Marcelo. *Panorama religioso do Catolicismo e do Protestantismo no Brasil*. Disponível em: <http://www.clfc.puc-rio.br/pdf/fc14.pdf> Último acesso em 21 de Abril de 2014.

CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS DR. BEZERRA DE MENEZES. *Indalício Mendes*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/biografias/indalicio-mendes.html> Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

CENTRO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES. *Emydio da Graça*. Disponível em: <http://www.bezerramenezes.org.br/historico/emygdio.htm> Último acesso em 28 de Agosto de 2013.

CENTRO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES. *Histórico do Centro Espírita Bezerra de Menezes*. Disponível em: <http://www.bezerramenezes.org.br/> Último acesso em 28 de Novembro de 2013.

CONGREGAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL. *União Espiritista de Umbanda do Brasil – Casa Mãter da Umbanda – Pedre ajuda*. Disponível em: <http://www.ceubrio.com.br/textos-e-artigos/34-uniao-espiritista-de-umbanda-do-brasil-casa-mater-da-umbanda-pede-ajuda> Último acesso em 20 de Novembro de 2013.

CONSELHO DIRETOR E DIRETORIA EXECUTIVA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Comunicado da Federação Espírita Brasileira*. Brasília, 22 de Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/01/Comunicado-da-FEB-22jan.2014.pdf> Último acesso em 24 de Janeiro de 2014.

COMTE, Auguste. “Curso de Filosofia Positiva. II - Lei dos três estados: teológico, metafísico, positivo; características de cada um desses estados”. In: *Comte. Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 36 e 37. Disponível em: [http://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/colecao\\_os\\_pensadores\\_auguste\\_comte\\_-\\_obra\\_e\\_vida.pdf](http://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/colecao_os_pensadores_auguste_comte_-_obra_e_vida.pdf) Último acesso em 19 de Abril de 2014.

CORREIO ESPÍRITA. *Programas Espíritas Radiofônicos*. Disponível em: [http://www.correioespirita.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=879:programas-esp%C3%A9ritas-radiof%C3%B4nicos&catid=95&Itemid=831](http://www.correioespirita.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=879:programas-esp%C3%A9ritas-radiof%C3%B4nicos&catid=95&Itemid=831) Último acesso em 2 de Setembro de 2013.

CUNHA, Marcus Vinícius. *O Manifesto dos pioneiros de 1932 e a cultura universitária brasileira*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo06/Coordenada%20por%20Jose%20Carlos%20Sousa%20Araujo/Marcus%20Vinicius%20da%20Cunha%20-%20Texto.pdf> Último acesso em 4 de Dezembro de 2013.

DICIONÁRIO MPB. *Casa Edison*. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/casa-edison/dados-artisticos> Último acesso em 14 de Setembro de 2013.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO E INSTITUTO FUNDAMENTAL. *Quem é Florival Alves Seraine?*. Disponível em: <http://florivalalves.blogspot.com.br/2011/05/quem-e-florival-alves-seraine.html> Último acesso em 23 de Abril de 2014.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Acervo digital*. Disponível em: [http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/index.php/reformador/pesquisa\\_submit](http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/index.php/reformador/pesquisa_submit) Último acesso em 7 de Dezembro de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Antonio Lima*. Disponível em: <http://www.febeditora.com.br/blog/sobre-autores/antonio-lima> Último acesso em 4 de Setembro de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Biografia de Antonio Wantuil de Freitas*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Biografia%20de%20Ant%C3%B4nio%20Wantuil%20de%20Freitas.pdf> Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Era do Espírito*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/divulgacao/era-do-espirito/> Último acesso em 24 de Janeiro de 2014.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Leopoldo Machado*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Leopoldo%20Machado.pdf> Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Manoel Justiniano de Freitas Quintão*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Manuel%20Justiniano%20de%20Freitas%20Quint%C3%A3o.pdf> Último acesso em 15 de Setembro de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *O que é o CFN?*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/movimento-espirita/o-que-e-o-cfn/> Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Revista Reformador*. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/revista-reformador/> Último acesso em 29 de Agosto de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Amalia Domingo y Soler*. Disponível em: [http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=23](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=23) Último acesso em 6 de Maio de 2014.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Mundo Espírita*. Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/> Último acesso em 6 de Setembro de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. “Mundo Espírita chega aos 80 anos”. *Mundo Espírita*. Curitiba, Abril 2012. Disponível em: <http://www.mundoespirita.com.br/?materia=mundo-espirita-chega-aos-80-anos> Último acesso em 6 de Setembro de 2013.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Paulo Alves de Godoy*. Disponível em: [http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=229](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=229) Último acesso em 21 de Janeiro de 2014.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. *Urbano de Assis Xavier*. Disponível em: [http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod\\_biog=272](http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=272) Último acesso em 1º de Fevereiro de 2014.

FERREIRA, Marieta Morais. *A Batalha*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

FERREIRA, Marieta de Morais. *Diário de Notícias*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

FERREIRA, Marieta de Morais. *A Noite*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 23 de Abril de 2014.

FERREIRA, Marieta de Morais. *A Nota*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

FERREIRA, Marieta de Morais. *A Pátria*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

FRATERNIDADE ESPÍRITA IRMÃO GLAUCUS. *Irmão flores*. Disponível em: <http://www.feig.org.br/index.php/nstituicao/nossos-mentores/124-irmao-flores> Último acesso em 27 de Setembro de 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970, p. 42. Disponível em: [http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia\\_do\\_Oprimido.pdf](http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf) Último acesso em 8 de Fevereiro de 2014.

FUNDAÇÃO MARIA VIRGÍNIA E J. HERCULANO PIRES. *Biografia*. Disponível em: <http://www.herculanopires.org.br/herculanopires/biografia> Último acesso em 28 de Março de 2014.

GARCIA, Marcos Paulo. *São Paulo - 450 anos , Carlos Mirabelli*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/carlos-mirabelli.html> Último acesso em 20 de Novembro de 2013.

GOMES, Arilson dos Santos. *Congressos em debates: Primeiro Congresso Nacional do Negro realizado na cidade de Porto Alegre no ano de 1958: organização, programação, participantes e temas*. Disponível em: [http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1214577013\\_ARQUIVO\\_NOVO\\_ARILSON\\_anpuhrs\\_2008.pdf](http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1214577013_ARQUIVO_NOVO_ARILSON_anpuhrs_2008.pdf) Último acesso em 23 de Abril de 2014.

GRADO, Carolina Pompeo. *O suicídio na pauta jornalística*. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o\\_suicidio\\_na\\_pauta\\_jornalistica](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_suicidio_na_pauta_jornalistica) Último acesso em 23 de Abril de 2014.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *A Manhã*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/manh%C3%A3-1> Último acesso em 25 de Setembro de 2013.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Diário de Notícias*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/di%C3%A1rio-de-not%C3%ADcias> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Jornal do Brasil*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/jornal-do-brasil> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *O Paiz*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/o-paiz> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

INSTITUTO ESPÍRITA BEZERRA DE MENEZES. *Campanha Amigos da Creche do Instituto Dr. March*. Disponível em: <http://www.iebm.org.br/?pg=instituto-dr-march> Último acesso em 2 de Setembro de 2013.

KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: CELD, 2008, p. 10. Disponível em: [http://www.celd.org.br/downloads/livros/o\\_que\\_e\\_o\\_espiritismo.pdf](http://www.celd.org.br/downloads/livros/o_que_e_o_espiritismo.pdf) Último acesso em 14 de Novembro de 2013.

LAKE. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.lake.com.br/link/quem+somos> Último acesso em 17 de Janeiro de 2014.

LAMPADÁRIO ESPÍRITA. *O Preconceito em Ulisses Pernambucano*. Disponível em: [http://www.lampadarioespirita.com/noticias.asp?ID\\_Noticia=347&ID\\_AreaNoticia\\_Noticia=7](http://www.lampadarioespirita.com/noticias.asp?ID_Noticia=347&ID_AreaNoticia_Noticia=7) Último acesso em 2 de Setembro de 2013.

LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

LEAL, Carlos Eduardo. *Diário Carioca*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em: 22 de Abril de 2014.

LEAL, Carlos Eduardo. *Gazeta de Notícias*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 22 de Abril de 2014.

LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. *O Globo*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 23 de Abril de 2014.

LOPES, Fábio Henrique. “O suicídio como perigo social e urbano. As teses médicas brasileiras”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Janeiro/Março de 2008. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb2008numero0438.pdf> Último acesso em 1º de Maio de 2014.

LUCA, Tania Regina. *A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX*. Disponível em: [http://www.brasa.org/Documents/BRASA\\_IX/Tania-Luca.pdf](http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Tania-Luca.pdf) Último acesso em 18 de Setembro de 2013.

LUCCA, Roberta. *Os dois lados da terceirização*. Disponível em: <http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/17/artigo204642-1.asp> Último acesso em 24 de Janeiro de 2014.

MACEDO, Gustavo. *01/41 'Profissão de Fé' por Gustavo Macedo*. Disponível em: <http://aron-um-espirtita.blogspot.com.br/2010/12/profissao-de-fe.html> Último acesso em 26 de Fevereiro de 2014.

MARTINS, Jorge Damas; BARROS, Stenio Monteiro. *Jean Baptiste Roustaing*. Rio de Janeiro: Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, 2005. Disponível em: [http://bvespirita.com/Jean%20Baptiste%20Roustaing%20-%20Ap%C3%B3stolo%20do%20Espiritismo%20\(Jorge%20D.%20Martins%20e%20Stenio%20M.%20de%20Barros\).pdf](http://bvespirita.com/Jean%20Baptiste%20Roustaing%20-%20Ap%C3%B3stolo%20do%20Espiritismo%20(Jorge%20D.%20Martins%20e%20Stenio%20M.%20de%20Barros).pdf) Último acesso em 1º de Dezembro de 2013.

MONTEIRO. Eduardo Carvalho. *Subsídios para a História da Radiodifusão Espírita*. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/ednilsom-comunicacao/subsidios-historia-radio-espirtita.html> Último acesso em 27 de Setembro de 2013.

MOREIRA, Elmo Nélio. *Valores do Salário Mínimo desde sua instituição até os dias de hoje*. Disponível em: [http://www.gazetadeitauna.com.br/valores\\_do\\_salario\\_minimo\\_desde\\_hm](http://www.gazetadeitauna.com.br/valores_do_salario_minimo_desde_hm) Último acesso em 6 de Setembro de 2013.

MOREIRA, Maria Ester Lopes. *Diário da Noite*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Último acesso em 23 de Abril de 2014.

NEFCA. *Perguntas mais frequentes*. Disponível em: <http://www.nefca.org.br/faq> Último acesso em 8 de Fevereiro de 2014. Clicar na pergunta nº. 17.

NÚCLEO ESPÍRITA VERBO DE LUZ. *José Tosta*. Disponível em: <http://nucleoespiritaverbodeliz.blogspot.com.br/2010/04/jose-machado-tosta.html> Último acesso em 15 de Setembro de 2013.

O CONSOLADOR. *Leon Denis*. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/leondenis.html> Último acesso em 3 de Fevereiro de 2014.

O FRANCO PALADINO. *Os espíritas e as questões sociais*. Disponível em: <http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat475.htm> Último acesso em 26 de Setembro de 2013.

O FRANCO PALADINO. *Quem foi Daniel Cristóvão*. Disponível em: <http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat437.htm> Último acesso em 15 de Setembro de 2013.

PEREIRA NETO, Carlos. *Eusínio Lavigne, um ilheusense*. Disponível em: <http://ilheuscomamor.wordpress.com/2011/06/09/eusinio-lavigne-um-ilheusense/> Último acesso em 31 de Janeiro de 2014.

QUINTELLA, Mauro. “As primeiras casas federativas”. In: *História do Espiritismo no Brasil*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/180103376/Mauro-Quintella-Historia-do-Espiritismo-no-Brasil> Último acesso em 30 de Novembro de 2013.

RIO, João. *Religiões no Rio*. Editora Nova Aguilar, 1976. Disponível em: <http://www.apoioescolar24horas.com.br/files/biblioteca/arquivos/dompub/274.%20As%20Religi%F5es%20no%20Rio%20-Jo%E3o%20do%20Rio.pdf> Último acesso em 26 de Setembro de 2013. P. 71.

RIZZINI, Jorge. *Campanha do livro espírita no Teatro Municipal*. Disponível em: <http://www.herculanopires.org.br/apostolo-abertura/286-teatromunicipal> Último acesso em 25 de Março de 2014.

SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931 – 1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, nota 45, p. 189. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=DAFuod3wqlAC&pg=PA189&lpg=PA189&dq=gondin+da+fonseca+correio+da+manh%C3%A3&source=bl&ots=kz7qc4hQWO&sig=QKgd3Ymk49vbYUexCOICsA1tiRQ&hl=pt-BR&sa=X&ei=YUaCUqi5IsfxkQf6kYDwDQ&ved=0CEkQ6AEwBQ#v=onepage&q=gondin%20da%20fonseca%20correio%20da%20manh%C3%A3&f=false> Último acesso em 12 de Novembro de 2013.

SILVA, Maria da Conceição; FARINHA, Allyne Chaveiro. *As benzedeadas e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedeadas renovada*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf12/04.pdf> Último acesso em 21 de Abril de 2014.

WEGUELIN, João Marcos. *Inácio Bittencourt, o apóstolo da caridade*. Disponível em: [http://bvespirita.com/In%C3%A1cio%20Bittencourt%20-%20O%20Ap%C3%B3stolo%20da%20Caridade%20\(CELD\).pdf](http://bvespirita.com/In%C3%A1cio%20Bittencourt%20-%20O%20Ap%C3%B3stolo%20da%20Caridade%20(CELD).pdf) Último acesso em 29 de Novembro de 2013.

“248 - Luiz Pinto de Carvalho”. Disponível em: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com.br/2011/02/248-luiz-pinto-de-carvalho.html> Último acesso em 13 de Dezembro de 2013.

“Cruzada Espírita Suburbana – Tinguá – Nova Iguaçu”. Disponível em: <http://luzqueesclareceanossavida-casaesp.blogspot.com.br/2010/10/cruzada-espirita-suburbana-tingua-nova.html> Último acesso em 21 de Setembro de 2013.

“Gustavo Adolfo do Amaral Ornellas”. Disponível em: <http://www.bvespirita.com/Biografia%20-%20Gustavo%20Adolfo%20do%20Amaral%20Ornellas.pdf> Último acesso em 9 de Setembro de 2013.

“Histórico da CME”. Disponível em: [http://www.geocities.ws/militar\\_espirita/htm/a\\_cme.htm](http://www.geocities.ws/militar_espirita/htm/a_cme.htm) Último acesso em 22 de Janeiro de 2014.

### Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva. *Uma Fábrica de Loucos: Psiquiatria x Espiritismo no Brasil (1900 – 1950)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: UNICAMP, 2007.

COSTA, Flamarion Laba. *Demônios e Anjos (o embate entre espíritas e católicos na República brasileira até a década de 60 do século XX)*. Tese de Doutorado em História. Paraná: UFPR, 2001.

CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa.” *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo: Educ, 2007.

DAMÁZIO, Sylvia. *Da Elite ao povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros. Verdadeiro, Falso, Fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

FONTANA, Josef. *História, análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACIEL, Laura Antunes. “Cultura letrada, intelectuais e memórias populares”. In: ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Leticia e SANTOS, Ricardo (Orgs.). *Os intelectuais e a cidade: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2012.

MACIEL, Laura Antunes. “Imprensa, História e Memória: da unidade do passado às outras histórias”. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, Dezembro de 2009.

MACIEL, Laura Antunes. “Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores?”. *História & Perspectivas*. Uberlândia, Julho a Dezembro de 2008.

MARSON, Adalberto. “Reflexões sobre o procedimento histórico”. In: SILVA, Marcos A. (org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1984.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 185.



MIGUEL, Sinuê Neckel. *Movimento Espírita Universitário (MUE): Religião e política no Espiritismo brasileiro (1967 – 1974)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp, 2012.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. “*Livres*”, porém perseguidos: *O cotidiano das relações entre espíritas e a Polícia na cidade do Rio de Janeiro (1930-1950)*. 2010, 126f, Monografia, Rio de Janeiro, UFF, 2010.

THOMPSON, E. P.. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, E. P.. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Maria Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Editora Ática, 2002.